

NOSSA SENHORA DO CARMO DO RECIFE:
A BRILHANTE SENHORA DOS MUITOS
ROSTOS - E SUA FESTA

Bartolomeu (frei tito) Figueirôa de Medeiros

CÃO Cham. DISSERTAÇÃO 301 M488n
Autor: Medeiros, Bartolomeu Figueirôa d
Título: Nossa Senhora do Carmo do Recif



8647181

Ac. 310051

B.1 BC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

DOAÇÃO
PROF. JOSÉ L. H. LAVARÉDA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

DOAÇÃO
PROF. JOSÉ L. H. LAVARÉDA

NOSSA SENHORA DO CARMO DO RECIFE:
A BRILHANTE SENHORA DOS MUITOS ROSTOS - E SUA FESTA

Bartolomeu (Frei Tito) Figueirôa de Medeiros

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
ORIENTADOR: ROBERTO MAURO CORTEZ MOTTA

APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE PERNAMBUCO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM ANTROPOLOGIA

RECIFE, 31 de julho de 1987

N.º Cham. DISSERTAÇÃO 301 M488n
Autor: Medeiros, Bartolomeu Figueirôa d
Título: Nossa Senhora do Carmo do Recife : a



8647181
310051

EX. BC

Acervo : 310051

Ex. 8647181

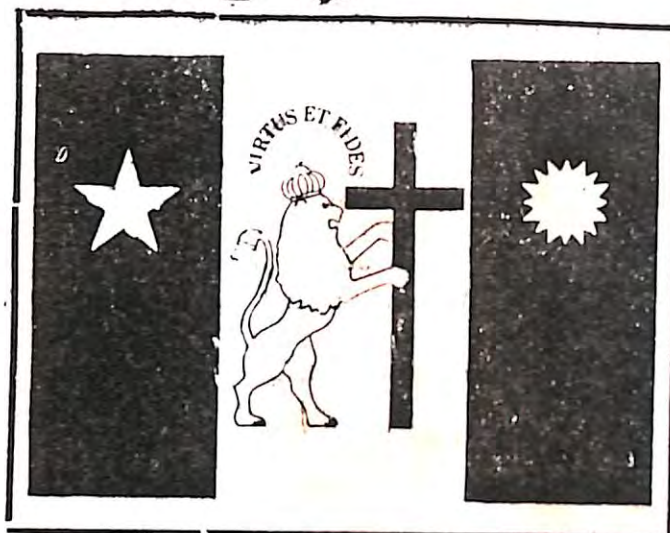
FESTA DO
CARMO

07 a 16 de JULHO
de 1987



ANO MARIANO

RECIFE 450
ANOS



"NOSSA SENHORA DO CARMO"

"A festa acabou. No deserto pátio
Do Carmo sopra um sussurro macio;
Nas portas da Igreja bate e rebate
O vento, como um devoto tardio.

Frevos de um carnaval defunto bate
O piano de um café; e o mulherio
Passa pela calçada; ali se esbate
O fim da noite em lúbrico arrepio.

Padroeira a estas horas de infelizes,
De mendigos, Rufiões e meretrizes!
Santa do amor de todos! Sem ruído

Caminho adormecendo os pés no pó
Das ruas sonâmbulo que sou, e sô...
Sô, como o vento, um devoto perdido."

Joaquim Cardozo

"Quase todo recifense gosta de nesses dias tomar parte nos festejos, de que é motivo a Padroeira da Cidade."

Diário de Pernambuco

"Nossa Senhora do Carmo é a Rainha Coroada do Recife."

Roberto Motta

"Por mais complexas que sejam as manifestações da vida religiosa, seu objetivo é elevar o homem acima de si mesmo e fazê-lo levar uma vida superior à que ele levaria se seguisse apenas seus próprios caprichos e contingências individuais."

Durkheim

DEDICATÓRIA

. À Ordem Carmelita no Brasil, em especial à Província Carmelita do Nordeste, de cujos membros aprendi a amar e cultuar Nossa Senhora sob o título — DO CARMO.

. Ao Povo da Cidade do Recife, ao qual estou unido pelos laços da cidadania, cuja ardente e entusiasta devoção a sua Padroeira, tem sido para mim fonte de estímulo e edificação.

. À memória dos Freis:

- .. João de São José,
- .. Joaquim do Amor Divino Caneca
- .. Carlos de São José e Souza
- .. Lino do Monte Carmelo
- .. João da Assumpção Moura
- .. Alberto de Sta. Augusta Cabral de Vasconcelos
- .. Cirilo Font
- .. André Pratt
- .. José Maria Casanova Magret
- .. João Brayner,

cujas lideranças e entusiasmo contribuíram para crescer e firmar-se a devoção à Senhora do Carmo nesta Terra.

AGRADECIMENTOS

. A Roberto Motta, mais do que professor, orientador, Amigo, pela preciosa, assídua e questionadora assistência.

. Aos professores Renē Ribeiro e Maria do Carmo Vieira, pelo estímulo e orientações proporcionados; bem como a Celina Ribeiro Hutzler, Parry Scott e Danielle Perrin, pelo interesse e sugestões.

. Aos professores visitantes Silvie Fougeray, Marion Aubrēe e Jean Duvignaud, pelos preciosos conselhos e acréscimo à bibliografia.

. À Diretoria e funcionários do Departamento Massangana de Microfilmagem e da Biblioteca Blanche Knopf, ambos da FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, pela cortesia e disponibilidade.

. Aos estatísticos Eriberto Marinho e Rejane de Britto Lyra, também da FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, pelas indicações valiosas para o encaminhamento da pesquisa.

. À Virgília Peixoto, pela ajuda na pesquisa junto às casas de Xangô.

. À Graziela Peregrino, pelo constante incentivo.

. À Zenaide Barbosa e Fernando da Cruz Gouvêa, por nos terem aberto as portas do Arquivo do "Diário de Pernambuco", a fim de complementar a pesquisa naquela fonte.

. À Dona Betinha, Franklin França e Mário Miranda.

. Finalmente, ao Frei José Fragoso e Dom Eliseu Gomes de Oliveira, pelo apoio, vibração e interesse no nosso trabalho.

RESUMO

A Festa de Nossa Senhora do Carmo, Padroeira da cidade do Recife, apresenta um quadro de participações específicas e diversificadas: do clero da cidade e religiosos do Convento do Carmo; das classes dirigentes do Estado, que residem na Capital, incluindo as Autoridades Estaduais e Municipais; das classes populares e médias de toda a Região Metropolitana do Recife; das comunidades religiosas afrobrasileiras; e dos setores populares mais diversos, na festa "profana" ou "de rua". Estes vários segmentos sociais e religiosos dão sustentação à festa e concorrem para o conjunto da mesma com configurações específicas e determinadas, a partir do seu modo próprio de festejar a Padroeira. Conseqüentemente a isto, coexistem simultaneamente nos rituais, ocorrências e comportamentos de tipo arcaico e de tipo moderno, além de a Senhora do Carmo do Recife representar configurações simbólicas distintas para aqueles diversos grupos sociais e religiosos, elencados acima, e para segmentos dentro dos grupos, que a reverenciam. Deste modo, poderíamos falar, simbolicamente, nos vários "rostos" da Senhora que, acima de todas as representações, possui a de Mae-Rainha: A "Rainha Coroada do Recife".

Aventamos a hipótese de que, aos modos específicos de festejar a Padroeira, correspondem cinco níveis na festa, cinco "festas" distintas, por assim dizer, numa equivocidade de rituais e símbolos que proporcionam a este fenômeno sócio-cultural-religioso que me propuz estudar, uma complexidade e riqueza de significados, realmente desafiadoras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	xiv
CAPÍTULO I	
HISTÓRICO SUCINTO DA FESTA DO CARMO NA ORDEM E NA IGREJA UNIVERSAL, DESENVOLVIMENTO E SIGNIFICADO DA FESTA, PARA A ORDEM E A IGREJA	1
1.1. AS ORIGENS DA FESTA, DENTRO DA ORDEM	2
1.2. A EVOLUÇÃO DA FESTA, FORA DA ORDEM	5
1.3. SIGNIFICADO DA FESTA, PARA A ORDEM E A IGREJA	7
CAPÍTULO II	
INÍCIO DA DEVOÇÃO À SENHORA DO CARMO NO RECIFE	13
2.1. CARMELITAS CHEGAM À VILA DO RECIFE - FUNDAÇÃO DO CONVENTO DO CARMO	14
2.2. IMPORTÂNCIA DO CONVENTO E IGREJA NA VIDA RELIGIOSA, SÓCIO-POLÍTICA E CULTURAL DA CIDADE	18
CAPÍTULO III	
FALA A IMPRENSA	29
3.1. OS FATOS	30
3.2. ANALISANDO OS DADOS DA IMPRENSA	115

CAPÍTULO IV

AS "FESTAS" - FALA O POVO	139
4.1. FALA O POVO DENTRO DA IGREJA	141
4.2. FALA O POVO NA PROCISSÃO	173
4.3. FALA O POVO SOBRE A FESTA "DE RUA"	205
4.4. A FESTA E A DEVOÇÃO AFROBRASILEIRA: FALAM BABALORIXÃS, IALORIXÃS E FILHOS(AS) DE OXŪN	214

CAPÍTULO V

A SENHORA DOS MÚLTIPLOS PEDIDOS	251
5.1. A ELOQUÊNCIA MUDA DAS PAREDES ESCRITAS.....	252
5.2. ANALISANDO OS PEDIDOS	292
SÍNTESE, CONCLUSÕES	299
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	314

TABELAS

TABELA Nº 01 - MOTIVAÇÕES PARA VIR À IGREJA. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL	148
TABELA Nº 02 - MOTIVAÇÕES PARA VIR À IGREJA: DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE	149
TABELA Nº 03 - BENS ESPECÍFICOS QUE OS DEVOTOS ESPERAM RECE BER DA SENHORA DO CARMO. DISTRIBUIÇÃO POR SE XO E CLASSE SOCIAL	151
TABELA Nº 04 - BENS ESPECÍFICOS QUE OS DEVOTOS ESPERAM RECE BER DA SENHORA DO CARMO. DISTRIBUIÇÃO POR SE XO E IDADE	152
TABELA Nº 05 - LISTA DAS DIFICULDADES MAIS IMPORTANTES PARA OS ENTREVISTADOS. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLAS SE SOCIAL	158
TABELA Nº 06 - LISTA DAS DIFICULDADES MAIS IMPORTANTES PARA	

OS ENTREVISTADOS . DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE	159
TABELA Nº 07 - REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DA SENHORA DO CARMO DO RECIFE. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL	162
TABELA Nº 08 - REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DA SENHORA DO CARMO DO RECIFE. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE....	163
TABELA Nº 09 - OPINIÕES SOBRE A PRÁTICA DE SE LEVAR FLORES PARA CASA. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL	166
TABELA Nº 10 - OPINIÕES SOBRE A PRÁTICA DE SE LEVAR FLORES PARA CASA. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE....	167
TABELA Nº 11 - OPINIÕES SOBRE O CRESCIMENTO OU NÃO DA FESTA CATÓLICA. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL	172
TABELA Nº 12 - OPINIÕES SOBRE O CRESCIMENTO OU NÃO DA FESTA CATÓLICA. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE..	172
TABELA Nº 13 - MOTIVAÇÕES PARA VIR À PROCISSÃO. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL	179
TABELA Nº 14 - MOTIVAÇÕES PARA VIR À PROCISSÃO. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE	180
TABELA Nº 15 - BENS ESPECÍFICOS QUE OS DEVOTOS ESPERAM RECEBER DA SENHORA DO CARMO. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL	182
TABELA Nº 16 - BENS ESPECÍFICOS QUE OS DEVOTOS ESPERAM RECEBER DA SENHORA DO CARMO. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE	183
TABELA Nº 17 - LISTA DE DIFICULDADES MAIS IMPORTANTES, PARA OS ENTREVISTADOS. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL	186
TABELA Nº 18 - LISTA DE DIFICULDADES MAIS IMPORTANTES, PARA OS ENTREVISTADOS. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E	

	IDADE	187
TABELA Nº 19 -	REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DA SENHORA DO CARMO DO RECIFE. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL	189
TABELA Nº 20 -	REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DA SENHORA DO CARMO DO RECIFE. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE....	190
TABELA Nº 21 -	OPINIÕES SOBRE A PRÁTICA DE SE LEVAR FLORES DO ANDOR PARA CASA. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL	193
TABELA Nº 22 -	OPINIÕES SOBRE A PRÁTICA DE SE LEVAR FLORES DO ANDOR PARA CASA. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE	194
TABELA Nº 23 -	OPINIÕES SOBRE O CRESCIMENTO OU NÃO DA FESTA RELIGIOSA CATÓLICA. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL	198
TABELA Nº 24 -	OPINIÕES SOBRE O CRESCIMENTO OU NÃO DA FESTA RELIGIOSA CATÓLICA. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE	198

INTRODUÇÃO

A festa, evento privilegiado dentre os que marcam a convivência humana, tem preocupado antropólogos, sociólogos, filósofos, folcloristas, historiadores, literatos. Tema inspirador de obras de arte musicais, teatrais, pictóricas e cinematográficas, a festa continua um desafio para o cientista social, pelos muitos aspectos que apresenta à investigação, pelas interrogações sobre quais os elementos que a identificam, a sua evolução através da história. Em abordagens sincrônicas e diacrônicas, meramente descritivas, evocativas, ou que examinam em profundidade os conteúdos simbólico, social, político, econômico, a festa em si — ou concretizada em um determinado acontecimento que lhe preceitue as características principais, observáveis ao longo dos tempos, — mantém o interesse bastante visível na quantidade de estudos publicados. mais especulativos e interpretativos uns, mais de levantamento de dados, outros.

A festa, repito, é evento privilegiado por muitos motivos: é extravasamento das energias acumuladas, sufocadas, na vida dos indivíduos e da comunidade, num quotidiano às vezes descolorido e tedioso renovando-as, revigorando-as, para uma nova etapa. Ao "inquieto repetido repetitório" de Drummond, a festa recupera o tempo extenuado, cansado, e lança as bases de um novo tempo, gerando novas expectativas. E, como toda expectativa, ela mobiliza emo

ções individuais e coletivas, — por ser um fenômeno sobretudo coletivo, concentrador de massa, de populações — desperta-as, lançando homens e massas humanas num desejo ansioso de felicidade plena, desejo carregado também do temor que esta não aconteça. Daí ser a expectativa a um tempo, alegre e angustiada. O extravasamento aludido desencadeia a exaltação coletiva, os excessos, característica marcante da festa, apontada desde Caillois, seguido por outros (Caillois, 1963:123ss), traduzindo-se em gritos, gestos, impulsos irrefletidos, homens, mulheres, multidões se deixando levar pelos instintos, o desperdício no comer e beber, nos gastos, na orgia, no sexo, nas danças, às vezes até a exaustão, e mesmo, na violência, aqui espontânea, irrompida ao sabor das comemorações e libações, logo abafada; ali, consentida, até promovida, como descobriu Duvignaud, aventando a hipótese que a festa seria um ato de destruição. (Duvignaud, 1983) Não dissera Simone de Beauvoir que "toda festa é patética... Há sempre um gosto de morte ao fundo das bebedeiras vivazes"? (Beauvoir, 1960)

Além do mais, os estudiosos constataram na festa a restauração do tempo cíclico, o tempo da memória coletiva, da celebração do passado, quase sempre tornado mito, modelo exemplar para o grupo humano que o comemora e, por isso, constituída em acontecimento sacral, ponto culminante da vivência religiosa. Sendo a festa celebrada no "espaço-tempo do mito" (Caillois, 1963:136), dá-se a suspensão do tempo linear: um ciclo deste é fechado, outro se abre. O espaço-tempo do mundo se renova, se robustece, acontece a "nova criação", o Ano Novo é privilegiado como tempo propício para esta liturgia; e temos até a ocorrência de várias festividades de Ano Novo num mesmo período de doze meses, de acordo com o amadurecimento de vários tipos de cereais e frutos, em diversas estações, como o demonstrou Eliade. (1981:65ss) É frequente nas sociedades agrárias pré-capitalistas esta concepção da festa. De acordo com as cosmogonias destas sociedades, esta festa ritualizada não só

representa os mitos da coletividade mas introduz, no "intermezzo" do tempo linear interrompido, o estado do "caos" primordial, anterior ao ordenamento do cosmos, à criação das leis, costumes, instituições, pelos deuses e heróis. A ordem do mundo fica suspensa; tudo é permitido; dão-se comportamentos ditados pela inversão: códigos de ética, de atitudes são licitamente desobedecidos, postos de lado.

Roberto Motta (1975) segue nesta linha de pensamento, apresentando a festa como um fenômeno que nega a história, para o fluxo destrutor do tempo, renova o contacto com o grande acontecimento original que nos dá nossa verdade, nossa razão de ser, nosso verdadeiro nome. Mais adiante, acrescenta: "Comemorar essencialmente quer dizer eternidade, combate decisivo com a morte, seiva que sobe da invisível raiz da vida." (1975:23) Insiste, o autor, no caráter de "absolutização", inerente à festa arcaica.

Duvignaud defende o arcaísmo da festa, apresentando argumentações de outra ordem. Critica Caillois e Eliade por apontarem o desregramento da festa como a atitude de uma sociedade que coloca suas regras "entre parênteses", o que faz da festa uma manifestação social, integrando o não-social à vida comum. Situando-se muito além do que ela suscita, a festa, para Duvignaud, sugere uma imagem do homem-no-mundo que contradiz a "grande epopéia da máquina", isto é, da civilização do consumo e da utilidade e por isso, constitui-se numa manifestação subversiva, "opondo, à coesão dos conjuntos, a destruição das formas instituídas". (1977 e 1983). Trata-se, para este autor, de uma ruptura, não de uma "posição entre parênteses" pura e simples, onde as pessoas se retiram por horas ou dias do contexto da vida cotidiana, no qual predomina a divisão do trabalho da sociedade industrial. Ao utilitarismo extremado de nossa sociedade, opõe-se a "inutilidade" da celebração festiva, do transe, da possessão, do carnaval. No que respeita ao presente, ou nascemos num mundo sem festa, ou num mundo de festas or

ganizadas, cuidadosamente controladas pelas ideologias que asseguram o controle das estruturas dos sistemas capitalistas e socialistas, diz Duvignaud. (1977:299)

Pode-se questionar em Duvignaud se a ruptura, a destruição que, segundo ele, a festa representa, dos elementos constitutivos da sociedade moderna, consumísta, utilitarista, esquematizada, na qual o tempo linear é supervalorizado – "tempo é dinheiro" – não seria também um arcaísmo, no sentido de uma certa nostalgia dos esquemas de vida de outrora, da "saudade do paraíso", que se tenta na festa, recuperar. Para Duvignaud, é por ser arcaica que a festa torna-se justamente o protesto, a ruptura com a civilização do consumo. A festa em si, ou melhor, por si mesma cria as condições para o extravasamento dos impulsos agressivos e destruidores, imanescentes ao ser humano, independentemente de viver neste ou naquele modelo de sociedade. Então, para este autor, festa espontânea, participada por todos, são num contexto arcaico. Pois, a festa da sociedade industrial é controlada e organizada pelo Poder que mantém a hegemonia do Estado, sem o povo tomar parte; apenas, assiste: é mais espetáculo que festa, no sentido arcaico.

Grande parte das solenidades festivas observadas e analisadas por Duvignaud situam-se no Terceiro Mundo, em agrupamentos sócio-religiosos ainda não plenamente inseridos num estágio capitalista, não porque não desejem nele ingressar, mas pelas políticas excludentes, que os reduzem à condição de componentes do vasto "exército de reserva" do sistema, organizando-se economicamente, em estratégias de sobrevivência informais ou alternativas. Não se trata, nestas populações, de uma ruptura em relação à civilização de consumo, da qual não participam, mas antes, a violência nas festas poderia constituir, muito mais, a revolta contra a exclusão forçada aludida.

Contemporâneo de Duvignaud, Wunenburger estuda a festa arcaica e a festa contemporânea, traça um paralelo entre as duas

instituições, numa abordagem filosófica, que não exclui o levantamento de dados históricos e contribuições da Sociologia. Em sua obra sobre a festa, o jogo e o sagrado, Wunenburger (1977) faz uma constatação paradoxal: de um lado, assiste-se hoje ao desaparecimento das festas, em parte devido à diminuição das oportunidades de sonho, de liberdade, de tempo livre, pelas reestruturações operadas no contexto social atual, já descrito em Duvignaud e, em parte, pela decadência do folclore rural, grande sustentáculo daquelas celebrações, nas sociedades tradicionais. Ou seja: a festa de conteúdo arcaico, estaria em processo de decadência. De outro lado, qual Phênix, renascendo sempre de suas cinzas, o espírito festivo nunca esteve tão presente na humanidade como hoje, "tornando-se o símbolo de toda crise, o paradigma, em forma de sortilégio, de toda solução, o 'Abre-te Sésamo' de todos os problemas". Ela deixa de ser um simples jogo ou imponente liturgia coletiva, porém ocasional, ocorrendo dentro do calendário das sociedades, para ser mais e mais considerada, hoje, como um "modo de existência", induzindo o homem a viver mais autenticamente.

O autor parece dar como provada a afirmação da onipresença do espírito festivo na humanidade de hoje. Quero crer se refere, ele, às facilidades existentes de se comemorar, se descontrair, de se reunir socialmente, sem imposições de calendário, mas sim ditadas pela livre escolha das pessoas e grupos; talvez, também inclua neste seu parecer o caráter festivo que hoje assumem campanhas políticas, lutas sindicais e, até, reuniões religiosas, não festivas em sua finalidade. Para Wunenburger, ainda, dentro do enfoque ontológico acima referido, a festa aparece ao mesmo tempo como uma instituição social legitimada, no interior de um espaço e de um tempo, e experiência coletiva de negação institucional, "onde se dá livre curso aos fantasmas individuais, a busca daquilo que transcende a ordem da sociedade imanente, e que se pode chamar, por comodidade provisória, o sagrado." (1977:09ss) Assim, este autor engloba

a "colocação entre parênteses" de Caillois e o caráter subversivo encontrado por Duvignaud, ambos, dimensões da mesma realidade da festa, componentes de sua essência, na qual ocorrem, aqui a permissão, ali a negação institucionais, porém sem mutuamente se excluírem. A festa aparece, então, como um fenômeno de enorme complexidade, além de "fenômeno-limite excepcional." (Idem, p. 11) Daí, o cuidado que se impõe em evitar de estudá-lo através de abordagens redutoras.

Importa ao nosso propósito considerar alguns elementos comparativos traçados por Wunenburger, entre a festa arcaica e a festa moderna. Primeiramente, ele faz reservas ao excesso e total desregramento observado em festas arcaicas, dizendo que este jogo ritual, levado até a exaustão, pode tornar-se fim em si mesmo, desviando assim da finalidade primordial: conduzir o homem inteiro à comunhão com a divindade, proporcionar-lhe a experiência do transcendente. O verdadeiro jogo sagrado da festa consistiria, segundo ele, num equilíbrio de elementos dionisíacos e apolíneos. Estes enquadrariam a desordem do corpo num sentido, numa medida, numa harmonia. Ao invés, então, da falsa experiência de infinitude, realizada através da sensibilidade desmedida, tem-se o verdadeiro infinito, transcendente, aquele dos deuses, no qual o corpo é veículo de uma espiritualidade, elevação da matéria ao espírito. (Idem, p. 126ss) Em seguida, partindo do princípio que a festa não pode ser concebida como evento isolado, "acidente sociológico", mas retrata uma evolução da sociedade, de sua religião, refletindo suas grandes opções, Wunenburger coloca a principal diferença entre a festa arcaica e a moderna, em que a primeira ressuscita o passado, repetindo o evento mítico e detendo a história; a segunda, aparece mais e mais como uma exaltação do devir em movimento, liberando a irrupção dionísica de todos os possíveis, buscando antecipar o futuro, para acelerar esta história. O ser humano se abre, deste modo, esperançadamente, a um tempo de novidade, de novas expectativas,

no qual o mundo não é mais aquele ao qual o homem se submete, como na festa arcaica, mas aquele que se transforma pela ação do mesmo homem. (Idem, p. 142ss)

Entre nós, na pesquisa antropológica e sociológica no Brasil, a complexidade da festa e dos rituais em geral, nas sociedades industrializadas e pluralistas tem atraído a curiosidade dos cientistas sociais.

Já falamos de Roberto Motta, explicitando os elementos arcaicos das festividades dos xangôs recifenses, reportando-se a referências teóricas de Durkheim e Gilberto Freyre. Roberto Da Matta enfrenta os problemas colocados por Wunenburger do equilíbrio dos elementos dionisíaco e apolíneo, como também do retrato que a festa é de uma evolução da sociedade, através de outro referencial teórico, inspirando-se sobretudo em Levy-Strauss, Leach e Victor Turner. Para Da Matta, a festa e os demais rituais "seriam modos de salientar aspectos do mundo diário." Sendo a matéria prima do ritual a mesma do mundo da vida diária, para ele as diferenças entre elas "são apenas de grau, não de qualidade. O ritual é a colocação em foco, em "close up", de um elemento e de uma relação." (Da Matta, 1981:65) Mesmo assim, as festas são momentos extraordinários, marcados pela alegria. (1981:65) Qual a relação própria, característica, da "festa de igreja", composta, de maneira geral, de novenas, missas, missa solene no dia do Santo, da procissão, como o ápice do ritual religioso e, paralelamente, de festejos populares, no pátio ao redor da igreja? Ele a chama de neutralização, explicando: "As festas religiosas, por colocarem lado a lado e num mesmo momento o povo e as autoridades, os santos e os pecadores, os homens sadios e os doentes, atualizam em seu discurso uma sistemática neutralização (o grifo é do autor) de posições, grupos e categorias sociais, exercendo uma espécie de Pax Catholica." (1981:55) De fato, acontecem rituais marcados por extrema rigidez, na hierarquia sagrada e sociopolítica — por exemplo, a Missa Solene da Fes

ta, onde as autoridades eclesiásticas e políticas mantêm posições destacadas, em termos de funções e lugar — e rituais marcados pela informalidade e descontração — por exemplo, a participação nos festejos do pátio: o "footing", os brinquedos, os leilões para cobrir as despesas da festa — sendo, a procissão, a cerimônia religiosa conciliadora por excelência destas duas tendências ritualísticas na sociedade brasileira. (1981:51, 55 cf. 1973:121-168)

Em outro trabalho (1986) Da Matta refere-se às festas da Igreja Católica como "festas da ordem", salientando bem mais o seu aspecto de reforço da ordem estabelecida, das posições e hierarquias, sagradas e profanas. Neste caso, o efeito "neutralizador", só se pode aceitar, a nosso ver, como discurso simbólico da realidade social, e não funcional, como, aliás, salienta o autor. (1981:56)

Acrescentaria, não apenas simbólico, mas, ocasional, porque as pesquisas expostas adiante, sobre a festa de que nos ocupamos, nos parecem demonstrar a ênfase dada às diferenças de papéis sociais, no mesmo momento em que são ocultas pelo ritual: o mecanismo da neutralização momentânea revela as diferenças que se pretendia ocultas.

Assim sendo, a "colocação entre parênteses" de Caillois e "a ruptura" de Duvignaud recebem uma conotação diferente, no sentido de que a ocasionalidade do acontecimento festivo não só não exorcisa o negativo, que é o peso do dia-a-dia, mas o carrega consigo, qual sombra maléfica, a "quarta-feira de cinzas" presente nos pensamentos dos foliões, em pleno carnaval.

Carlos Rodrigues Brandão notabilizou-se por estudos das festas do catolicismo popular em pequenas comunidades rurais de Goiás, São Paulo e Minas. Encontrou rituais postos "a meio caminho entre uma 'festa de igreja' e um 'festejo do povo'." Confronta as conclusões dos seus trabalhos principalmente com Da Matta, a sua oposição entre as formas dos rituais brasileiros, já visto acima, uns, caracterizados pela predominância da descontração, outros, pela domi

nância de princípios rígidos. Além deste, segue a orientação de Max Weber, na sua concepção de uma estrutura dominante de atuações, composta pelos rituais de exaltação da divindade e de legitimação da sociedade, através do sagrado, o que constitui a religião da classe dominante, e de uma estrutura dominada de atuações, constante da participação em rituais como forma de contrição e conformidade na busca de solução, feita de relações contratuais entre o santo e o devoto (religião da classe dominada). (1978 e 1983) Inspira-se igualmente em Victor Turner, na sua oposição entre os atributos de uma ordem de communitas, restrita no tempo e no espaço e uma ordem de estrutura, esta, no pensamento de Turner, referindo-se ao que é estabelecido, ao "status quo" da sociedade, enquanto a communitas diz respeito às brechas da estrutura, opondo-se a ela, produzindo uma outra ordem social, em divergência aos padrões de conduta da estrutura vigente. (Turner, 1974: cap. 3 e 4)

São-nos muito importantes, igualmente, as referências teóricas acima descritas de Weber e Turner porque fornecem embasamento para análises e conclusões de fenômenos que nossas pesquisas identificaram. Os supraditos autores, confrontados com observações advindas de uma realidade agrária, em Brandão e também em Alba Zaluar Guimarães (1983:53-60), mostraram-se eficientes como instrumental de interpretação no contexto urbano da festa que estudamos, feitas, naturalmente, as devidas transposições de elementos componentes dos acontecimentos observados, e de situações.

Em termos gerais, a posição central de Weber aproxima-se da tradição materialista que enfatiza na religião antes de tudo as suas funções extra-religiosas, isto é, econômicas e políticas. É neste sentido que as apreciações deste autor tentam mostrar a religião como garantia e proteção, justificação e legitimação de interesses econômicos e sociais: proteção de bens materiais, proteção da propriedade, proteção da estratificação social, orientando as condutas e pensamentos dos leigos de acordo com uma doutrina que

justifica a ordem social prevalecente numa determinada sociedade, apresentando-a como produto de uma vontade divina e inacessível. Neste ponto, Weber está de acordo com Karl Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social, contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a "legitimação" do poder dos "dominantes" e para a "domesticação dos dominados." (Bourdieu, 1982: LIX e 32) Ele tende a considerar os sistemas simbólicos em geral, a religião dentre eles, como um instrumento de poder, isto é, de legitimação da ordem vigente sob o controle "dos ricos". A esta dupla função da religião correspondem duas espécies básicas de rituais, com características laudatórias uns, e com caráter rogatório e propiciatório, outros, próprios dos que "nada têm". Isto se explica também, dentro da visão weberiana, porque os diversos rituais devem corresponder às demandas religiosas variadas, e estas tendem a organizar-se em torno de dois grandes tipos, correspondentes, como já vimos, às também duas espécies de situações sociais, ou sejam: as demandas de legitimação da ordem estabelecida, próprias das classes privilegiadas, e as demandas de compensação, próprias das classes desfavorecidas. (Bourdieu, 1982:87)

A clássica divisão dos agentes religiosos em "sacerdotes" ou "corpo sacerdotal" e "profetas", estabelecida pelo autor, têm como clientela os "leigos", recebedores da ação dos primeiros, se movendo no mundo profano enquanto que sacerdotes e profetas povoam o ambiente sagrado. Para Weber, o poder religioso, pois, é o resultado de uma transação entre os agentes religiosos — sacerdotes e profetas — e os leigos, na qual os sistemas de interesses particulares a cada categoria de leigos devem encontrar satisfação, daí que, todo o poder e autoridade daqueles agentes provêm das relações de força simbólica entre eles e as diferentes categorias de leigos. (Cf. Bourdieu, 1982:89, 92) Pode acontecer de a mudança impor-se de tal modo que as funções do profeta e do sacerdote se unam na mesma pessoa ou grupo; então, o próprio corpo sacerdotal, ten-

dente à burocratização e conservação do "status quo", passa a incorporar as aspirações gerais da mudança iminente a incorporá-las em sua pregação.

Estendemo-nos um pouco nestas considerações pelo fato de elas proporcionarem suporte a um confronto com observações e pesquisas deste trabalho, mostradas e analisadas adiante, principalmente no que diz respeito às relações de poder dentre os vários segmentos sócio-religiosos que dirigem /dirigiam a Festa do Carmo e dela participavam em níveis e modos diversos, bem como no tocante a pressões da Igreja e das camadas médias e populares da população recifense tendentes à "democratização" relativa da festa, como será exposto adiante.

Voltando a Victor Turner, a suas considerações sobre ritual e comportamento religioso, e lançando uma rápida olhada aos dados por nós coletados, nos ficou claro o paralelo entre a "estrutura" e o conceito de "religião dos dominantes" weberiano; a "communitas" de Turner, e a "religião dos dominados", dos que nada têm. De fato, aos que detêm o poder político e religioso é fácil — e muitas vezes o realizam — ditar as regras do ritual, fazê-lo ordenado, sem imprevistos, sem quebra do "estabelecido", a fim de que corra de acordo com os objetivos traçados, com as idéias a serem aí expostas e defendidas, e assim, a mensagem religiosa ser veiculada dentro das normas julgadas corretas, sem impecilhos. Tal não ocorre com os "dominados", no entanto: podem submeter-se ou não àquelas normas; e vamos ver, ao longo do trabalho, como por vezes se submetem, por vezes não, criam situações que caracterizam a "communitas", descritas por Turner.

Este autor vem ainda em reforço de nossas observações dos fenômenos da Festa do Carmo com seu conceito de cultos de aflicção. Colhemos a referência de Carlos Rodrigues Brandão (1983:73), ao citar o trabalho de Peter Fry e Gary Howe: "Duas Respostas à Aflicção", no qual eles afirmam encontrar com muita evidência a presença da

aflição em duas modalidades religiosas estudadas no artigo. Encontramos, igualmente, de maneira marcante, comovedora, este aspecto, nas pesquisas e no exame dos pedidos escritos nas paredes do altar votivo de Nossa Senhora do Carmo. Inclusive, encontramos correspondência com os três aspectos ou tipos de aflição, detectados por Fry e Howe: a) a que se liga a problemas da saúde física e psicológica; b) a aflição gerada pelos problemas de relações com instituições e processos sociais, (desemprego, moradia, trabalho, e consumo); c) a derivada de dificuldades de associação interpessoal.

Entendemos este aspecto da religião como instância para enfrentar e tentar resolver os problemas da aflição, acima discriminados, não apenas no sentido utilitário e manipulador da divindade, mas também como reconhecimento explícito dos poderes do deus ou santo invocado; ainda mais como ato de fé na pessoa e nos valores ou qualidades atribuídas à divindade ou seus intermediários. Esta fé e reconhecimento são a base das situações rituais, descritas igualmente por Fry e Howe: "onde a esperança de uma solução para a aflição predomina." (Brandão, 1983:73)

Os cultos da aflição, denunciadores de uma situação de carência pessoal e grupal, são-no também da conjuntura de dominação e exploração estruturais, nas quais sobrevivem os devotos. E neste ponto, recorreremos às apreciações de Marx e Engels sobre a religião, nas suas tentativas de localizar a causalidade estrutural a mesma, entendida, diga-se de passagem — por estes autores, no seu aspecto de expressão da aflição. Assim, temos no jovem Marx a descrição da angústia religiosa como a expressão da angústia real e o protesto contra essa mesma angústia, tornando a religião, para ele, "o suspiro da criatura oprimida, a alma do mundo sem coração, o ópio do povo." (Marx e Engels, 1972: 45-46) Marx, como Weber, privilegia as conjunturas políticas e econômicas tidas como condicio-

nantos dos conteúdos simbólicos e ideológicos presentes nas sociedades, entre eles, a religião. Para Engels, com respeito ao ponto de que estamos nos ocupando, "a religião pode subsistir como forma imediata, isto é, sentimental, da atitude dos homens em relação às potências estranhas, naturais e sociais, que os dominam, enquanto os homens estiverem sob dominação destas potências." (1972:175-178; cf. 353-355) A angústia de que fala Marx, encontramos-a aqui, diante das forças da natureza ou das forças sociais, que o homem não pode controlar nem dominar.

A aflição, estudada também com o auxílio das contribuições de Marx e Engels sobre a religião, vê-se situada num contexto sócioeconômico e político, aportando determinantes que influenciam a conduta religiosa em seus desempenhos individual e coletivo. Vale a pena repetir, porém, não concordarmos com a redução das atitudes religiosas a este único determinante. Antes, achamos, com Bastide, que a religião se faz "absoluta não apenas em face do fracasso do trabalho humano, mas, em toda parte onde a vida atinge seus pontos culminantes, no nascimento, na morte, no amor, onde o homem ... é tomado de vertigem." (Bastide, 1971:11) Para ele, ainda, as forças religiosas constituem presença de energia, de paz e de alegria, não são de medo. Concorda neste ponto com Durkheim, quando admite não serem os sistemas de idéias, como as religiões, tecidos de ilusões somente, visto que tiveram um peso tão considerável na história e uma fonte de força poderosa de que os povos se serviram para viver e sobreviver. (Bastide, 1971:12)

Em suma, a realidade em toda sua contextura é múltipla e multifacetada, não cabe, a nosso ver, ser reduzida a um só tipo de explicação científica, nem enquadrada em uma única visão do mundo. A riqueza incalculável do fenômeno religioso, em suas manifestações rituais, ao ser encarada de diversos ângulos, como nos propusemos neste trabalho — examinando os diversos aspectos que conseguimos captar da Festa do Carmo do Recife e da devoção à Senhora do

Carmo Padroeira da cidade — exige o concurso de referências teóricas vários, que possam dar cobertura à rica complexidade dos fatos, ajudar na reflexão sobre eles, e facilitar a obtenção de conclusões satisfatórias.

O estudo de um fenômeno religioso em sua manifestação ritual, tal como estamos fazendo, levanta a questão do sagrado e do profano, em suas relações. Apontando constituírem, estas duas categorias, duas classes ou grupos opostos, que dividem o mundo em dois domínios, Durkheim colocou as bases teóricas para a sistematização desta descoberta. (Durkheim, 1965:52-56) Ele vê esta oposição muito radical, chegando até à hostilidade mútua entre os dois mundos, de modo que a passagem de um para o outro, do profano — onde se situam em sua origem, todos os seres: homens, animais, plantas, objetos — para o sagrado, se dá pelos ritos da iniciação ou consagração, constituindo isto uma metamorfose do ser. Negando a possibilidade da promiscuidade entre as duas classes, admite a viabilidade da comunicação entre os dois mundos; não são, mas a sua necessidade. Sim, porque, de outra maneira, como iriam relacionar-se? Caillois, concordando com Durkheim no caráter radicalmente oposto das duas categorias, demonstra, no entanto, sua mútua exigência e necessidade: não são se definem uma pela outra, mas na ordem da operacionalização elas se ordenam uma para a outra; "Um existe por causa do outro." (Caillois, 1963: 33ss)

Para o nosso propósito também ajudará na compreensão dos fenômenos que vão aqui ser apresentados, a noção de "ambiguidade do sagrado", em outra parte da obra citada de Durkheim. (1965:455-461) Trata-se da realidade do contraste entre duas categorias opostas, no meio das quais a vida religiosa inteira gravita: são o princípio do bem e o princípio do mal, as forças negativas, diabólicas. Igualmente neste caso, acontece o movimento dialético da estreita aproximação e parentesco entre eles, sendo o puro e o impuro, o bem e o mal, duas variedades da mesma classe, dois tipos de sagrado, o

propício e o não propício. Sendo opostos, não são descontínuos, "pois um objeto pode passar de uma para outra forma sem mudar sua natureza." Aplicando estes princípios ao fenômeno ritual, pode dar-se o caso de termos um ritual e um contra-ritual, ou anti-ritual, que põe em risco a integridade do primeiro, sem no entanto destruí-lo, antes, afirmando-o porque necessita daquele para poder existir, acontecer. Chamamos de anti-ritual, já que não é uma cerimônia esperada nem aceita naquele lugar, tempo e ocasião; antes, é execrada, repelida pelos participantes e, sobretudo, chefes do ritual. No entanto, o lugar, tempo e ocasião necessários ao desenrolar-se das cerimônias sagradas criam as condições "sine qua non" do anti-ritual. Semelhantemente também, o demônio na dogmática cristã, o diabo no catolicismo popular, os maus espíritos, espíritos zombeteiros, as falanges esquerdeiras, etc., nos vários sistemas de crenças que os admitem, fazem parte do sagrado, tanto quanto os anjos, santos, os espíritos de luz, etc.

Jaques Heers, comentando as grandes procissões dançantes medievais, sucedendo-se em França e outros países, apesar das inúmeras proibições eclesiásticas, discute se são apenas reminiscências pagãs ou invasão do sagrado na vida quotidiana: opta por esta segunda hipótese. (Heers, 1983: 71-74) Perguntamos como se poderia dar esta invasão, se o quotidiano é justamente o domínio do profano, conforme Durkheim, Caillois, Mircea Eliade e outros? É possível a criação de espaços para o sagrado, em meio às tarefas do dia-a-dia, seja em momentos dedicados à prece, às devoções caseiras, seja no deixar-se envolver, por tempos, na atmosfera sacra, proporcionada pela contemplação de objetos sacros, aposição deles em espaços reservados na casa, audição de discos religiosos — como promovem largamente os pentecostais, por exemplo — e demais práticas deste gênero. No exemplo de Heers, é a própria instituição da dança que se torna sacralizada pelos motivos, ocasiões, atmosfera criada e pelo modelo exemplar que ela se propõe evocar. As

sim, os momentos do sagrado se alternam com os cuidados profanos das tarefas diárias.

Mas, as relações entre o sagrado e o profano refletidas por autores brasileiros que vêm estudando nossas "festas de santos" e rituais representativos da vida nacional acrescentam outros elementos importantes ao nosso trabalho. Eles ressaltam, em geral, como frutos de sua observação sobre nossa realidade, muito mais as convergências e configurações conjuntas que as dicotomizações, privilegiadas nas análises comentadas acima. Assim, por exemplo, Brandão afirma encontrar os atributos de religiosidade e profanação, em nossas festas anuais "de santo", "mais do que próximos, estruturalmente convergentes dentro de um mesmo corpo de rituais com que se festeja solene, mas também alegremente, um 'santo padroeiro'." (1983: 62) Para este autor, a festa de igreja, contrariamente ao carnaval, opera pela "totalização de um cosmo ordenado", combinando os elementos do sagrado e do profano, do solene e do festivo, nos mesmos dias e em situações ora sequentes, ora combinadas alternativamente. De modo que "os comportamentos separados e disfarçados são festivamente reunidos nos dias e nas horas de comemoração do santo padroeiro", proporcionando uma "congregação de condutas opostas em nome de um mesmo propósito, o louvor ao santo." Sem separar o sagrado do profano, a festa do santo "produz ênfases sobre um e outro." (Idem: 75) Quase idêntica é a opinião de Da Matta (cf. 1981: 50), para quem o sagrado e o profano não são mutuamente exclusivos; estão às vezes, alternativamente presentes e às vezes, funcionam ao mesmo tempo, fazendo parte do mesmo conjunto de configuração.

Deixamos para o fim desta exposição teórica dos referenciais e autores mais diretamente envolvidos com nossas pesquisas a apresentação de um autor e um seu trabalho sobre a Padroeira Nacional do México, Nossa Senhora de Guadalupe. Queremos falar de Eric Wolf e seu estudo — "A Virgem de Guadalupe: Um Símbolo Mexicano Nacional." (Wolf, 1968) O motivo deste destaque por nós emprestado à

obra prende-se a determinadas coincidências entre o enfoque por nós dado à festa que investigamos — como vai ser exposto logo em seguida — e algumas descobertas de Wolf sobre o significado nacional da Padroeira Mexicana, entre os índios e mestiços sobretudo, que vêm nela, para além e acima das várias representações, o símbolo dos anseios de liberdade e afirmação da raça. Wolf trabalha também em cima da "equivocidade", chama ele, das representações simbólicas atribuídas à Nossa Senhora de Guadalupe, constituindo a Santa um conjunto de símbolos equívocos, se prestando a várias interpretações, possuindo sentidos distintos.

Pois, tal é a Senhora do Carmo do Recife e sua Festa, que passamos agora a conceituar.

Reunimos os diversos elementos teóricos acima elencados, da festa arcaica, da festa moderna e contemporânea, da festa enquanto fenômeno religioso, dos rituais na vida brasileira, das representações coletivas e estruturações da sociedade de que os mesmos são explicitação, revelação dos problemas ligados à afiço e relações de poder e, por fim, das possíveis "equivocidades" ou multivocidades dos símbolos religiosos e rituais festivos, porque sentimos a necessidade de tê-los todos à mão, como base conceitual para a compreensão da festa específica que nos propusemos a estudar: a FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DO RECIFE, capital do Estado de Pernambuco, no Nordeste Brasileiro.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma festa religiosa católica, de raízes lusco-brasileiras. Constatam-se, portanto, as influências deixadas pela herança do catolicismo ibérico, medieval e da Europa da Contra-Reforma, implantados junto com o projeto colonial português. Destas raízes, umas já se perderam, ficando as nostalgias; outras permanecem, resistindo ao tempo, às mudanças da sociedade brasileira contemporânea; outras, porém, se modificaram, por uma solução de compromisso entre a força da tradição e as exigências do contexto atual da sociedade e da Igreja Católica. Temos,

no caso, três pontos a averiguar: o que ficou, o que desapareceu, o que se modificou, e por que.

Em segundo lugar, é uma festa urbana, acontecendo em pleno centro comercial do Recife. Isto quer dizer várias coisas: o centro da cidade, onde está localizada a Basílica da Padroeira, torna-se o ponto geográfico de convergência da multidão, que se desloca do Grande Recife e municípios vizinhos — até dos Estados limítrofes a Pernambuco — para celebrar a Senhora do Carmo, no dia 16 de julho, que é feriado municipal, e continua sendo, apesar da Lei que empurra os feriados no meio da semana para a segunda-feira, por decisão do atual Prefeito da cidade. As ruas e praças do centro, livres do comércio e demais atividades produtivas — mas não do comércio informal especializado em lanches, guloseimas, artigos religiosos, flores, fogos ... — transforma-se no grande espaço ritual para a procissão e, atualmente, para a concentração que se segue a ela, no dia da Festa, enquanto que a área em frente à basílica, desde o início do novenário, e destinada à área de lazer, com parque de diversões, bares, barracas de comidas e o passeio ("footing"), constituindo a "festa de rua". A novena se inicia, desde a metade da década de 1960, no dia 7 de julho, com missa cantada pela manhã, procissão e hasteamento da "bandeira da Festa". Na véspera, ou no domingo anterior ao dia 7, faz-se o levantamento do mastro, colocado na frente da igreja. Anteriormente ao Concílio Vaticano II, iniciavam-se os festejos religiosos no dia 6, porque se cantavam as Vésperas Solenes na noite do dia 15.

Caracterizada, até a metade da década de 1960, por uma relevante participação de famílias das classes dominantes do Estado de Pernambuco, que assumiam a coordenação da festa em conjunto com os Religiosos do Carmo e garantiam o forte da sustentação econômica dos festejos religiosos; e também, pela participação das Autoridades máximas Estaduais e Municipais na Missa Pontifical e, em seguida, no banquete oficial, realizado no refeitório do convento, jun-

tamente com os Religiosos do Carmo e membros da Hierarquia local e de Dioceses vizinhas, padres, seminaristas e, à tarde, da procissão — esta Festa das Classes Dominantes encontra-se atualmente, como a festa "de rua", em processo de declínio. Ao mesmo tempo, o espaço deixado por estes segmentos na organização da festa é ocupado por pessoas da classe média e mesmo, popular, que se apossam do altar, do andor, para ornamentá-los, o que antes lhes estava praticamente interdito. Desta maneira, de meros expectadores, membros das classes dominadas passam a interferir ativamente nas decisões da festa.

A Festa do Carmo é, também, uma festa religiosa afrobrasileira. No ciclo ritual dos Xangôs e da Umbanda do Grande Recife, coincidindo com o período da festa católica, tambores e atabaques tocam nas noites, comidas são oferecidas, animais são sacrificados, e novos filhos e filhas de santo saem das camarinhas, consagrados a Oxûm, entidade do Panteão Iorubano, Orixã feminino, deusa do Rio Níger, na África, rainha das águas doces, do ouro e da fertilidade e prosperidade, invocada pelas parturientes, sincretizada no Recife com Nossa Senhora do Carmo.

Resta um aspecto ou dimensão da Festa do Carmo: a participação de seus principais "donos" ou promotores: os Frades do Carmo, em conjunto com a Hierarquia Arquidiocesana do Recife, com assessoria da Ordem Terceira do Carmo. Os frades providenciavam a arrecadação das esmolas nas ruas, por elementos das irmandades sediadas na basílica e da Ordem Terceira, inclusive, pelos próprios frades; ou então, punham anúncios no jornal, solicitando o envio das contribuições ao convento; combinavam os detalhes da participação das famílias católicas das classes dominantes na infraestrutura da festa; convidavam as Autoridades Estaduais e Municipais, empresários rurais e urbanos, "benfeitores" e outras "pessoas gradas" para o banquete — todos convidados do sexo masculino, já que até 1966 toda a área do convento, menos a portaria, era clausura, vedada a

mulheres; organizavam a parte litúrgica do novenário, as missas, comunhões, confissões, bênçãos do Escapulário do Carmo, e a Grande Missa Pontifical do Dia da Festa, para ela convidando o Arcebispo e Bispos para celebrarem e pregadores de fama para o sermão panegírico; e organizavam a procissão, acotados pelas irmandades e ordens terceiras da basílica e outras, do centro do Recife. Além disso, manifestavam para os funcionários da Prefeitura do Recife, encarregados das licenças e fiscalização das festas de rua, as preferências da comunidade conventual com respeito à disposição dos parques de diversões, barracas, etc., na Praça do Carmo. No entanto, de 1930 para cá, a responsabilidade da infraestrutura da festa externa vem ficando a cargo dos empresários deste setor, sob orientação e fiscalização da Prefeitura Municipal.

Os ventos de mudança, trazidos pelo Vaticano II e a pressão de parte do clero da Arquidiocese, daí decorrente, colocaram os religiosos diante de um dilema: ou mudar a festa litúrgica, cabendo-lhe a participação maior do povo, nos rituais e na sua infraestrutura, ou manter a estrutura ritual tradicional, para agrado de boa parte de elementos da aristocracia, confrarias religiosas ... Venceu a primeira alternativa, entrando a festa num processo de modificações, o que aconteceu durante a segunda metade da década de 1960, traduzindo-se para o vernáculo os cantos tradicionais, polifônicos da novena, suprimindo-se alguns e introduzindo-se cantos litúrgicos populares contemporâneos. O mesmo se fez com a grande Missa da Festa que, de Pontifical Solene, passou a ser concelebrada em português, de acordo com as normas litúrgicas pós-Vaticano II. Assim como a liturgia na igreja "democratizou-se", o banquete oficial mudou para um almoço de confraternização, oferecido às pessoas e grupos que trabalham para a festa, amigos dos religiosos. bispos e padres concelebrantes, acólitos da Missa Solene Concelebrada, membros do Coral do Carmo, abrilhantador das noites do novenário, Missa e almoço, representações das associações religiosas

leigas sediadas na basílica, e da Ordem Terceira. De modo que a estrutura ritual da festa permaneceu basicamente a mesma, — causando estranheza ainda hoje, a padres e leigos atuantes em áreas populares da cidade, afeitos a liturgias mais simples e participativas — tendo havido um esforço de acomodação, apenas, entre o novo, como resposta às exigências ideológicas e de mudança sôciocultural, por um lado, e o tradicional, para satisfazer às exigências de ordem estética, ideológica, também de elementos ligados à festa, refratários às mudanças.

E assim, na vertente das concessões a um e outro segmento representativo das duas mentalidades, a "Festa do Clero", ou, precisando mais, o papel de coordenação do Clero nela, mantêm-se estãvel, plenamente aceito.

Ao longo do corpo deste trabalho tentaremos responder à indagação que, achamos, já deve brotar desta leitura: o que buscam estes vârios segmentos sôcioreligiosos da sociedade pernambucana ao celebrar a Padroeira, para além do objetivo geral de celebrar sua festa? Quais as intencionalidades, ditadas pelos interesses de classe e os ideológico. inerentes a estes segmentos? Qual o "rosto" que eles protendem ver, ao olhar para a Senhora do Carmo do Recife?

Estamos diante de um fenômeno sôciocultural e religioso complexo, porque possuidor de várias facetas, pluridimensional, exibindo elementos componentes da festa arcaica, da festa contemporãnea, daí termos necessitado dos auxílios teóricos de Wunenburger, como também de Eliade, Caillois, Duvignaud e Roberto Motta, para elucidiação daquelas estruturas; o problema das relações de poder entre as várias "festas", a ostentação de comportamentos classificados por Weber como de "religião das classes dominantes" e de "religião dos dominados" obrigou-nos a buscar as luzes deste autor, explicitado por Bourdieu; o problema da aflição, que emergiu das pesquisas junto ao povo na festa e nos pedidos do altar votivo — como vamos explicar mais adiante — nos levou também a ver as contri

buições marxistas e de Victor Turner sobre o assunto; este último autor ainda proporcionou a que nos pareceu a melhor base teórica para interpretar vários rituais paralelos, o oficial e o popular, bem como Durkheim foi indispensável para penetrarmos no emaranhado das relações entre o sagrado e profano na festa e, também, com o auxílio de Jaques Heers, na análise da decorrência dupla e simultânea do ritual e de um anti-ritual, o propício e um não-propício. A noção de "equivocidade" simbólica, atribuída à Virgem de Guadalupe, encontra correspondência impressionante, achamos, na Senhora do Carmo do Recife e sua festa, também equívoca e multívoca como a devoção à Senhora, interessando a várias camadas da população da cidade: aos religiosos do Carmo e clero do Recife; às classes dominantes do Estado, domiciliadas na capital; às classes média e popular de tradição católica; ao povo filiado aos cultos afrobrasileiros; à gente do povo que vem fazer seu comércio nos dias de maior movimento da festa, em frente à basílica, ou mendigar; aos frequentadores de "festas de rua" e, até um certo tempo atrás, à gente que constituía a "marginália" da cidade, na época que "tomavam conta" do Pátio, na festa. Diante disso, não poderíamos cognominar com justiça a Festa do Carmo do Recife, de "a festa de todos"?

Como hipótese deste trabalho, tentaremos provar que, a estas camadas, distribuídas em vários setores da população, correspondem cinco níveis da festa, cinco maneiras específicas de festejar a Padroeira, o que representa configurações simbólicas distintas para estes grupos e para segmentos dentro deste grupos. Deste modo, podemos falar, simbolicamente, nos vários "rostos" da Senhora que, acima de todas as representações, possui a de Mãe-Rainha: a "Rainha Coroada do Recife".

.....

As cinco dimensões da festa, ou as cinco "festas" que se es

condem/revelam sob a Festa, requereram diversas frentes de pesquisa, assim como de leitura, para levantar os dados da festa como um todo e, ao mesmo tempo, dos seus cinco aspectos nos quais resolvemos decompô-la, estudando-a em seu conjunto e separadamente, em seus elementos diferenciados: suas inter-relações, influências mútuas e os jogos ideológicos e de relações de classe, latentes nas estruturas simbólicas e comportamentos delas decorrentes.

Por conta destes pressupostos, achamos importante levantar a evolução histórica da festa, em primeiro lugar, em estreita relação com a evolução da sociedade e da vida religiosa católica, em Pernambuco. Além deste processo, julgamos importante complementá-lo ouvindo os participantes dos vários setores sócio-religiosos elencados acima, através de entrevistas semi-estruturadas, num caso, como a seu tempo se descreverá, codificando-as em tabelas e, noutros casos, com entrevistas livres, apresentadas por extenso, no trabalho. Deste modo, fez-se um "corte metodológico" na festa de 1985. Em terceiro lugar, utilizei largamente a observação participante, com vinte e oito anos de minha existência vivendo integralmente as emoções e acontecimentos da festa.

Assim sendo, empregamos as duas abordagens, diacrônica e sincrônica.

Abordagem diacrônica - conhecimento da evolução histórica da festa, relacionando-a com a evolução da sociedade, através de: consulta às fontes secundárias. Em primeiro lugar, o "Diário de Pernambuco", do Recife. Privilegiamos este jornal, primeiramente, por ser o mais antigo, de circulação ininterrupta quase, desde 1825 aos nossos dias. Logo descobrimos que, no século passado, este periódico tinha o mérito de chamar atenção para matérias de outros jornais menores, inclusive sobre a Festa do Carmo, como aconteceu com uma referência ao "Carapuceiro". Outro fator de nos ater quase exclusivamente a este jornal, além da matéria abundante sobre a festa e a sua antiguidade, foi o seguinte: outros gran-

des periódicos do Recife, como o "Jornal do Comércio", o "Diário da Noite", ao ser examinados, também expunham as opiniões das classes dominantes, embora divididas em facções diversas, mas que detinham a mesma posição ideológica com respeito às coisas da religião em geral, não havendo, portanto, mudança substancial de pensamento e julgamento em relação à Festa do Carmo.

Além do "Diário" consultamos o semanário da Arquidiocese — "A Tribuna" e publicações dos carmelitas de Pernambuco: dentre elas, a revista mensal "Flos Carmeli", que circulou de 1947 a 1964, os álbuns comemorativos da Festa do Carmo — a "Poliantea de N. Sra. do Carmo", que circulou no período de 1928 a 1947.

Abordagem sincrônica - com a utilização das metodologias já elencadas acima: observação participante, observações simples, entrevistas livres, semi-estruturadas e coleta de pedidos, orações, escritos nas toalhas e paredes do altar votivo de Nossa Senhora do Carmo, na entrada da basílica.

.....

Apresentando brevemente o conteúdo geral do trabalho, teremos, inicialmente, um histórico da Festa do Carmo na Ordem Carmelita e na Igreja, sua origem e desenvolvimento; em seguida, descreveremos os começos da devoção à Senhora do Carmo no Recife, com a chegada nesta cidade dos carmelitas, vindos do convento de Olinda, a fundação acidentada do Carmo do Recife, suas figuras principais, influência do convento na vida religiosa, política e cultural da cidade, o que vai contribuir para cimentar a devoção do povo à Senhora do Carmo; no capítulo III, apresentaremos a pesquisa na imprensa, expondo o desenrolar das "festas", ano a ano, analisando os dados encontrados, no final; o capítulo IV mostrará o que disse o povo entrevistado sobre as festas: Religiosa católica, "de rua" e afrobrasileira, com os resultados das entrevistas respec

vas e suas análises enfeixados nas três grandes partes em que se subdivide o capítulo. A eloquência muda das paredes escritas será objeto do capítulo V, onde toda a dor e confiança dos devotos da Senhora do Carmo, "Santa do Amor de Todos", será exposta e interpretada. Finalmente, virão as conclusões, cotejando brevemente os dados pesquisados com as teorias sobre o fenômeno religioso da festa e do ritual.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO SUCINTO DA FESTA DO CARMO NA ORDEM
E NA IGREJA UNIVERSAL, DESENVOLVIMENTO E SIGNIFICADO
DA FESTA, PARA A ORDEM E A IGREJA

1.1. AS ORIGENS DA FESTA, DENTRO DA ORDEM

O Monte Carmelo, situado a Noroeste do atual Estado de Israel, promontório avançado sobre o Mediterrâneo, tendo hoje a cidade de Haifa aos pés, foi um dos lugares procurados por ex-cruzados e peregrinos europeus do Reino Latino de Jerusalém, e até o século XIII, quando se dá a retomada da Terra Santa pelos muçulmanos, lá se estabeleceram. Eram grupos leigos de penitentes peregrinos, entrosados com os movimentos pauperistas surgidos no ambiente eclesial europeu, concomitantemente à luta pelas investiduras, grupos de pregadores e mendicantes itinerantes uns, de eremitas, outros, muitos deles pondo no centro de sua espiritualidade a peregrinação aos santuários ou mesmo, à Terra Santa. Dentre os eremitas, havia os "solitários" e os que se agrupavam em um certo estilo de vida comunitária (oração litúrgica, trabalho e habitação em comum), as pequenas moradias (celas) individuais situadas próximas umas às outras, o conjunto formando uma comunidade eremítica. (Cf. Boaga, 1985)

De um desses grupos, habitantes junto ao local chamado "Fonte de Elias" — Profeta do Antigo Testamento (Cf. I. Reis, cap. 17-21), surgiu a Ordem do Carmo, em data não precisa, também sem fundador definido, na segunda metade do século XII. Entre os anos de 1206 e 1214, pedem ao então Patriarca de Jerusalém, Alberto, uma

"Fórmula de Vida", isto é, um documento que registre a maneira como organizaram seu estilo de viver. Já então eram vários grupos, ocupando espaços não só no Carmelo, mas em outros lugares da Palestina.

Além da ligação espiritual com o Profeta Elias, os monges do Carmelo erguem seu lugar de oração comum, dedicando-o a Maria, Mãe de Jesus, à qual chamam de "Domina Loci" = Senhora do lugar. Tomam o nome de "Irmãos da Virgem". Desde então, desenvolve-se a devoção a Maria no grupo.

A vida tranqüila na Terra Santa é cortada quase bruscamente no século XIII pelas guerras movidas pelos turcos para recuperarem dos cruzados as terras da Palestina. Em 1291 cai a última fortaleza do Reino Latino na Terra Santa, São João de Acre. A fuga para o Ocidente faz-se inevitável para a maioria. Muitos monges retornam ao Continente Europeu, em grupos, indo uns para Inglaterra, outros para França, Itália, Sicília. Impõe-se resolver, aí, o problema da adaptação. A realidade social e eclesial da Europa está bastante diferente. Não podiam continuar ali como eremitas, mas tinham de aceitar o estilo de vida dos Frades Mendicantes: morar nas cidades, aceitar a "cura de almas", mendigar e, posteriormente, ingressar nas universidades.

Nada fácil, este período. Além dos costumes diferentes, além dos esquemas de vida a mudar, o título de "Irmãos da Virgem Maria", que os carmelitas ostentavam, criava-lhes problemas, despertava animosidades entre o clero, tornando-se objeto de controvérsias até na Universidade de Cambridge. Além disso, as grandes Ordens Mendicantes dos franciscanos e dominicanos, e outras menores, recém-aprovadas, em franca ascensão, pareciam preencher todo o espaço. Com muita luta, conseguem dos Papas Honório III, em 1226 e Inocência IV, em 1247, a aprovação para a "Fórmula de Vida" trazida do Carmelo, com as modificações necessárias à mudança para um contexto de vida mendicante, permanecendo, embora, o especial

acento contemplativo, próprio da Ordem.

Se a devoção a Maria acompanhou a travessia dos eremitas para a Europa, aqui se reveste de um aspecto novo: A virgem assume a configuração de "Defensora do grupo", para isto, insistentemente invocada na atual conjuntura, a fim de protegê-lo, preservá-lo da extinção e da divisão interna, entre os que propunham a aceitação das modificações, e os que imaginavam poder assegurar em sua inteireza, o primitivo gênero de vida. Depoimentos do início do século XIV (Forcadell, 1951:11ss.) demonstram a comemoração da Virgem Maria todos os sábados, na recitação do Ofício coral e na missa. Os capítulos — nome dados às assembléias gerais legislativas e deliberativas da Ordem — provinciais e gerais deste tempo prescrevem sejam celebradas com a maior solenidade, inclusive com jejum nas vigílias das mesmas, as festas principais de Maria, ou sejam, a Anunciação, Natividade e Purificação de Maria, Assunção, e, em algumas províncias, da Conceição. Ao longo do século XIV, cada província foi escolhendo uma destas para ser a mais solenizada, sobressaindo dentre todas, as festas da Anunciação, Conceição, e, principalmente, Assunção.

A festa própria de Nossa Senhora do Carmo, com o título de "Comemoratio Solemnis Sancte Marie (sic) ou "Solemnis memorie beate Marie" começa a aparecer na Inglaterra, nos missais, breviários carmelitanos e calendários manuscritos, a partir do ano 1376, assinalando a festa no dia 17 de julho. Contemporaneamente, a festa não é mencionada nos livros litúrgicos da Ordem na Europa Continental, nos séculos XIV e XV. As primeiras referências a ela surgem na penúltima década do século XV, assinalando-a no dia 16 de julho. Forcadell assim conclui a longa citação de documentos e autores carmelitanos sobre a data e local iniciais da festa: "A Comemoração Solene de Santa Maria começou a ser celebrada na Ordem antes de 1386, em data ainda desconhecida, na florescente província carmelita da Inglaterra, no dia 17 de julho. No correr

do tempo, outras províncias, na Europa Continental, foram seguindo o exemplo, até que se tornou universal na Ordem, como sua maior festividade, a partir da segunda metade do século XVI. Daí, então, acontece a mudança do dia 17 para o 16 de julho. Motivo desta parece ter sido a comemoração de Sto. Aleixo no dia 17, na Europa Continental, não existindo na Inglaterra." (Forcadell, op.cit:67-70).

1.2. A EVOLUÇÃO DA FESTA, FORA DA ORDEM

Esta evolução, na Igreja Universal, se deu em dois períodos, que Forcadell chama: o primeiro, da "expansão espontânea, e o segundo, da aprovação oficial da Santa Sê. (op. cit: 75ss)

Apesar de o Concílio de Trento reservar para a Santa Sê, através da Congregação dos Ritos, o direito exclusivo de estabelecer novas festas, comemorações litúrgicas, no entanto, algumas festas, ofícios, missas, etc., foram introduzidos em vários lugares, sô com a licença do Bispo local. Entre êstas, conta-se a Festa do Carmo, conforme depoimento do Pe. Tüssio Foucher, escrito em 1624: "Fut approuvêe par le S. Siege Apostolique, et cete Feste est en grande veneration en l' Église, qu'en quelques Royaumes on la solenise, mesme parmy les seculiers (o grifo é nosso), comme au Royaume de Naples, et en quelques autres de Sicile, et D'Espagne" (Forcadell, 1951:84). Na Espanha, de fato, o sínodo diocesano da Palma de Mallorca, em 1611, estabeleceu-a, sendo solenemente celebrada a partir de 1613; já antes, a Congregação dos Ritos concedeu licença para os mosteiros de monjas carmelitas do Reino de Nápoles, em 1595. O decreto "contra abusus", do Papa Urbano VIII, emanado em 1628, exigindo observância estrita das leis litúrgicas, põe no rol das missas "proibidas de ser celebradas fora das igrejas da Ordem Religiosa às quais foram concedidas pela Santa Sê", a Missa de Nossa Senhora do Carmo. Sinal evidente que era celebrada aqui

e ali, fora dos conventos da Ordem. Não obstante, a "Comemoração Solene" continua a difundir-se, e já em 1638, o Cônego Georges Colvener repete Foucher, afirmando a expansão da festa, principalmente em Nápoles, Sicília, Espanha. O Geral da Ordem Carmelita, Teodoro Straccio, em 1640, em sua "Instructio de Indulgentiis", dirigida às Confrarias (leigas) do Escapulário, recomenda uma procissão mais solene que a costumeira razoura mensal "na festa da Comemoração Solene da Bemaventurada Virgem Maria, no dia 16 de julho, ou no domingo imediato." Em 1656, temos o depoimento do Superior da Província de Touraine, Matias de S. João, que cita Portugal entre outros lugares, onde a festa solene já havia chegado, com aprovação dos Bispos. (Forcadell, op. cit: 86,88)

Este primeiro período vai cedendo o lugar, aos poucos, à fase das aprovações oficiais dos Papas, na segunda metade do século XVII.

Primeiramente, ela é concedida a todo o Reino de Espanha em 1673, pela Congregação dos Ritos. A tal ponto chegou a popularidade e solenidade da Comemoração Solene, que alguns anos depois é celebrada na Corte, com o título de "Fiesta de Corte y gran gala". Em 1675, atendendo o pedido do Rei Leopoldo I, o Papa Clemente X concede a celebração da Festa do Carmo à Hungria, aos dois Arquiducados da Áustria, Boêmia, Dalmácia, Croácia-Eslavônia, Silésia e Tirol. E assim sucessivamente, vai-se estendendo a todos os reinos da Europa, inclusive, aos ritos mozarábico, praticado na Arquidiocese de Toledo, Espanha, no rito Milanês e nos ritos católico oriental dos Caldeus e Maronitas. Queria destacar a aprovação oficial para o Reino de Portugal e seus domínios — para o Brasil também, portanto — em 1679, pelo Papa Inocência XI.

E assim, de Reino em Reino e de rito em rito, chegou-se à aprovação universal da Festa para toda a Igreja, o que se deu em 1726, pelo Papa Bento XIII, na data de 16 de julho.

1.3. SIGNIFICADO DA FESTA, PARA A ORDEM E A IGREJA

O que a festa verdadeiramente comemora e celebra? Qual seu objetivo e significado?

Na tradição da Ordem tem sido unanimemente aceito: o objetivo da Comemoração Solene é celebrar o especial patrocínio da Virgem Maria sobre os Carmelitas, "demonstrado inclusive por milagres", como reza a antiga oração do Ofício e Missa da Festa: "Ó Deus que de modo singular condecoraste a humilde Ordem por Ti escolhida, com o título da excelentíssima Virgem e Tua Mae, Maria, e pela defesa da mesma, suscitaste milagres..." (o grifo é nosso). Que milagres são estes, em concreto?

No século XV, ao tempo em que a festa se inicia na Grã-Bretanha, a Ordem, tendo começado a se recompor das lutas internas e externas, conhece um período de maior paz e expansão. Esta graça é atribuída à assistência e "especial patrocínio" de Maria, sobretudo pela sua intervenção junto ao Papa Honório III, em 1226, a ele aparecendo, insistindo-lhe para que aprovasse a Regra da Ordem, trazida do Monte Carmelo, com algumas adaptações necessárias e confirma a continuidade do grupo recém-chegado na Europa. De fato, Honório III, no décimo ano de seu Pontificado, atendeu às súplicas dos carmelitas e conselhos dos protetores destes, promulgou a Bula "Dilectis filiis", confirmando a Regra albertina e o estabelecimento legal da Ordem no Continente Europeu, em 1226. A comemoração Solene nos séculos XIV e XV celebra principalmente esta pretensa intervenção concreta da Virgem, de cujas versões apresentamos a que foi escrita por Maria (1939:166-167): "No reinado do Papa Honório III passava-se na cõrte pontificia uma cena inquietadora e turbulenta, semelhante a um conciliábulo presidido por Satanaz. Pessõas mal entendidas e peor dispostas avisavam ao Papa, para que suprimisse a Religião do Carmo, a apresentavam às suas accusações, que diziam serem graves e urgentes, um dia em

que o perigo de tornou maior, Maria Santíssima apareceu ao Summo Pontifice, e lhe disse que tal cousa não fizesse, pelo contrário que approvasse e confirmasse dita Ordem com a sua autoridade suprema. (O grifo é nosso) E acrescentou: em prova de que sou Eu que quero e mando, esta mesma noite morrerão no teu palácio dois de seus maiores inimigos. E com efeito, no tempo marcado entegravam sua alma a Deus, não sabemos de que modo, dois principes da Igreja, que mais hostilizavam a Religião Carmelitana".

O segundo milagre prende-se à lenda de uma animação súbita de uma estátua da Virgem, na cidade de Chester, Inglaterra. Por ocasião de uma procissão de desagravo, por motivo de uma peste, ao passar os carmelitas, vestidos com suas capas brancas por cima dos hábitos marrons — "the white friars", os chamava os britânicos — junto à estátua, esta se movimentou, voltando-se para estes, em posição de saudação, exclamando: "Aí estão os meus irmãos!" Disse isto três vezes. Esta lenda revela todo o apreço por este título — Irmãos da Virgem Maria do Monte Carmelo e a enorme luta que sustentavam para justificá-lo e mantê-lo.

O terceiro, se bem que atribuído ao século XIII, apenas no fim do século XIV é que aparecem as primeiras referências escritas sobre ele: trata-se da aparição da Virgem a São Simão Stock, primeiro Superior Geral da Ordem na Europa, residente na Inglaterra, em 1251. Rezam as narrativas: "Estando o Santo em oração, pedindo a proteção dos Céus para a Ordem, atribulada pelas dificuldades internas e externas, de que já falamos, ameaçada de extinção, a Virgem apareceu-lhe, vestida com o hábito completo da Ordem: túnica e escapulário marrons capa e capuz brancos, trazendo um escapulário nas mãos, e disse-lhe: "Recebe, Filho muito querido, este escapulário de tua Ordem, sinal de minha confraternidade; como um privilégio para ti e para todos os carmelitas. Quem morrer revestido com ele, não padecerá o fodo do inferno. Eis um sinal de salvação, proteção nos perigos, uma aliança de paz e de

pacto eterno." (Maria, 1939:38-40)

O certo é que a devoção ao escapulário do Carmo e o por ele generalizado do mesmo entre os leigos, em sua forma simplificada — dois pedacinhos de pano marron, de lã, ligados por dois barbantes brancos, colocado ao pescoço — atinge grande popularidade a partir do século XVI, sobretudo após a Bula do Papa Clemente VII, "Ex clementi Sedis Apostolicae", de 1530, recomendando e indulgenciando seu uso. Desde então, ao invés de cultuado quase só entre os adeptos da Ordem: Frades, Monjas e Irmãos Terceiros (leigos, homens e mulheres, casados ou solteiros, constituindo sodalícios, com ou sem o hábito da Ordem, reunindo-se em nossas igrejas, sob a assistência espiritual dos Frades), o escapulário estende-se para a universalidade do povo católico. A devoção recebe ainda um impulso maior com o decreto do Santo Ofício, datado de 1613, que "permitia aos Religiosos Carmelitas pregar ao povo os privilégios do escapulário." (Forcadell, op. cit:77) Desde então, o escapulário torna-se o sinal maior do patrocínio de Maria, celebrado na festa, a tal ponto que, em muitos lugares da Itália e Espanha, a Comemoração Solene passa a chamar-se "Festa do Hábito", isto é, do escapulário.

Uma tradição, não lembrada por Forcadell na obra citada, mas de muito peso até uns trinta anos atrás, muito referida nos livros sobre o escapulário, orações especiais e meditações das nove antigas do Carmo em nosso País, como, p. ex. da Província de Pernambuco, já publicadas, é a da aparição da Virgem Maria ao Papa João XXII e a promulgação, por este, da Bula chamada "Sabatina". João foi feito Papa em Avignon, governando bastante polemicamente, a porção do mundo católico fiel aos Pontífices residentes naquela cidade francesa, durante o cisma católico do Ocidente. Forcadell, não se referindo expressamente à esta Bula, apenas citando o "privilégio sabatino", que vamos logo descrever, evitou tocar na grande controvérsia ainda existente no seu tempo sobre a

autenticidade do documento e da aparição. Hoje, um e outro são contestados em sua historicidade e autenticidade. (CESCA, 1981) Autores carmelitas contemporâneos fixam a autoria da Bula Sabatina na Itália, nos fins do século XVI, com o propósito evidente de popularizar mais o escapulário. Nós, aqui neste trabalho, porém, estamos em busca não de discutir a veracidade histórica ou não das aparições, mas do significado delas para as representações coletivas que originaram e/ou reforçaram a Festa de Nossa Senhora do Carmo, sobretudo a do Recife. A aparição vem narrada no texto da Bula. A versão portuguesa aqui apresentada, retiramo-la da obra de Fr. Afonso Gumbau, já citado (1939: 137-149): "... Estando eu assim de joelhos em oração, se me apareceu a Virgem do Carmo, a qual me falou nestes termos: João, João. Vigário de meu amado Filho! Assim como eu te livrarei de teu inimigo e por um assignalado favor te faço Papa, graça que eu alcancei de meu Filho com as minhas súplicas, assim convém agora que concedas ampla confirmação e graça à minha santa e devota Ordem do Carmo, começada por Elias e Eliseu no Monte do Carmo. Como vigário de meu Filho debes confirmar na terra, o que Ele tem já concedido nos Céus, isto é, qualquer que professe e guarde cuidadosamente a Regra de meu servo Alberto Patriarcha, aprovada por meu amado filho Innocencio, e perservere em santa obediência, pobreza e castidade, se salvará: e todos os que entrarem por devoção nesta santa Religião, trazendo a insígnia do Santo Hábito, chamando-se irmãos de minha ordem já dita, se prometerem guardar castidade virginal sendo solteiros ou fidelidade conjugal sendo casados, ou continencia sendo viuvos, como manda a Santa Igreja, receberão logo a absolvição da terceira parte de seus pecados; e depois quando sejam já professos nesta minha ordem, em qualquer dia que passem deste mundo para o outro, receberão a absolvição de todos os seus pecados; demais se forem ao Purgatório, Eu, Mãe de graça e de amor, irei alli ao primeiro sabbado depois da morte, os livrarei d'aquelle

carcere e os levarei commigo ao Monte Santo da vida eterna. Mas, é necessário que todos rezem diariamene as Horas canonicas conforme está ordenado na regra dada por Alberto; aquelles porêm que não souberem ler, deverão jejuar nos dias prescritos pela Igreja e abster-se de comer carne nas quartas-feiras e sabbados de todo o anno, excepto no dia de Natal; a não ser que uma causa verdadeira os desobrigem do cumprimento deste dever. Depois que a Santissima Virgem disse estas palavras, desapareceu..." Porque a promessa se refere ao "primeiro sãbado apõs a morte, ficou sendo chamada de "privilêgio sabatino".

Os quatro relatos aqui transcritos do livro de Frei Afonso Gumbau, editado e reeditado no Recife, respectivamente em 1934 e 1939 (1) demonstram que os motivos tradicionais e multisseculares da Comemoração Solene de N.Sra. do Carmo foram transmitidos de vãrias maneiras à população do Recife, sob a forma de livros, das publicações das antigas meditações da Novena do Carmo, em livro e nos jornais, como vamos ver no capítulo III e, acima de tudo, nas pregações. No decorrer deste trabalho apresentaremos até que ponto foram ou não assimilados estes motivos da Festa, pelos devotos da Senhora do Carmo.

Sendo o mito "uma explicação do real", estes relatos das visões entram na consciência da Ordem, e, através dela, do pùblico católico que recebeu as pregações carmelitas, como "uma forma primeira de elaboração do dado da experiência," na expressão de Dumoulin e Guimarães (1984:14), aplicando as noções de mito ao fenómeno do Pe. Cícero do Juazeiro. O mito é colocado na categoria do "sonho", das aspirações mais íntimas, mais absorventes da

(1) A primeira edição saiu com o título: "O Santo Escapulário de Nossa Senhora do Carmo. A segunda, com o título já citado.

consciência coletiva. Assenta suas bases, por isso mesmo, na experiência vivida e sofrida do grupo que elabora, na resistência da vontade comum em concretizar seu objetivo, projetando-o no tempo e espaço da comunidade maior que o circunda, com a qual o grupo relaciona, interage. As elaborações posteriores, mais complexas e racionalizadas tendem a prescindir do mito, mas não a apagá-lo da memória, pois o grupo que isto fizer se arrisca a perder esta memória, a definhar, pois o mito reforça o significado do grupo, é o sonho do povo (cf. Dumoulin e Guimarães, loc. cit.), e sem o sonho, não se vive, se vejeta.

CAPÍTULO II

INÍCIO DA DEVOÇÃO À SENHORA DO CARMO NO RECIFE

2.1. CARMELITAS CHEGAM À VILA DO RECIFE - FUNDAÇÃO DO CONVENTO DO CARMO

Foi em Pernambuco onde desembarcaram os primeiros carmelitas a se estabelecerem no Brasil, vindos de Portugal, no ano de 1580. Chegaram na armada de Frutuoso Barbosa, e destinavam-se para a Paraíba. Aportando em Olinda, encontraram os religiosos uma ermida dedicada a Santo Antonio. À instância da população da antiga capital da Capitania, permaneceram lá os quatro frades, construindo logo, com a ajuda dos olindenses e do Reino, a primitiva igreja e convento do Carmo de Olinda, primeiros do Brasil, já inaugurados em 1584, para uns historiadores, em 86, para outros.

Nesta primeira parte, nos basearemos, sobretudo, em trabalhos de Mello, José Antonio Gonçalves de (1981), Pereira da Costa, F.A. (1976), e Pratt, Frei André (1939), este complementado com anotações datilografadas, minuciosas, página a página do livro, de Fr. Sebastião Boerkamp (1954).

Se a ocupação da ermida de Sto. Antônio de Olinda, pelos carmelitas recém-vindos do Reino e a quase imediata construção da igreja e convento foi pacífica, não se pode dizer o mesmo da fundação do convento e igreja do Recife. A história dos carmelitas nesta cidade se liga a duas tensões, surgidas no período que se segue à expulsão dos holandeses de Pernambuco - 1654 em diante:

a luta entre a nobreza rural, que dominava a Câmara de Olinda, e a burguesia do Recife, luta tecida de ressentimentos, rivalidades, descritos saborosamente por José de Alencar, p.ex., no seu romance "Guerra dos Mascates", que justamente teve seu grande desfecho nas escaramuças armadas, batizadas com aquele nome, no século XVIII; e as questões internas da Ordem do Carmo, resultantes da implantação, em Pernambuco, da Reforma da Ordem conhecida como "Reforma Turonense", gerando disputas entre os desejosos de aderir à Reforma — os "reformados" — e os que preferiam continuar no antigo estilo de vida, menos austero e de menos oração comum — os chamados "observantes".

Não se sabe quando vieram religiosos do Carmo de Olinda para a Vila do Recife. Consta de um requerimento dirigido à Coroa Portuguesa pelos religiosos moradores no convento do "Areçife de Pernambuco" datado de 1674, onde alegam morar "naquelle lugar onde se çituarão te acharem outro para se melhorarem de caza". (Mello, op. cit.) Referem-se então a 1667, coincidentemente, ano em que o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, um dos heróis da resistência pernambucana, governou Pernambuco interinamente, durante um semestre. Vidal era amigo e benfeitor dos carmelitas e tinha um filho (legítimo ou bastardo?) frei Francisco Vidal de Negreiros, membro da Ordem. Este estabeleceu os religiosos no Recife, conforme documento datado da Bahia, em 1676. O local doado pela Câmara de Olinda foi a "caza" ou Palácio da Boa Vista, que pertencera ao Conde Maurício de Nassau, Governador holandês de Pernambuco, já semi-arruinado. Além deste problema, o fato de estar um pouco distante da povoação do Recife e do porto, e de ser alagado pelas marés fez com que os religiosos se lançassem em diversas tentativas junto à Câmara de Olinda e, mesmo, ao Reino, no sentido de poderem construir um "hospício", ou pequeno convento, em outro lugar mais saudável e próximo do centro da povoação. Quatro a cinco tentativas foram feitas, e sempre recusadas; houve, inclusive, uma

ordem expressa, mas não cumprida, de se recolherem novamente ao seu convento de Olinda. Apelaram, mesmo para uma invasão domiciliar, onde puseram altar e sacrário, dela voltando ao hospício forçados por um cerco de infantaria. (Mello, op. cit:27; Pereira da Costa, op.cit:119) Por que todo este desejo de se estabelecerem no Recife os religiosos do Carmo? Bom, não é exclusivo dos carmelitas este projeto, mas de todas as ordens que, antes do domínio holandês, tinham domicílio em Olinda. Este movimento acompanha, certamente, o início da decadência sócio-econômica de Olinda e o progressivo desenvolvimento da povoação do Recife. Aquela, semi-destruída na conquista dos holandeses, não recupera, depois, seu antigo esplendor; esta, sede do governo batavo, seriamente abatida na guerra da restauração pernambucana, tornou-se mais e mais o ponto preferido dos mercadores portugueses, pelo seu ancoradouro, e a infra-estrutura econômica dos tempos da "Nova Holanda", não de todo destruída pela expulsão de seus fundadores. Acresce o fato de o Carmo de Olinda, igreja e convento, terem sido seriamente afetados pelo incêndio ateado na Vila pelos batavos, em 1630, e até a penúltima década do século XVII não estavam recuperados, como atesta uma carta de Frei Manuel da Assunção, ao Padre Geral da Ordem, em 1682, dizendo estar o convento "quasi de todo en el suelo, amenazando su ultima ruina". (Mello, op. cit: 26)

Nestas circunstâncias, entra em cena a Reforma Turônica, assim conhecida por causa da província francesa de Touraine, na qual se originou. Diferente da Reforma Teresiana, na Ordem do Carmo, aquela não se propôs a mudar o hábito, nem a abolir as modificações feitas na Regra dos Carmelitas, após a aprovação da mesma por Inocêncio IV, em 1247; mas sim, preconizava a reforma na vida de oração, em comum e particular, a meditação metódica, o exercício da oração aspirava, e a restaurar a pobreza, o silêncio, na vida conventual. Iniciada no final do século XVI, espalhou-se logo por toda a Europa, chegando a Portugal e daí, foi concebida a

idêia de se criar uma província reformada no Brasil, para atender às aspirações de muitos religiosos de abraçá-la, de um lado, e do outro, às necessidades da Coroa de ter uma participação mais efetiva da Ordem nos aldeamentos indígenas, no Nordeste, o que conseguiria mais fácil implantando-se o espírito de Touraine. Em 1678, os Carmelitas em Pernambuco conseguem implantar a Reforma no Convento de Goiana, obtendo neste ano a licença do Vigário Provincial, Fr. Francisco Vidal de Negreiros. Crescendo o número dos desejosos de viver a Reforma, o Geral da Ordem entrega-lhes o hospício do Recife, em 1683, logo revogando para o convento de Olinda. De posse do hospício, os "observantes" projetam e iniciam as obras do futuro convento. Mas, já em 1685, participando do Capítulo da Província de Portugal, Frei João de S. José, Comissário da Reforma no convento de Olinda, é eleito Comissário da Reforma Turonense no Brasil e se determina em definitivo a entrega do Carmo do Recife à Reforma e o de Olinda aos "observantes". Em contrapartida, o Rei concede a licença ao Frei João de se construir o convento do Recife e a igreja, em despacho de 1687, visto haver de ser este Convento cabeça da Reforma..." (Mello, op. cit:32). A construção do convento se faz mais a leste do Palácio da Boa Vista, passando este lugar a ser chamado de "Carmo Velho", hoje desaparecido.

Tudo faz crer que a igreja vai sendo edificada ao mesmo tempo que o convento. Haja vista uma escritura lavrada já em 1685, na qual o Capitão de açúcar Diogo Cavalcanti de Vasconcelos se comprometia a mandar fazer às suas custas a obra inteira da capela mor, encomendando-se a construção ao Capitão Antônio Fernandes de Mattos, o qual declarou em seu testamento, em 1701, haver recebido dos padres do Carmo do Recife "coatro sentos mil reis em dinheiro... para lhos fazer em obras no seu convento..." (Mello, op.cit:33). No frontispício da Basílica, está o ano 1767, como a data do término das obras da mesma, pelo menos em sua parte exter

na. Também consta que a imagem da Padroeira, que fica no altar-mor, e que foi coroada em 1909, foi doada aos frades pela Rainha D. Maria I (1734-1816), juntamente com a imagem do Carmo de Olinda, restaurado no século XVIII, e de Goiana. Não se sabe até agora, qual a imagem da Senhora do Carmo que presidia o altar principal na capela do hospício do "Carmo Velho".

2.2. IMPORTÂNCIA DO CONVENTO E IGREJA NA VIDA RELIGIOSA, SÓCIO-POLÍTICA E CULTURAL DA CIDADE

Vamos desenvolver neste item alguns dados que nos parecem indicadores das influências exercidas pelos religiosos do Carmo, a sua igreja e convento, nos vários campos acima elencados, na vida do Recife e, até, da Província/Estado de Pernambuco. Fazemos este registro baseados na hipótese de que muito contribuíram para o fascínio exercido pela Senhora do Carmo, no Recife, aquelas influências, bem como os apreços da população da Cidade e do Estado, que passaremos a descrever.

Naturalmente, uma das marcas salientes deste apreço no Brasil-Colônia, é o montante de doações patrimoniais, sob a forma de legados e títulos. A primeira delas foi a sesmaria de cem braças de "terra de salgado" ao redor do "Carmo Velho" como já falamos, hoje terreno foreiro do convento, abrangendo várias ruas adjacentes ao mesmo, no centro da cidade. Ainda em 1684, é feita outra doação em sesmaria, em virtude de requerimento de Fr. André da Anunciação, desta vez do sertão do Rio São Francisco, dez léguas de terras. Em 1700, recebem, os religiosos, do Governador do Ceará, três léguas de extensão nas margens do rio Paneminha. Neste mesmo ano, meia légua situada no rio Araíba, no Jaguaribe, Ceará, recebem os frades; em 1738, o Engenho Salgado; em 1717, o Engenho

Ubaca, das terras deste desmembrando o Engenho Jardim do Carmelo; depois, vieram os Engenhos Machado e São Domingos, todos em Pernambuco. De todo o patrimônio acumulado no Brasil-Colônia por doação, resta aos religiosos apenas o "patrimônio de N.Sra. da Piedade", situado na praia do mesmo nome, município de Jaboatão, Pernambuco, anexo a uma capela votiva, fundada pelo doador, Francisco Gomes Salgueiro, em 1683, adentrando-se, o terreno, pelo distrito de Prazeres. Este patrimônio, como as terras anexas aos conventos, foram incorporados ao patrimônio geral da Província Carmelita do Nordeste. O restante se perdeu por falta de religiosos administradores, quando da quase extinção da Província, na segunda metade do século passado, muitos invasores invocando a Lei de Usucapião.

Outra indicação da importância da igreja do Carmo nos tempos da Colônia e Império, são as Irmandades e Confrarias que nela se abrigaram. Temos elencadas as seguintes por Pereira da Costa (op. cit.p.139), pesquisadas nos arquivos do convento:

. Confraria de S. Crispim e S. Crispiniano — Fundada em 1612 no convento do Carmo de Olinda, transfere-se para o do Recife em 1680. Destinava-se, em sua origem, aos profissionais do ofício de sapateiro.

. Confraria de S. José da Agonia. Esta mudou-se da igreja dos Capuchinhos, para o Carmo, em 1848, mediante os termos de uma escritura pública, na qual os religiosos do Carmo lhe cediam um altar para seu padroeiro, um salão para sede (consistório) da confraria e um terreno para cemitério privativo. Ambas doações continuam até hoje, bem como a confraria.

. Confraria de N.Sra. da Luz. Resolvida a transferência para a igreja do Carmo, em assembléia-geral dos irmãos e competente autorização dos frades, trouxeram sua padroeira e pertences em solene procissão, da igreja de S. José do Ribamar, onde havia sido fundada, para o Carmo, em 15 de julho de 1883, passando os irmãos,

posteriormente, a adotar as cores do hábito do Carmo em suas roupas.

Não falamos aqui da Ordem Terceira do Carmo porque esta, de fato e de direito, pertence à Ordem. Fundada no Carmo do Recife, em 1695, confirmada já pelo Governo Geral da Ordem no ano seguinte, sua origem prende-se à iniciativa de negociantes portugueses, já professos na supracitada associação, recém-moradores da então povoação do Recife, que para esta emigraram de outras partes da Colônia, e do Reino.

Neste século, organizaram-se no Carmo: a Liga Católica Jesus Maria, José e a Cruzada Eucarística, hoje extinta, bem como um centro do Apostolado da Oração, a Pia União de Santa Teresinha do Menino Jesus e o Coral do Carmo do Recife.

Outro ponto deste item, são as atividades religiosas desenvolvidas pelos frades no Brasil-Colônia. As de ordem interna, ou "intra-muros", referentes ao culto na Igreja, à devoção a Maria, cultivada mesmo nos tempos de crise na vida claustral do convento, serão mais detalhadas no capítulo sobre a evolução da Festa do Carmo (CAP. III). Entre as de ordem externa avultam os aldeamentos, cuja história completa ainda está por se fazer. Os arquivos do convento, muito lacônicos, pelos motivos que se verão logo mais, e por ausência de documentação, citam os aldeamentos de Maranguape e Baía da Traição, ambos na Paraíba, e a presença de dois missionários no aldeamento da Preguiça. Infelizmente, os Carmelitas em Pernambuco não tiveram um Frei José das Chagas, carmelita português missionário na Amazônia, cognominado "Frei Bartolomeu das Cazas português" — antes seguiram aqui o projeto colonial português das reduções.

Alguns religiosos prestaram serviços à Diocese de Pernambuco, como Dom Frei Manoel de Sta. Catarina, natural de Olinda, Provisor e Governador do Bispado entre 1715 e 1720, e o Frei Carlos de S. José, examinador sinodal de Teologia, no mesmo Bispado, no

século XIX.

Outro sinal da importância e influência do convento e a igreja na cidade e Capitania/Província de Pernambuco, certamente se constituiu pelo apreço dado aos homens ilustres que residiram no Carmo, nestes quatro séculos. Alguns se destacaram na atividade e vida religiosa; outros, despontam mais nos trabalhos de cunho cultural; outra categoria é formada pelos militantes políticos, participantes das lutas libertárias sucedidas em Pernambuco, no século XIX; a maioria destes homens, contudo, se destaca em mais de um campo. Essa lista começa com o considerado fundador do Carmo do Recife, Fr. João de S. José, introdutor da Reforma Turonense no Brasil, muito elogiado pelos seus coetâneos, como Loreto Couto, citado por Pereira da Costa (1976:122), por seus dotes de coração, sua piedade: "Cheio de anos e merecimentos, faleceu no convento do Recife". Trabalhou também nos aldeamentos indígenas mantidos pelo convento. Numa resenha ligeira, temos: D. rei Manoel de Sta. Catarina, já lembrado, insigne teólogo e orador sacro, nomeado Bispo de Angola após ocupar o cargo de Provisor e Governador do Bispado de Pernambuco; D. Frei Pedro de Sta. Mariana, Preceptor de D. Pedro II, em sua menoridade, depois eleito Bispo do Rio de Janeiro, que recusou; Frei Joaquim do Amor Divno Rabelo Caneca — cujo nome está presente em cada uma de nossas maiores e mais antigas Capitais, mártir da Pátria, polemista e grande orador sacro, gramático e cultivador da Ciência Política, liberal e paladino da Democracia Participativa e Racial, executado em 13 de janeiro de 1825, sob protesto tácito da população do Recife, que muito o amava; Frei José Brayner, amigo de Frei Caneca, companheiro deste de lutas na revolução de 1817, comandante de tropas na campanha do Cabo. Preso e enviado para Bahia, como Frei Caneca, foi anistiado pelo Imperador juntamente com aquele em 1821. Frei Leandro do Sacramento, também recifense, licenciado em ciências naturais pela Universidade de Coimbra, depois tranfere-se de Pernambuco para

o Rio de Janeiro, onde é nomeado Professor de Botânica da Academia Médico-Cirúrgica daquela cidade, Procurador Geral da Ordem no Brasil, e tem como sua maior glória a fundação e primeira direção do Jardim Botânico do Rio. Foi ele também o primeiro introdutor da cultura e preparação do chá, no Brasil. Frei Lino do Monte Carmelo Luna, Vigário Provincial de Pernambuco, escritor e grande orador sacro, pesquisador de história, autor de vários escritos, entre eles a "Memória Histórica e Biográfica do Clero Pernambucano", e efetivo do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, Sócio do Gabinete Português de Leitura, e fundador da "Biblioteca Provincial", depois chamada Biblioteca Pública do Estado, que se instalou de início no convento do Recife, em 1860. Tendo professado na Ordem em 1843, Frei Lino solicitou autorização para tornar-se padre secular em 1856, mas, continuando amigo e ligado ao convento, sendo sucessivamente convidado para fazer os "panegíricos" da Festa do Carmo, como vamos ver (Cap. III) Frei João da Assumpção Moura, sucedeu ao Frei Lino no provincialato, homem de muita liderança e iniciativa, bem conceituado na cidade, embora não tenha se destacado nas letras ou nas ciências; deve-se a ele uma das mais notáveis obras de reforma da igreja, após recuperar, junto com Frei Lino, o patrimônio do convento, dilapidado por administrações anteriores. Tais reformas foram empreendidas em 1857, estendendo-se até a construção de um átrio espaçoso, em frente ao templo, cercado de alto gradil de ferro, com portões de frente e laterais. D. Frei Carlos de S. José e Souza, amigo pessoal de Frei Caneca, que o assistiu nos últimos momentos, acompanhando-o até o patíbulo, atendendo-o até sua execução, homem de grandes dotes de inteligência e coração. Professor de Filosofia e Teologia no convento do Recife, para os alunos da Ordem, foi Provincial de Pernambuco duas vezes, grande orador e conferencista, Visitador, também, dos carmelitas em Pernambuco, e um dos examinadores do Bispado, como já disse acima. Nomeado Bispo do Maranhão em 1843, fale-

ceu seis anos mais tarde, no Recife, vitimado pela febre amarela.

Durante a epidemia de cólera que assolou Pernambuco em 1856, vários carmelitas deram provas de heroísmo, não só no Recife, mas em cidades vizinhas, dentre eles, Fr. Herculano do Coração de Jesus, Fr. Manoel de Sta. Clara, Fr. Manoel de Sta. Ana e Fr. José da Magdalena, este também introdutor da vacina contra a varíola em Pernambuco.

Dentre os carmelitas mais recentes, já falecidos, destacamos: Frei Cirilo Font e Mariano Gordon, dos primeiros chegados da Espanha, em 1884, para restaurar a Província Pernambucana, reabrindo o noviciado, fechado havia quase quarenta anos, recuperando um pouco e dando condições de funcionamento a igrejas e conventos, iniciadores das obras de concertos e modificações da igreja do Carmo do Recife, que, se por um lado, tornaram-na mais limpa e acessível ao público, por outro, descaracterizaram em parte suas linhas e estilo barroco-rococô, trabalhos esses continuados por Frei André Pratt, Provincial durante muitos anos, escritor, pesquisador. Este, dedicando-se ao estudo do nosso passado, produziu sobretudo as "Notas Históricas sobre as Missões Carmelitanas no Norte do País" consulta obrigatória para quem empreende, ainda hoje, o estudo da atuação da Igreja na Amazônia, no século XVIII; facilitou também os arquivos do convento para pesquisadores leigos. Frei José Casanova Magret, apóstolo das famílias no Recife, revitalizador da Vida Carmelitana em Pernambuco, na Ordem e na cidade, Provincial por mais de 11 anos, fundador do seminário menor carmelita e incentivador das vocações nacionais, fundador de diversas associações de leigos no Carmo do Recife e de uma Congregação Religiosa Feminina, as Irmãs Missionárias Carmelitas, para colaborar na evangelização dos sertões do Nordeste. Essa lista termina com Frei João Brayner, Irmão Leigo, mais de 40 anos sacristão da Basílica que, com seu serviço humilde e dedicado e dotes de aconselhador, exerceu benéfica influência espiritual em

muitas pessoas que dele se aproximavam e o procuravam.

Faz parte desta resenha para demonstrar a influência da comunidade do Carmo na cidade, a participação do convento na vida sócio-política e cultural da sociedade recifense e da Província. Assim, nele foi fundada e funcionou inicialmente a Biblioteca Pública do Estado, em 1860; a Sociedade de Medicina de Pernambuco, em 1814, conforme placa aposta na biblioteca do convento; o Liceu Provincial — atual Ginásio Pernambucano — fundado em 1806, permaneceu no convento até 1844, apesar da precariedade das instalações, e contar "com duas vizinhanças das mais incômodas: o Hospital Militar, situado no andar superior, e o trem do Arsenal que corria nas adjacências." (Bello, 1978:84ss); parte do prédio se converteu em hospital, na emergência surgida com a epidemia de cólera, que assolou a Província em 1856, na qual vários carmelitas deram provas de muita dedicação aos doentes, como já vimos acima. O claustro também se prestou a cemitério improvisado dos inúmeros mortos, pela epidemia.

Em junho de 1817, quando já andava acesa a repressão contra os envolvidos no movimento revolucionário rebentado há 6 de março, na capital da Província, o Governador Luiz do Rego Barreto intimou os religiosos a deixar o convento a fim de transformá-lo em hospital militar e aquartelamento de tropas. Diz o decreto que "por bem do real serviço haja o Rvm. Sr. Prior de acomodar-se com os seus religiosos como lhes fôr possível, em ordem a se dirigir nesse convento o dito hospital, ou tomarem a resolução de se passarem para o convento do Carmo de Olinda, deixando alguns Religiosos para a administração da igreja e Sacramento aos enfermos;" (Pereira da Costa, 1958). Por que o convento do Carmo? Terá sido como representação aos patriotas carmelitas, Frei Caneca e Frei José Brayner, notadamente, heróis de 1817, deportados para a Bahia, com outros revolucionários pernambucanos? Ou por causa das dimensões do convento, ou de sua situação geográfica privilegiada, no centro do

Recife? O certo é que os frades se foram, alguns para Olinda, outros para a Paraíba (João Pessoa), para lá levando grande parte da biblioteca do convento do Recife, que por lá ficou; outra parte, guardada em caixotes, perdeu-se. Os Religiosos que ficaram no Recife, para atenderem ao culto na igreja, tiveram que improvisar quartos nos corredores anexos ao templo, o hospital e quartel ocupando toda a área disponível para o convento; com a volta dos militares para suas Províncias de origem, terminada a repressão ao movimento de 1817, o hospital continuou no andar superior do convento, até 1833, quando foi substituído por um hospital de caridade, este até 1846, sendo o convento devolvido aos carmelitas. Isto custou a depreciação do prédio, o quase abandono do templo, e a perda da biblioteca. (Pereira da Costa, 1976). Juntamos aqui a notícia de mais duas pretensões de posse do convento do Recife, desta vez, vindas de Autoridades Diocesanas. D. João Marques Perdigão (1830 - 64), logo no início do seu governo, pretendeu a igreja do Carmo para sua Catedral, abandonando a Sé de Olinda, e as dependências do convento para seminário episcopal, com o patrimônio do mesmo. O outro bispo, D. José Pereira da Silva Barros, em 1882, tentou obter igreja e convento para os mesmos fins, sem lançar mão do patrimônio, reservando algumas celas para os religiosos; contra esta nova pretensão o Bispo teve não somente a reação dos religiosos, mas também da população da cidade (Pereira da Costa, 1976; 138-139).

A 26 de maio de 1821 desembarcam no Recife os patriotas pernambucanos, paraibanos e norte-riograndenses, envolvidos no movimento de 1817, deportados desde aquele ano para prisões na Bahia. Libertados dos cárceres pelo triunfo da revolução constitucionalista e liberal em Portugal, chegam em mais de cinquenta, de volta ao gozo dos direitos civis. Tiveram da população do Recife a mais carinhosa recepção, coroada com um "Te-Deum" em ação de graças, no dia 29 de maio, na igreja do convento do Carmo, morada

de, pelo menos, dois dos libertos, Caneca e Brayner. Foi tão concorrido o ato, diz Pereira da Costa, que as 580 tochas distribuídas, não chegaram nem para a metade das pessoas que compareceram! (Pereira da Costa, 1962:143-145)

Esta mesma multidão assistirá, consternada, irrequieta, a execução de vários destes em 1825, transformados então em vítimas do absolutismo do Imperador, contra o que se levantou boa parte de Pernambuco e outras Províncias do Nordeste, no movimento insurrecional conhecido por "Confederação do Equador". Particularmente dolorosa, para a população, a julgar pelos carrascos e prisioneiros que se recusam a enforcá-lo, foi a execução de Frei Caneca, mentor intelectual do movimento, autor de um anti-projeto de uma Constituição no Brasil, a ser debatido na Assembléia Constituinte, quando fosse vitorioso o movimento separatista. mais uma vez, as atenções se voltam para o Carmo do Recife; o Pe. Mestre Frei Carlos de S. José, Provincial, acompanha Caneca até o patíbulo, assistindo-o e confortando-o; o cabido dos cônegos da Diocese, então sem Bispo, dirige-se em procissão ao Palácio do Governo, a rogar à Comissão Militar clemência para o Frei, no que são repelidos. Corre célere a estória que o carrasco tinha tido uma visão de Nossa Senhora do Carmo, e, por causa dela, se recusara a cumprir a sentença de morte. Depois de morto, deixaram seu corpo num esqui-fe ordinário e o jogaram na porta da igreja do Carmo, fechada. Um dos frades recolheu-o e deu-lhe sepultura clandestina, nas sepulturas dos religiosos. Com as reformas da igreja e convento, foram estas sepulturas revolvidas, seus ossos misturados e postos no ossuário comum dos frades. (Costa, 1972: 51-55)

Uma das coroas que ornamentam as Ordens Religiosas no Brasil, na segunda metade do século XIX é a sua incorporação na luta pela abolição da escravatura. Pereira da Costa (1965:387), narrando a resolução dos beneditinos de Olinda de conceder a liberdade a todos seus escravos de Pernambuco e Paraíba já em 1831, acrescen-

ta: "nobilíssimo procedimento que foi imitado pelos padres do Carmo daquela cidade, e mais tarde pelos do Recife". De fato, este Autor, na outra obra que vimos citando, narra idêntica resolução, extensiva a toda a Província carmelita de Pernambuco, tomada no capítulo (assembléia geral) provincial de 1872. (Pereira da Costa, 1976: 138). Veremos no capítulo III como o ardor abolicionista que tomou conta da Sociedade Pernambucana, sobretudo dos jovens estudantes da Faculdade de Direito do Recife teve repercussão nas novenas do Carmo.

Outros eventos cívico-religiosos nos quais o Convento do Carmo esteve envolvido, neste século, serão citados e comentados no capítulo III.

Além destes pontos que dizem muito da importância do convento e igreja na vida da cidade, não menos ênfase pode ser dada à posição geográfica dos dois prédios, sobretudo da igreja, bem no centro do Recife, com sua torre principal de 50 metros de altura, o vértice com 35 metros, um pátio de dimensões razoáveis à frente, todo o comprimento, largura e altura do edifício difundindo importância, situado rente à calçada desde a reforma que retirou o adro, com boa visibilidade para quem chega ao Recife pelo porto...

Não é um ou outro destes aspectos, tomados isoladamente que, a nosso ver, constituirão argumento auxiliar da influência e fascínio que a Senhora do Carmo tem despertado na população católica do Recife, mas o conjunto deles, achamos nós. Vimos assim, a posição geográfica privilegiada da igreja e convento, no contexto dos edifícios do centro da cidade; constatamos a liderança exercida por vários religiosos, no Brasil-Colônia e Império, nos vários campos acima descritos, lideranças que granjearam a simpatia e mesmo o amor do povo, enquanto que os poderes constituídos da Colônia e Império os execravam, envolvendo a comunidade toda como no caso de Frei Caneva, nesta rejeição; vimos a igreja ser considerada, pelo seu porte e situação geográfica na cidade, digna de ser elevada à condição

da Catedral por dois Bispos; conhecemos também as circunstâncias sofridas da fundação do Carmo do Recife, o que, por seu lado, atrai as simpatias e compaixão do povo, cercado de uma aura de "justo sofredor" aos indivíduos ou grupos que se vêm frustrados em suas autênticas pretensões; o estabelecimento da Província Carmelitana Reformada Turonense no Convento do Recife, com seus começos de muita piedade, ressurgimento das tradições da Ordem, observância regular ... Mesmo que, no correr do tempo, a disciplina claustral tenha sido quebrada, por períodos diversos e por vários motivos, no entanto, o "fervor do começo" pode ter-se imiscuído na memória popular e funcionado até como uma cobrança da população, diante das fases de relaxamento posteriores, como veremos, de passagem, no histórico da festa.

CAPÍTULO III

FALA A IMPRENSA

3.1. OS FATOS

Como já expusemos acima a principal fonte escolhida por nós para o levantamento histórico da festa, foi o "Diário de Pernambuco". Este começou a circular em novembro de 1825. Sempre examinamos todo o mês de julho de cada ano, e, de cinco em cinco anos, o mês de junho, nos dias correspondentes à trezena e Festa de Santo Antônio, Padroeiro da Província, depois, Estado de Pernambuco. Nos anos de 1826 a 28, inclusive, faltam muitos números correspondentes ao mês de julho, "devido a coleção apresentar muitas faltas", como explicam os microfilmes correspondentes. A partir de 1829, a coleção apresenta-se completa.

O SILÊNCIO INICIAL

Até o ano de 1867 o DP traz, no cabeçalho, o Santo do Dia. Interessante notar que "Nossa Senhora do Carmo" só aparece a partir de 1832. Em seu lugar, lê-se outra comemoração própria do dia 16, no santoral católico desta época: a Festa do Triunfo da Cruz. Paralelamente a isto, nenhuma alusão à Comemoração Solemne, enquanto que a "festividade da Senhora da Saúde na Povoação do Poço da Panela" (DP-1829, 7 de julho), vem citada. Ao mesmo

tempo, o jornal estampa artigos de fundo de exaltação a D. Pedro I, de apoio franco ao Regime do "melhor dos Monarchas". Como explicar esta ausência da festa? Estávamos para admitir a hipótese que ela não passava naqueles anos, de uma comemoração interna dos frades do Carmo, quando, na edição do DP de 20 de julho de 1832, à p. 1707, deparamo-nos com o seguinte anúncio: "Amanhã sae o N.13 do Carapuceiro, tractando da Novena do Carmo. Estarão a venda avulsos nos lugares do costume." Este número 13 é, de fato, uma deliciosa crônica de costumes, em quatro páginas, sobre o ritual dos "namoricos" - verdadeira paquera institucionalizada, no entender do Autor - entre os "gamenhos" ou "pelintras" e o "madamismo" - um ritual ocorrendo simultaneamente com o ritual da Novena! Além disso, a dita crônica salienta a importância social da Festa do Carmo na sociedade recifense, já naqueles anos! Acontece que, desde 1831, com a saída de D. Pedro I do Brasil e a instalação do Período da Regência, a opinião do DP muda em relação ao I Reinado: D. Pedro é um tirano, seu governo é dito como contrário à Nação Brasileira, etc. Em 1833, encontramos no DP, no mês de julho, duas referências ao carmelita Frei Caneca: uma, na secção CORRESPONDÊNCIA, no Nº 155, onde se parafraseia um de seus artigos no "Typhis Pernambucano". Outra referência, à p. 636 do Nº 158, onde se tenta resgatar a memória do Frei e de outros revolucionários de 1817 a 24, até 1831 tidos como inimigos da Pátria, aventureiros, etc.

A nossa hipótese para explicar o silêncio em relação à Festa do Carmo, até 1832, e principalmente a não-inclusão de N. Sra. do Carmo no cabeçalho do Santo do Dia, é: A condenação e posterior execração, imposta ao Frei Caneca pelo Imperador, teria se estendido, em seus efeitos colaterais, aos outros carmelitas de Pernambuco, os quais, de uma maneira ou de outra, a começar do próprio Provincial da época, Frei Carlos de São José e Souza, deram sua solidariedade ao confrade, inclusive sepultando-o secretamente no convento. Neste caso, a própria festa máxima da Ordem teria caído

em ostracismo, em relação à grande imprensa da época, situação que perdurou até à mudança do regime.

Pela crônica do "Carapuço" ficamos sabendo de fonte segura, que a festa já era precedida de um Novenário solene, à noite, e que, após o mesmo, as famílias participantes se demoravam no Pátio do Carmo, à época um largo de proporção média, para o tamanho da cidade, cercado de sobrados e casas térreas, comerciais e de moradia, com várias ruas que nele desembocavam. Sobre os atos religiosos do dia 16, nada consta.

O DP continua parco em notícias até 1850. Algumas matérias no jornal, porém, fornecem alusões indiretas à festa. Uma delas, de 16 de julho de 1838, é um anúncio de alguém que pretende "alugar uma Cadeirinha nova com 2 pages (sic) vestidos para o dia 16 as nove horas até a tarde" - não seria para a festa, incluindo a Missa Solene e a pequena procissão - chamada "razoura" - pelo Pátio do Carmo, logo após o ato religioso na igreja? É de lembrar-se que não era feriado, neste dia. Em 1842 o DP estampa, no dia 19 de julho, uma poesia dedicada por um terceiro carmelita ao então Provincial da Ordem do Carmo, "por ocasião da Festa da mesma Augusta Senhora". Em 1843, no dia 21 de julho, sai uma nota na seção AVISOS DIVERSOS, de um cavalheiro que perdeu um rico botão de abertura na tarde do dia 16, no convento do Carmo, pedindo lhe fosse devolvido por quem o achou. Em 1846, um navio inglês, ancorado no porto do Recife, trouxe à bordo uma máquina de fabricar gelos e sorvetes. Foi uma sensação na cidade: abriram-se casas de sorvetes, normalmente no horário das 5 às 9 da noite. Pois bem, na seção AVISOS DIVERSOS do dia 16 de julho, ocorre um anúncio de venda de sorvetes no Pátio do Carmo, das 10 horas da manhã até 9 da noite. Sendo dia de trabalho, e realmente, o único anúncio de sorvetes durante o dia que o jornal expôs, só se justificaria por um afluxo extraordinário de gente naquele logradouro.

QUEDA E CRESCIMENTO DA FESTA

Uma novidade meio desanimadora: desde 1845, Nossa Senhora do Carmo sai da relação do Santo do Dia, substituída por outros santos, voltando em 1849, desde então permanecendo enquanto o DP registrou o santoral diário. Pensamos ter encontrado a explicação para este novo silêncio em relação à festa. Ela é apresentada no DP, em artigo pseudônimo, escrito por quem se diz "amante e devoto" do Carmo. Está localizado na secção COMUNICADO, de 22 de julho de 1850. Seu título: "De feza dos Religiosos do Carmo". Dirige-se, o autor aos "desafeiçoados a nova administração carmelitana, e rai-vosos por verem o quanto tem os reverendissimos provincial, prior, e mais empregados novamente eleitos, esmerado-se no esplendor dos cultos da mãe S.S. do Carmo". Adiante, fala: "Na verdade, tem sido por todos confessado que ha muitos annos não tem o convento do Carmo apresentado uma festa tão pomposa, e com tanta concurrencia de devotos..." Após reconhecer que o convento deve na praça " mais de 14.000.000 rs" por dívidas contraídas dos antecessores da actual administração, reconhece que "a festa foi feita com as joias dos juizes que muito cooperaram e com esmollas dos confrades e devotos, aos quais os religiosos se dirigiram". Louvando, em seguida, o comparecimento de dois religiosos egressos da Ordem, reprova a ausência na festa "do ex-provincial frei João Pavão, e do padre frei Antonio de S. Roza, seu enviado à corte para....., (sic) aquelle deixando ficar-se em casa, e este encontrado no Recife na manhã do dia da festa, deixando, não obstante de residir no convento, de assistir os mais actos que se terminaram com o 'Te-Deum' à noite." Mais embaixo, o autor louva "a prudencia e heroicidade do reverendissimo padre provincial, e prior, que com nada succumbiram, deixando o publico tomar conhecimento da acção que esses dous religiosos praticaram, e nem tão pouco se desanimaram com a perda quasi de um lustre que se vio no dia da festa, que dizem

de proposito ter se cortado a corda que sustentava o mesmo." A coisa não estava para brincadeiras! Aí está o motivo: a festa foi prejudicada nestes últimos anos por estes dois ex-superiores, provincial e prior, sobretudo pelo primeiro, por irregularidades cometidas na direção da Província carmelita pernambucana e no convento do Recife, respectivamente. Contra o primeiro, um anônimo publicou nota no DP, em 6 de julho de 1847, dirigindo-lhe sérias perguntas sobre malversação dos bens da Ordem. O DP, mantendo sua linha de não-sensacionalismo, preferiu o silêncio em vez de denunciar a diminuição do brilho da festa, nos anos 40.

A partir de 1850, porém, a festa começa a ascender na imprensa, as notícias demonstrando o envolvimento maior de autoridades e povo. Assim, na secção VENDAS, de 19 de julho de 1851, lê-se: "Vendem-se ricas estampas de N.S. do Carmo, tanto em fumo como douradas, assim como outras muitas imagens, próprias para ricos quadros; na rua Nova, n. 63." Nossa Senhora do Carmo vem destacada, em relação aos outros santos. Neste mesmo ano, na edição de 21/07, o DP registra o expediente de 12 de julho p.p., do Governo da Província, no qual se ordena "ao comando das armas, para mandar prestar uma guarda de honra para a festa de Nossa Senhora do Carmo, no dia 16." É a primeira de uma série de ordenações deste tipo.

A FESTA DO FRONTISPÍCIO

Em 1852, surge pela primeira vez, no DP, referência à FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DO FRONTISPÍCIO. No frontispício da Basílica, acima do coro, posta em um nicho, está uma grande imagem de pedra de Nossa Senhora do Carmo. Pois bem, encontramos aí a notícia de eleição dos "Juizes, escrevães, e mais pessoas que hão de festejar a Nossa Mãe Santíssima a Senhora do Carmo do Frontispício do futuro anno de 1853", seguindo-se extensa lista de pes-

soas – Juizes, Juizas, Escrivães (mulheres e homens), "Procuradores", "Protectores" e "Procurador Geral", seguindo-se, na qualidade de "Mordomos": "Todos os devotos da Virgem Santissima e Senhora do Carmo do Frontispicio." Há necessidade de pesquisar em outras fontes esta festa, para tentar descobrir a data exata de seu começo e término. O DP fornece informações preciosas, mas não suficientes. Encontramos referências a ela até a 2a. década do século XX. O que nos interessa, para este trabalho, é o montante das listas que integram a comissão, as ocorrências da festa, que se afigura totalmente "leiga", isto é, sem a participação direta e controle dos religiosos do Carmo, ou mesmo dos confrades da Ordem Terceira, uma festa paralela à festa oficial da ordem, realizada na igreja mas tendo com esta última uma certa aproximação: é a mesma "Santa", a fachada do mesmo templo a ela dedicado, realiza-se no mesmo mês, uma, ou às vezes duas semanas depois da festa "oficial".

Para se ter uma idéia desde agora, do contexto desta festa, transcrevemos a crônica descritiva da que ocorreu em 1854, publicada no DP de 20 de julho daquele ano: "FRONTISPICIO DO CARMO - Os encarregados de festejar a Senhora do Carmo do Frontispício, no dia 23 do corrente, tem determinado os festejos da maneira seguinte : na madrugada do dia 21 do corrente levantar-se-ha a bandeira, depois de ter percorrido as ruas conduzida por quatro figuras, com direcção à Camboa do Carmo, rua Nova, Cabugã, Rosario estreita e largo (sic), a arvorar-se na haste, em cuja ocasião se soltará um bouquet de fogo de nova invenção, feito pelo insigne artista o Sr. Rufino Gomes da Fonseca; acompanhada a bandeira pelo Rvm. Sr. Fr. Jorge de Santa Ana Locio, e uma banda de musica do segundo batalhão da guarda nacional deste municipio, sob a direção do Sr. professor Hermogenes. Ao meio-dia de sabbado subirão aos ares tres gyrandolas, por ocasião do que a referida musica tocará algumas peças de nova invenção e bom gosto. À noite haverá vespersas,

e antes e depois dellas tocarã a musica marcial algumas peças escolhidas. Na madrugada de domingo haverã missa cantada. As 11 horas do dia de domingo (este ano, o domingo ocorreu no dia 23. Portanto, foram três dias de festa) terá principio a festa (nome designativo da missa solene ou pontifical com grande orquestra), sendo o celebrante o Rvm. Sr. padre mestre provincial Fr. João de Assumpção Moura, e pregador o ex-provincial o Rvm. Sr. Fr. Lino do Monte Carmello; na occasião do Gloria se soltarã um novo bouquet grande. Finda a festa e dadas as descargas do estylo, fenderã os ares pela vez primeira nesta cidade um balão de nova invenção, sustentado por uma grande figura. À tarde terá lugar a rasoura, acompanhando 16 meninas vestidas de branco, depois do que um segundo balão imitarã o primeiro, dando assim lugar a ser apreciada a obra de um pernambucano curioso. Seguir-se-ha o 'Te-Deum', sendo o pregador o Rvm. Sr. Fr. Joaquim da Santissima Trindade, e em conclusão se soltarã o fogo de vista, com variadas e novas figuras: rogam, portanto, para maior brilhantismo, que os moradores do pateo do Carmo ornem as frentes de suas varandas e janellas com colxas no dia da festa, e as illuminem nas noites da vespera e dia." Voltaremos ainda a este assunto.

Em 1853, dã-se um destaque ã festa do Carmo "que esteve esplendida e pomposa, maxime pela prodigiosa quantidade de girandolas... e dos repiques de sino, que não cessaram, para bem dizer." As palavras "brilho", "esplendida", "pompa/pomposa", serão a partir daĩ qualificativos constantes nas apreciações do DP.

AINDA O REFLORESCIMENTO

A 22 de julho de 1854, uma extensa matéria na secção COMUNICADO, assinada por pseudônimo: "O Espectador", tendo por título: "Apreciação da Festa dos Carmelitas", fornece preciosas indicações do estado da festa neste contexto de reflorescimento, após

as dificuldades já aludidas: Diz o articulista, no seu preâmbulo "... tivemos por um dever de reconhecimento dirigir aos mesmos religiosos (os do Carmo), um voto de louvor em nome do publico pernambucano, que de certo, neste objecto he conforme com nosso entusiasmo não só pela edificação religiosa, proveniente de tão pomposo acto, como pelo credito dos jovens e prestantes religiosos". Elogia inicialmente a decoração e asseio do templo, apesar de que "quase nada possui de paramentos proprios para seus altares, para suas arcadas e portas... porque tudo foi desbaratado, sumido e comido por alguns dos bons prelados antigos do convento: e o dizemos à vista de documentos..." Vê-se como causou mal estar na cidade os desacertos das administrações anteriores do Convento e Província, a ponto de ser lembrados, passados já cinco anos. A repercussão no Recife é um elemento demonstrador do apreço do povo pelo Carmo e pela sua Patrona. Mas, vamos adiante. Ficamos sabendo que a missa pontifical, celebrada pelo célebre Monsenhor Muniz Tavares, "por commissão de S. Exc. Reverendissima o Sr. Bispo Diocesano", foi assistida por este, em companhia do "Sr. José Bento da Cunha Figueiredo, digno presidente de Pernambuco... em tribunas decentemente decoradas." Pela primeira vez é registrada a presença do Bispo Diocesano e de autoridades máximas da Província, o que vai se repetir inúmeras vezes, até a presença do Arcebispo tornar-se praticamente obrigatória, após a proclamação de Nossa Senhora do Carmo Padroeira da Cidade. Quanto à presença das autoridades máximas da Cidade e do Estado, a insistência no seu comparecimento e o devido registro oscilará mais ou menos de acordo com a importância que lhe for atribuída pela comunidade dos frades e principais patrocinadores leigos da festa. Evidentemente, o destaque dado àquelas presenças pelo articulista se explica pelo prestígio que elas conferiam à festa, bem como a referência ao "auditorio numerosissimo, qual mui poucas vezes se tem visto em Pernambuco, e não he possível reunir em nenhum outro templo nosso." No entanto, duas

coisas não estiveram à altura do brilho anunciado no artigo: uma, "a musica instrumental e vocal do coro", "uma miseria", classifica o articulista; a outra - e aqui entra uma crítica de costumes ao comportamento do povo nas festas religiosas da época; refere-se à "nuvem de mulheres 'borboletas' devotas a mor parte por vadiação, que invadem e obstruem os templos a horas muito antecedentes, e que apossadas do ambito das igrejas não deixam lugar para mais ninguem; nem dão lugar às senhoras mais decentemente trajadas, a quem fazem guerra". E continua: "Tem-se formado esta legião de baratas 'papa festas', de certo tempo a esta parte para invadirem as igrejas e chamar-se à posse exclusiva da devoção." Para debelar este mal, o autor propõe "alguma cousa de policia em nossas igrejas, maxime em occasião de festividades tão magnificas".

Finalmente, discorre nosso "Espectador" longamente sobre as virtudes de inteligência e dons de oratória do então jovem ex-provincial Frei Lino de Monte Carmelo, pregador do panegírico da missa pontifical, terminando o artigo com a renovação do "parabem de Pernambuco religioso e regenerado" aos religiosos do Carmo.

Neste ano de 1854, a procissão, costumeiramente realizada após a missa solene, saiu à tarde.

Em 1855, continuam as referências elogiosas à "pompa e magnificência" da festa, ao cuidado que nela empregou o provincial, Frei João da Assumpção Moura. O destaque deste ano foi a procissão à tarde, que, pela primeira vez, diz o DP (ed. de 21.07.1855) ultrapassou o espaço do Pátio do Carmo, percorrendo várias ruas adjacentes, a imagem da Senhora do Carmo colocada "n'um rico carro triunphante, tirado por varios religiosos carmelitas..." Acompanhou a procissão "o Exm. presidente da provincia, commandante das armas, muitos officiaes do exercito, armada, e da guarda nacional, e grande numero de pessoas de distincção."

Em 56, além do convite dirigido pelas Venerável Ordem Tercei

ra do Carmo e Confraria de São José da Agonia (já transferida da Penha para a Igreja do Carmo) aos seus associados para participarem dos atos da festa, temos uma novidade: a notícia de uma rifa em favor do Carmo, que pode ser adquirida em vários locais de comércio do centro do Recife, a correr no dia 12 de julho e adiada para o dia 19, "indubitavelmente". Ao lado das esmolas, pedidas e espontâneas, ofertadas pela população, os carmelitas entram no campo das rifas para fazer frente aos custos da festa, costume aliás comum naqueles tempos, o DP divulgando rifas de várias igrejas e confrarias. No ano seguinte, 57, vem a referência explícita à Festa do Patriarca, o Profeta Elias, no dia 20 de julho, a Festa do Carmo transcorrendo nos moldes anteriores, com a presença do Bispo Diocesano, cônegos, "e grande número de seculares e regulares e pessoas gradas da provincia" à missa solene. A Festa do Frontispício continua a ter destaque, estes anos. Em 1858, além dos anúncios da festa, convites da Ordem Terceira e Confraria de São José d'Agonia, o DP publica "A pedido", uma poesia de louvação À Senhora do Carmo e ao Monte Carmelo, dedicada a um frade do convento por um amigo.

O Pe. Lino do Monte Carmelo Luna, tendo embora deixado a Ordem, tornando-se membro do clero secular, continua ligado ao convento, pregando frequentemente nas festas do Carmo destes anos. "Pompa e esplendor", "pompa e brilhantismo", são os termos costumeiros das notícias sobre a festa, que se reduzem — como, aliás, se reduz a parte destinada às notícias, no DP, a duas ou três páginas, as restantes, consumidas em propagandas comerciais e de espetáculos. O encurtamento do noticiário, no início da década tão abundante, acho que se deve também à saída do Pe. Lino do convento e ao fim do provincialato do Fr. João de Assumpção Moura.

Em 1864, duas novidades são destacadas: a participação de confrades da Ordem Terceira e amigos na "orquestra da Missa Solene e Te-Deum", e o surgimento da "nova banda de musica marcial —

"Philharmonica Carmelitana", que tocou nos intervalos das celebrações litúrgicas. Um soneto vem publicado em 1861, a 17 de julho. Novo poema em honra da Virgem do Carmo, por autor anônimo.

Em 1865 surge uma notícia explícita na secção REVISTA DIÁRIA, do DP, sobre a necessidade de se intensificar a vigilância na cidade, fazendo apelo à utilização da "guarda cívica", um serviço voluntário de prevenção e repressão à desordem pública. Esta nota, inserida na crônica da festa, dá a entender o clima de violência no Recife, aguçado nas ocasiões de muito ajuntamento de povo, como nos eventos religiosos, e impossível de ser controlado pelo contingente de tropa existente. Coincidindo com esta recomendação, em 1865, o jornal está cheio de anúncios de jóias, relógios, broches de gravatas, perdidos no dia 16, durante a procissão, dentro da igreja, etc: perdidos ou roubados, sem os donos perceberem?...

PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES

Em 1865, a secção de anúncios traz, durante e logo após a festa, o comercial de três folhetos, contendo Novena, Salve e Ofício de Nossa Senhora do Carmo, encontrados numa gráfica do centro da cidade. O mesmo anúncio aparece em 1867, no dia 13 de julho. Neste mesmo ano, vê-se, pela primeira vez, referência explícita à participação dos confrades da Ordem Terceira, "em cooperação aos respectivos religiosos, que são dignos de todo o elogio, nomeadamente os Rvms. Frs. Erico e Jorge." Os convites de comparecimento à Ordem Terceira e Confraria de São José d'Agonia incluem também a assistência à Festa de Sto. Elias, constando de Missa Solene e "Te-Deum", o que se repete no ano seguinte, o que faz crer num crescimento da solenidade da comemoração do Santo Profeta, Inspirador da Ordem.

SINAL DE LIBERTAÇÃO

Em 68, um fato de grande repercussão na cidade vem registrado no jornal. Apresentaremos aqui a notícia na íntegra: "Hontem teve lugar no convento do Carmo a festividade da senhora da mesma invocação, pregando ao evangelho o Rvd. Padre Lino. A igreja esteve esplendidamente adornada, e a concurrencia, quer pela manhã, quer a noite, foi immensa. Antes de entrar a festa deu-se um incidente por demais lisongeiro e que fôra nimiamente para desejar que se repetisse em todas as festividades. Gastam os festeiros tanto dinheiro inutilmente, e tantos brasileiros gemem no cativeiro! Porque se não acaba com foguetes e outras ninharias dessa ordem nas festividades? não seria mil vezes mais util, mil vezes mais agradavel a' Deus, que se remisse do captiveiro algumas crianças, com a quantia que despense com futilidades? No convento do Carmo antes de entrar a festividade baptizou-se como livre uma criancinha que nascera de ventre captivo, tirando para isso a respectiva mãe, com auxilio do Sr. Dr. Rufino de Almeida, entre os fieis alli reunidos, a quantia precisa para essa obra de caridade civil e religiosa. Quão edificantes não são estes exemplos?! A criança recebeu na pia baptismal o nome de Maria do Carmo, e foram seus padrinhos a Virgem Santissima da invocação da festa e o Rvd. prior do Carmo. Louvoures, mil louvoures a esses fieis que souberam elevar-se a' alturas de verdadeiros christãos, lançando no regaço do captivo o preço de sua liberdade." (Ed. de 17 de julho, p.1., REVISTA DIÁRIA) A mentalidade abolicionista e liberal do DP não poupa louvores a este gesto, que, pelo caráter e tamanho da notícia, teve repercussão no Recife, situando-se a vinte anos, ainda, de 1888, mostrando como o sentimento abolicionista ganhava terreno na Província e entre os religiosos, a ponto de ser explicitado com um gesto que, pela solenidade do momento e publicidade a ele dada, fez voltar a atenção da coletividade para o

estigma da escravidão, como anti-cristã.

Sobre este mesmo assunto, lê-se, em 19 de julho de 1869: "LIBERDADE. - Os Rvms. padres Lino do Monte Carmello Luna, Candido e Ernesto Ferreira da Cunha, querendo melhor commemorar a festa da protectora da ordem a que outr'ora pertenceram, Nossa Senhora do Carmo, deram carta de liberdade aquelle e seus irmãos a preta Victorina, de 42 anos de idade, pelos relevantes serviços prestados, e estes a duas crias suas Henrique e Maria, menores de 4 annos." Por que a festa ficou de repente ligada a causa da libertação dos escravos? O que levou religiosos e leigos carmelitas e ex-carmelitas a realizar estes gestos proféticos, por motivo de sua devoção a Senhora do Carmo? São perguntas a que não tenho ainda dados mais completos para responder.

O DINHEIRO NECESSÁRIO

Uma prova de que as festas, tanto a da igreja, como a do Frontispício dependiam das esmolas e doações da comunidade para se realizar, está no seguinte aviso: "FRONTISPICIO DO CARMO. - Em consequencia de se não ter ainda recebido quantia sufficiente para todas as despesas, foi transferida, para 22 de agosto proximo, a festa de Nossa Senhora do Carmo, que se venera no frontispicio do convento do Recife." (DP, 24 de julho de 1869, p.2, secção REVISTA DIARIA)

Em 1873, a 16 de julho, temos outra poesia no jornal; "Versos Dedicados a Santissima Virgem do Carmo", autoria de F.R.A.Ferreira.

COMEÇA A ROMANIZAÇÃO

A partir de 1875, e nos annos subsequentes, acrescentam-se algumas práticas religiosas às já existentes: o início da novena

desloca-se para o dia 6 de julho, e, na noite de 15, celebram-se "Vésperas Solenes", com coro e orquestra, em honra de Nossa Senhora. Passam a ser celebradas várias missas, antes da Missa Solene, a primeira às 4:30 ou 4:00 hs da manhã, outra missa "de comunhão geral", às 7 ou 8 horas. Após a Missa Solene, é dada, pelo padre provincial, a bênção papal, concedida aos carmelitas pelo Papa Bento XIV em 1745, para ser aplicada a todos que frequentarem as igrejas da Ordem, por ocasião da Festa do Carmo; após a razoura realizada pelo Pátio depois da Missa Solene, acontece a bênção com o SS.mo. Sacramento. Estes acréscimos se fazem sob a coordenação do Provincial, Frei Augusto da Imaculada Conceição Alves.

DE NOVO FREI CANECA

É de notar-se que entre os anos de 1875 e 77 saem, em dois tomos, as "OBRAS POLÍTICAS E LITERÁRIAS de FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA, colleccionadas pelo Commendador Antonio Joaquim de Mello", com grande destaque pela imprensa. O DP assim se exprime: "Para que o publico leia esse livro, não carecemos recommendal-o: sua melhor recommendação está no nome do autor de suas bellas paginas e também em parte no d'aquelle que as colleccionou." (16 de julho de 1877, p.2, secção REVISTA DIARIA)

IDAS E VINDAS DA PROCISSÃO E CARMELITAS ESPANHÓIS

Em 1880 sai a procissão da imagem de N.Sra. pelas ruas próximas à igreja. "Esse acto não se faz ha 24 annos", diz o DP em sua edição de 17 de julho. O percurso da procissão, mais extenso que o de 1864, foi o seguinte: Camboa do Carmo, Flores, Nova, Cabugã, praça da Independência, Duque de Caxias, Ouvidor, Imperador, Duque de Caxias, Livramento, travessa de S. Pedro, Hortas e Pátio do Carmo. A procissão saiu no domingo, dia 18, às quatro da tar -

de, certamente, pela possibilidade de maior concurso de povo, no domingo. Nos anos seguintes desta década, a procissão volta a circular apenas no Pátio, no dia 16. No relato da Festa de 1883, vê-se de novo elogios à nova administração da Província e convento carmelitas, o que evidencia a importância dada pela Imprensa à liderança e empenho dos frades como causa principal do maior ou menor esplendor da festa. Em 84, os cantores líricos de uma Companhia Italiana de Óperas, que se apresentava na época no Santa Izabel, executaram os solos na Missa Solene.

Uma amostra da grandiloquência dos anúncios do DP, referentes à festa, pode ser vista no "Programma da Festa de Nossa Senhora do Carmo", de 1885: "Na vespera do grande dia 16 do corrente ao meio dia, e ao som das excellentes musicas do 2º batalhão e da policia, uma salva de 21 tiros annunciarã ao povo desta capital a grande festa de Nossa Senhora do Carmo; e nesse mesmo dia às horas do costume e com a maior solemnidade haverã vesperas, estando a igreja illuminada e armada do melhor gosto pelo distincto artista Bartholomeu Valeriano da Silva. A's 5 horas da madrugada do grande dia para o povo catholico, uma salva lembrará a todos os fiéis que é chegado o feliz dia da festa da grande Virgem do Carmello, havendo a missa rezada como é costume applicada ora (sic) todos os devotos. A's 10 horas do dia 16 impreterivelmente entrarã a missa solemne; ao Evangelho occupará a tribuna sagrada o excellente pregador conego Antonio Eustaquio Alves e Silva. A's 7 horas da noite entrarã o solemne 'Te Deum' pregando o Revd. Frei Pedro da Purificação Paes e Paiva. O vigario provincial convida, e espera que o orthodoxo povo da capital tome parte em todos os actos em honra da Santissima Virgem do Carmo, com aquella decencia, consideração e respeito, que costuma, e lhe é propria como eminentemente civilisado e catholico." Além da imponência atribuída ao ritual, e para complementá-la, vem o pedido expresso da autoridade sacerdotal, no tocante ao comportamento decente e respeitoso,

que é também a manifestação de uma expectativa a não admitir o contrário. Voltaremos a isto em outra secção. A festa de 85 marca, ainda, a presença dos religiosos espanhóis, que iniciaram em 84 a restauração da Província Pernambucana, ameaçada de extinção. Matérias publicadas neste ano, dão conta da aceitação destes religiosos pela cidade, destacando-se o Comissário Provincial, Frei Cyrillo Font.

NOVO GESTO LIBERTADOR E COMPROMISSOS

O gesto libertador de 1868 é repetido em 1887; eis o que diz o DP: "... O digno provincial dos religiosos carmelitas entregou quatro cartas de liberdade a escravizados obtidas com a quantia que, anualmente, era despendida com as girandolas de foguetes. Foi um ato commovedor e que deve ser imitado." Assim como em 68, a expansão da campanha abolicionista em Pernambuco encontrou eco entre os promotores da festa, ocasionando mais este gesto, indicador de duas realidades, ao nosso ver: primeira, a tentativa de a festa se inserir no contexto das aspirações de cunho cristão e social, da Sociedade, e, de outro lado, a reafirmação do cunho religioso "sério" que os padres e dirigentes leigos querem impor, em oposição à tendência mais lúdica, mais "festeira", a qual, no entanto, não é marginalizada — como se vê na aceitação da festa do Frontispício, onde os elementos da festa tradicional, luso-brasileira, são conservados integralmente —, mas se tenta uma solução de compromisso entre uma "festa" e outra, prevalecendo, no entanto, como principais, os elementos do ritual católico, recém-romanzados, sem exclusão dos outros aspectos — a música polifônica, bandeira da festa, foguetório, balões, iluminação do Pátio, etc. Esta outra expressão vai ser até promovida, com a festa "de rua", no futuro, sem prejuízo da principal. E assim, agradando-se a ambas as tendências e seus defensores, os frades conseguem manter o

controle sobre o conjunto da festa. Neste ano, ela é anunciada como "tradicional", e "precedida da mais importante novena, com grande e estupenda concurrencia de fieis de todas as classes até da mais alta sociedade", e "será celebrada este ano com mais esplendor, como ainda não tem sido." Mais adiante, a notícia destaca a assistência do "Sr. Bispo solememente paramentado de capa magna, com assistencia de Rvms. conegos cathedraticos, do clero religioso e secular desta capital, lentes do Seminario e os seminaristas do curso theologico, os Exmos. Srs. presidente da provincia, commandante das armas, chefe de policia e chefes das repartições publicas,"

Em 1888, é louvada novamente, "a concurrencia extraordinaria" no dia da festa. "O mesmo succedeu nas novenas, convencendo-nos que de anno a anno não tem diminuido o fervor religioso nos habitantes desta capital", continua a nota, de 20 de julho, à p. 04.

OS "BARÕES ASSINALADOS"

Na lista de "Juizes" e "Juizas" para a festa do ano de 1889, bem como a do Profeta Elias, avultam os títulos: Dr. Felipe de Souza Leão, Coronel Joaquim Maximiano Pereira Vianna, Barão de Gurjaú, Visconde de Campo Alegre; Comendador Antonio Gomes de Miranda Leal; as Sras: D. Anna Marcolina Pessôa de Mello, Baronesa de Morenos, Viscondessa da Silva Loyo, a Viscondessa do Livramento; a Baroneza de Jundiã... As eleições sempre presididas pelo último Superior Provincial brasileiro de Pernambuco, antes da vinda dos religiosos espanhóis e restauração da Província - Frei Alberto de S. Augusta Cabral de Vasconcellos, que não perdeu o título de Vigário Provincial, apesar de Frei Cyrillo Font ter vindo como o Comissário Provincial, com a subordinação do Carmo de Pernambuco à Província Espanhola de Castela.

A CIDADE RECLAMOU - AS INDULGÊNCIAS

Um incidente acontecido em 1889, do qual o DP fornece parcos detalhes, constando de uma bandeira nova hasteada no início da novena como de costume e, por estar mal pintada, serviu de gozação na cidade e de apreciações no sentido de que a devoção à N. Sra. do Carmo estivesse arrefecendo. Uma reação por parte da comissão da festa arrecadando em tempo recorde fundos para a confecção, pintura e gastos com fogos de uma nova bandeira, hasteada no dia 13- a novena já caminhando para o seu final - pôs termo à questão. (DP, 14/07/89)

Ainda este ano lemos os seguintes tópicos, nos relatos sobre a festa: "O espirito religioso nesta opulenta capital não tem arrefecido, e ainda que alguns visitem os templos sem o devido respeito, sendo frequentes as irreverencias, grande parte felizmen - te da população concorre às festividades com fervorosa devoção; o que ainda presenciamos neste anno da festa tradicional de N. Sra. do Carmo..." O grifo é nosso, para sublinhar a preocupação com a natureza contida, quase exclusivamente devocional, da festa. Sobre a música, diz esta nota: "... parecendo mesmo que os cantores mais se esmeram nesta festa especial da cidade do Recife." (DP, 19 de julho, secção REVISTA DIARIA) É ainda deste tópico a lembrança da iluminação de todo o pátio (não diz que tipo de luminária). É o começo da festa "de rua", ou festa externa. A partir de 1885, vem recomendada a comunhão e confissão, como meio também de lu-crar a indulgência plenária, instituída pelo Papa Clemente XI para o Dia 16, e em 1716, para toda a oitava da festa. Antes da chegada dos carmelitas espanhóis, não há referências a este Jubileu, o que faz crer que eles o trouxeram. A igreja é aberta todas as noites, durante a oitava da festa, para que os fiéis venham receber o escapulário do Carmo e ganhar a indulgência do Jubileu. Em 1892, o Papa Leão XIII instituirá a Indulgência "toties quoties",

isto é: os fiéis a lucrarão todas as vezes que entrarem nas igrejas da Ordem, tanto dos religiosos e monjas calçados como descalços (os da Reforma Teresiana), confessados e comungados, desde o meio-dia de 15, até à meia-noite de 16 para 17, e rezarem nas intenções do Papa, manifestas no Documento Pontifício.

Por ocasião do Canto do "Gloria", na missa solene de 1891, "flores e passaros foram lançados do alto da capella mór, aos alegres repiques do campanario e ao estourar de numerosa girandola de fogo do ar." (DP, 18/07/1891, p.2) O "Te-Deum" deste ano, intitulado "Nossa Senhora do Carmo", foi de autoria de um maestro pernambucano, que o regeu, - Santino Pinto -.

AS "DEVOÇÕES"

Ocorre pela primeira vez, no DP, no mês de julho, referência à "Sociedade dos Carmelitas Descalços", que, tendo a Virgem do Carmo por padroeira, "mandam rezar uma missa às 7 horas do dia no Convento do Carmo pela paz eterna dos seus consocios já falecidos, e à noite, na sede da sociedade, na travessa dos Expostos (no centro do Recife, desaparecida), celebrar-se-hã uma ladainha, com assistência de todos os associados." (DP, 16 de julho, secção REVISTA DIARIA) Sabe-se que os religiosos carmelitas descalços, chamados na época "terésios", por serem filhos da Reforma na Ordem do Carmo, consumada por Sta. Teresa de Ávila, no século XVI, se retiraram de Pernambuco, aliás, de Olinda, do seu convento e igreja de Santa Teresa, - hoje ocupados pela Santa Casa de Misericórdia, - no ano de 1823. Todos eram portugueses, e foram-se de volta a Portugal, por não concordarem com a independência política do Brasil. Não sabemos a origem desta sociedade, ao que tudo indica, composta de leigos. Este e outros grupos que, a seu tempo, serão conhecidos, com o nome de "Sociedades" ou "devoções" de Nossa Senhora do Carmo ou "do Escapulário" constituem um desafio

para uma pesquisa mais aprofundada, que extravasa os limites deste trabalho. Não parecem muito recentes, pois o texto fala da intenção da missa "pelos seus consócios já falecidos". O importante, para o nosso estudo, é constatar a enorme popularidade da Festa do Carmo no Recife, celebrada em pequenas festas simultâneas, que se incorporam à "Grande Festa" no seu conjunto, utilizando, inclusive, para algumas de suas celebrações, o espaço da Igreja do Carmo. No ano de 1892, o DP traz, também no dia 16, a notícia da festa de "uma devoção de Nossa Senhora do Carmo, erecta na freguezia da Boa-Vista", fazendo a sua festa no domingo, 17, com missa rezada na igreja de São Gonçalo (igreja situada no bairro da Boa Vista, este, na época, completamente residencial, separado do bairro de Sto. Antônio, onde fica o convento do Carmo, pelo rio Capibaribe, e a ele ligado por pontes). A festa teve prosseguimento à noite, na sede da "devoção", à rua Visconde de Goyanna, nº 19, no mesmo bairro supracitado.

Ainda em 1892, o Sr. Bispo Diocesano presidiu a Missa Pontifical. O templo achava-se "bellamente adornado e literalmente cheio de fiéis." A "tradicional festividade de Nossa Senhora do Carmo" contou com "a pompa e esplendor dos costumeiros." (DP, 17 de julho, secção REVISTA DIARIA)

Em 1893, temos a registrar dois fatos: O primeiro é o incremento da animação da festa promovida pela devoção da Boa Vista; girândolas de fogos, durante a missa, celebrada na igreja de S. Gonçalo; o acompanhamento de orquestra nas ladainhas cantadas à noite, com o lançamento de "um lindo aerostato" e girândolas de fogos, em seguida. O segundo fato prende-se à festa em honra da imagem do Frontispício. Eis a notícia: "Alguns devotos mandam cantar hoje no respectivo convento às 7 horas da noite, uma ladainha solemne em honra e gloria a Virgem do Carmello do frontespício; e pretendem organizar uma devoção no intuito de fazer-se a festa annualmente, como sempre se observou em annos anteriores; demons-

trando assim aos fieis desta cidade que não deve ficar em esquecimento a pratica religiosa dos louvores ã tão bõa e carinhõsa Mãi" (DP, 19 de julho, secção REVISTA DIARIA) Por aĩ se evidencia: o esforço de fazer ressurgir a festa do frontispício, "como sempre se observou em annos anteriores"; a iniciativa não parte do clero, mas de "alguns devotos", desejosos de recuperar o espaço mantido tantos annos pelas famílias que sustentavam a festividade. Mas, os tempos são outros: acontece o processo da romanização da Igreja Catõlica no Brasil, a maioria dos frades carmelitas não são nacionais... Propõem, os devotos, uma saída para manter a festa: a organização de uma "devoção", como outras tantas jã erigidas na cidade, não sõ de Nossa Senhora do Carmo, mas de outros Santos e títulos de Maria. Assim, não ficaria mais a festa ao sabor das comissões eleitas de anno para anno, frequente occasião para o surgimento de jogos de interesses, de desejos de aparecer e promover-se socialmente, mas, seria o fruto de uma devoção vivenciada com práticas religiosas o anno inteiro.

Em 94, alẽm dos elogios costumeiros ao esplendor da festa na igreja do Carmo, na notícia da festa da Sociedade da Boa Vista - agora chamada Sociedade 16 de julho -, celebrada com o mesmo brilhantismo do anno anterior, acrescenta-se a distribuição de esmolas "aos pobres que apparecerem". (DP, 15 de julho, secção PUBLICAÇÕES A PEDIDO)

OS MOTIVOS DA FESTA

Em 1895, um longo artigo anônimo, de quatro colunas, ocupando a p. 2 do DP de 16 de julho, canta os louvores da Nossa Senhora do Carmo. Inicia, dando as razões da Comemoração Solene, pelas prerrogativas e graças especiais que a Teologia e Tradição Catõlica atribuem ã Mãe de Jesus, das quais destaca: a Maternidade Divina, a Imaculada Conceição e a Intercessão de Maria sobre o povo

cristão; faz em seguida uma série grande de citações dos Padres da Igreja e de autores contemporâneos, em louvor a Nossa Senhora, prosseguindo com uma tirada sobre a vaidade do mundo, recheada de casos de reis que foram derrubados – incluídos o Imperador Pedro II e Princesa Isabel; chega então à parte mais importante do artigo: conta as origens da Ordem do Carmo, onde mistura história com elementos legendários; descreve belamente a geografia do Monte Carmelo, imortalizado pelo Profeta Elias, Eliseu, os Filhos dos Profetas, rememora as graças e favores concedidos pela Virgem Maria à Ordem do Carmo, sobretudo o título de Irmãos da Virgem Maria do Monte Carmelo, que a Ordem traz consigo, e, mais longamente, o Escapulário do Carmo, dando sobre ele "uma breve notícia", onde mistura novamente lendas e história, fatos ditos miraculosos, em apoio à devoção do Bentinho do Carmo, concluindo com uma lista de Papas que o recomendaram e indulgenciaram.

No DP do mesmo dia, saiu o programa da Festa, constando dos atos religiosos: Vésperas do dia 15; no dia 16, missa da madrugada, missa pontifical, razeira após a missa e Te-Deum à tardinha, a Festa de Santo Elias e Eliseu, no dia 20 e, novidade, vem igualmente anunciada a festa de Nossa Senhora do Frontespício, no domingo, dia 21, incluída no programa geral da festa, com missa e grande procissão à tarde pelas ruas próximas ao Carmo, quando "os religiosos carmelitas... resolveram com todo sacrifício, expor em solemne procissão, o grande vulto da mãe de Deus do Carmo, em carro triumphal e puchado por criancinhas..." Ainda no supradito número do jornal, temos em letras graúdas o "PROGRAMMA DA FESTA DA DEVOÇÃO DA EXCELSA VIRGEM DO CARMO DA FREGUEZIA DA BOA VISTA", com missa em S. Gonçalo, distribuição de esmolas e ladainha na sede da "devoção", desde o ano anterior sita à rua Velha, 118.

cristão; faz em seguida uma sêrie grande de citações dos Padres da Igreja e de autores contemporâneos, em louvor a Nossa Senhora, prosseguindo com uma tirada sobre a vaidade do mundo, recheada de casos de reis que foram derrubados – incluídos o Imperador Pedro II e Princesa Isabel; chega então à parte mais importante do artigo: conta as origens da Ordem do Carmo, onde mistura história com elementos legendários; descreve belamente a geografia do Monte Carmelo, imortalizado pelo Profeta Elias, Eliseu, os Filhos dos Profetas, rememora as graças e favores concedidos pela Virgem Maria à Ordem do Carmo, sobretudo o título de Irmãos da Virgem Maria do Monte Carmelo, que a Ordem traz consigo, e, mais longamente, o Escapulário do Carmo, dando sobre ele "uma breve noticia", onde mistura novamente lendas e história, fatos ditos miraculosos, em apoio à devoção do Bentinho do Carmo, concluindo com uma lista de Papas que o recomendaram e indulgenciaram.

No DP do mesmo dia, saiu o programa da Festa, constando dos atos religiosos: Vêspers do dia 15; no dia 16, missa da madrugada, missa pontifical, razzoura apôs a missa e Te-Deum à tardinha, a Festa de Santo Elias e Eliseu, no dia 20 e, novidade, vem igualmente anunciada a festa de Nossa Senhora do Frontespício, no domingo, dia 21, incluída no programa geral da festa, com missa e grande procissão à tarde pelas ruas próximas ao Carmo, quando "os religiosos carmelitas... resolveram com todo sacrifício, expor em solemne procissão, o grande vulto da mãe de Deus do Carmo, em carro triumphal e puchado por criancinhas..." Ainda no supradito número do jornal, temos em letras graúdas o "PROGRAMMA DA FESTA DA DEVOÇÃO DA EXCELSA VIRGEM DO CARMO DA FREGUEZIA DA BOA VISTA", com missa em S. Gonçalo, distribuição de esmolas e ladainha na sede da "devoção", desde o ano anterior sita à rua Velha, 118.

AINDA OS ESPANHÓIS E OS "BARÕES"

No dia 20, uma matéria assinada por "Um devoto", descreve a festa que, sendo "uma de maior devoção que se celebra nesta cidade, não deve passar sem descrição, ainda que succinta." O artigo termina fazendo muitos elogios aos "illustres padres carmelitas que vindo de além mar restaurar a Ordem, têm sido infatigáveis no desempenho de sua nobre missão", destacando um "subdito inglez" dentre os irmãos carmelitas. Refere-se ao Comissário Provincial, Frei Cyrillo Font. A edição de 21/07 traz a lista dos "devotos e devotas que tem de festejar a Virgem Nossa Senhora do Carmo no dia 16 de Julho de 1896": trata-se de extensa lista de homens, encabeçada por dois Viscondes e vários doutores, e de senhoras, encabeçada pela Baronesa do Livramento, com o título de "Juizes bemfeitores" e "Juizas bemfeitoras".

AINDA AS MOTIVAÇÕES DA FESTA

Em 1896, a procissão solene por diversas ruas do centro da cidade, substitui a rasoura pelo Pátio do Carmo, após a Missa Pontifical. Agora, a procissão sai às quatro da tarde. Não sabemos qual seria a imagem de N.S. do Carmo levada em procissão, descrita como "vultosa" em 95 e como "antiga e venerada" no noticiário deste ano. Na edição do dia 16 temos uma bela crônica, assinada por "Um catholico" que dá as motivações para a festa, com bastante referências e comparações entre personagens bíblicas femininas do Antigo Testamento e Maria, detendo-se também no patrocínio de Maria sobre os cristãos em geral e a Ordem do Carmo em particular, com ênfase na devoção do Escapulário do Carmo, do qual diz: "É com o seu santo escapulario, que havemos de destroçar os infernaes inimigos que assestam contra nós as suas baterias tentadoras no vasto campo desse mundo. É com elle que havemos de fazer cor-

rer essa maliciosa serpente que arma certo bote contra as nossas boas obras no sentido de afastar-nos de tão glorioso afan. " A motivação para a festa e louvação a Maria é totalmente de cunho espiritual. Outras notícias da festa exprimem a satisfação dos leitores do DP com as comemorações deste ano. Uma matéria de 19 de julho, dando uma notícia dos atos religiosos, pregadores da novena e do Dia 16, etc, acentua "que foram oferecidas muitas esmolas e donativos, merecendo especial atenção uma riquíssima vela de cera... ofertada por uma das devotas, a Exm.D. Ermelinda do Carmo Montarroyos."

A CHEIA E A FESTA

Em 1897 ocorreu enorme inundação no Recife. O DP traz até listas das vítimas, muito pobres em sua maioria, que tudo perderam, como também notícias de campanhas e promoções várias realizadas em prol dos flagelados. Não há uma só notícia sobre o possível engajamento da Festa do Carmo neste acontecimento. As cheias ocorreram pouco antes do 16 de julho.

A devoção da Boa Vista realizou uma festa solene, com novena, missa solene em S.Gonçalo, distribuição de esmolas aos pobres (não fala nas vítimas das cheias), ladainhas à noite e franqueio da sede da "devoção" ao público, na parte da tarde.

FESTA "DE RUA" - ORIGENS

Em 1898 destaca-se no noticiário o que podem ser considerados os começos da festa "de rua": Na secção Revista Diária de 17 de julho fala-se da iluminação do Pátio do Carmo, "caprichosamente organizada, nas fachadas de todas as casas do mesmo pateo." Também, após o "Te-Deum" e procissão do recolhimento da bandeira da festa, descida do mastro em frente à igreja e devolvida à sacris-

tia, tocaram bandas de música em frente ao templo "atê as 8 1/2 horas da noite."

OS DONOS DO "DIÁRIO" NA FESTA

Nestes três anos, o DP trouxe convite para uma missa mandada celebrar por um devoto, no dia 16, na igreja do Rosário de Santo Antônio, situada próxima do Carmo. Em 1899, na edição de 18 de julho, vem listado o elenco dos "Juizes" e "Juizas" da festa de 1900; encabeça a lista como "Juiza da Festa" a esposa do "confrade" (i.e, irmão da Ordem Terceira) Marianno Figueiroa de Faria. Ora, desde a década de 1850 até o ano de 1900, os Figueiroa de Faria são proprietários do DP. Neste mesmo ano, o DP registra uma pequena rixa do "Pequeno Jornal" com a confraria de S. José d'Agonia, sediada na igreja do Carmo, por não se ter ornamentado o altar de S. José na Festa do Carmo, como os outros altares. O provedor compareceu ao escritório do "Diário" para defender-se da acusação, jogando a culpa sobre os religiosos carmelitas, "porquanto a festa de que se trata é feita pelos revdms. sacerdotes do convento e sō estes podem responder por tal falta." (DP, 18 de julho, secção REVISTA DIARIA)

O INÍCIO DOS NOVECENTOS

No ano início do século, as notícias são pequenas, embora repitam a grandiloquência de sempre; o DP reduziu-se para quatro folhas, em 1900. No dia 18 vem a lista dos "Juizes" e "Juizas" para a Festa de 1901, bastante recheada com sobrenomes ilustres, na sociedade pernambucana: Rosa e Silva, Viscondessa do Livramento, Colaço Dias, Cardoso Ayres, Villaça e outros. Outro ponto interessante com respeito ao lado econômico da Comemoração: o DP registra no dia 13 de junho, o pedido do Superior do Convento, Frei An

drê Pratt, dirigido aos "dignos irmãos terceiros, confrades e a todos os devotos que tenham de dar suas esmolas, como sempre teem feito nos annos passados, se dignem envial-as ao convento, e desde já muito agradece a cada um o obulo offertado." Sob a direção do Frei Andrê, volta a sequência de missas das 5 ou 4 horas até às 9 da manhã, a das 7 com distribuição da comunhão eucarística. Em 1901, o Sr. Bispo Diocesano, Dom Luiz de Britto presidiu a missa pontifical. Uma nota do jornal de 19 de julho conta o sucedido na porta do templo, à chegada de S.Exa.: "... os gatunos aproveitaram-se da grande aglomeração do povo, para praticarem dous furtos. Do Coronel José Clímaco, um dos Juizes da Festa, furtaram um relógio e cadeia de ouro, e do negociante de joias Sr. David Ribeiro da Silva tiraram uma carteira de algibeira, contendo diversos anneis de brilhantes." O DP, sempre parco em notícias deste tipo não deixou de apresentar esta, talvez devido ao fato da enorme repercussão causada na sociedade, pela importância social das pessoas roubadas, montante do furto e a ocasião em que ele se deu. O fato atesta também, mais uma vez, a presença da "marginalia" na festa, quase sempre fora, mas às vezes surpreendida também dentro da igreja, atraída pelo comparecimento significativo dos ricos da cidade, e da população em geral, e não inibida pelo aparato policial pequeno. Mas, o DP - agora propriedade de Rosa e Silva - continua a referir-se à festa em termos de "sumptuosa", celebrada "com o maximo esplendor", e outros. A comemoração do Profeta Elias, no dia 20, aumenta em importância e brilho, estes anos, por inspiração do novo Superior, acima citado.

Em 1903, o destaque é a inauguração de uma lâmpada de prata, na véspera da festa, dia 15, ao som do Hino Nacional Brasileiro. Foi doada por um confrade, Sr. Álvaro Augusto Lins Wanderley Sobral. Acrescenta o DP: "Após a inauguração, o Sr. Álvaro convidou diversos amigos seus para tomarem um copo de cerveja em sua residência..." A banda de música no adro da igreja, "elegantemente or

namentado", tocando de 6 às 10 da noite do dia 16 e a queima de fogos de artifício, após o "Te-Deum", além da iluminação do Pátio, garantem os festejos externos.

No ano seguinte, estes são garantidos pela nomeação de uma comissão especial, que cuida dos fogos de artifício, girândolas, ornamentação do Pátio com bandeirinhas, da banda de música... A mesma comissão pediu aos moradores do Pátio que iluminassem as fachadas de suas casas.

A PROCLAMAÇÃO DA PADROEIRA

Os anos 5, 6 e 7 continuam no mesmo ritmo o clima de incremento das solenidades, até 1908, quando os religiosos iniciam, com apoio enorme da população católica, aristocracia, burguesia locais e o povão, a campanha vitoriosa para alcançar, primeiro do Bispo Diocesano, D. Luiz da Silva Britto e, através dele, do Papa Pio X, o decreto proclamando N. Sra. do Carmo Padroeira da cidade do Recife. A campanha cresce em intensidade, justamente na Festa do Carmo deste ano, com o aumento da coleta de assinaturas em frente à igreja, em cadernos que depois serão levados ao Papa por D. Luiz de Britto, e uma grande concentração e caminhada que, saindo de frente da igreja do Carmo, ao meio-dia, após a fala de vários oradores, membros da comissão, se dirigiu para o Palácio da Soledade, situado no bairro da Boa Vista, na rua do mesmo nome, a um quilômetro e meio de distância do Pátio do Carmo. Na época, servia o palácio de residência do Bispo Diocesano. Esta "romaria" vem descrita no DP do dia 14: o discurso do Presidente da Comissão, solicitando ao Bispo "a sua valiosa intervenção perante o Santo Padre Pio X, no sentido de ser alcançada do mesmo a graça de instituir canonicamente a Virgem do Carmo como padroeira da cidade do Recife." Sua Exa. comprometeu-se de público em realizar o pedido da população, concretizado nos cadernos com mais de 160.000 assi-

naturas. O DP exhibe estes fatos e as festas deste ano, acrescidas em sua animação com a expectativa deste decreto, na grandiloquência de costume. Não se furta, no entanto, a aceitar matéria de colaboradores anônimos que rebatem a acusação que corria em setores católicos do Recife, de "deposição" de Santo Antônio, considerado de há muito, padroeiro da Província, depois Estado de Pernambuco, e do Bispado de Olinda. Houve muito entusiasmo, portanto, com a idéia, mas também, alguma reação e oposição: Se Sto. Antônio era patrono do Estado e do Bispado, seguir-se-ia naturalmente ser padroeiro da cidade! O fato é que as devoções de Sto. Antônio, no Recife e de resto, no Brasil todo, popularíssimas no Brasil-colônia e Império - até 1854 era feriado em Pernambuco o dia deste Santo, sendo cortado junto com outros feriados ligados a santos e mistérios de Cristo pelo Governo com não pequena indignação de influentes católicos - ficaram inibidas com os Ministérios maçônicos do II Reinado e, sobretudo, com o processo de romanização da Igreja do Brasil, levada a cabo pelos "Bispos reformadores" que, entre outras medidas, empreendeu uma "purificação" das práticas devocionais dirigidas aos santos populares, entre os quais Santo Antônio. Acrescente-se a isto o fato de que os franciscanos alemães, chegados a Pernambuco no fim do século passado para restaurar a Província Franciscana não possuíam o mesmo entusiasmo pelo Santo confrade latino que seus antecessores lusobrasileiros. Resultado: nota-se, a partir da década de 1850, um descenso nas festas daquele Santo no Recife, ao mesmo tempo que um crescimento nas do Carmo.

Bom, deixemos falar agora o próprio Frei André Pratt, o grande inspirador desta campanha, em seu opúsculo anônimo - "CONVENTO DO CARMO DO RECIFE": "Effectivamente, achando-se de partida para Roma o respeitavel e amado Prelado, afim de fazer sua visita 'ad limina apostolorum', embarcou no dia 2 de Agosto, incumbindo-se da piedosa missão e sendo portador daquella supplica assignada por

mais de 160.000 pessoas, de todas as classes sociaes. A supplica foi escripta e enfeixada em elegante e artistico album, encadernado em velludo azul, com guarnições ornamentaes de prata dourada, em cuja capa destacavam-se estes dizeres: 'Supplicatio incolarum Urbis Recifensis Summo Pontifici Pio X'. (Tradução: Súplica dos habitantes da Cidade do Recife ao Sumo Pontífice Pio X.) Annuindo Sua Santidade a esse desejo do povo do Recife, expediu o competente diploma Pontificio, firmado no dia 25 de Novembro do mesmo anno, de 1908. De regresso ã sua diocese, trouxe D.Luiz aos seus amados diocesanos a alviçareira nova do feliz exito de sua missão junto ã Santa Sê, o que deu lugar a grandes e calorosas manifestações de alegria. Em 15 de Julho de 1909, entre festivos accordes de musica e perante concorridissimo numero de pessoas de todas as classes sociaes, congregadas no Palacio Episcopal, fez D.Luiz, publica e solememente entrega do honroso documento pontificio ao Revmo. Pe. Provincial dos Carmelitas." (Pratt - 1939, pp.32-33)

Deixemos falar o DP, de novo: A 6 de julho de 1909, lê-se a notícia da bandeira da festa, "com desusada solemnidade." No dia da Festa, antes do sermão, foi lido o Breve Pontifício pelo Mons. José de Oliveira Lopes, proclamando Nossa Senhora do Carmo Padroeira da Cidade do Recife, Logo em seguida, "atroou aos ares uma salva real de 21 tiros, e os sinos do templo, annunciando em festivos repiques esse acto da solemne proclamação, foram secundados por todos os campanarios das igrejas da cidade em consoantes accordes. A compacta multidão que se premia dentro do sagrado templo, não podendo conter seu santo jubilo, irrompeu em delirantes e entusiasticas acclamações ã sua Excelsa Padroeira." (DP, 17 de julho, secção ALMA RELIGIOSA). O jornal traz ainda, notícias das devoções da Boa Vista, com altar instalado agora na Rua do Riachuelo, não mais na Visconde de Goiana, e outra, chamada de "devoção particular", com eleição da comissão da festa. Estas notas constam da edição de 7 de julho.

No mesmo ano de 1909 foi confeccionada uma lápide e colocada no lado direito da entrada da Igreja do Carmo, para memória deste acontecimento. Traz, em latim, um resumo do que descrevemos, nos seguintes termos: "PIUS X - PONT - MAX - ENIXIS PRECIBUS DOMINI ALOYSII BRITTO EPISCOPI OLINDENSIS POPULIQUE RECIFENSIS BEATAM MARIAM VIRGINEM DE MONTE CARMELO PATRONAM HUIUS CIVITATIS SEPTIMO KALENDAS DECEMBRIS ANNO INCARNATIONIS DOMINICAE MDCCCXVIII BENIGNE DECLARAVIT ET SOLEMNITER DECIMO SEPTIMO KALENDAS AUGUSTI MDCCCXIX OMBINUS EXSULTANTIBUS PROCLAMATA EST."

DESENVOLVE-SE A FESTA "DE RUA"...

Em 1910, destacam-se: o incremento da festa do pátio, com retetas todas as noites do novenário, dia da festa, e até o domingo, 17; iluminação elétrica no Pátio, bem como dentro da igreja, e um conjunto de "elegantes barraquinhas", tudo abrilhantado com a queima de fogos de artifício, no dia 16. Além disto, a festa estendeu-se até o dia 17, domingo, com missa solene às 11 horas, cantada à grande orquestra, e a procissão à tarde pelas ruas circunvizinhas da igreja. Continua a "desusada pompa" no ano seguinte, com barraquinhas de prendas no Pátio, duas bandas de música durante as novenas, três no dia da Festa, iluminação elétrica, balões iluminados na frente das casas sitas no mesmo e na rua Paulino Câmara, uma das artérias que lhe servem de acesso, atual Camboa do Carmo.

... E TAMBÉM A "DA IGREJA"

Na festa da igreja, destaca-se a introdução da missa solene da Vigília, no dia 15 pela manhã, com salvas de 21 tiros, toques de sinos do Carmo e outras igrejas do centro ao meio-dia; início do jubileu concedido por Leão XIII - do qual já falamos em outra

secção - às duas da tarde; às 6 horas, canto das Vésperas solenes, à grande orquestra, com bênção do Santíssimo Sacramento e fogos de artifício, após o ato, na praça. Às 4 da madrugada "estando a vasta igreja profusamente illuminada a luz electrica, cuja installação foi confiada à conhecida casa commercial dos Srs. Martins, Galvão & C.^a entrará a primeira missa". Após esta, seguiram-se missas de meia em meia hora, no altar-mór, sendo na de 7, distribuída a Comunhão Eucarística, às 10:30, o Bispo Diocesano, D. Luiz da Silva Britto é recebido à porta da igreja "com todas as formalidades do estylo". Cantada a parte do ofício monástico, chamada "Tertia", entra o solene pontifical, presidido por sua Exa. Revma. Nunca faltou D. Luiz, à celebração da festa, enquanto foi Bispo e Arcebispo de Olinda. Teve como assistentes directos, o Reitor do Seminário de Olinda, professores do mesmo, e o secretário do Arcebispado. Como acólitos, serviram seminaristas daquela instituição. Após o pontifical à grande orquestra, à qual não faltaram solistas vocais líricos, de passagem pelo Recife, seguiu-se a procissão por ruas vizinhas ao Pátio. Às 7 da noite, novo sermão, "Te-Deum" e bênção do SSmo. Sacramento e descimento da bandeira. Este ano, dois carmelitas se encarregaram dos dois sermões panegíricos, o do pontifical e do "Te-Deum". (Da notícia do DP de 15 de julho de 1911, p.1)

Outro fato a destacar, este ano, foi a assembléia realizada no convento do Carmo, presidida pelo Coronel Alexandre de Caldas Padilha, à qual compareceram o Barão de Casa Forte, desembargadores, comendadores, coronéis, majores, capitães, membros da família Pereira Carneiro, Correia de Britto, Costa Maia, Bandeira de Carvalheira, Santos Villaça, Dornellas Camara, e muitos outros. Um "religioso carmelita" diz o DP, assessorou o presidente - teria sido o Fr. André Pratt?! - Objetivo do encontro: discutir a idéia da coroação canônica da imagem de Nossa Senhora do Carmo, já proclamada padroeira do Recife, e formar uma comissão para encami -

nhar o pedido ao Arcebispo, a fim de ele, por sua vez, solicitar mais esta graça ao Papa. Aclamadas com unanimidade as propostas, a comissão escolhida foi ter na mesma tarde com D. Luiz, que aceitou a idéia, "compromettendo-se encaminhar uma supplica latina e outra em portuguez ao Santo Padre, pedindo que permitta a coroação canonica de Nossa Senhora do Carmo, a exemplo do que se fez, solenemente, pelo cabido brasileiro ã Nossa Senhora da Aparecida, no Estado de São Paulo." (DP, 16 de julho de 1911, p.01) Tal pretensão será atendida, no entanto, em 1918, como se verá.

UM HIATO DE TRÊS ANOS

Pulamos neste momento, de 1911 para 14, por causa da invasão e empastelamento das oficinas do DP, naquele ano, que o fez permanecer fechado até 1912, em vista das lutas políticas no Estado, e o 2º semestre de 1913 não ter sido microfilmado, por dificuldades técnicas. O DP sai da crise com nova direção, mas os apreço e espaço dados ã festa continuam os mesmos: "Serã festejada com o brilho dos anos anteriores". De fato, este ano, a festa tem início no dia 5, e não a 6, como sempre. Adianta-se de um dia o hasteamento da bandeira, apõs a missa "cantada a grande orchestra", precedida de uma salva de 21 tiros e girândolas, às 5 da manhã, laudaina solene, sermão e bênção do SSmo. Sacramento. Como em 1911, a firma Martins Galvão & C^a, proprietária da "Garage Ford" ficou encarregada da iluminação interna e externa da igreja. Este ano o DP traz cobertura diária da novena. Inicia-se já com o templo "completamente cheio, notando-se entre a assistência numerosas famílias da elite recifense." Lá fora bandas de música tocam a retreta, apõs o ato religioso. Uma nota de 7 de julho dá conta das providências para reforçar o policiamento no bairro de Sto. Antônio, durante o novenário: aumenta-se o destacamento com "10 praças". Uma notícia do dia 8 explica o motivo: tem por título -

"A malta dos gatunos na Igreja do Carmo." Diz a nota: "A malta de gatunos que anda espalhada por todos os pontos da cidade não perde vasa para o exercício de sua rendosíssima 'profissão'. Agora estão vários delles em franca actividade na festa do Carmo. Dentre os que ali têm sido vistos destacam-se os conhecidissimos 'Chileno', Arthur Rios, Hermenegildo Santos, Americo Menezes, Francisquinho, 'Domingos dos olhos' e 'Bahianinho'. Ali foram já praticados varios furtos de joias, relógios e outros objetos. A policia que não os perca de vista."

E agora, uma notícia sobre a arrecadação financeira da festa: "Tendo em vista a boa acolhida que tem recebido a comissão encarregada de angariar esportulas os festejos que se devem realizar no referido dia, revestir-se-ão de desusada imponencia." Passou-se a uma nova política de obtenção de ajuda financeira e material pra festa; em vez de os frades pedirem para os devotos levar sua contribuição ao convento, é uma comissão que vai às ruas, lojas, casas, buscá-la. Então, o esplendor, o brilho da festa cresce com o montante do capital acumulado nas petições e contribuições espontâneas.

Um outro ponto, que o farto noticiário deixa a descoberto, mas cuja prática não começa este ano, é o costume de se facultar as seis "tribunas" situadas no presbitério, acima do cadeiral do coro, para serem ocupadas por "famílias em destaque da nossa sociedade, achando-se as tribunas todas ocupadas." (DP, 10 de julho, secção ALMA RELIGIOSA) À semelhança de camarotes, estes locais privilegiados reservados, com cinco, seis cadeiras, para as famílias ilustres, eram a recompensa por serviços prestados à festa e ao convento, ao mesmo tempo que ostentam também a aliança tácita mantida com esta classe.

As descrições dos atos litúrgicos do dia 16 conferem exatamente com as de 1911. Esta estrutura do dia da festa conservou-se praticamente inalterada até após o Concílio Vaticano II.

FESTA VERSUS "A TRIBUNA"

Antes de prosseguirmos com o DP, convém retomar aqui umas con siderações apresentadas pelo semanário da Arquidiocese - "A Tribuna Religiosa", iniciado em 1906. Na edição de 18 de julho de 1909, numa notícia sem destaque sobre o decreto de Nossa Senhora do Carmo Padroeira do Recife, o seminário frisa o caráter de "Padroeira menos principal", dado à Maria, em vista ao anterior padroado de Sto. Antônio. Termina a matéria, insistindo que não é feriado ou dia santo, o dia 16 de julho. No ano seguinte, nenhuma notícia, apesar de ter caído num domingo o dia 16, justamente o dia da semana em que saía o jornal. Em 1912, na edição de 8 de julho, no cabeçalho, uma reprodução dum quadro de Sto. Antônio, de Murillo, e embaixo: "Santo Antônio de Lisboa - Protector da Archidiocese de Olinda e da cidade do Recife." No nº 26, de 20 de julho, lê-se uma Carta Pastoral de D. Luiz da Silva Britto, cuja conclusão é a seguinte: "Dada nesta cidade do Recife, em nosso Palãcio da Soledade, aos 16 dias de Julho, festa da Gloriosa Padroeira Nossa Senhora do Carmo, de 1912, sob nosso signal e sello de Nossas Armas." Isto demonstra mais uma vez o apreço de S. Exa. pela Santa Patrona da cidade, sentimento não muito compartilhado, ao que parece, pelos redatores do semanário arquidiocesano. Neste mesmo número e no de 19 de julho de 1913, saiu uma pequena notícia sobre a Festa do Carmo, descrevendo-a rapidamente, e no final lamentando "que, apesar da reforma porque está passando a música sacra entre nós, ainda este ano nesta festa, se não tenha podido introduzir a música sacra segundo o 'Mottu Proprio' de S. S. Pio X ." (A Tribuna, ed. de 19/07/1913, p.3) Refere-se a nota ao decreto daquele Papa disciplinando o uso e qualidade da música sacra no culto, seja coral, seja instrumental, contendo uma série de medidas restritivas quanto ao uso de instrumentos, sobretudo os de sopro, e quanto à polifonia sacra dos períodos barroco e clássico .

Ora, as músicas da novena do Carmo e das Vésperas, inspiradas no classicismo vienense, encontrado e cultuado no Brasil desde o início do século XIX, bem como a própria distribuição das partes no ato religioso estavam em franca oposição às normas do "Mottu Proprio". Os frades justificavam a continuação do seu emprego, alegando a idade mais que centenária das composições. Enfim, o fato é que a tensão estava criada, e a querela respeitosa mas pública, prosseguiu, embora sem resultado, porque os carmelitas sustentaram seu ponto de vista, permanecendo a novena e Vésperas tradicionais até a grande reforma operada no novenário e festa, após o Concílio Vaticano II, como veremos. Em outros momentos da festa, porém, os frades anuíram aos desejos da Cúria: em 1916, está expressamente dito no jornal que o canto da "Tertia", antes do pontifical solene, será em Canto Gregoriano. E, na festa de Santo Elias, vem explicado no programa que "todas as composições musicas serão de rigorosa conformidade com o 'Motu-proprio' do saudo Pio X." (DP, 20/07/16, p.2)

Da festa deste mesmo ano mostramos o depoimento: "A julgar pelo novenário, que foi bellissimo e sobretudo concorrido, a festividade de hoje será imponente. A ornamentação do templo é por demais deslumbrante, realçando o altar-mor pela sua pintura. A iluminação electrica é farta e profusa, estendendo-se até a parte externa do convento do Carmo." (DP, 16 de julho, p. 3). Ainda este ano, o jornal faz referência a uma comissão encarregada dos festejos externos, composta "de distintos cavalheiros e devotos fieis..." (DP, 06/07/16, p.2)

PREPARA-SE A COROACÃO

Em 1917, outra novidade na festa "de rua": aparecem os primeiros brinquedos dos futuros parques de diversões: o jornal fala de "... um pequeno 'carroussel' para creanças, além de outros divertimentos." (DP, 07/07/17, p.2. secção ALMA RELIGIOSA) Neste

mesmo lugar, se pede ao chefe de polícia "mandar postar uma praça em cada porta da igreja, afim de evitar que se reproduza a 'bãlbũr dia verificada hontem". Não fala de que "balbũrdia" se tratou. Mas, as atenções da imprensa na festa deste ano se voltam para a campanha em prol da coroação canônica da imagem da Padroeira. Eis alguns trechos: "Attendendo aos sinceros e expressivos desejos do povo catholico desta capital, jã louvados pelo saudoso antistite, d.Luiz e hoje apoiados pelo exmo. e revmo. sr. arcebispo d.Sebastião Leme da Silveira Cintra, desde cerca de dois annos arduo e activissimo trabalho se vem realizando com o apoio dos religiosos carmelitas, para a consecução de um nobre e santo 'desideratum'..." Mais adiante, se explicita o tipo da coroa: "... preciosa corõa de ouro, diamantes e outras pedras preciosas que deverã ornar a fronte luminosa da imagem d'aquella que estã sempre prompta a inclinal-a piedosa aos afflictos, aos soffredores, aos supplicantes, e que se ha revellado pelas mais emocionantes provas de vigilante Defensora e Guarda da Capital Pernambucana." Exposta a qualidade do objeto a ofertar, e sua justificativa, vem a exposição das dificuldades: "A solemnidade que se pretende levar a effeito - uma das mais belas e complexas do ritual romano - requer somma tão avultada de esforços que sõmente ã tal emprehendimento se animam os que se sentem robustecidos pela fẽ ardentes, pelo vivo amor, pelo reconhecimento illimitado para com a Generosa Dispensadora das graças..." Narra em seguida a sequência de reuniões realizadas no convento do Carmo, das quais resultou a constituição de um "Comitê Central", para dirigir os trabalhos da projetada coroação. Eis sua constituição:

"Presidente de honra: exmo. sr. barão de Casa Forte. Presidente effectivo, revmo. frei Andrẽ M. Pratt. Vice dito effectivo, coronel Alexandre Americo de Caldas Padilha. Secretario, dr. (ilegível o primeiro nome) Quintino Galhardo. Thesoureiro, Sebastião Muniz do Amaral." (DP, 11/07/17, p.2)

Na edição do dia 12, outra nota sobre o assunto, esclarecendo como os fiéis deverão colaborar: "... é de esperar que si todos os devotos da Virgem do Carmelo querem sua coroação, corresponderão generosamente ao sacrificio que reclama esta insigne honra e pelo mesmo, sua vontade se accomodará às obras... Um diamante, um brilhante, uma joia de ouro, todos e quaisquer donativos de nós generosamente desprendidos, ao poder magico da inspiração do artista se transformarão depois que tenham vindo donde bate um coração devoto de N.S. do Carmo, em uma corôa de singular belleza, que ostentará nossa rainha de futuro, como penhor valioso do nosso affecto... Na seguridade de que todos os amantes, filhos e devotos de Nossa Senhora do Carmo, corresponderão devidamente, em santa emulação, nesse testemunho de amor, fica desde já aberta a subscrição podendo ser entregues as joias e donativos aos senhores ou senhoras do 'Comitê central' ou aos religiosos carmelitas".

Outras notas de interesse para nosso trabalho: no dia 11, o DP também noticiou uma Festa do Carmo no bairro do BARRO, promovida pela Associação dos Carmelitas Descalços no Barro. Será a mesma, aparecida no jornal há dez anos atrás, ou outra? Na edição de 13, em artigo anônimo, se pede às autoridades para o dia 16 de julho ser feriado municipal. Tem início então o movimento neste sentido, que antes se limitava a apelos ao comércio e escolas particulares, e/ou notificação de tal ou tal firma ou escola que fechara suas portas no dia 16.

Não podemos deixar de registrar a ausência de impacto da horrível seca de 1915 nas Festas do Carmo destes anos. Se houve, não foi notificada no DP.

AGORA, PASSEMOS PARA 1918

Em primeiro lugar, a Sociedade Beneficente 16 de Julho (Carmelitas descalços) avisa que "içará em sua sede no pateo do Car-

mo, nº 20 antigo, 1º andar, a bandeira de sua padroeira", no mesmo momento do hasteamento da bandeira da Festa do Carmo, em frente à igreja. É dito que esta corporação festeja seu 42º aniversário. Também a Sociedade do Barro fará sua festa na igreja daquele subúrbio, a 21 do corrente, com bandeira às 18 horas do dia 19, sexta, e novena em seguida.

A banda de música da retreta deste ano foi providenciada pela esposa do então Governador do Estado, Dr. Manoel Borba. O Fr. André Pratt escreve um longo artigo, assinado, na secção ALMA RELIGIOSA, rebatendo acusações contrárias ao culto a Nossa Senhora do Carmo, como se desenvolve no Recife, iniciando o escrito com a defesa da religião, como apaziguadora de angústias, promotora de "melhores sentimentos", capaz "de satisfazer as aspirações mais elevadas do espirito e de produzir as impressões mais doces e agradáveis que a alma possa anhelar." Seu conteúdo é um conjunto de louvações a Maria, e a felicidade do povo pernambucano, por ter tal padroeira.

Continuam os pedidos para que seja feriado o dia 16.

Sobre a coroação: o DP traz três matérias. Uma, descreve a coroa, já pronta, e exposta na joalheria que a compôs, o "Regulador da Marinha", no centro do Recife: "É de ouro macisso, estylo francez, cravejada de pedras preciosas: brilhantes, perolas, rubis, saphiras e esmeraldas. Tem 60 centímetros de altura, com o peso bruto de tres kilogrammas. Está avaliada em 40 contos de réis. Grande tem sido o numero de pessoas que affluem ao Regulador da Marinha para apreciar essa obra d'arte de fino gosto, attestadora do sentimento catholico de nosso povo e do progresso da ouriversaria entre nós." (DP, 10 de julho, p.2, secção ALMA RELIGIOSA) Outra, faz uma longa defesa apologética da existência e da legitimidade das "mais eloquentes demonstrações do sentimento catholico do paiz" e da "doce fê que infiltram as belezas do catholicismo no coração humano", contra os que, negando estas rea

lidades, dão provas "de intolerável sectarismo que tudo escureça a olhos vendados". Todo o arrazoado sem endereço explícito, dá-nos a entender que partiram reações de meios política ou intelectualmente poderosos no Estado, contra o projeto da coroação canônica. Depois de dizer: "... a religião catholica representa uma força, um baluarte moral invencível (no Estado)" o artigo aponta, "entre outros brilhantissimos exemplos", os "exercícios religiosos da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, imagem cuja coroação solene os revdmos. religiosos daquele convento, nesta cidade, trabalham desveladamente por alcançar do capitulo da basilica de S. Pedro de Roma." Portanto, está evidenciada bem claramente a iniciativa maior dos religiosos do Carmo, em relação ao projeto aludido. Mais adiante, insiste - no que outros já fizeram - em argumentar pela legitimidade do propósito, pelo precedente, já aberto no Brasil: a coroação canônica de N. Sra. Aparecida, em São Paulo (DP, 09/07, p. 2) Em Salvador, Bahia, escreve um carmelita espanhol, lá residente, sobre o mesmo tema. Seu artigo é transcrito no DP, em 13 de julho. Ao reforço feito pelos da Terra, acrescenta-se o dos que moram fora. Elogios ao "piedoso povo" não são poupados. Fala aos brios dos pernambucanos. A data da coroação é descrita como "... o dia feliz que (o povo) acrescentará mais uma pagina gloriosa na sua brilhante historia", para, em seguida, justificar o clímax desta emoção: "... mas já o seu santo desejo raia nos limites do delirio (no sentido durkheimiano do termo, entenda-se), e todos a uma voz anciosos, impacientes..." Resta saber se realmente o povoão compartilhava de todo este entusiasmo, transpirado e, pode-se dizer, destilado pela imprensa, expressão do grande anseio dos frades, confrades do Carmo, e devotos mais ligados à Ordem, em geral. O empreendimento, dizem os artigos deste ano, conta com o amplo apoio do novo arcebispo - Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, mais tarde, o grande Cardeal Leme, do Rio de Janeiro.

Também neste ano se intensificaram os esforços para o comêr-

cio, indústrias, escolas, repartições, etc., feriam. Assim, vejamos: Na edição de 12 de julho, vem registrada uma carta da Diretoria da Associação Comercial, respondendo ao ofício dos "promotores da Festa de Nossa Senhora do Carmo" notificando o pleno assentimento daquela entidade ao pedido de se fecharem o comércio em geral e os bancos no dia 16. A mesma nota traz a íntegra do supradito ofício, encaminhado pelo "comitê encarregado da coroação canonica da Virgem do Carmo" e pela "comissão dos festejos à mesma Senhora". Baseia-se, a legitimidade deste pedido, em ter sido ele atendido no ano anterior e "considerando que o digno commercio dos florescentes Estados do Rio de Janeiro, Bahia, Parahyba e Parã também feriam os dias dedicados aos seus respectivos patronos São Sebastião, Senhor do Bom Fim, Nossa Senhora das Neves e Nossa Senhora de Nazareth, demonstrando assim que apesar da Igreja estar separada do Estado, não trepidam em tornar bem publicos os seus sentimentos religiosos." Assinam a solicitação: Fr. André M. Prat, "presidente effectivo, barão de casa Forte, presidente de honra; Caetano Galhardo, 1º Secretario, Manoel Carvalheira 2º Secretario, Jayme Gomes Saraiva, thesoureiro ad hoc." O pedido de feriado vem repetido numa matéria do dia 13, estendido também "as repartições publicas estadoaes e federaes". No dia 15, o Comitê da coroação e a comissão dos festejos encaminham mesmo pedido, conforme ofício mandado antes, ao mr. Jungstedh (sic), superintendente da "Great Western" para facilitar o ponto aos funcionários, também à Alfândega do Porto do Recife. O artigo comunica, igualmente, que o Governo do Estado e a municipalidade decretaram feriado. No dia 16, volta a se notificar o fechamento de todas estas entidades e repartições, além da Santa Casa de Misericórdia, que não dará expediente. Diante da situação concreta da Velha República, de portas fechadas, oficialmente, para acordos deste tipo com a Igreja Católica, esta recorre ao "jeitinho brasileiro", à instituição do "favor", como salientava Roger Bastide (1971), observa

do-a com respeito à ascensão dos mulatos na vida pública e profissional da Nação. No nosso caso, o "favor" é acompanhado da "do mesticidade": uma cidade consegue o feriado, abre-se o precedente para a Igreja em outras capitais alcançar o mesmo, para seus respectivos santos padroeiros. Assim, o que é negado na teoria, é concedido na prática, mediante um mecanismo de alianças mais ou menos tácitas.

Chegamos ao ano de 1919, o da coroação canônica. Que não aconteceu na festa do Carmo, mas em 21 de setembro. A festa, porém, foi realizada "com muito brilhantismo", a procissão é descrita como "imponente". Em uma matéria de 14 de julho, lemos a seguinte justificativa para a Comemoração Solene: "Gratas, enternecedoras e atrahentes são sempre para o povo catholico de Pernambuco as tradicionaes novenas e pomposa festa de Nossa Senhora do Carmo apesar de se celebrarem na época mais invernosa e inclemente do anno, o povo, compellido por intenso amor à sua padroeira querida, vencendo todos os inncomodos (sic) e sacrificios procura penetrar no seu vasto e sumptuoso templo para com preces saturadas de piedade e com dulcissimos canticos, prestar sua homenagem filial e pedir a confortadora bençam a Virgem Santíssima do Carmo. Bem justifica este entusiasmo a edificante manifestação de piedade, os especiais benefícios por Ella prodigalizados aos filhos desta cidade e as exuberantes provas de amor com que Ella carinhosamente attende a seus devotos. Devoção preciosa aos olhos da Santissima Virgem foi e será sempre a devoção do seu sagrado escapulario, prenda dos inesgotáveis thezouros de sua solitudine maternal para com a pobre humanidade..." Mais adiante, o artigo cita palavras do Papa Bento XV, governando a Igreja naquele ano (seu Pontificado estendeu-se de 1914 a 1922), dirigidas aos seminaristas do colégio pontifício de Roma: "... que todos estejais munidos de uma arma comum: essa arma é o escapulario de Nossa Senhora do Carmo, que tem o privilegio particular de proteger-vos

ainda depois da morte." A nota termina fazendo os dois costumeiros apelos: pelo comportamento respeitoso, "abstendo-se de proferir palavras impróprias do recinto sagrado, guardando o devido silêncio, respeito e ordem..." e pelas contribuições dos fiéis para a festa. Mais uma vez fica evidenciado o caráter espiritual, contido, das solenidades. Os religiosos tentam combinar um comportamento entusiasta, que se manifeste em momentos precisos, permitidos pelo ritual: subida da bandeira, chegada e saída da imagem, na procissão, através de palmas e vivas. Tudo isso sem quebra do respeito, não se permitindo manifestações "fora de hora". Outro ponto de destaque é a repetida menção ao Escapulário do Carmo, sinal concreto da devoção a Nossa Senhora do Carmo, que todo devoto contrai uma obrigação não jurídica, mas moral, de recebê-lo, e cujos favores, da parte de Maria, se constituem de graças, assistência e proteção nesta vida, e "ainda depois da morte", como assegura a palavra do Papa, invocada para legitimar ainda mais o apelo à devoção.

Este ano, o número de salvas, de girândolas e foguetes superou os demais: por cinco vezes, entre os dias 15 e 16, os tiros "fenderam os ares". Dom Leme continuou a tradição de D. Luiz de Britto, comparecendo, recebendo as honras "a que tem direito" e assistindo "pontificalmente" do trono a Missa Solene, celebrada pelo provincial, Fr. André Prat. A comissão das festas externas solicitou a iluminação à luz elétrica das frentes das casas no Pãtio do Carmo, na véspera e dia da Festa; este apresentou-se fartamente iluminado à luz elétrica, também, com barracas, dois coretos com bandas de música. A edição de 16 de julho do DP traz uma pequena notícia sobre a inauguração da praça do Carmo, no dia 15. O velho pátio transformou-se então em praça. Além da iluminação recebeu uma ornamentação extra de galhardetes e folhagens. O feriado foi garantido pela Associação Comercial e repartições públicas, que deram ponto facultativo.

No transcorrer da novena e festa intensificaram-se as reuniões do Comitê da coroação de Nossa Senhora do Carmo. O DP traz duas vezes a lista de participantes deste, a seguir: Fr. André Prat, presidente efetivo, Barão de Casa Forte, Presidente de honra, comendador José Baltar, Drs. Netto Campello, Fonseca e Silva e Nazareno Campello, Bruno Velloso, Carlos Falcão, dr. Cardoso Ayres, Arthur Lemos, Sergio Gonçalves, Achilles Schuller, dr. José de Goes, João Espíndola Pessoa, capitão Sebastião Amaral, Dr. Severino Revoredo, Bernardino Maia, Fonseca de Oliveira, dr. Landelino Camará, Dr. Thomê Gibson, coronel Alexandre Padilha, Dr. Epiphanio Bezerra, Albino Neves e Eduardo Dubeux. Fizeram gestões para escolher o local da coroação na Praça 13 de Maio, onde se situa a Faculdade de Direito do Recife, designou-se a comissão para mandar confeccionar o carro triunfal, resolveu-se arrecadar jóias e dinheiro até o fim de julho, para confeccionar um cetro imperial de ouro, para a imagem, já que as coroas, de Maria e do Menino Jesus estavam prontas, tendo esta última sido feita com doações das crianças e adolescentes do Recife.

Bem, não cabe nos limites deste trabalho a descrição e apreciação das festas da coroação, porque se realizaram fora do espaço temporal da Festa do Carmo. O DP deu ampla cobertura, como outros jornais do Recife, inclusive, na edição de 01 de janeiro de 1920, vem um comercial de uma publicação contendo "as mais detalhadas informações sobre a majestosa festa que o Recife teve a honra de assistir. Uma infinidade de factos que a nossa objectiva manejada pelo habil operador pernambucano F. Grossi, conseguiu como um 'Tour de force' photographar." (DP, 01 de janeiro, p.10) Por aí se vêem os ecos do acontecimento na imprensa, que reuniu, além de carmelitas religiosos e leigos, 19 Bispos e Arcebispos do País inteiro, inclusive o Primaz do Brasil. O ato foi precedido de novena. No dia 21 de setembro, das 3 da madrugada às 11 horas celebraram-se Missas ininterruptas, seguindo-se o pontifical ao

meio-dia. Pelas três da tarde, saiu a imagem, quase bi-centenária, doação da Rainha D. Maria I de Portugal ao Carmo do Recife, até a Faculdade de Direito, onde foi coroada canonicamente pelo Sr. Arcebispo Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra. Até esta data, apenas quatro imagens de Padroeiras tinham recebido idêntica homenagem, na América Latina: Nossa Senhora de Guadalupe, no México, Nossa Senhora de Lujan, na Argentina, Nossa Senhora da Aparecida, em São Paulo, Padroeira do Brasil, e Nossa Senhora do Carmo do Recife.

A NOVA BASÍLICA

Em 1920, a primeira surpresa: no dia 11 de julho, um telegrama de Roma transmite a notícia da elevação da igreja do Carmo à categoria de "basílica menor", pelo Papa Bento XV. Até então só duas igrejas existiam no Brasil com este título: a de Aparecida, em São Paulo, e a de Nossa Senhora de Nazareth, em Belém do Pará. Imediatamente, comunicou-se a notícia ao Cardeal Arcoverde, no Rio de Janeiro, e ao Arcebispo Dom Leme. Convocou-se o "Comitê de N.S. do Carmo" (teria sido o mesmo da coroação?) para um encontro de deliberações. Ficou estabelecida a data do primeiro aniversário da coroação, em 21 de setembro para a solenidade da sagração da nova basílica. Esta cerimônia veio a realizar-se, porém, só no ano de 1922.

A primeira novidade com respeito ao novenário, é uma sequência de pregações, todas as noites, com a participação dos mais importantes padres pregadores, da cidade, seculares e religiosos. Outra novidade: passando pelo Recife uma esquadra chilena, os oficiais foram convidados a participar do novenário, durante os dias que aqui estiveram. É sabido (e os jornais frisaram) ser a Senhora do Carmo padroeira do exército do país vizinho. No dia da festa, três Bispos de Dioceses pernambucanas participaram do Pontifi

fical: Dom José de Oliveira Lopes, Bispo de Pesqueira, celebrante, D. Ricardo Villela, de Nazaré, pregador, e D. João Tavares de Moura, Bispo de Garanhuns.

De 1921 destacamos em primeiro lugar a cerimônia do hasteamento da bandeira da festa, no dia 6, descrita com detalhes na edição de 7 de julho, o "symbolico preludio da mais pomposa festividade que a alma pernambucana annualmente celebra." Mais adiante: "Findo o santo sacrificio, começou a mover-se religioso e bem organizado prestito composto de creanças e senhoritas trajando de branco, confrades de diversas irmandades e irmãos da Ordem 3a. do Carmo, acompanhando o estandarte onde estava estampada a sacrosanta (sic) imagem de Nossa Senhora do Carmo, sendo este conduzido por figuras angelicas (isto é, meninas vestidas de 'anjo'). Fechava o prestito a banda de musica do 21º batalhão de caçadores. De bello e emocionante effeito foi o inspirado hymno da Padroeira do Recife, executado no meio da praça do Carmo pela orchestra e numeroso nucleo de senhoras. Ao recolher a procissão entre transportes de júbilo, estrepitar das girandolas e vibrantes acordes da musica marcial foi festivamente arvorada a bandeira precursora da grande solennidade a celebrar-se a 16 do corrente, sendo soltados nessa mesma occasião grande número de alvos pombos enfeitados de laços multicores."

A FESTA DE TODOS

Na notícia do dia 11 de julho sobre o novenário, lê-se: "Têm estas tradicionais solennidades neste Estado um cunho de raro esplendor e de verdadeira devoção, abalando a todas as classes que vão nestes dias a render à inclita Padroeira o preito de sua piedosa e sincera homenagem." (O grifo é nosso). Mais uma vez, dá-se a insistência em reconhecer a festa como sendo de todos, e a devoção abrangente para a totalidade da população recifense. Os arti-

gos perpassados de loas a Maria continuam, neste ano, como nos anteriores, comentando sempre trechos da Bíblia, sobretudo, o de Judite: "Tu és a glória de Jerusalém, a alegria de Israel, a honra do nosso povo", atribuindo esta frase a Nossa Senhora do Carmo, "que constitui a delícia dos nossos corações e a alegria de nossas almas." (DP, 15 de julho, p. 01). Multiplicam-se as referências genéricas de graças, favores concedidos por Maria ao seu povo, do Recife, sem especificar no entanto, quais sejam. O discurso triunfal, muito bonito às vezes, não desce às consequências de ordem prática para a vida das pessoas, não tenta dar respostas para a realidade dura do sofrimento do povo. Detêm-se no aspecto panegirístico, muito ao sabor da época. A própria festa aparece como um elemento de conforto espiritual, de consolação, em meio às durezas do dia-a-dia...

Em 1922, graves acontecimentos políticos no Estado, principalmente no Recife, vêm perturbar o desenvolvimento normal da festa, que se vê reduzida a um tríduo preparatório para o dia 16, em vez dos exercícios festivos do mês de julho todo, e do tradicional novenário. A oligarquia pernambucana, dividida em duas facções, o "borbismo" uma, e o "pessoísmo", outra, faz o Estado mergulhar numa campanha pela sucessão do Governador José Bezerra, falecido no cargo, campanha esta marcada pela violência, intolerância e radicalismo. Com os tradicionais "padrinhos" da Festa do Carmo envolvidos na luta, que ultrapassava os gabinetes políticos, invadindo as ruas, em escaramuças e arruaças, não era possível pensar-se numa comemoração solene, costumeira. (Cf. Azevedo, 1984:20-23)

MALANDRAGEM, LUZES E PAINÉIS

Na festa de 1923, permanecem os elementos: pedido e concessão do feriado municipal e ponto facultativo, a presença da comis

são da festa -- o "Comitê de N.S. do Carmo" --, a presença das mais altas autoridades civis e militares, na Missa pontifical; o grupo de senhoras da sociedade encarregado de ornamentar diariamente o altar-mór, recebendo doações em flores naturais de pessoas encarregadas para este serviço. Dom Miguel Valverde, atual Arcebispo, compareceu à festa, para celebrar a missa das 7 da manhã, não vindo à missa solene das 10 horas.

A notícia sobre o policiamento no interior da basílica e nas entradas da mesma, inclusive com fiscalização discreta de quem entrava e saía, com revista dos suspeitos, mereceu repetição no DP, uma indicação de que a segurança das ruas do Recife, sobretudo nos dias de grande aglomeração, não era das maiores.

Destacou-se também, este ano, o anúncio para a festa "dos Carmelitas Descalços do Barro", em sua sede, situada à avenida Dr. José Rufino, com missa cantada e bênção do SSmo. Sacramento pelo vigário do Barro; salva de 21 tiros pela manhã, ladainha, à noite, descimento da bandeira, banda de música, fogos de artifício, tudo realizado no domingo, 29 de julho, precedido de solene tríduo. Das outras devoções, não se fez menção.

Em 1924, o coral - "schola chorum" - do seminário arqui-diocesano, sito no Alto da Sé, Olinda, cantou a missa solene do dia 16, alternando-se as partes corais com o canto Gregoriano, como se tem feito desde a década passada, em cumprimento aos desejos de Pio X, de restaurar o Canto-chão na Liturgia. A procissão segue-se imediatamente à Grande Missa, percorrendo pequeno itinerário de ruas adjacentes à Praça do Carmo. Ao aviso do percurso da procissão, no DP, vem o adendo: "si o tempo permittir" (DP, 16 de julho de 1924, p.1), exprimindo uma das dificuldades que a festa tem sempre encontrado, e que às vezes a prejudica extremamente, sobretudo a festa "de rua": os rigores da estação das chuvas, no Recife, quase sempre atingindo seu ponto máximo em julho.

Notas dos dias 11 e 12 de julho, no DP, referem-se à rovena

do dia 12, dedicada à firma Seixas Irmãos & Cia, que será uma das mais imponentes, por decisão do estabelecimento comercial. "O pátio da basilica ostentará rica decoração que primará pela sua originalidade, apresentando uma iluminação feérica. No centro do pátio será erguido um sumptuoso arco triumphal, de uma peça de raro valor artistico pela primeira vez apresentada ao nosso publico. No alto ostentará uma vistosa allegoria à Virgem do Carmelo, painel dividido (sic) ao conhecido artista professor João de Freitas. Durante a festividade, será queimado um bellissimo fogo de artificio, a cargo do perito pyrothechnico. Tocarão duas bandas de musica", diz o DP, na secção ALMA RELIGIOSA. No dia 12, lemos: "A comissão externa (da festa "de rua") num gesto de agradecimento para com a referida firma (a Seixas Irmãos & Cia.), tendo em vista o esforço demonstrado para que seja a noite que lhe foi dedicada a mais imponente do novenario, resolveu inaugurar, hoje a ampliação de luz que devia ser feita, como de costume, na vespera da festa. Ao criterio e gosto da conceituada firma 'Electrica Delta comp. Ltd.' a quem está entregue todo o serviço de iluminação da festa, confiou a comissão externa 'uma surpresa' para a fachada da basilica, que fará parte da aplicação de luz a inaugurar-se. O serviço extraordinario para a noite de hoje, de fogos, luz, ornamentação e musica está sob o gosto artistico do sr. Joaquim Fonseca da casa Gallo Preto." Então, a festa em seus aspectos "externos", ou seja, iluminação, animação do pátio e ruas adjacentes, fogos de explosão e de artificio, retreta, ornamentação, etc., variava para mais ou menos esplendor, de acordo com a firma ou grupo de firmas patrocinadoras, e também de acordo com os membros da comissão, seu prestígio social, daí advindo maior capacidade em conseguir mais recursos. Por falar em recursos, o anúncio saído no DP para a comissão de arrecadação, no dia 5 de julho, diz o seguinte: "... a comissão da mesma festa dará depois de amanhã, principio à arrecadação das espórtulas, o que fará por intermédio

dos devotos irmãos cavaleiros: (seguem os nomes), aos quais se pede comparecimento à missa da bandeira ou das 8 1/2 para receberem as listas do local que lhes está destinado e saberem os companheiros das comissões parciais."

Em 1925, o artigo que anuncia o início da festa, elogia como em outros anos anteriores, o novenário, "... encantador em suas inspiradas harmonias musicas, docemente emocionante em sua expressão, tocante em suas sublimes preces e psalmodias, magestoso em seu conjunto, é ainda o mesmo que tantas gerações tem assistido." (DP, 5 de julho de 1925, secção ALMA RELIGIOSA) Nesta mesma matéria, que dá os avisos gerais para a novena e dia da festa, dentre estes, participa ao público que "... as seis tribunas da capella mór foram especialmente reservadas para as exmas. familias seguintes: Governador do Estado, Baroneza da Casa Forte, Virginia Colaço, cel. José Diogenes, Juiz e Juiza da festa". Uma novidade deste ano: os alunos da Escola Apostólica (seminário) Carmelitana fizeram parte do coral que executou partituras polifônicas na Missa solene.

Na festa de 1926, em obediência à lei municipal, as girândolas de foguetes de estouro foram substituídas por girândolas de "fogos de lagrimas coloridos". Pelo que consta das notícias do DP, nada ocorreu de diferente, ou extraordinário. Mas, em 1927, as girândolas barulhentas já "fendiam os ares", de novo! No dia 7 de julho, vem o apelo da comissão dos festejos externos ao chefe de polícia para "proibir as correrias e subidas de vagabundos aos coretos armados naquella praça... e outras cousas que venham perturbar a ordem publica e consequentemente a bõa marcha da imponente festividade." (DP, 07/07/27) Ainda uma vez, falta a consideração das causas daquela vagabundagem, um olhar mais profundo sobre o problema e possíveis buscas de soluções: não! É a ordem pública e da festa que precisa ser preservada, sem outras atenções para estes detalhes. Que diferença em relação às preocupações liber

tárias do século XIX, que a Festa do Carmo também assumia, como a libertação da escravatura... Não seria esta mudança de mentalidade uma resultante da intensificação da aliança com a aristocracia e a burguezia, predominantemente conservadoras? No encerramento da festa, quatro bandas se apresentaram na Praça e, além do feriado concedido pelo Governo do Estado, Municipalidade, comércio, bancos, indústria, escolas, "... attendendo a pedido, foi accordado entre a imprensa matutina e vespertina, não se trabalhar hoje." (DP, 16/07/27, p. 3)

Em 1928, o DP veio mais recheado que os dois anos anteriores com notas sobre a festa. Na edição do dia 24, temos uma descrição poético-mística do novenário: "Como nos dias anteriores, o piedoso exercicio teve inicio às 18 horas. Todo o templo apresentava vistosa ornamentação, salientando-se o altar de Nossa Senhora do Carmo, repleto de flores naturaes, offerta das familias recifenses. Diante do Santissimo Sacramento em exposição foram feitas as meditações do dia por um religioso carmelitano, seguindo-se o canto dos cinco Pater-Ave e Gloria. Apõs foram cantadas a ladainha e as preces eucharisticas 'verbum caro', pelo tenor Vicente Cunha e 'Tantum Ergo', seguindo-se a benção do Santissimo. Todo o ambiente, immerso em religioso silencio, ainda sob a impressão dulcissima (sic) da benção de Jesus Hostia, como que despertava daquelle extase para ouvir o hymno de invocação à Santa Virgem. E o cõro executava sob os accordes maviosos dos instrumentos o: Senhora do Carmo, Virgem Maria! Vinde em meu socorro, na ultima agonia! "

A Sociedade dos Carmelitas Descalços reaparece no noticiário, com a missa que mandam celebrar na igreja de São Pedro, nesta cidade, no dia da festa. Convidam também para uma sessão solene, ao meio-dia, em sua sede social, "encarecendo-se o comparecimento de todos os confrades". (DP, dia 14, p. 4) Ora, a "egreja" de S. Pedro, hoje Concatedral, fica no Pátio do mesmo nome, situa-

do bem perto da basílica do Carmo.

MUDANÇAS NO CONTEÚDO E PROCISSÃO

O longo artigo que geralmente sai no dia 15, iniciando-se com uma justificação teórica sobre os motivos de se celebrar a Padroeira, traz este ano algumas diferenças de conteúdo, neste ponto: O povo pernambucano celebra a sua Padroeira com todo o ardor e entusiasmo de sempre, para que jamais arrefeça em seu coração e em seu espírito de povo civilizado e verdadeiramente cristão o sentimento religioso, a mística flama "que accende e avigora em seu peito a convicção, a certeza, a verdade da idéia de Deus." Continuando mais adiante, diz: "Somos um povo, portanto, bafejados por uma immensidade de amor divino capaz de fazer desse abysmo aterrorador um oceano de misericordias, donde jogou luz para os campos opostos." Adiante, após chamar Maria com o título de S. Bernardo: Onipotência Suplicante, ou Onipotência na súplica, continua: "Somos ainda esse povo que sabemos melhor do que ninguém que o reinado de Jesus Christo deve prevalecer e que o melhor caminho para ir a Jesus é Maria Santissima." Trata-se de uma certa mudança do discurso, antes, centrado exclusivamente em Maria, com pouco aprofundamento teológico e vazado em termos e "slogans" triunfalistas. Neste escrito, porém, acena-se para a devoção a Maria como caminho para Jesus, Deus é colocado no centro da busca, da celebração religiosa, como ponto referencial último da festa, que tem por finalidade revigorar a fé nele. Permanece, contudo, no discurso, a mesma opção Igreja/Mundo notada no discurso pastoral da época. Ainda nesta matéria vem uma referência a "varios divertimentos funcionando no largo, abrilhantando-os quatro bandas de musica." Mas, o que é sobremodo original em 1928, é a mudança da procissão da manhã para a tarde, a total modificação e ampliação do seu percurso e inusitada organização. Foi marcada para as 16 horas, após muitos

anos sendo celebrada logo depois da Missa solene. Pela primeira vez, também, o percurso ultrapassa o bairro de Sto. Antônio, dentro da Ilha de Antônio Vaz, indo até o continente, ao bairro da Boa Vista, pela Ponte da Boa Vista voltando pela Ponte Santa Isabel. Além disso, o cortejo foi dividido em cinco grupos, tão grande era; antes da procissão, seus componentes deveriam localizar-se nos seguintes lugares: 1º grupo: associações de crianças, de frente e no interior da igreja matriz de Sto. Antônio (bem perto ao Carmo); 2º grupo: escolas e colégios masculinos, na Travessa Matias de Albuquerque (também bem perto); 3º grupo: colégios de meninas, no centro da Praça do Carmo; 4º grupo: Filhas de Maria (célebre e bem movimentada associação nacional de moças, vestidas de branco, com fita azul ao pescoço), e agremiações de senhoras, na Rua de Sta. Tereza, pátio e interior da Ordem Terceira do Carmo (vizinha à basílica); 5º grupo: sodalícios carmelitanos, autoridades, clero, comissões e representações, no interior da basílica. Todos estes grupos, na hora aprazada, se dirigiram uniformizados e enfileirados, para a Praça, de lá saindo em procissão, do 1º ao 5º, com seus estandartes, o andor de N.S. do Carmo no meio dos sodalícios carmelitanos, e finalmente, as comissões da festa, as autoridades ladeando o "pálio", com os superiores carmelitas, as bandas de música, e o povão acompanhando o préstito sem a estrutura do cortejo.

"POLYANTHÉA", DESORDENS E ROSÁRIOS

Outra novidade este ano, é o início da circulação de uma revista editada especialmente no dia da festa, a "Polyanthéa" de Nossa Senhora do Carmo". Impressa a expensas dos Religiosos, da Comissão da Festa e de muitos anúncios comerciais, era vendida nas portas da basílica e na Praça, durante todo o dia 16. Circulou quase ininterruptamente até 1947. Na apresentação deste nº 1,

lemos: "É em homenagem à excelsa padroeira desta cidade, que fizemos surgir A POLYANTHÉA, COM A APROVAÇÃO DOS SUPERIORES DA Ordem Carmelitana e o apoio unanime dos catholicos. Cremos, com o seu apparecimento, a bôa acolhida por parte do nosso povo que, por certo, nos encorajarã nesta empreza que nos traçamos afim de, nos annos subseqüentes, possamos apresentar a nossa revista mais desenvolvida, à altura de nossa cultura e educação religiosa." (Segue a apresentação). Como conteúdo, a revista traz um longo artigo, não assinado, sobre a história da fundação da Ordem Carmelita no Brasil, e seu desenvolvimento até o século XVII, trechos de sermões panegíricos de festas passadas, de autoria de oradores sacros contemporâneos, dois artigos sobre a devoção a N.Sra. do Carmo e o Escapulário, uma homenagem ao então Provincial do Carmo em Pernambuco, Fr. Elias d'Assumpção, com fotografia do mesmo, e facto serviço de clichês, contendo: a foto do altar-mor da basílica, o coração de ouro ofertado a N.Sra. em 1922, no mês de setembro, em ação de graças pela paz obtida em Pernambuco, o "Comitê das Festas de Nossa Senhora do Carmo" deste ano e o "comitê" da coroação de N.Sra., em 1919, fotos de "benfeitores" da Ordem e fotos da frente da basílica de dia, e iluminada nas noites da festa. Além disso, para se ter uma idéia do montante arrecadado com as propagandas comerciais, enumeramos 66 clichês de firmas do Recife, numa publicação de 28 páginas.

Por último, este rico ano de 1928 trouxe um facto a que o commedido DP deu importância desusada, indicador da enorme repercussão na sociedade recifense, com artigo de duas colunas na 1.ª página: trata-se das desordens ocorridas na véspera da festa, dia 15, domingo, na Praça do Carmo, na retreta. Autores da desordem: soldados do exército e officiais da polícia, uma hostilidade antiga e constante nesta época, no Recife, que havia atingido limites quase insuportáveis na campanha do General Dantas Barreto ao Governo do Estado, em 1911. Pois bem, dos desacatos entre elementos

das duas forças, passou-se ao tiroteio, resultando vários soldados e civis feridos, muita correria, o apagar das luzes do Pátio e muitas prisões. A sorte é que o pessoal parece que não atirava bem, não resultando nenhum ferimento mortal! Este fato veio engrassar a persuasão de ser perigosa para as famílias a festa "de rua", do Carmo, perigo que rondava igualmente, aliás, outra festa célebre, na época, a do Poço da Panela, no bairro da Casa Forte.

Em 1929 temos a destacar: a oferta de um rosário de ouro a Nossa Senhora, por iniciativa da Sra. D. Virgínia Colaço e colaboração pública, com filigranas de ouro e pedras preciosas. A jóia ficou em exposição numa loja no centro do Recife, e foi ofertada no dia 16 de julho. A missa solene, a procissão e até o início da grande matéria jornalística saída a 16 de julho, no DP, repete o ano anterior. Acrescentem-se notícias de celebrações em honra à Senhora do Carmo, acontecidas em outras igrejas e paróquias. O DP, a 18 de julho, regozijava-se com "... a ordem que reinou, este ano, durante o novenário e a festa de N. S. do Carmo. Nenhum incidente, digno de registro, verificou-se. É para louvar a attitude das autoridades federaes e estaduaes, evitando se reproduzissem as lamentaveis occurrencias do anno passado, entre soldados do exercito e elementos da polícia."

Nada de novidade registrou-se na festa de 1930, em relação aos dois anos anteriores. Apenas, o rosário, que estava para ser oferecido em 29, foi doado este ano, naturalmente por não haver reunido a quantia necessária para tal.

As notícias de 1931 falam de uma grande comissão dos festejos - não especifica se religiosos, se "profanos", além de "inumeros entretenimentos populares". Dentre os entretenimentos, referem-se explicitamente às barracas de prendas, "muito iluminadas". O tipo de organização da procissão deve ter sido a "marca registrada" do então provincial, frei Elias d'Assunção, porque se manteve inalterado durante o tempo de sua permanência naquele cargo.

O DP louva, ainda, a calma reinante na ordem pública, no novenário, com exceção do dia da festa, quando houve distúrbio na Praça, "depois das 10 horas". (DP, 18 de julho, p.3) Não poderia deixar de registrar aqui o espaço dedicado pelo DP, este ano, a publicar cinco das nove meditações lidas no novenário.

A FAMÍLIA COLAÇO

Em 1932, está como Provincial dos carmelitas o Frei José Casanova. Algumas modificações de pequeno porte se fazem: o novenário é presidido, cada noite, pelos superiores das principais casas religiosas do centro do Recife e vigários das paróquias do centro. A ornamentação do altar passa a ser confiada à exma. família Colaço. É introduzido, na missa das 7 horas da manhã, durante o novenário, normalmente cantada, o costume de oferecê-la na intenção dos membros desta família responsável pela ornamentação do altar e da basílica, naquela noite. No dia da festa, era toda a família que se encarregava da ornamentação do altar-mor, destinando as flores entregues espontaneamente na sacristia e as já utilizadas no novenário, para ornamentar os demais altares. O interessante é que, a partir de então, por iniciativa desta família, cada noite o altar apresentava-se enfeitado com flores e alfaias de uma cor diferente: a noite do vermelho, do amarelo, do azul (com hortências, flor caríssima aqui no Nordeste), do rosa, do lilás, etc. No dia da festa, era sempre religiosamente branco. Ultimamente, porém, ao branco acrescenta-se o amarelo. Aliás, o amarelo vem predominando no novenário. Nossa hipótese em relação a este fato, diremos em outro local deste trabalho. A família Colaço, juntaram-se as famílias Azevedo e Carvalheira, entrosadas por parentesco e casamentos realizados entre elas. Permaneceram detendo a exclusividade da ornamentação até a segunda metade da década de 1960, por motivos que serão ainda analisados, ficando com a res -

ponsabilidade apenas de enfeitar a basílica para o dia 16. O novenário ficou, então, entregue às associações religiosas sediadas na basílica, Coral do Carmo e Ordem Terceira, cada qual com uma noite, mantendo-se mais ou menos a tradição da variação de cores, sem, no entanto, a quantidade, a qualidade e, geralmente, a beleza dos arranjos proporcionada pelas famílias Colaço, Carvalheira, Azevedo. Além destes, os "floristas", ou pequenos comerciantes de flores, localizados até 1977 numa rua perto do Carmo, patrocinavam uma noite, a noite "da mistura", com flores de todas as cores e tipos. Com a transferência destes para o mercado de flores construído pela Prefeitura do Recife, desapareceu a "noite dos floristas", ficando a ornamentação a cargo de pessoas que a solicitam, como pagamento de promessas, votos, agradecimentos, etc. Voltando a 1932, o Arcebispo, D. Miguel Valverde, manteve a celebração da missa das 7 horas. Houve Pontifical, presidido pelo Bispo de Nazaré da Mata, Diocese da zona da Mata Norte de Pernambuco, - Dom Ricardo Vilela.

São classificadas de "brilhantes" as festas na Praça do Carmo, com fogos de artifício todas as noites do novenário e na festa. A organização da procissão se manteve idêntica à dos tempos do provincialato do Fr. Elias, com uma exceção: o SSmo. Sacramento foi levado sob o pãlio pelo Fr. Casanova, enquanto todos que participavam do cortejo, como os moços e moças de associações católicas, que se perfilavam nas calçadas, cantavam hinos, em vez da tradicional banda de música executando dobrados. Ao recolher a procissão, continuaram-se a cantar hinos eucarísticos e foi dada a bênção do SSmo. Sacramento. Por causa da muita chuva, a procissão teve de ser transferida para o dia 17. Isto foi possível, por ser domingo, aquela data. O DP observa que a chuva estragou muito o brilho e a frequência das últimas noites do novenário.

O "BODO" DAS CRIANÇAS POBRES

Uma novidade na festa de 1933, que vai repetir-se durante os próximos anos: deixemos falar o DP em sua edição de 15 de julho, p. 5: "Continuam animadas as novenas da festa de N.S. do Carmo, padroeira de Recife. Todas as noites celebra-se na basilica do Carmo os atos liturgicos em homenagem à Excelsa Virgem, com grande concurrencia de fieis. Além do cunho religioso que se empresta a esta grande solenidade há também o cunho de caridade. Assim vão ser socorridas em suas necessidades cerca de 1000 crianças pobres, com um bôdo. Uma comissão composta dos srs. Tercio Carneiro Lins Conte e diversas senhoritas chamadas Carmen percorreu ontem a cidade, angariando donativos alimenticios, sendo muito bem recebida pela população. Foi arrecadada no comercio onde esteve a comissão grande copia de pães, queijo, doces, etc." Na matéria do dia 12, o DP anuncia a oferta de um proprietário de fábrica de caramelos, de mil saquinhos de bombons, para o bodo. Trata-se de uma forma de partilha dentro do costume da época: movimentar a sociedade para uma grande coleta que incluia alimentos, guloseimas e, com o auxílio de membros desta mesma sociedade, realizar a distribuição, seja sob a forma de uma refeição, seja - como foi o caso aqui - da oferta de um pacote com gêneros e doces para serem levados pra casa. Junte-se aqui o toque pessoal, o estilo todo particular de organizar e criar iniciativas do espanhol e catalão Frei Casanova, chamando de "Cârmén" a falange de senhoritas da alta sociedade recifense da época, esquecido talvez da herôina de vida muito pouco religiosa da ópera de Bizet, de idêntico nome... Este enorme bodo realizou-se no dia seguinte ao da Festa do Carmo. Ao mesmo tempo que uma comissão coletava alimentos no comércio e indústria, outra entregava a crianças carentes das ruas e bairros pobres, próximos ao centro da cidade, os mil cartões que davam direito a receber os pacotes.

Jã em 1934, o bodo foi oferecido no dia 15, apõs a missa cantada da Vigília da festa. Foram paraninfas as senhoras que têm CARMO ou CARMELITA no nome, e as senhoras Virgínia Colaço, Tereza Pontual e Lilia Siqueira de Almeida. No dia 10 de julho, o DP publicou um pedido das famílias residentes ã rua da Concórdia, situada no 2º quarteirão atrás do Carmo, para que a procissão voltasse, este ano, a passar por lã, o que foi concedido, mudando-se um pouco o itinerário seguido ultimamente.

Além dos termos "pompa", "brilho", "suntuoso" e outros similares, nestes últimos anos os adjetivos "piedoso", "fervoroso", além da designação: "ambiente de fê e respeito" vêm frequentando as apreciações da festa religiosa.

Continua, em 1935, o uso de convidar-se superiores da casa religiosa e párocos do Centro para presidir a novena. O bodo teve lugar no domingo, 14, para mil crianças. Foi sorteado, na ocasião, um carro de brinquedo para uma criança pobre, oferta de um comerciante da praça. Além de alimentos e doces, as crianças receberam dinheiro e o Escapulário do Carmo. Deixemos falar o DP: "A solemnidade terá lugar ãs 10 horas da manhã, com a presença do governador do Estado e outras autoridades civis e militares e corporações religiosas. Falarã sobre a finalidade do acto o virtuoso carmelita frei José Maria Casanova. No momento da cerimonia um grande numero de alumnas da Escola Normal e de Filhas de Maria, entoarão os hymnos nacional e da Virgem do Carmelo... A comissão das normalistas encarregada do Bõdo ãs creanças pobres, pede a todas as autoridades e demais pessoas convidadas, para chegarem ao pateo da basilica do Carmo, pela rua Frei Caneca, afim de que possa uma comissão destinada para tal fim recebê-las e collocal-as em um lugar de honra reservado ãs mesmas... Outrossim, são convidadas todas as normalistas e fundadoras do Bõdo, a adherirem a esta festa de caridade a comparecerem no mesmo convento ãs 6 horas da manhã, a fim de prepararem os obulos que serão distribuidos." (DP,

14/07, secção VIDA RELIGIOSA). Este ano, saíram ainda três notícias sobre a festa "externa", ou "profana", com um movimento "desusado", se estendendo até às 23 horas, com bandas de música, barracas de prendas, carrosséis e "bars". No dia 16, após o descimento da bandeira, queimou-se um fogo de artifício, em painel, representando a basílica. (DP, dias 9, 16 e 18/07, secção VIDA RELIGIOSA)

Com respeito à festa externa, documentamos o seguinte, em 1936, no DP: "Sob este aspecto a festa do Carmo, como a da Penha, da Santa Cruz e do Poço, não são tradicionais como muito concorrida." Portanto, nesta época as quatro festas tinham o mesmo peso quanto aos festejos de rua, e idêntica projeção na cidade: "Quase todo recifense gosta de nesses dias tomar parte nos festejos, de que é motivo a Padroeira da Cidade." (DP, 07/07/36, p.9) O bodo às crianças pobres, realizado este ano no dia 12, distribuiu dinheiro e roupas, além de alimentação e o Escapulário. Foram cinco mil os meninos e meninas contemplados. Além disso, membros da Juventude Católica Feminina encarregavam-se de anotar as crianças ainda não batizadas, encaminhando-as aos respectivos párocos, para este fim.

CONFERÊNCIAS E JOGO DO "BICHO"

O ano de 37 trouxe algumas novidades para a festa. O acontecimento mais marcante foi a série de conferências realizadas na basílica, durante o novenário, após as orações e cânticos de costume, sobre temas ligados a Maria, à educação, à vida moral, geralmente de conteúdo filosófico. A julgar pelos resumos que o DP trouxe de algumas delas. Interessante que, diariamente, era dado um resumo das palestras pelo próprio conferencista, Mons. Conrado Jacarandá, no microfone de uma estação de rádio, às 15:30. Conforme o jornal, despertaram muito interesse as conferências do

Monsenhor, o que deve, em consequência, ter arrastado para a nove na a intelectualidade católica e curiosos da época. O jornal não deu a procedência do monsenhor.

Outro "tento" marcado por Frei Casanova foi o ter alcançado a concessão do preceito da Comunhão Pascal para quem comungar, no Recife, no dia da festa. A Congregação Romana do Concílio concedeu este pedido, por intermédio do Arcebispo Diocesano. O preceito da comunhão pascal, naquele tempo, estendia-se do Domingo da Septuagésima – dois domingos antes da Quaresma – até o dia de S. Pedro, 29 de junho. Mais tarde, este tempo seria estendido para o Brasil todo, até o dia 16 de julho. Exceção feita para o Santuário de N.S. Aparecida, em São Paulo, onde se cumpre este preceito o ano inteiro.

Fato interessante registrado no DP, delicioso de se ler, está na edição de 16 de julho, relacionado com a data da fundação da igreja do Carmo e o jogo do "bicho". Vamos a ele: "1767, A DATA DA FUNDAÇÃO DA IGREJA DO CARMO - Hontem foi um dia de amargura para os banqueiros. O milhar sorteado na 'Para Todos', 1767, longe de ser um numero de 'azar' devido a 'dobradinha' deu em cheio na bolsa dos cambistas, arrancando-lhes dezenas de contos. Considerável numero de 'ponteiros' acertou no milhar. Contribuiu para esse facto de estarmos em pleno novenario da festa do Carmo, e a basilica ter registrado na sua fachada a data de sua construcção que é igual ao milhar sorteado. Quem sonhou com a igreja, ou com sua festa, ou mesmo com algum facto que se relacione com o carmello, jogou aquele numero e acertou. - A SORTE DO MALANDRO - Dentre os felizardos de hontem está o malando 'Mincharia'. Acostumado à pratica de pequenos furtos, dali origem do seu vulgo, 'Mincharia' se viu hontem, possuidor de 3:400\$, importancia que nunca pensou ter em suas mãos. O malandro, hontem, saiu do xadrez, onde dera entrada pela nonagesima vez. No calçamento da prisão onde dormira na noite anterior, 'Mincharja' sonhou com a basilica. Por sua fe-

licidade pela manhã foi posto em liberdade e uma vez na rua 'arranjou' 1\$000 e jogou a data da igreja a razão de \$500 no milhar e outro tanto na centena correspondente. À tarde estava o gatuno com as mãos cheias de dinheiro que elle distribuiu a rōdo com os seus comparsas. E o malandro teve sorte em tudo até em encontrar no commissariado de serviço na 1a. delegacia uma autoridade energica que não permitiu que o banqueiro deixasse de pagar o premio que lhe cabia, sob futeis pretextos." Mais uma vez fica evidenciada a presença da devoção de N.Sra. do Carmo na vida popular recifense, que a Festa da Senhora é realmente de todos, muito embora em graus de participação bem diferenciados e hierarquizados. Compare-se, por exemplo, este fato, denunciador de uma maneira "marginal", podemos dizer, de homenagear a Senhora do Carmo, com as extensas listas de "cavalheiros" e damas da alta sociedade, em prestando seu apoio e "status" às sucessivas comissões e "comitês" das festas! Ou: compare-se ainda, a procissão imponente, primor de organização, com a sem-cerimônia e muitas vezes, a violência do comportamento no pátio, sobretudo apōs a retirada da banda de música, impondo às vezes aos frades temerosos a medida de fechar as portas da basílica antes da hora prevista, e as "boas famílias" não permitirem às filhas e até, às vezes, aos filhos de circularem na praça e "correrem" nos brinquedos.

Passemos a 1938: O bodo continuou a se realizar e a festa de correu sem outras novidades.

PADROEIRA DO CONGRESSO EUCARÍSTICO

Em 1939, foi benzido um novo estandarte - bandeira de procissão - de N.Sra. do Carmo, sendo "paranympa" da mesma, a menina Maria do Carmo Magalhães, filha do então Interventor Federal no Estado, Agamenon Magalhães. Ao lado da patronesse, figuraram como "guarda de honra" as seguintes meninas: Maria Luiza Barros Lima, Ma

ria Angela Rabello, Maria do Carmo Novaes, Maria Aparecida Novaes, Eliane Pontes, Miriam Fernandes, Maria da Conceição Guedes, Maria de Lourdes Guedes, Maria Amelia Andrade Lima, Maria da Graça Mello, Liliane Pontes, Maria da Conceição Santa Cruz, Maria Edelvita Novaes e Maria Clelia Rabello. (DP, 07/07, 1939, .p.6) Aos entretenimentos, fazem-se menção também das "rodas giratórias" , além dos carrousseis e barracas de prendas. O bodo atingiu duas mil crianças e teve como presidente a esposa do Sr. Interventor Federal.

Este ano, realizou-se o III Congresso Eucarístico Nacional , no Recife, no mês de setembro. Pois bem, a festa teve lugar dentro do "Ano Eucarístico", iniciativa visando a preparação espiritual da população católica de Pernambuco para o Congresso. O autor da matéria da secção VIDA RELIGIOSA, no DP de 15 de julho, diz: "Não se pode admitir que a festa da padroeira seja um simples movimento exterior e que não arraste à mesa sagrada todos os filhos e devotos do Carmelo." Para inserir a Festa do Carmo mais ainda nesta programação, instituiu-se a adoração noturna dos homens, na noite de 15 para 16 de julho, na basílica. Dela participaram tanto leigos como seminaristas e padres em geral, da Arquidiocese.

ORAÇÕES PELA PAZ

Os exercícios religiosos do mês de julho de 1940 tiveram o nome de "mês da Paz" e a finalidade de se rezar e fazer penitências pela paz e fim da Segunda Guerra Mundial. Neste sentido, os carmelitas promoveram uma missa com cânticos e "comunhão geral " nesta intenção, às 7 horas de cada dia do mês e a oração do terço com preces pela paz e bênção do SSmo. Sacramento, às 18 horas. Esta prática foi interrompida durante o novenário e festa, prosseguindo no dia 17 até o fim do mês. A festa contou com a solenidade de sempre.

Nas notas do DP sobre a festa de 1941, destacamos as alusões à concorrência à festa "de rua": "barracas de prendas, rodas giratorias, retreta e outros entretenimentos populares vêm funcionando diariamente, com enorme concorrência." (Dia 9, VIDA RELIGIOSA, p. 6) E, na edição de 11/07, em FATOS DIVERSOS: "A festa do orago é a mais concorrida, a que desperta maior curiosidade pública. O mes de julho é o preferido pelos forasteiros e a cidade está cheia de pessoas que chegam do interior e mesmo de outros Estados, para render seu culto à Virgem. O patio do Carmo está repleto de entretenimentos populares. Os mesmos que vemos em todas as festas de arraial..."

As festas religiosas continuam com o mesmo brilhantismo de sempre.

Em todos estes anos continuam a realizar-se o bodo às crianças pobres, no mesmo estilo já descrito, e a queimar-se fogos de artifício, ofertados por fogueteiros famosos à Nossa Senhora, em frente à basílica, na noite do dia 16.

ESCAPULÁRIO - CAMINHO, NÃO TALISMÃ

Uma crônica publicada em VIDA RELIGIOSA de 1944, sob o título "dia da Igreja" apresenta as motivações para a devoção a Nossa Senhora do Carmo: pedidos de proteção a Ela em nossas necessidades, "temporais ou espirituais"; o uso do Escapulário ou bentinho do Carmo, dádiva da Virgem aos carmelitas, "como escudo impenetrável em quaisquer perigos, amparo seguro na última hora contra as portas do inferno." Em seguida, o articulista anônimo descarta que o Escapulário seja um pretexto para se viver "isentos das leis do Evangelho" nem nos devem inspirar "criminosa segurança, em nossos desvarios", mas insiste na fidelidade à penitência e prática da vida cristã, que a devoção vem facilitar.

FESTA: "MAIS DEVOÇÃO QUE ANIMAÇÃO"

Uma matéria no DP em 16 de julho de 1946 chamou-me a atenção: trata-se de uma crônica sobre a festa "de rua", sua decadência, conforme o repórter. O sub-título: "O progresso tem tirado aos entretenimentos externos o seu cunho característico - comemorações cada vez mais dentro da Igreja". E continua, no texto: "Devotos e curiosos de todos os quadrantes da cidade afluem anualmente, nesta época, à Festa de Nossa Senhora do Carmo. O progresso tem tirado aos entretenimentos no pátio seu cunho característico - a festa se tornando cada vez mais de dentro da igreja e menos de fora. Mais da devoção que da animação. A devoção não foi sacrificada à eletricidade. Mas o tivoli, o pastoril, o mamulengo e o fadango cederam às Rodas Gigantes, Montanhas Russas e outras diferentes HPs. Toda essa concessão ao progresso nivelou a Festa de Nossa Senhora do Carmo às demais do Recife, quer tenham ou não relações com a Igreja". Segue descrevendo a frequência a estes folguedos, às barracas de prendas, nas quais "é incrível como sendo vendidos todos os bilhetes, o premiado fique entre as bôias", o "footing", com "aquela onda de gente que se move aos empurrões com os que vêm em sentido oposto", os namoros "às portas da igreja, sob o olhar bondoso da santa" e, finalmente, uma alusão ao estouro das bancas de jogo do "bicho", já citada acima e o expediente usado por muitos cambistas para evitar a repetição do desastre econômico: as tabuletas à porta com a advertência: Não se aceita o número da igreja de Nossa Senhora do Carmo.

O VII CENTENÁRIO

A Festa do Carmo de 1951 revestiu-se de esplendor fora do comum, em vista da comemoração planejada em toda a Ordem, do VII Centenário do Escapulário do Carmo. Esta data baseia-se na tradi-

ção que fixa a pretendida aparição de Nossa Senhora ao Geral da Ordem, Simão Stock (cf. cap. I), em 1251, como o início da devoção do Escapulário do Carmo, do seu uso não sō pelos religiosos mas pelos leigos, também, como o "hābito/veste de Maria". Por ser Nossa Senhora do Carmo Padroeira do Recife, a Ordem no Brasil escolheu esta cidade como sede principal das comemorações, que contaram com a participação e colaboração de religiosos e irmãos terceiros de todo o Brasil, embora, naturalmente, tenha envolvido mais a Família Carmelitana de Pernambuco. O DP traz, no dia 01 de junho de 1950, o convite para a solene instalação da Comissão Central organizadora do CONGRESSO NACIONAL DO ESCAPULÁRIO, no dia seguinte, no Círculo Católico do Recife. O Congresso foi marcado para 13-16 de julho de 1951. Como preparação para o mesmo, a Comissão e a Província Pernambucana organizaram uma peregrinação com a imagem de Nossa Senhora do Carmo por todas as capitais e cidades maiores do Brasil. Esta jornada iniciou-se em 31 de agosto de 1950, com a saída solene e embarque da imagem no aeroporto do Recife. Não cabe nos limites deste trabalho a narração dos lances desta peregrinação, um dos acontecimentos marcantes da história da devoção popular mariana, no Brasil, neste século, em termos de euforia e exaltação coletiva, arregimentação de massas, envolvimento da Força Aérea e da Marinha, a transportar a imagem e os religiosos que a acompanhavam, das Dioceses, paróquias, comunidades religiosas, carmelitas e não, que receberam, homenagearam, celebraram a imagem peregrina e sua comitiva, com os fatos comovedores surgidos aqui e ali, na trajetória. A revista "Flos Carmeli", da Província Carmelita de Pernambuco era o veículo que mantinha o povo devoto do Recife informado dos acontecimentos desta peregrinação. No dia 11 de julho de 1951, entrava triunfalmente no porto do Recife, esperada por uma multidão incalculável, a imagem-embaixadora da Comemoração, recebida pelo Sr. Governador, demais autoridades civis e militares. Em frente à basílica, um carmelita, em

nome do Pe. Provincial, deu-lhe as boas vindas, numa vibrante concentração popular.

O CONGRESSO NACIONAL DO ESCAPULÁRIO instalou-se solenemente no amplo Parque 13 de Maio, no centro do Recife, na noite de 12 de julho, terminando na noite de 16, com a procissão conduzindo a imagem peregrina, que se deslocou da Basílica, acompanhada de enorme multidão, para o Parque, de lá retornando à igreja, após a cerimônia de encerramento do mesmo. Naquele logradouro público realizaram-se as sessões plenárias, à noite, celebrações e concentrações eucarísticas de crianças, senhoras e moças, durante o dia, e de rapazes e homens adultos. Nas noites em que funcionou o Congresso, a basílica ficava aberta à visitaçã dos fiéis. No Pátio, a festa "de rua" acontecia no horário do costume. Em outros locais do centro da cidade, realizavam-se as sessões de estudo para grupos em separado: Ação Católica, Ordens Terceiras do Carmo, grupos de senhoras, de homens, etc. A presidência do evento coube ao Sr. Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, também representante do Papa Pio XII. Bispos do Nordeste, Norte e Sudeste estiveram presentes, presidindo celebrações e dirigindo a palavra nas sessões de estudo e na praça do Congresso. A Ordem no Brasil publicou álbuns com farta documentação fotográfica sobre o Congresso e a peregrinação.

Uma matéria sobre a festa, de 1953, recordando datas importantes, como a da Coroaçã, conclui: "Através de várias gerações, a gente pernambucana cada vez se identifica mais com essa tradição de fê e com os valores morais que ela representa. Mesmo porque, talvez agora mais do que nunca, o Recife tenha necessidade da proteçã de sua Padroeira."

DÉCADA DE 50 - MAIS DEVOÇÃO, MENOS "ANIMAÇÃO"

A crescente perda de animaçã da festa "externa", em contra-

posição ao aumento da devoção a N.Sra. do Carmo, é assunto de uma crônica no DIÁRIO SOCIAL de 10 de julho de 1955, no DP, escrita pelo colunista social, assinando com inicial "P." Diz o seguinte: "Não tenho visto muita gente na festa do Carmo. A igreja que todos os anos tinha a sua fachada iluminada, nesta época de energia abundante de Paulo Afonso, está com a fachada às escuras". Em seguida, descreve a atual (no seu ver) pobreza do parque de diversões, prendas, etc, para rematar: "A festa se descaracteriza todos os anos. O que vale é que aumenta a devoção à Padroeira". No dia 15, o comentário sobre o novenário afirma que "vem se realizando com grande brilhantismo..."

O estilo grandiloquente na descrição da festa litúrgica, volta, estes anos, na década de 50-60, nas páginas do DP; tanto nas matérias jornalísticas, como em artigos assinados, rememorando a data da Padroeira. Ao lado disto, aparecem referências à "onda de materialismo", à "demagogia crescente em nossa sociedade", contra as quais o culto à Virgem do Carmo é antídoto e proteção. Junta-se a estes aspectos, o sentido moralizante da devoção à Maria, os apelos à renovação da conduta da vida, como meio de obter mais certo apoio da Senhora para as necessidades espirituais e materiais.

O fim da década de 50 e início dos anos 60 são mais parcos de notícias sobre a festa. Temos a registrar, apenas, uma reclamação sobre a precariedade do estado da rede elétrica colocada na rua, em 1961, ocasionando um curto-circuito, com quatro feridos medicados nos hospitais. Outra notícia, esta na COLUNA SOCIAL, noticia que não haverá, no dia 16, o tradicional almoço que a Província Carmelita oferece, todos os anos, às autoridades e amigos daquela Ordem, por motivo das obras que se estão realizando na basílica. Nestes anos, vem reiteradamente lembrado o preceito da comunhão pascal, que se encerra no dia 16 de julho, privilégio concedido para o Recife, primeiramente e depois, estendido ao Ter

ritório Nacional inteiro. A procissão, em 1962, é considerada pelo DP como "das mais concorridas de que se tem notícia, apesar das chuvas insistentes caídas na cidade." (DP, 18 de julho).

A "SANTA DO RECIFE"

Em 1963, mais uma vitória do Carmelo brasileiro: a festa, anteriormente retirada do calendário litúrgico no Brasil como obrigatória, é recolocada no santoral. Neste mesmo ano, na crônica da cidade, intitulada "A Cidade e os Fatos", reclamando do des caso da Prefeitura em terminar obras na vizinhança da Praça do Carmo, lê-se: "A população da cidade do Recife está comemorando com a mesma fé e entusiasmo dos anos anteriores a novena dedicada à sua padroeira. Essa tradição faz reunir pessoas de todas as categorias - desde o trabalhador mais humilde ao industrial rico - num só movimento de veneração à Santa do Recife. Por isso mesmo que a festa de Nossa Senhora do Carmo sempre se reveste de muito brilhantismo, congregando todas as noites milhares de pessoas que se demoram no templo, em práticas religiosas, e, no pátio externo, participando dos festejos populares." Uma longa entrevista dada pelo carmelita Frei Romeu Perêa, que diz falar em nome dos outros religiosos, discorre sobre a diminuição da animação da festa, de rua so bretudo, atribuindo-a à inflação, à insegurança, à demagogia reinante, segundo ele, na administração pública, e anuncia a esperan ça de uma "nova aurora, isto é, até melhorar a situação de maneira a cada um sentir a segurança e estabilidade necessárias... sem esta escandalosa inversão de valores que domina por todas as partes." Por esta e outras matérias, na maioria das vezes expressas "por alto", se manifesta a oposição do DP e a tentativa de colocar a festa como um evento em franca contradição com o Governo do Brasil, do Estado e Município, derrubados pelo movimento militar de abril de 1964.

Já neste ano, o DP elogiava como "dos mais solenes o programa elaborado pela Comunidade Carmelitana no Recife". Ainda conforme o "Diário", o programa da festa conclama todo o povo pernambucano "para que, juntos, prestem à Senhora do Carmelo um culto de piedosa e filial homenagem. E hoje, mais do que nunca, quando a Nação acaba de vencer e transcender uma das mais graves crises de sua história, alijando a onda vermelha da subversão e do ódio, na qual todos seriam ultrapassados e submersos, acorramos ao trono da nossa querida padroeira, Nossa Senhora do Carmo, a fim de rendermos o preito de nossa imorredoura gratidão. Bem haja as nossas gloriosas Forças Armadas que souberam escutar a tempo a voz, os clamores e as preces da Pátria! Bem haja os soldados do Brasil, que souberam ser nobres, unidos e disciplinados sob o comando dos seus chefes legítimos, para salvaguardar a unidade nacional e defender, contra as ideologias estranhas, as instituições que o povo a si próprio se outorgou, em sua plena e livre soberania!" (DP, 15 de julho, p. 3 do 1º cad.) Em outra matéria, saída no dia 16, anuncia-se que os dois principais atos religiosos da festa, o solene Pontifical e a procissão, "contarão com a presença das mais altas autoridades constituídas do Estado." Há anos não se falava nisto.

INÍCIO DAS MUDANÇAS NOS RITUAIS

Na festa de 1965, - ano de encerramento do Concílio Vaticano II - se inicia a série de modificações na liturgia da mesma, segundo o espírito daquele Conclave Ecumênico. Assim, ao invés das Vésperas solenes à grande orquestra, institui-se uma Vigília Bíblica, com a participação dos fiéis, e cantos populares em folhas mimeografadas, ensaiados antes com todo o povo. Ao invés do Solene Pontifical, este ano a Missa das 10 horas já é concelebrada, repetindo-se o rito nos anos subsequentes. No dia 16, o DP traz uma

matéria onde analisa rapidamente a festa "externa". Escreve o "Diário": "As festas em louvor da padroeira já fazem parte do patrimônio social do Recife, constituindo uma tradição de todos os anos, ao longo da história da cidade. Antigamente a procissão da Virgem do Carmelo era realizada com o maior brilhantismo, atraindo as atenções de toda a população católica. O cortejo religioso percorria as principais ruas do centro, sobretudo as do bairro de São José. (O que não é bem verdade. Percorria bem mais as ruas do bairro de Sto. Antônio. Observação nossa). E em todos os sobrados estendiam-se as mais belas toalhas nas janelas, em homenagem à Virgem. Também havia o costume de saudar os prestitos ornamentando as ruas com flores. No começo do século, porém, a parte mundana da programação festiva chegou a representar grave problema para a polícia. O patio do Carmo era pequeno para conter a multidão que, todas as noites, procurava participar das comemorações. E lá se desenrolaram (sic) sangrentos acontecimentos, dos quais eram protagonistas os temíveis desordeiros da época. Os capoeiras, terror da polícia, aproveitavam-se dos festejos para praticar arruaças, fazendo com que os pais de família hesitassem em levar seus filhos às noites do Carmo. Depois, aperfeiçoando o policiamento contra as desordens, os festejos voltaram a efetuar-se com tranquilidade, porém as diversões modernas - cinema, televisão etc. - tiraram muito do seu antigo esplendor. Isso não significa, porém, que a parte religiosa perdesse o apoio dos fiéis. Estes, no passado como agora, continuam a prestar, nesta época do ano, suas homenagens à padroeira da cidade." Este trecho fala da decadência da festa "de rua", por conta da invasão dos meios de comunicação de massa, enquanto que a devoção do povo, expressa na festa da igreja, se mantém firme, antes como agora. Refere-se também à diferença da procissão de hoje em relação à de antes, quando os dois bairros do centro do Recife eram fortemente residenciais, as casas comerciais ocupando o térreo dos sobrados habitados. Moderna-

mente, como vimos, o centro comercializou-se, o pátio desapareceu, os moradores sumiram para a parte residencial da cidade.

Em 1966 e 67, sob a coordenação do Prior e assessoria da comunidade, o novenário é patrocinado pelos grupos de paróquias que constituem os setores paroquiais da Arquidiocese e por grupos representativos da sociedade civil e da Igreja, como sejam: funcionários públicos, estudantes, juventude, crianças, forças armadas, operários da indústria e comércio, religiosas, empresários (chamados de "classes produtoras" no programa da festa), professores secundários e universitários.

O ano de 1967 completou dois séculos da inauguração da basílica, conforme a data afixada no frontispício do templo. Para celebrar a efeméride, constituiu-se uma comissão para a festa, da qual constou a aposição da placa da Avenida Nossa Senhora do Carmo, na avenida que corta a Dantas Barreto, em frente à basílica, na direção do rio, o convite ao Cardeal-Arcebispo de São Paulo, D. Agnelo Rossi, para presidir a solene concelebração do dia 16 e a procissão à tarde. Este foi hóspede do então Governador do Estado, Nilo Coelho. O Cardeal fez-se acompanhar de uma comitiva de dois monsenhores e dois casais católicos da Capital Paulista, todos convidados do Governador.

Sobre 1968, as notícias são parcas, a festa não teve novidades. D. Helder continuou celebrando às 7 da manhã, e D. Lamartine, Bispo Auxiliar da Arquidiocese desde 1963, como em quase todos os anos desta e da década seguinte, presidiu a solene concelebração.

A festa de 1969 contou com a participação de D. Frei Eliseu Gomes de Oliveira, ex-prior do Carmo e desde o ano passado, Bispo Auxiliar de Maceió, Alagoas. Presidiu a solene concelebração e a procissão. A festa de rua esteve muito animada, conforme o DP, que anunciou também o nome da senhora que foi a "patronesse" do andor nestes anos todos - Ana Malta Azevedo. O Coral de Sta. Teresa, da Ordem Terceira do Carmo também foi lembrado. Sempre está

presente em algumas funções religiosas durante a novena e dia da festa, sobretudo nas missas da manhã, durante o novenário. À noite, compete ao Coral do Carmo do Recife a parte musical.

Na secção do jornal, INFORMATIVO DP, edição de 10 de julho, lê-se a motivação principal da festa, conforme os religiosos do Carmo a concebem - e já vimos no cap.I: "A festa de hoje tem por finalidade agradecer a Nossa Senhora do Carmo as extraordinárias graças que ela concedeu à Ordem do Carmelo e a todos os que usando o Escapulário se confessam dedicados servos de Nossa Senhora. A festa foi prescrita para toda a Igreja em 1726 por Bento XIII."

Nos dois anos seguintes, o DP noticia a presença do Governador, Prefeito e comandantes militares na procissão. O roteiro desta segue mais ou menos o mesmo: Ruas Souto Maior e Frei Caneca (encostadas no convento, à esquerda da basílica), Praça Joaquim Nabuco, Rua do Sol, Avenida Guararapes, Av.Dantas Barreto e Praça do Carmo.

FESTA "DE RUA" É VIÁVEL

Em 1971 se deu uma matéria interessante sobre a festa "de rua" publicada pela redação do DP. Eis alguns tópicos: "FESTA DO CARMO - O dia de Nossa Senhora do Carmo ainda não chegou, mas a festa de rua já ocupa o pátio, mais ou menos desde o dia 1º. Dã pena vê-la, de tão descaracterizada que está. Quase nada resta daquelas noitadas descritas por Mário Sette em prosa, e Olegário Mariano em poesia, este último particularizando o Pôço da Panela, onde mourou sendo menino. Ninguém esperará encontrar no Carmo cópia fiel de festa do começo do século, é claro, mas poderia haver alguma ordenação de barracas e aparelhos diversionais de modo a permitir o passeio dos namorados, e seria perfeitamente dispensável o tremendo barulho dos alto-falantes a esganiçar 'urbi et orbi' uns boleros que nada têm de brasileiros. Aquilo, além de ser um des -

respeito à estética, contraria a lei pelo volume, a gramática pelas falas que são transmitidas, e a comodidade pública em geral. Passeio para namorados e banda musical fazendo retreta seriam dois elementos da tradição que poderiam salvar um pouco do lirismo da festa... Para não se dizer que todos os aspectos tradicionais foram extintos, citamos um que permanece, precisamente um que não devia permanecer - os tabuleiros de comida. A eles se referem os cronistas antigos, celebrando a gostosura dos doces, canjicas, pamonhas e bolos. Nenhum se lembrou de reclamar contra a falta de higiene, porque essa preocupação é moderna, como fiscalização pública, ou porque seria demasiado prosaísmo falar de tal coisa ... O que se passa no pátio do Carmo não difere do que se vê em outras festas. Mulheres pobres aproveitam-se da ocasião festiva para ganharem uns trocados com seus talentos culinários. Seria desumano expulsá-las e longe de nós esse pensamento. Mas também é desumano deixar os frequentadores dessas festas expostos aos perigos de contraírem doenças ... O ideal será conseguirmos orientá-las para que se conserve este resto de tradição mas conjugado às exigências da vida contemporânea. A respeito dos outros aspectos da festa do Carmo (ou de qualquer outra) com um pouco de cuidado e sensibilidade a Prefeitura conseguiria equilibrar a tradição com a realidade de hoje proporcionando espaço para o antigamente chamado "footing" e intercalando a publicidade dos alto-falantes, menos estridentes do que estão, com música ao vivo, pelas bandas da cidade. Seria um modo de conciliar as coisas e proteger os artistas. Seria também uma demonstração de cuidado pela educação do povo, que cada vez mais se vê cercado pela música mecânica, perdendo o contacto com os instrumentos, com o som real, com a música brasileira interpretada pelos brasileiros." Temos aí propostas concretas para garantir o tradicional e organizar o elemento novo nas festas de igreja, na cidade. A redação faz um ato de crença na viabilidade da festa de rua no centro do Recife se as

autoridades de fato se dispuserem a salvar o que pode e deve ser preservado, como parte da memória nacional destes rituais. Mas, o interessante foi que, em matéria de 18 de julho, lê-se o seguinte: "FESTAS. Festejos que talvez não serão mais repetidos no próximo ano, em virtude das obras de alargamento da Avenida Dantas Barreto, foram realizados no largo da Praça do Carmo durante toda a noite de sexta-feira e que se prolongaram até às primeiras horas de ontem. Bandas de música, fogos de artifício, barracas com brinquedos, balões e outros entretenimentos abrilhantaram os folguedos na Praça do Carmo"... Simples coincidência, ou uma resposta à matéria do dia 10, por parte das Autoridades Municipais?

Em 1973, somente uma novidade digna de registro: o vestibular da Universidade Católica de Pernambuco, marcado para iniciar-se no dia 16, foi contestado pela maioria dos "feras", por ser o dia da Padroeira.

No ano seguinte, a presidência de D.Helder na concelebração solene, e a participação nos cânticos da mesma de um Coral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de passagem pelo Recife, foram as notas mais destacadas no DP, além de uma missa celebrada às 18 horas, após a procissão, seguida da descida da bandeira da festa.

A grande polêmica de 1975: o "Bota-e-Tira" dos Parques de Diversões.

Com uma manchete na edição de 8 de julho, intitulada - "FESTA DO CARMO SEM PARQUES ESTE ANO", o DP deu início a uma avalanche de reportagens que rendeu quase a novena inteira, sobre a ordem do DETRAN, executada pelas polícias civil e militar, de retirada do parque já montado na Praça do Carmo, alegando que os proprietários dos brinquedos os haviam montado antes de ter sido fixado o local para a festa "de rua" este ano, pelas autoridades do trânsito e Prefeitura. O debate tomou conta do Recife, atizado pelos jornais, e, sobretudo, emissoras de rádio.

Os populares "eram unânimes em criticar a medida, em nome da tradição da festa da Patroeira do Recife: A festa eram esses carrosséis, rodas gigantes, barracas de jogos e comidas. O Detran não devia fazer isso..." "A festa de rua nunca foi uma atração para mim; mas, como se constituía numa tradição do povo recifense, deveria permanecer." (DP, 8 de julho, p.1, 1º cad.) Enquanto isso, o Diretor administrativo da Empresa Metropolitana de Turismo, dizia: "... as festas de rua estão chegando ao fim... Para ele, o assassino dos festejos populares é o 'progresso'... o aparecimento da televisão, cinema e das boates provocou a mudança dos hábitos do povo". "Esqueceu, no entanto (comenta o jornal), de incluir o trânsito". O prior do convento declarou-se não contrário à parte profana da festa, sendo-lhe indiferente sua permanência pois para ele, o importante, na realidade, é o aspecto religioso. (DP. 10 de julho, p.3 do 1º cad.)

O fim da querela foi o confinamento forçado da festa externa, pelo Detran, para calçadas fronteiriças à Av. Dantas Barreto, e o parque para uma faixa da mesma, um pouco longe da basílica, com espaço reduzido para armar os brinquedos. A contragosto, dos parques, bares e barracas de comidas e bebidas se curvaram às exigências do Detran às quais a Prefeitura já se havia curvado, dividindo as opiniões da cidade, imprensa, intelectuais; os que aprovavam a medida, faziam-na em nome do "progresso" x tradição, ou do pretextado conflito entre festa profana e festa religiosa, ou opondo uma à outra, o culto daquela levando quase necessariamente ao esquecimento da devoção, a qual, para se desenvolver, precisaria se terminar com a outra, maniqueísticamente oposta. Foi vazada nestes termos a crônica de 11 de julho deste ano, na secção COISAS DA CIDADE.

Ainda em 1975, é mudado o roteiro da procissão: Praça do Carmo, Av. Nossa Senhora do Carmo, - cruzando a Dantas Barreto - rua do Imperador, Praça da República, Rua do Sol, Av. Guararapes, Av.

Dantas Barreto e Praça do Carmo. No final da procissão, dentro da basílica, houve bênção do SSmo. Sacramento e descida da bandeira.

A FESTA AFRO

Na edição de 12 de julho, na secção AGENDA, vêm as notícias: "Festa do Carmo: novenário, missa e procissão. Manifestações folclóricas, parque de diversões. Animados festejos, também em Goiana e Olinda. ... No dia de Nossa Senhora do Carmo, festa em homenagem à Mãe Osum, (sic), com toques, cânticos, oferendas e despachos. Destaque para o Centro Africano Yemanjá, em Casa Amarela, às 19 horas e, em Olinda, para o Culto Africano Senhor do Bonfim, em Salgadinho, às 22 horas". É a primeira vez, no DP, que aparecem notícias sobre a festa afrobrasileira de N.Sra. do Carmo.

NOVOS VENTOS, NOVOS TEMPOS

Em 1976, o DP trouxe a seguinte notícia: "Com o apoio da Empresa Metropolitana de Turismo - maior do que nos anos anteriores, segundo o presidente do órgão - foi iniciada, ontem à noite, a tradicional Festa do Carmo... Na Praça Nossa Senhora do Carmo foram instalados parques de diversões, barracas e outros folguedos populares. Para maior brilhantismo das comemorações, a Prefeitura do Recife elaborou um plano de trabalho de apoio aos festejos e seus organizadores, com o objetivo de preservar a tradição e os costumes da Região." (DP, 8 de julho, p. 1 do 1º cad.)

É, mudadas as pessoas nos postos, mudam-se as idéias! Em menos de um ano da querela de 75, a festa externa aparece viável, e as tradições, realidades a serem preservadas! Desaparece, aqui, o culto ao "progresso". No dia 16 de julho, à p. 3, lemos: "Oxūm: N.S.do Carmo na Umbanda - A partir da meia-noite de ontem, Osum, divindade negra dos cursos d'água, do ouro e dos perfumes, que

sincretiza com Nossa Senhora do Carmo, passou a receber homenagens dos adeptos dos sangões do Recife, através de ofertas de flores atiradas nos rios, além dos toques ritualísticos promovidos nos terreiros. " Sempre, teremos notícias da festa negra no DP . Deixaremos para capítulo específico sobre este assunto a análise destas e outras notícias. (Cf. cap.IV, item 4.3)

Uma longa entrevista do prior sobre o histórico da Ordem e da Festa do Carmo em todo o mundo e um comercial de uma empresa aérea, de meia página, marcam ainda, as notícias sobre a festa, no dia 16. O comercial diz assim: A VASP TEM UMA FORTE RAZÃO PARA HOMENAGEAR NOSSA SENHORA DO CARMO. ELA GOSTA MUITO DO POVO DO RECIFE. E O POVO DO RECIFE GOSTA MUITO DELA.

Na edição de 18 de julho, o comentário sobre a forte chuva que caiu insistentemente sobre o Recife, no dia da Festa e que não impediu a frequência em massa na procissão, bem como um artigo na secção OPINIÃO, do jornalista e poeta, Mauro Motta, sob o título - "Festas de Igreja", encerram a cobertura das comemorações da Padroeira, em 1976. Escreve Mauro Motta: "...há quem seja contra esse encontro da popularidade e religião e considere o verdadeiro culto restrito à missa no interior das igrejas. O verdadeiro culto seria apenas um pretexto para as comemorações externas e estas quase uma profanação. Pode-se discordar desse rigor litúrgico e dizer que, sem as comemorações externas, os santos perderiam muito na reverência da nossa gente e o prestígio deles seria perturbado no tempo e no espírito das gerações. Reaja-se contra o catolicismo triste cuja inconveniência já era salientada por frei Vicente do Salvador. O cronista colonial refere-se em sua história, à preguiça dos nativos em comparecer às capelas onde as cerimônias cristãs fossem celebradas na simplicidade do quotidiano. Mas, quando havia "novidades" - pobres novidades da época, si nos repicando ou fogos de Lisboa estourando no ar - todos corriam na luta por um lugar nas vizinhanças do missionário. Como não se

modificou muito esse comportamento ancestral, deve-se estimular a expansão dos festejos pelos pátios das igrejas... O povo quer intimidade com os santos de sua predileção. Quer que os santos saiam dos altares e o acompanhem nas ruas, na praça pública..." O saudoso poeta via o sagrado também nas manifestações populares "fora dos muros" da igreja. No final desta resenha, analisaremos este aspecto importantíssimo da discussão entre o Sagrado e o Profano, bem como a ideologia que se escondeu na defesa da pretensa oposição entre "devoção" e "tradição".

1977 - MUDAM AS MADRINHAS DO ALTAR, NO NOVENÁRIO

A partir deste ano, o DP noticia os novos responsáveis pela ornamentação do altar-mor, durante o novenário: as associações religiosas, eretas na basílica, Ordem Terceira e famílias da classe média muito ligadas ao Carmo, em substituição das famílias Colaço, Azevedo e Carvalheira, que retiveram para si apenas a ornamentação do altar e igreja para o dia da festa. Bem assim, a ornamentação do andor passa para outros patronos, igualmente.

O parque de diversões abre antes do início das festividades religiosas (p. 4 do 1º cad. do dia 6). Voltam as críticas do jornal e de populares e donos de parques ao descaso das empresas de turismo do Estado em relação à festa "de rua", contrariamente ao que se observa - diz a crítica - na festa do Bonfim, na Bahia, e do Círio, em Belém. A falta de espaço volta a prejudicar os parques, na opinião de seus proprietários.

1978 - O TURISMO OFICIAL DIZ UMA COISA, O POVO, OUTRA

Edição do DP, em 12 de julho, na p. 8 do 2º cad.: "A Empresa Metropolitana de Turismo da Prefeitura do Recife, está prestigiando a festa à Nossa Senhora do Carmo, promovendo a realização de

folguedos populares, distribuição de material impresso e divulgação pelos meios de comunicação. A festa dedicada à Padroeira do Recife está incluída no calendário turístico anual da EMETUR como uma das mais concorridas da cidade." E, na pag. A-5, do dia 16 : "Os comerciantes que armaram barracas no pequeno espaço que foi destinado à festa popular acham que esta é uma tradição que está destinada a desaparecer. 'Ao invés de três parques... restaram apenas uns poucos brinquedos e o resto é barraca de bebida', diz um dos comerciantes pequenos, há 16 anos atuando na Festa do Carmo." Logo adiante, o jornal dá o que acha ser o motivo desta queda nos festejos externos, este ano: "... os terminais de ônibus localizados em frente à igreja e a própria reforma da Avenida Dantas Barreto, praticamente liquidaram com uma das nossas mais conhecidas festas populares, que era concorrida em número de fiéis apenas pelas festas de N.Senhora da Conceição no morro, e de Nossa Senhora dos Prazeres." Ambas as festas, de fato, são, atualmente, a nosso ver, as grandes "concorrentes" da Festa do Carmo, superando-a, em termos de festividades externas, populares, ambas dispendo de amplo espaço para parques e barracas, situando-se em zonas densamente residenciais no Grande Recife, assumidas pelas Municipalidades, e localizadas em áreas que não disputam espaço com o trânsito, sobretudo, de coletivos.

Mas, a festa este ano se destaca, também, pelo início de uma celebração que vai constituir-se no ato religioso máximo, em participação numérica e popular: a concentração em frente à basílica, logo após a volta da procissão à Praça do Carmo, antes de o andor ingressar na igreja. Esta concentração teve sempre a palavra inflamada e profética de D.Helder, enquanto ele foi Arcebispo Arquidiocesano. Deixando para outro capítulo a análise deste ato conclusivo, em plena praça pública, da procissão (cf. cap. IV), completamos que o DP avaliou em vinte mil pessoas os participantes da concentração. Apresentou trechos do sermão do Arcebispo,

acrescentando que "a multidão aplaudia o Arcebispo a cada pausa do seu sermão. E ao terminar, todos começaram a sair, aconselhados para que se lembrassem de praticar uma religião viva, de lutar pelos seus direitos." (DP, 17 de julho, p. A-3)

1979 - CONCENTRAÇÃO CONTINUA. A IMAGEM ROUBADA VOLTA

A participação dos setores paroquiais, como noiteiros, reiniciada no ano passado, volta este ano a ser organizada, com os padres das respectivas paróquias presidindo o novenário, os leigos e religiosas participando, em lugar para eles reservado. A Fundação de Cultura, ligada à Prefeitura do Recife, entrou na programação da festa, fornecendo bandas de música e pequenas orquestras populares, para abrilhantar a festa "de rua", e uma orquestra de Câmara, erudita, para tocar antes da concelebração solene.

As "intenções especiais", constantes no programa impresso dos festejos, outra inovação da festa destes anos, além do pedido de que parem os roubos de imagens antigas, muito frequentes no Estado, de 76 até aquela data, pedem também que "as conclusões da Conferência de Puebla se tornem uma realidade vivida na América Latina, e que as comemorações do IV Centenário da chegada dos Carmelitas ao Brasil, a acontecerem no próximo ano, tragam um aumento de fervor e de fidelidade à vocação, para toda a Família Carmelitana no Brasil." (Cf. DP, 9/07, p.A-5; 10/07, p. A-5)

Mas, o centro de interesse de toda a Imprensa, não são do DP, é o roubo, a expectativa e o retorno da imagem barroca de N. Sra. do Carmo, levada de um dos altares, e recuperada pela polícia, com incentivo do Governo do Estado, dias antes do dia da festa. Este fato, de projeção nacional, atraiu muitos fiéis de Estados vizinhos. A imagem peregrina, que sai na procissão, de fabricação recente, foi, no entanto, confundida pela multidão, como sendo a imagem roubada e recuperada, e daí o enorme delírio que despontou

quando ela surgiu, no andor, na porta principal da Basílica: "Aplausos e lágrimas traduziram a alegria do povo quando a santa despontou na porta principal da Basílica do Carmo, numa demonstração de regozijo nunca vista em festas anteriores." (DP, 17 de julho, p. A-9)

O caderno de notícias literárias e de espetáculos do DP trouxe matéria assinada por Valdeluza D'Arce: "Afiml, quem reina neste dia: Oxum ou Nossa Senhora do Carmo?" Comentaremos, este e outros trabalhos, no capítulo correspondente à festa afro.

1980 - A FESTA DO IV CENTENÁRIO

Este ano marcou a efeméride do IV Centenário da Chegada dos Carmelitas no Brasil. Uma programação para o ano inteiro, constando de publicações, eventos religiosos, congressos, eventos culturais, e incentivos para que, em todo o País, os conventos das Famílias Religiosas Carmelitas, masculinos e femininos, celebrassem mais solenemente, a Comemoração Solene de Nossa Senhora do Carmo.

Outra feliz coincidência: O Papa João Paulo II passou no Recife exatamente no início do novenário do Carmo, dia 7 de julho ! A comunidade carmelita se postou em frente à Av. Dantas Barreto, por onde o Papa passou e abençoou a basílica; sô depois, é que se levantou a bandeira da festa e se deu início às orações do novenário. Neste dia 7 de julho, o DP trouxe um grande anúncio da Prefeitura do Recife, de página inteira, com a imagem de N.Sra. do Carmo Padroeira, e os dizeres: "HOJE, NO RECIFE, TODO MUNDO VAI DAR AS BOAS-VINDAS AO JOÃO DE DEUS. A COMEÇAR PELA DONA DA CASA."

As "intenções especiais" para a festa desse ano, apresenta - das no programa: "Agradecimento ao Pai pelos quatrocentos anos de permanência e atividades da Família Carmelitana em terras brasileiras; agradecimento pela presença do Sucessor de Pedro, João Paulo II, no Brasil; pelos migrantes nordestinos que, neste exato mo

mento, deixam suas terras acossados pela seca e pelo caudal de injustiças que ela traz em seu bojo. A festa de nossa Padroeira coincide também com as homenagens que o Brasil inteiro prestará ao Senhor Jesus da Eucaristia, no altar nacional armado em Fortaleza." (Cf. DP, 09/07, p.A-15)

A Fundação de Cultura do Recife, mais uma vez participa dos festejos externos, com a Orquestra Popular do Recife, e grupos folclóricos se apresentando na Praça do Carmo, durante o novenário. (DP, 15 de julho, p.A-15)

O ponto alto do ritual religioso-popular foi a procissão-romaria, saindo do Carmo do Recife, às 15 horas, para o Carmo de Olinda, berço da Ordem Carmelita no Brasil. Eis como descreveu o evento, o DP: "Pela primeira e única vez, a tradicional procissão do Carmo se deslocará do Recife para Olinda, percorrendo, hoje, um total de oito quilômetros. O motivo da modificação do roteiro prende-se à comemoração do quarto centenário da chegada dos carmelitas ao Brasil, que estabeleceram seu primeiro convento em Olinda. Em vista disso, a Ordem decidiu vincular o encerramento das festas do Carmo, no Recife, ao início da programação que será cumprida na cidade vizinha, a partir da tarde de hoje. Em face da extensão do percurso, a procissão foi dividida em três etapas: a primeira compreendendo o trecho que vai da igreja até a praça Abreu e Lima (bairro de Sto. Amaro); a segunda, de Santo Amaro até a divisa dos dois municípios; e a última, da Escola de Aprendizes Marinheiros até a Praça do Carmo, em Olinda. A procissão sairá do centro da cidade, às 15 horas, cumprindo o seguinte itinerário: Avenida Nossa Senhora do Carmo, Rua Martins de Barros, Praça da República, Ponte Princesa Isabel, Rua da Aurora, Avenida Norte, Praça de Abreu e Lima, Avenida Cruz Cabugã, Avenida Olinda, Largo do Varadouro, Avenida Sigismundo Gonçalves e Praça do Carmo. No início da noite de hoje, quando a Procissão chegar à Praça do Carmo, em Olinda, haverá uma dramatização de aproximadamente dez mi-

nutos, inspirada em passagens da vida de Nossa Senhora e no tema da Campanha da Fraternidade, tendo como figura central o migrante. Em seguida, Dom Helder falará ao povo e haverá o hasteamento da bandeira do Carmo (de Olinda), dando o sinal de abertura para as festividades." (DP, 16 de julho, p.1 do 1º cad.) Na mesma página, se anuncia a inauguração da placa e monumento comemorativos à visita do Papa, na praça do Carmo, em frente à Basílica, às 15 horas do dia 16, antes de o Governador do Estado, o Prefeito do Recife e Dom Helder acompanharem a procissão. No dia 17, o jornal avaliava em 80 mil pessoas, aproximadamente, a multidão que acompanhou a imagem do Recife para Olinda, na procissão que "fez renovar ontem, no Recife e em Olinda, o mesmo clima vivido pelos recifenses quando se reuniram para esperar e ouvir o Papa João Paulo II". (p. 1 do 1º cad.) No mesmo local se narra a euforia da multidão transferida do Papa para Dom Helder: "Quando, depois de uma caminhada de quatro horas e meia, a multidão chegou à Praça do Carmo, em Olinda, o Arcebispo de Olinda e Recife foi levado nos braços para o palanque, aclamado com os mesmos slogans com que os brasileiros saudaram Karol Wojtyła: "Rei, rei, rei, D. Helder é nosso Rei."

1981 - A FESTA JUNTA OS CARMELITAS DO NORDESTE PELA PRIMEIRA VEZ

A Comunidade do Carmo continuou a prática de propor "intencões" para a festa, iniciada na gestão anterior. As deste ano: "Agradecer ao Pai pelos 50 anos de sacerdócio de D.Helder; a segunda, relacionada com a Campanha da Fraternidade deste ano - SAUDE PARA TODOS - pelos doentes do nosso País, principalmente pelos menos favorecidos, sem acesso aos hospitais; "pelos irmãos nossos que morrem em completo abandono em seus barracos"; pelo Congresso Eucarístico Internacional, em Lourdes, na França, para que os ho-

mens sejam mais fraternos e aprendam a repartir o seu pão com os irmãos mais pobres; e pelo aniversário da passagem do Papa João Paulo II, pela cidade do Recife: "Rezemos para que o Pai celestial apresse o seu restabelecimento, porque ele tem pressa de gritar pela paz, contra a violência, o ódio e a injustiça, que esmagam quase toda a humanidade." (Cf. DP, 7 de julho, P-A-7)

O dia 7, início do novenário e bandeira da festa, coincide com o primeiro aniversário da vinda do Papa ao Recife. Por isso, a missa cantada pelo Bispo Auxiliar, D. Lamartine, pela manhã e a novena à noite, tiveram a intenção de lembrar e celebrar este fato. O programa completo dos celebrantes e pregadores das noites, membros do clero da Arquidiocese e religiosos carmelitas do Nordeste e do Sul do País, reunidos no convento desde 13 de julho, esteve publicado na íntegra no jornal.

A ausência de chuvas durante quase todo o novenário ajudou o movimento bom do parque de diversões, apesar dos altos preços cobrados. (12 de julho, p.A-14)

1982 - SOL FORTE E FIM DE SEMANA PROLONGAM E ANIMAM A FESTA DE RUA

Continuou no dia 7, a comemoração da visita do Papa, lembrando-se no sermão a temática principal do seu pronunciamento do Recife, aos camponeses: a luta pela justiça agrária, pela terra, pela reforma na estrutura social do campo. (Cf. DP, 7 de julho, p. A-5) Quanto à festa de rua, o dia 16 caindo este ano numa sexta-feira, fez com que ela se prolongasse até o dia 18. O forte sol este fim de semana animou mais o "footing" e corridas nos brinquedos, pela população adulta e infantil. A Empresa de Urbanização do Recife procurou proporcionar maior infraestrutura na Avenida, com o mesmo sistema empregado nas feirinhas típicas, costume que se estendeu por toda a cidade, com patrocínio da Municipalidade.

1983 - "CARMELITA AMEAÇA CANCELAR PROCISSÃO"

Esta a manchete de 8 de julho, no DP. Motivo: o parque este ano foi instalado — com ou sem licença da Prefeitura? — na Praça em frente à basílica, no local reservado para a concentração após a procissão. O prior deu entrevista nos jornais, ameaçando, em vista de que "o que está acontecendo neste momento jamais foi verificado em outros anos. Na verdade, não teremos condições de proporcionar ao povo um dos grandes momentos da homenagem que prestamos à nossa padroeira", assegurou o prior.

A novena, iniciada no dia 7, teve a participação de D. Lamartine, e a comemoração da visita do Papa ao Recife.

Já no dia 9, à tarde, o Diretor da URB-Recife, representando o Prefeito, reunia-se com o prior do convento, combinando as providências para a permanência dos brinquedos em frente à igreja até o dia 13, e posterior remoção dos mesmos e de barracas de comidas, para desobstrução do pátio. E assim a procissão saiu!

1984 - REALIZAÇÃO DE SEMINÁRIO SOBRE NORDESTE MARCA A FESTA DESTE ANO

De fato, por inspiração dos Religiosos do Carmo organizou-se no salão de reuniões do convento três tardes de estudo sobre o documento divulgado pelos Bispos do Brasil, em sua Assembléia Geral desse ano. O tema do Seminário: "Para que todos tenham vida no Nordeste empobrecido." Além disso, as pregações do novenário inspiraram-se no mesmo assunto, sendo coroadas pela fala de D. Helder, no encerramento da procissão.

1985 - POSSE DO NOVO ARCEBISPO E OUTRO SEMINÁRIO, PRINCIPAIS EVENTOS

A posse do novo Arcebispo Arquidiocesano, e a transmissão do cargo, se deram no espaço-tempo da festa, conferindo mais uma vez à Comemoração Solene o caráter de oportunidade propícia a eventos significativos para a vida da Igreja Católica na cidade. Outro Seminário de estudos teve lugar, em três tardes, com temas inspirados na Campanha da Fraternidade de 85. Curiosamente, o noticiário não faz referência ao seminário, concentrando-se mais na posse do Arcebispo, D. José Cardoso Sobrinho, na festa de rua, em franca decadência, este ano, e na festa afrobrasileira — as procissões e panelas de Oxum, inclusive uma semi-frustrada tentativa de "lavagem" da Basílica do Carmo.

3.2. ANALISANDO OS DADOS DA IMPRENSA

Apanhamos os fatos julgados significativos: pela sua repetição, pelo peso do seu significado para a festa, quer modificando-a, quer tornando-a mais ou menos lembrada na Imprensa; pela sua originalidade, e por revelarem facetas tidas por nós como importantes na compreensão geral da Festa do Carmo e de seus elementos constitutivos.

3.2.1. A Festa no contexto sócio-político local e nacional

Primeiramente, destaco a influência dos eventos sócio-políticos locais e alguns nacionais, no desenrolar da festa, e de sua divulgação, como sejam:

. a atuação de alguns carmelitas nos acontecimentos revolucionários de Pernambuco, em 1817 e 1824, já comentados no Capítulo II, resultando na não-divulgação da Festa do Carmo pela Grande Imprensa, amordaçada pela censura do Regime. Com a queda da mesma e do Imperador, a festa surge nas páginas do DP, juntamente com a recuperação da memória do Frei Caneca e outros patrio

tas;

. a campanha abolicionista presente na Capital da Província, capitaneada pelos liberais, penetra na Festa do Carmo, com gestos públicos, já em 1868, e em 1887: a compra da liberdade de escravos com dinheiro arrecadado na igreja, no primeiro ano, e com as verbas destinadas ao foguetório, no segundo. Tornou-se público, também pelo DP, a alforria dada a uma escrava adulta e duas crianças por três ex-carmelitas, com o fito de homenagear a Senhora do Carmo. Os gestos são lembrados com elogios pelo jornal de tendência liberal, até mostrados como exemplos para outras corporações religiosas seguirem. Mas, realmente, eles se mantêm dentro dos padrões esperados da época, sem questionarem a raiz do problema da aceitação da escravidão, o modelo econômico que a mantêm, como parte integrante do sistema. Por isso, são divulgados sem problemas no mesmo jornal que estampa as notícias diárias de negros fugidos, identificando-os para quem os encontrar, a fim de devolvê-los a seus donos. Não deixa de ter os seus mēritos o engajamento da Comunidade do Carmo nesta e em outras capanhas liberais de inspiração cristã, sobretudo quando a elas se sacrifica um maior esplendor das festividades, de acordo com o sabor da época. Com isto, sobrevém mais uma aura de simpatia e acolhimento para com a devoção da Senhora, o seu círculo de filhos identificados se amplia, ela se torna Mãe e Rainha dos escravos, também, fiadora de sua libertação; as representações coletivas da Senhora aumentam e se diversificam, pouco a pouco;

. os acontecimentos de 1922, no Estado, influenciaram na realização da festa. A esta altura a participação da oligarquia pernambucana e burguesia da cidade na coordenação dos festejos sob a orientação dos frades, tornara-se mais decisiva; a Senhora já é reconhecida oficialmente Padroeira. Interesses políticos, no entanto, foram julgados mais importantes que a celebração da Senhora do Carmo, daí a não preparação da festa, pela costumeira

Comissão. A insegurança do centro da cidade, com as escaramuças e enfrentamentos entre adeptos das duas facções acontecendo, fez recuar e reduzir a festa — sô litúrgica — para um tríduo e comemoração no dia 16. Além da variável que assinalamos acima, é de notar-se que a posição geográfica da igreja e da festa, no centro do Recife, fã-las vulneráveis aos confrontos que aĩ se realizam. De modo que, a segurança deste se reflete nas boas ou mãs condições para circulação dos devotos e comparecimento da população. Fica desde já comprovada a dependência da Festa do Carmo em relação às situações do centro da cidade. E, como as ruas centrais são, por excelência, o lugar onde se trava a luta pela vida, se vende, se compra, se troca dinheiro em banco, se realizam as grandes concentrações, as passeatas, os movimentos grevistas — o centro é para onde acorrem os grupos que têm algo a comunicar à população, palco privilegiado também das lutas políticas, campanhas eleitorais, salariais e outras —, a basílica e festa da Padroeira se vêem afetadas por estes movimentos, quer como pano de fundo, quer modificando-se seu funcionamento, sua estrutura, até sua configuração externa.

Não ficou esclarecido pelo DP se os religiosos se posicionaram por uma das facções ou permaneceram neutros. Mas, com referência aos acontecimentos de 1964, o jornal põe a festa em oposição à situação e Governo do País antes do movimento militar de abril, bem como descreve, na exposição das intenções da festa de 1964, a crença dos seus promotores, frades e leigos, no pretensso afastamento da ameaça comunista do País, argumento que sensibilizou altas camadas da classe média brasileira para aderir àquele movimento. Assim, tivemos uma festa de ação de graças pela "libertação da Pátria da ameaça comunista." As festas que se seguem, na década de 60, continuam a contar com a presença e participação das autoridades maiores civis e militares, do Estado, na procissão, missa solene concelebrada e às vezes, comparecendo ao almo-

ço, mesmo após ter este perdido as características de banquete oficial, selecionado, e ter-se "democratizado" com as presenças de representantes das irmandades, confrarias, Coral do Carmo da basílica e da concelebração, seminaristas, e outros, o que se deu a partir de 1966.

Os anos da "abertura política" do Governo Figueiredo encontram ressonância também na festa, inclusive porque os dirigentes carmelitas da época se identificam muito, igualmente, com a linha renovadora da Igreja Latinoamericana, daí o enfoque, nas novenas e dia da festa, nos temas da Campanha da Fraternidade, nos documentos emanados da CNBB, explicados nos sermões, programa da festa e nos seminários realizados em 1984 e 1985, já assinalados. Faz parte também desta ressonância com a liberalização e desencanto que atingiu a classe média em relação aos governos militares, antes por ela aprovados, a presença de D. Helder Câmara nos encerramentos da procissão, evento que vai ser descrito em mais pormenores, adiante.

3.2.2. A festa no contexto eclesial local e nacional

Neste segundo ponto, veremos a influência dos eventos eclesiásticos, nacionais e locais na Festa do Carmo, bem como ressaltaremos as vezes em que as comemorações da Senhora do Carmo interagiram com as programações Arquidiocesanas.

Já vimos, no capítulo II, que o estabelecimento definitivo dos carmelitas no Recife, a conseqüente construção do convento e igreja se deveu a um acontecimento internacional, de grande importância para a História da Ordem, com repercussões no Brasil-Colônia: a consolidação da Reforma Turonense em toda a Ordem e a fundação da Província Reformada Turonense de Pernambuco, com sede, inicialmente, no convento de Goiana, no interior do Estado, depois, transferida para o do Recife. A dita Reforma trouxe para

as terras pernambucanas o já mencionado Fr. João de S. José, homem que deixou marcas profundas nos fiéis do Recife e nos aldeamentos indígenas, confiados aos carmelitas reformados, por onde este religioso trabalhou. Esta Reforma realizou uma verdadeira volta às fontes, na tradição mística e histórica da Ordem, dentro do espírito da reforma eclesiástica, levada a efeito no Concílio de Trento, e já abraçada por muitas ordens religiosas. Portanto, o caráter de "filhos do Profeta Elias" e "Irmãos da Bemaventurada Virgem Maria do Monte Carmelo", foram vividos e transmitidos fielmente, nos fins do século XVII e XVIII, só vindo a arrefecer com os ventos de mudança e de relaxamento das ordens religiosas, carmelita, inclusive, no século XIX, acrescidos com o quase total desaparecimento da mesma, na segunda metade dos anos mil e oitocentos. A pregação da devoção a Nossa Senhora do Carmo e do Escapulário, este já enriquecido, a esta altura, com incentivos pelos Papas e pelo Santo Ofício, à semelhança do Rosário, foi apresentada com empenho nas missas e demais ofícios religiosos, na igreja do Recife, colaborando muito para isto a fundação da Ordem Terceira do Carmo, de que já falamos no supracitado capítulo.

Européia, de acentuação tridentina, em suas origens e configuração, a maneira de impor a devoção à Senhora foi-se amoldando ao jeito português de cultuar os santos, sobretudo a sua festa anual, fazendo-a pouco a pouco uma festa ibérica, que os carmelitas espanhóis, chegados no final dos mil e oitocentos, não tiveram dificuldades em aceitar, manter e acrescentar elementos novos.

Lusa, portanto, ibérica, abrasileirando-se no correr dos anos setecentos e oitocentos, a Festa do Carmo começa a ser influenciada pelo movimento de romanização da Igreja no Brasil, a partir da década de 1870, com a introdução da piedade eucarística, o incentivo à comunhão sacramental e o ritual da Bênção do Ssmo. Sacramento, no novenário e final da procissão, iniciando-se

o costume de colocar uma missa rezada, de "comunhão geral", mais cedo, a fim de as pessoas tomarem o café e poderem voltar para a Grande Missa da Festa. O processo de romanização, ou de "reeuropeização" da Igreja Católica no Brasil, como prefere chamar Gilberto Freyre, (Citado por Roberto Motta, no DP, 16.07.198, p.1 do Caderno VIVER), a continua a influenciar através das normas sobre a Liturgia e Música Sacra, sucedendo-se as já citadas reclamações pela "Tribuna", órgão oficioso da Arquidiocese, pelo seu não-cumprimento no novenário. A resistência se mantém, por parte dos frades, dirigentes leigos da festa e católicos ligados ao Carmo, sob a alegação de que as partituras musicais eram mais que centenárias, como também muito antiga a forma litúrgica da novena, dispensando-se assim da obrigação de seguir as orientações do Vaticano sobre estilos e instrumentos musicais a ser empregados na liturgia, seqüência dos ritos nas celebrações, etc. Deu-se então o fenômeno da solução de compromissos entre tradição e romanização, a título precário, permanecendo tensas, por algum tempo, as relações entre os religiosos e participantes da Cúria Diocesana, embora fossem muito cordiais os contatos entre o Bispo desta época, D. Luís de Britto e o Convento.

O Concílio Vaticano II foi o evento eclesial que mais influenciou na configuração da Festa do Carmo; não apenas o conjunto de rituais católicos, dentro da igreja, sofreu mudanças, como já se viu acima, mas também a procissão, a programação geral da festa, a parte musical. O mesmo não se pode dizer com respeito ao influxo dos Documentos da Igreja Latinoamericana, de Medellín e Puebla, influxo tardio, acontecendo mais a partida dos fins da década de 1970, por motivo da situação política nacional, e pelos promotores da festa — religiosos e leigos — não estarem, em sua maior parte, afinados com os supraditos documentos antes daquele período.

Por outro lado, a festa e a devoção à Senhora do Car-

mo parecem se impor com uma força tal que a Arquidiocese acede em navegar nas águas de uma e de outra. O que sucedeu: por ocasião do movimento de proclamação do Padroado de Nossa Senhora do Carmo sobre o Recife, apesar de reconhecido Sto. Antônio como Padroeiro, e sua coroação canônica; o Congresso Eucarístico Nacional, de 1939, quando A Virgem do Carmo é declarada Padroeira do Congresso, pela Arquidiocese, e a sua festa constitui-se num dos pontos altos da sua preparação; no Congresso Nacional do Escapulário do Carmo, em 1951, quando os agentes de pastoral, movimentos, associações arquidiocesanas e paroquiais são mobilizados na programação do mesmo; e, em dimensão menor, a comemoração anual da visita do Papa João Paulo II ao Recife, a 7 de julho de 1980, realizada dentro do novenário do Carmo.

3.2.3. As várias "festas" dentro da Festa

A leitura atenta dos acontecimentos cobertos pelo DP expõe diferentes tipos de participação dos segmentos sociais e religiosos da cidade ou seja, as maneiras diversas que têm o clero, diocesano e religioso (frades do Carmo), a burguesia comercial e aristocracia canavieira, as camadas populares e médias que comparecem aos atos da festa religiosa católica, o povo do sincretismo afro-brasileiro, que cultua Oxūn na mesma época, fazendo percurso constante basílica/terreiro/ofereidas nos rios, e o povão que organiza, participa da festa "de rua", — de celebrar a Padroeira, por todos estes festejada, reverenciada, "Santa do amor de todos", na expressão do poeta Joaquim Cardozo. São, por assim dizer, diversas "festas" dentro da festa, se influenciando mutuamente, às vezes paralelas, às vezes se reencontrando, umas em estado de decréscimo, outras em ascensão, achamos. Dá-se também o caso de multiplicidade de "festas" no campo religioso católico, coincidentes quanto à época da realização, mas divergentes em relação à festa da basílica,

pela posição dos seus promotores ha hierarquia eclesiástica, espírito que as anima, caráter mais público ou semi-privado. Estão nesse rol a Festa do Carmo do Frontispício, e as diversas "devoções" de N. Sra. do Carmo, no Recife, com suas festas específicas, semi-públicas, para os associados e convidados. Os dois tipos diferindo da Festa oficial" por suas características de festas "leigas" – promovidas por comissões e associações compostas por católicos seculares. No caso das "devoções", faltam-nos elementos para identificá-las em suas origens, natureza e funcionamento. Havia duas vertentes de associações eclesiásticas de leigos nos tempos da República Velha, incentivadas pelos bispos chamados "reformadores": uma destinada a motivar a piedade, o culto; outra, voltada mais para o apostolado da Igreja no campo social, para a sua presença na sociedade, enfrentando os profetas do pensamento social divergente dos ensinamentos da Igreja nesta matéria, as campanhas contra a laicização e estatização das escolas e demais teses liberais do tempo. Não se depreende das notícias do jornal, o grau de envolvimento com a hierarquia (arqui)diocesana, destas "devoções". O certo é que floresceram a ponto de tornar-se conhecidas da Imprensa. Já no caso da festa do Frontispício, notamos a persistência dos elementos luso-brasileiros, nela ficando, enquanto a "oficial" se romanizava em vários de seus aspectos já apontados.

A "festa" do clero

A Festa do Carmo e sua repercussão na Imprensa se devem, numa parte bastante ponderável, à atuação, dinamismo, poder de comunicação do Superior do Convento do Recife, principal agente clerical da Comemoração Solene. A coordenação sempre tem cabido a eles, com a participação da comunidade dos religiosos e a anuência, às vezes colaboração, da Arquidiocese e em particular, dos Srs. Arcebispos que, desde os tempos de D. Luiz de Britto, ou seja, des

de os inícios deste século, têm comparecido no dia da festa, como já foi explicitado. Esquecidas ou assimiladas as divergências entre as determinações de Pio X sobre a Música Sacra e o tradicionalismo litúrgico da novena e vésperas solenes, a concórdia sempre tem reinado entre a Cúria e o convento, contribuindo isto para a estabilidade da festa, através de adaptações realizadas na estrutura ritual das comemorações, de acordo com as várias tendências surgidas na Igreja, e a manutenção de elementos rituais tradicionais, por outro lado. Daí que, até hoje, muitos dos cânticos tradicionais continuam a ser executados, embora traduzidos para o português. Nota-se, assim, uma circularidade entre a liderança e poder de comunicação do Superior/coordenador da festa sobre os segmentos da sociedade local e sua repercussão na Imprensa, que influi no maior esplendor das solenidades, participação dos devotos, etc., isto repercutindo, por sua vez, na Imprensa. Deste modo, o DP mostrou como a influência de alguns destes homens notáveis fez a festa crescer (Fr. Lino do Monte Carmelo, Fr. João da Assumpção Moura, Fr. Alberto de S. Augusta de Vasconcelos, Fr. Cirilo Font, Fr. André Pratt, Fr. José Casanova), enquanto, o contrário acontecendo, pouca repercussão a mesma tinha nos jornais.

O "clero" celebra na Festa do Carmo do Recife o mesmo que a Ordem Carmelita celebra no mundo inteiro, e mais, a comemoração maior da Padroeira da Cidade. O maior ponto de concentração do clero, constituindo sua principal celebração da Padroeira, é a concelebração solente (antigamente o pontifical). Desde a década de 60, tem sido freqüente a participação de membros do clero diocesano no novenário, com ou sem representações de suas respectivas paróquias. O número notável de sacerdotes na concelebração salienta o assentimento deles ao fato do Padroado de Nossa Senhora do Carmo, conferindo a legitimidade contínua, ano após ano, aquilo que foi a resultante de uma campanha de mobilização popular, em 1908, motivada e incentivada, por sua vez, pelos frades do Carmo.

A "festa" das classes hegemônicas

Até bem pouco tempo atrás pareciam indissociáveis a participação destas e do clero na Festa da Padroeira. A aristocracia rural pernambucana e a burguesia comercial do Recife, em seus elementos mais representativos, constituíam, a nosso ver, o "braço secular" dos religiosos do Carmo na organização das comemorações. A ruptura foi, porém, acontecendo aos poucos, após o término do Vaticano II, em 1965, embora, às vezes, parecendo ainda ressurgir as antigas alianças tácitas entre aquelas classes, o poder civil e o poder religioso na festa, tornando-se mais clara, esta ruptura, na nossa percepção, do fim dos anos 70 em diante.

Falamos de aliança tácita entre os que detinham o poder religioso na festa e os que detinham o poder socioeconômico-político na sociedade pernambucana, porque ela não foi produto de acordos, negociações, mas, surgiu espontaneamente, dentro do espírito do catolicismo da época, essencialmente não-questionador da maneira como se constituía a Sociedade, embora, já o fizessem isso as Encíclicas Sociais papais. São inúmeros os destaques desta aliança no DP, a começar pelas listas dos "nobres cavalheiros" e "damas", membros das comissões anuais da festa, compostas de aristocratas, profissionais liberais, altos funcionários do Império e República e do Estado, e posteriormente, grandes comerciantes da praça do Recife. A ênfase dada às presenças das altas autoridades do Estado e cidade se subordina à importância que valhe dando o grupo dos religiosos e patrocinadores leigos da festa. A reserva das tribunas da capela-mor da basílica e de assentos especiais no presbitério para estas famílias demonstra visivelmente o apreço dado à participação das mesmas na condução da festa. Além de constituírem as comissões da festa religiosa e "profana" e figurarem nos lugares de honra na basílica e procissão, ao lado do Arcebispo e/ou superiores religiosos, esta classe coordenava, junto com os frades, a co-

leta das esmolas e doações maiores para a festa, eles próprios despendendo grandes somas, sobretudo os ocupantes dos cargos de "juiz", "juiza" da festa, do andor e da bandeira; alguns familiares se encarregavam da ornamentação do altar e igreja, durante o novenário e dia da festa, o que faziam com muito esmero, como já foi descrito; interferiam junto às autoridades civis, militares, policiais, no sentido de garantirem a infra-estrutura para as festas — religiosa, e "de rua", além do serviço voluntário de secretariar o Superior do convento. Esta aliança ensejou momentos de intensa participação e sentido humanitário nas campanhas do "bodo" para as crianças pobres, mobilizando dezenas de moças e senhoras da alta sociedade, mobilizações que deixam marcas saudosas nas pessoas informantes nossas desta classe, que alegam: "Nunca mais o Recife verá Festa do Carmo como naqueles tempos!"

Como não se lembrar aqui da conceituação weberiana de "religião dos dominantes" e "religião dos dominados", nos rituais que trazem conforto espiritual e também um pouco de satisfação material — num dia as crianças se alimentam melhor e saem com um presente, em nome da Padroeira —, porém mantidas as relações de classe, o circuito da exploração capitalista, suavizado embora, porque são as classes hegemônicas que preparam a festa para o povo, enfeitam igreja e praça, andor, cortejo da procissão, para encantamento de todos, os momentos paradisíacos, o fervor, o entusiasmo, a devoção, alimentando a esperança de dias melhores nos corações e mentes, esperança, no entanto que não se alicerça em perspectivas concretas, nem em promessas eficazes de mudança, porque os mecanismos em que se organiza a Sociedade permanecerão os mesmos. Temos aqui uma amostra dos rituais que expõem e mantêm o poder das classes hegemônicas, no pensamento weberiano. Voltaremos a este assunto no capítulo V. Portanto, por detrás dos interesses sinceros de cultuar a Padroeira, subjazem interesses outros na celebração, cada segmento da sociedade buscando fazer valer seus interesses prõ-

prios da classe, a legitimação do seu poder, no caso das classes hegemônicas, através da participação ativa e visível, na festa.

Esta aliança veio definindo por conta de motivos diversos, tais como: do lado eclesiástico, a orientação da Igreja Pós-Conciliar e Latinoamericana; a orientação da Arquidiocese, sob a coordenação de D. Helder Câmara; o surgimento de Superiores no Carmo mais afinados com esta linha da Igreja; e, do lado da sociedade global: o Regime Militar no País, consagrando e reforçando as classes hegemônicas no poder, de modo que elas não necessitavam mais de buscar em outros setores da vida social sua legitimação; o espírito diferente das novas gerações nestas famílias, produto da quebra do estilo de vida nos moldes patriarcais, com a entrada do "way of life" imposto pelo consumismo capitalista, ocasionando a crise da vivência e dos valores religiosos naqueles moldes; por fim, o relativo empobrecimento do Nordeste e perda de poder da aristocracia rural e burguesia industrial e comercial do Estado, por conta do modelo econômico concentracionista, instalado pelos tecnocratas do Regime.

A "festa" religiosa popular católica

Os protagonistas desta "festa" não têm nome na Imprensa. É a multidão anônima que lota a basílica nas noites do novenário e se comprime no dia 16, ocupa os espaços disponíveis no pátio, em frente à basílica, à saída da procissão, tomando toda a praça e um pedaço da avenida na concentração de encerramento, visita a igreja durante o tempo que se mantém aberta, à noite e durante o dia, rezando, olhando o altar-mor e o andor, comprando e recebendo o Escapulário do Carmo, santinhos, imagens da Padroeira e outras, lembranças da festa, acendem velas nos locais permitidos e nos proibidos, escrevem suas súplicas e necessidades nas paredes dos altares, sobretudo no pequeno altar de Nossa Senhora do Carmo, na en-

trada da portaria do convento (cf. cap. V), sentam na igreja para tomar um descanso entre um "footing" e outro pela festa do pátio. Pela manhã, muitos vêm procurar confessar-se e comungar na basílica, por devoção a maioria, pelo cumprimento do preceito da Comunhão Pascal, uns poucos, chegando de todos os bairros da cidade, mas também, da Região Metropolitana, e, em percentual menor, do Interior e de Estados vizinhos (cf. cap. IV), fazendo com que a Festa do Carmo do Recife apresente um aspecto de romaria. Desta multidão, boa parcela se esforça para arrancar as flores do andor e dos altares, a pretexto de lembranças da festa, da Padroeira, para curas...

Os interesses subjacentes desta classe, bem como a configuração de suas atitudes religiosas como "religião de dominados", serão mais amplamente analisados nos capítulos IV e V, assim também a amostragem da proveniência local deste povo, e sua opinião de que a festa religiosa católica continua crescendo em número e participação popular. Aqui, confirmamos o dado da Imprensa sobre este último fenômeno, de acordo com as avaliações numéricas dos participantes na procissão e concentração na Praça.

A festa afrobrasileira

As manifestações dos cultos afrobrasileiros no Recife em reverência a Oxûn começaram a ser publicadas no DP a partir de 1975. Até então, a grande imprensa resguardou-se em dar atenção a esta "festa", realizada nos terreiros, pontes e riachos do Grande Recife, e nos próprios rituais da festa católica, com muita gente na cor ritual de Oxûn, o amarelo, nas missas e procissões, ofertas de flores, roupas amarelas, a ornamentação do novenário não escapando, de alguns anos para cá, a forte predominância desta cor, visto que no mês de julho, as flores amarelas se encontram em maior quantidade que as de outro matiz, no comércio local. Talvez a con-

cepção destes cultos religiosos como de nível inferior, atividade religiosa "underground", não cabível de merecer referências jornalísticas, ou o receio de desagradar os promotores da festa católica, as Autoridades Arquidiocesanas, despertando protestos públicos, tudo isso pode ter inibido a publicidade das festas para Oxūn.

Com o crescimento do pluralismo na sociedade nordestina, e o avanço do processo de urbanização, aconteceu naturalmente o aumento do nível de aceitação desta mesma sociedade para com a vinda à luz das informações, pela grande imprensa, dos atos da festa afro, fruto do sincretismo Oxūn/Nossa Senhora do Carmo do Recife. Divindade do Rio Níger, na Nigéria, Orixã feminino do Panteão Yorubano, que preside as águas doces, dos rios, fontes, lagos, cachoeiras, dona do ouro, colhido nos rios, dos perfumes, aparecendo ora muito feminina, extremamente vaidosa, leviana, protetora do amor, qual Vênus Negra, ora se manifestando como ciosa dos predados e direitos femininos, qual líder feminista, outras vezes aparecendo como mulher guerreira — Oxūn Pandá —, ela é o único Orixã feminino invocada como "Mãe", na explicação de Pierre Verger (1981). "Saudemos a benevolência da Mãe", é o cumprimento ritual dos sacerdotes yorubas de Oxūn, na África, conforme ainda o citado autor.

Numa matéria do Caderno VIVER, no DP, em 1979, Valde luza D'Arce, sobre a sincretização Oxūn/Nossa Senhora do Carmo, escreve: "Essa é fácil de se entender, sobretudo se levarmos em conta o grande respeito e devoção consagrados pela população católica da cidade à santa e pelo fato de ser Nossa Senhora do Carmo como padroeira feminina de uma cidade imersa em água ..." A equivalência mítica que dá origem ao sincretismo, vem por estes dois caminhos, e mais, achamos: pelo caráter materno do orixã africano a correspondência na maternidade da Senhora do Carmo sobre o povo do Recife, como se demonstrará adiante, e, sobretudo, os adeptos da "dona do ouro" africana encontraram semelhança com o ouro do altar-mor da basílica a coroa de ouro com que N.Sra. do Carmo foi

coroada Padroeira, em 1919, os escapulários, brincos, adereços, cetro de ouro com que tem sido adornada no dia da festa, desde aqueles tempos do início do século até 1980, quando, a partir daí, o medo de furtos e assaltos à igreja vem desaconselhando a comunidade do Carmo de expor coroas e adereços. Inclusive, como todos os orixãs, Oxūn tem seus instrumentos, usados por seus "cavalos", quando a possuem: pentes, vidros de perfume, leque e principal de todos, o espelho. Pois bem, estivemos examinando muitos espelhos de Oxūn em exposição e nos cultos: freqüentemente os encontramos em forma de ostensório católico, um instrumental do culto em prata ou prata dourada, geralmente, contendo ao centro, guarnecido de vidro ou acrílico, um local onde se deposita a hóstia consagrada em tamanho grande, para adoração dos fiéis e bênção do SSmo. Sacramento. Ora, conforme depoimento de nossos religiosos mais antigos, ingressos na Ordem no início do século, desde aquela época se expunha durante todo o novenário o SSmo. Sacramento no ostensório dourado... Observa ainda, a autora da matéria, a discreção em que se desenvolve o culto a Oxūn, no Recife, longe das visitas da maioria dos curiosos. De fato, não se achará aqui a exuberância e mistura ostensiva das manifestações sincréticas bahianas, por exemplo. Tentativas, com apoio oficial, de divulgar mais os atos do culto afro, na Festa do Carmo, além de terem depertado uma franca não-aceitação na comunidade católica, não conseguiram até a data deste trabalho, maiores adesões da população, em geral.

No capítulo IV será exposto o resultado das entrevistas com babalorixãs, ialorixãs e filhos(as) de Oxūn. Este assunto terá lá sua continuação.

A "festa de rua"

Acompanhamos, no DP, a história desta festa, desde suas origens, na metade da última década do século passado, com o

advento das primeiras luminárias industrializadas, às quais se acrescentaram a ornamentação das fachadas e janelas dos sobrados e casas térreas do velho Pátio do Carmo, os florões, bandeirinhas de papel, galhardetes, arcos de folhagens, tudo formando a infraestrutura para o "footing", os namoricos tímidos e os folguedos populares, já citados em crônicas saudosas, misturando-se aqueles próprios do ciclo natalino — o pastoril infantil, com outros da época junina; além dos mamulengos, presentes nas festas do ano inteiro. Tudo isto regado às bebidas e comidas — doces e salgadas, da Região. A importação dos brinquedos movidos à energia elétrica — carrossel, roda gigante, os jaús, balanços e outros, incluindo a posterior criação dos parques de diversões, empurram os folguedos folclóricos para segundo plano até desaparecerem da festa. Os avanços sucessivos da malandragem recifense na Festa do Carmo, como na do Poço da Panela, também famosa por aquele tempo, vai afastando as "boas famílias" da festa "de rua", a ponto de vir a tornar-se proibitivo para moças e, mesmo, rapazes a elas pertencentes, frequentarem o Pátio do Carmo. Além dos pequenos furtos, a ocorrência de brigas, tiroteios, até por parte dos velhos rivais — soldados da polícia e do exército, espantam igualmente a classe média e as famílias de baixa renda, pelo menos à noite, comparecendo em massa apenas nos últimos dias do novenário e dia da festa. O Pátio e a festa "de rua" torna-se patrimônio de malandros de todos os naipes, rufiões, meretrizes ... A sua maneira, vêm festejar a Padroeira, muitos entrando na igreja, após os atos litúrgicos, pra fazer sua oração, pagar promessas, retornando à "difícil vida fácil", na Praça.

Constatamos, também, as modificações incessantes por que passou o velho Pátio, até chegar à Avenida de hoje, que se alarga em frente à Basílica, percurso dos ônibus que se destinam à zona sul da cidade, impondo mudanças nas configurações geográfica e socioeconômica do centro comercial. O DP mostra as conseqüências

reiteradas desta realidade para a evolução da festa "de rua", suas crises constantes, nas últimas décadas, as pretensas tentativas da Imprensa e dos Poderes Públicos em levantá-la, as quais, por falta de continuidade, não deram resultado.

Esta dimensão da Festa do Carmo seguiu caminho próprio, iniciando-se muito após a festa religiosa católica e teve quase seus dias contados, em 1985. Frequentada por outro público, diferente dos fiéis, habituais clientes da "festa da igreja", constituiu-se, a nosso ver, numa verdadeira dimensão separada da festa tomada como um todo, com existência, promotores e estrutura peculiares, uma "festa" dentro da Festa. Falamos em "promotores peculiares", pois que desde os anos 20 a festa "de rua" deixou de ser organizada por uma comissão formada pelos coordenadores da festa religiosa, sendo assumida pelos proprietários de parques e bares, em conjunto e sob a orientação da Prefeitura Municipal, através da Empresa de Turismo Municipal e outras autarquias.

Voltamos a este tema no capítulo IV, ao analisarmos os dados da pesquisa sobre esta "festa". Agora, uma palavra sobre a marginalidade na Festa do Carmo. Coletamos informações de pessoas mais idosas a respeito, inclusive do nosso Professor, Renê Ribeiro e esposa, e outras, lemos publicações a respeito do banditismo no Recife, (cf. Mello, Oscar: 1938) complementando as informações trazidas pelo DP. Ao que consta destes dados, a Festa do Poço da Panela, no bairro da Casa Forte, célebre também pelo comparecimento das "boas famílias", tornou-se ponto de encontro da malandragem. Mas, não era somente nas festas que atuavam os desordeiros e criminosos. Pereira da Costa (1958; 441-445) atesta depoimentos do "estado tristíssimo da segurança pública em 1817 em Pernambuco" e, "não menos deplorável era o estado da polícia no Recife nessa época. Quase todos os dias se cometiam assassinatos, roubos e toda a sorte de crimes, e não era prudente assentar-se alguém à noite à porta da sua casa..." E Oscar Mello (1938: 121, 125, 127-128) es-

crevendo sobre o fim do século XIX e inícios do XX: "A nossa capital ha largos annos passados era conhecida como a terra dos 'faquistas'. Os desordeiros perambulavam pelas nossas principais ruas, conduzindo armas ostensivamente e praticando crimes sem que houvesse para elles a menor punição, porque dispunham de protecção de certos chefes políticos, aos quaes serviam de capangas, principalmente nas épocas de eleição." É, pois, o sistema do "coronelismo" no reverso da medalha, mostrando o seu lado de impunidade, fruto do proteccionismo politiquero, indiferente ao bem público. Conforme ainda este autor, os ajuntamentos de povo eram razão suficiente para lá se reunirem também a turba dos desordeiros e "capoeiras", como, por exemplo, à frente dos desfiles das bandas musicais, empunhando quase todos, armas brancas (Mello, 1938:117), procurando confusão. Nas corridas de cavalo, no Recife, um dos poucos passatempos disponíveis para as famílias, nas tardes de domingo, eram frequentes as arruaças, terminando em cenas de sangue, a ponto de fechar-se o "Prado" por meses a fio.

De modo que, desordens na festa "de rua" do Carmo entram no contexto global da malandragem e violência do Recife, que está a merecer, ainda, um estudo científico mais amplo sobre suas causas e significados.

3.2.4. As "pompas", os "brilhantes e os "esplendores"

Refere-se, esta secção, ao uso constante das palavras: "brilho", "brilhante", "pompa", "pomposa", "esplendor" e outras expressões equivalentes, menos usadas, para medir o caráter da Festa religiosa, de seus rituais. Tais expressões surgem a partir de 1853, entram nos anos noventa, percorrem as décadas sucessivas deste século, até 1963. Aparecem no DP emoldurando conceituações de ordem triunfalista e enaltecedora das glórias e virtudes da Senhora do Carmo, e também do entusiasmo dos participantes nos ri-

tos, grandeza numérica da presença da população, além de designar a beleza dos altares, andores, imponência do cortejo da procissão, e da missa pontifical. A este conteúdo triunfal, a que se juntam considerações de ordem doutrinária, às vezes, principalmente nas décadas de 1910 e 20, somam-se, desde 1933, em diante, reflexões que apelam para a mudança da conduta, responsabilidade do devoto de Nossa Senhora do Carmo, ao mesmo tempo que os adjetivos "piedoso" "fervoroso", "respeitoso" se fazem notar. Acompanhando estes, já estão, igualmente, os qualificativos acima elencados, associando a festa e a Senhora à significação daqueles termos. E assim, Nossa Senhora do Carmo, a "Rainha coroada do Recife", na feliz expressão de Roberto Motta (Cad. VIVER do DP, 16.07.82) vinha sendo aureolada por um conjunto de adjetivos grandiloquentes, alicerçando e alimentando o conceito que dela tem a população católica e afrobrasileira da cidade da qual é Patrona.

3.2.5. O dinheiro para e da festa

Vimos no DP as raízes ibéricas da Festa do Carmo do Recife. Ora, na questão do sistema de arrecadação monetária para as despesas inevitáveis das celebrações e folguedos provenientes daquela raiz, elas apresentam dois tipos: a comissão que sai por ruas, se a festa é urbana, e sítios, se rural, com a bandeira do santo, ou quadro, pedindo a colaboração. Este sistema até hoje vigora em festas rurais brasileiras, como as do "Divino". O outro tipo, é a escolha anual de um corpo de "juizes", ou benfeitores, geralmente personagens de mais recursos na comunidade, ou que ocupam posições de mando, liderança, gozando assim de influência suficiente para despenderem boas quantias, e fazer que outros façam o mesmo. Bom, estes dois sistemas vigoraram na Festa do Carmo, conforme as notícias, acrescentando-se um terceiro, a meio termo entre os dois, achamos: o apelo, dirigido através da imprensa e ao vivo, na igre-

ja, para os contribuintes espontâneos deixarem suas esmolas no próprio convento.

O primeiro tipo vigorou até inícios da década de 1960: saíam grupos de "comissões" para os vários bairros mais centrais da cidade, formados de membros da Ordem Terceira, das Confrarias da basílica e acompanhados por religiosos do Convento do Recife. A instituição dos "juizes" da festa, da bandeira, do andor, acompanhados da "Grande Comissão dos festejos", a encontramos desde as primeiras décadas de registro da festa do DP, tomando nuances e modificações variadas e superficiais em sua constituição, mas a idéia que a preside ficando a mesma: o apadrinhamento de boa parte das despesas das celebrações por famílias e personagens influentes da vida socioeconômica e política da cidade e Província/Estado. Com a "democratização" verificada na festa, após o Vaticano II, vai cessando este apadrinhamento explícito, as doações são mais anônimas, chegam espontaneamente para as mãos dos frades — do superior do convento sobretudo, como coordenador da festa — listas de contribuições são preparadas pela Ordem Terceira e por outros grupos de leigos mais ligados à basílica; vêm também das associações religiosas responsáveis por cada noite do novenário e, principalmente, da venda de artigos religiosos, lembranças de Nossa Senhora do Carmo — imagens, santinhos — escapulários e demais devoções.

Os frades administram este dinheiro, encarregando-se da limpeza e preparo geral da igreja, merendas para bandas de música e policiais encarregados da segurança da festa, espórtulas para pregadores, celebrantes não-carmelitas, gratificações para os funcionários e demais despesas comuns nestes eventos, previstas ou não.

Apesar da extinção das instituições acima descritas, a receita continua superior às despesas com a festa, dando uma folga maior à economia conventual, nos meses a ele subsequentes.

3.2.6. O Sagrado e o Profano na Festa do Carmo

Aplicamos aqui as notas apresentadas na Introdução sobre o sagrado e o profano e alguns fatos e situações que ocorreram/ocorrem na festa, narrados neste capítulo.

Referimo-nos, em primeiro lugar, aos dois rituais paralelos denunciados pelo jornal "O Carapuço", em 1834: a "paquera" institucionalizada durante o ritual do novenário, entre os "gamenhos", e o "mandamismo", aqueles, postados em pé junto à balaustrada que separa a nave central da basílica dos corredores laterais, e estas, ocupando lugares nos bancos dentro da nave central. Lopes Gama, criador anônimo do pasquim, conta saborosamente, com detalhes, este que chamamos de anti-ritual, justamente porque põe em risco a integridade da novena, sem no entanto querer destruí-la, antes, pelo contrário, necessitando daquela hora, espaço e ritual da igreja, para realizar-se. Esta "paquera" tinha por finalidade preparar encontros fortuitos na saída do templo, discretíssimos, na base de falar entre os dentes, ou deitar no chão ou na mão do rapaz um bilhete com o endereço da moça cortejada. Temos, pois, o ritual esperado, propício, mas que dá ocasião a que aconteça o anti-ritual, execrado pela opinião pública, como bem mostra a crônica, o puro e o impuro caminhando paralelos, forças opostas mas em estreita aproximação e parentesco, como salienta Durkheim (1965: 455-461): são duas variedades da mesma classe, pois o anti-ritual podia sempre cessar, por tempos, deixando o espaço para a participação atenta, devota, no ritual da novena.

A seqüência festa-na-igreja-festa-de-rua, na Festa do Carmo, não fosse o perigo representado pela violência e presença da "marginália" na praça, ocorreria tranquilamente num universo totalizado, em que os elementos do sagrado e do profano se combinariam harmonicamente, conforme observações dos nossos antropólogos sobre as "festas de santo" rurais. Temos um funcionamento ora se-

quenciando, ora paralelo, fazendo parte do mesmo conjunto, como diz Da Matta, com respeito ao binômio acima mencionado. Mas, não sãõ: hã elementos que comparecem tanto numa "festa" como na outra, ou, mesmo, que estãõ ambivalentemente presentes nas duas: a bandeira da festa, que, hasteada no inõcio do novenãrio, permanece tremulãdo no mastro atẽ a noite do dia 16, na calçada em frente ã basõlica, de frente para a praça onde se arma a festa "de rua". Ali fica o sõmbolo por excelẽncia da festa unindo dois momentos importantõssimos dos festejos e celebrações, assim como o devoto os uniria sem medo, se a segurança na praça o permitisse. O outro elemento convergente do sagrado e profano ẽ a banda de mõsica, funcionando tanto nos atos religiosos - procissões, chegada do Sr. Arcebispo - e na retreta, chamariz do povo para permanecer na praça, esticando mais a noite e motivando a buscar brinquedos e bares. Temos pois, ambas as ligações entre uma e outra festa: aquela, simultãnea, esta, sucessiva, aquela mais fortemente sacral, esta, ambivalente.

No entanto, o espaço da Praça do Carmo, onde se monta a festa "de rua", ẽ o mesmo onde se realiza o maior e mais importante ritual religioso catõlico: a procissãõ. Assim, este espaço, diariamente profano do centro da cidade e, na festa, reservado tambẽm para os festejos de rua, ẽ tomado pelo sagrado, na grande procissãõ e concentraçãõ que a encerra, bem como pelo hasteamento e exposiçãõ da bandeira.

Temos, nestes casos, nãõ sãõ a convergẽncia mõtua entre os dois, fazendo parte do mesmo conjunto e configuraçãõ, mas o fato de que os rituais e a bandeira da festa, invadindo o espaço profano, impõem a supremacia do sagrado nas Comemorações Solenes da Senhora do Carmo, mostrando ser ele o mais importante, o que "dita as regras" - como foi visto nas tensões entre a festa "de rua" e a religiosa catõlica, - e o que dã legitimidade aos festejos profanos.

3.2.7. Tradição versus Devoção

Este assunto poderia ser colocado quase como corolário da secção anterior, pois, assim tem sido apresentado na Imprensa nos casos acontecidos de luta ou tensão entre a festa católica e a "de rua", quando se pretendia confinar este em nome do pretense prejuízo para a devoção. O problema a nosso ver, porém, esteve sempre — intencionalmente ou não — mal colocado na Imprensa. Antes, as crises se originaram de decisões tomadas por órgãos estaduais e municipais de turismo e/ou trânsito e outros, chefiados por oficiais, no Regime Militar, e o costume da festa "de rua" que devia ser mantido, na opinião dos seus imediatamente interessados: os donos dos parques de diversões, bares, etc., dividindo as opiniões de técnicos de órgãos públicos diretamente ligados ao problema e jornalistas, enquanto a opinião pública popular geralmente votava a favor da manutenção do espaço físico e social da festa, os Frades do Carmo permanecendo oficialmente neutros ao debate, através de seus porta-vozes.

Os simpáticos às decisões todo-poderosas dos coordenadores militares do Detran, por exemplo, revertiam o significado da disputa, centrando-se no binômio — tradição x progresso ou devoção. No caso "progresso" seria não afastar as linhas de ônibus dos terminais estabelecidos na Avenida, prejudicando com isto a área disponível para a festa externa. Este autoritarismo e falta de imaginação em encontrar o espaço para uma e outra coisa era justificado como "progresso" ou incentivo à "devoção", em detrimento da "tradição".

3.2.8. A festa do malandro e o "bodo" das crianças

Dentro do contexto da "marginália" presente na Festa do Carmo, relatamos a crônica do DP sobre o malandro "Mincharia",

no ano de 1937. A mesma edição trouxe também a notícia do "bodo" das crianças pobres, realizada na véspera da festa. São duas descrições, narrando dois quadros situacionais diferentes, dos quais resultam dois modos distintos de se festejar a Padroeira.

A maneira do malandro e os valores nela expressos: a festa sugerindo a aventura no jogo, o prêmio, a comemoração espontânea e alegre, o aspecto lúdico da vida com seus imprevistos bons e maus, e da devoção à Senhora, vivida numa configuração de partilha entre iguais, numa perspectiva horizontal, o malandro terminando a festa tão pobre quanto antes de "tirar no bicho".

O quadro do bodo das crianças pobres: o valor religioso enfatizado, numa configuração de distribuição de esmolas — não de partilha efetiva, numa perspectiva vertical, de cima para baixo — do coreto, onde estão as autoridades religiosas e civis, para o plano da praça, onde se aglomeram as crianças e as distribuidoras dos pacotes, estas mantendo também a disciplina.

Em ambas situações, os papéis não se modificam, as posições sócioeconômicas dos personagens mantêm-se idênticas, a estrutura e hierarquia sociais não são questionadas. Naturalmente, não discutimos aqui intenções, retíssimas da parte dos promotores do bodo e auxiliares diretos, tratando-se, inclusive, de prática comum da Igreja no Brasil da época; apenas, caracterizamos os atores, cenários e papéis em dois quadros opostos, ambos pertencendo igualmente à extrema variedade de nossos dramas sociais.

CAPÍTULO IV

AS "FESTAS" - FALA O POVO

Achamos que era muito importante escutar o povo, como um processo metodológico a mais para testar a hipótese, e por ser ele a clientela maior da festa, o protagonista mais numeroso do ritual, embora escondido no amplo anonimato das massas. Então, inserimos a aplicação de entrevistas por ocasião da Festa do Carmo de 1985, no plano geral da pesquisa.

Diversas dificuldades metodológicas se apresentavam: a primeira delas, ao nosso ver, era o universo indefinido numericamente, de gente que ocorre todos os anos à Basílica, à procissão, à festa "de rua". Além disso, como entrevistar cômoda e satisfatoriamente as pessoas, em meio à multidão, às enormes aglomerações? E, que grupo escolher, qual o mais representativo deles: o que vem para a igreja, ou o que se concentra na procissão? Qual deles seria o melhor portador das aspirações, representações simbólicas, valores, da devoção católica para com a Padroeira?

Das conversas, leituras, reflexões, foram surgindo aos poucos, respostas. A entrevista de tipo semi-estruturada facilitaria a ampliação do número de amostras. Acrescentando às perguntas destinadas a testar as hipóteses sobre a festa religiosa católica e a "de rua", formulamos outras para obter uma amostra da estratificação

social dos frequentadores da festa católica, em termos de: sexo, idade, estado civil, poder aquisitivo, profissão e procedência (bairro do Recife, Região Metropolitana ou Interior do Estado). Construímos o questionário e o testamos, aplicando vinte e seis entrevistas na Festa de Santo Antônio, a 13 de junho de 1985, trabalhando com quatro entrevistadoras, estudantes universitárias da área de sociologia. Demonstrada a compreensibilidade das perguntas, partimos para enfrentar o problema da validade estatística, diante do quadro de um universo indefinido, que os jornais dos últimos anos a aliavam entre 20 e 40 mil pessoas, na procissão. A conselho do orientador, consultamos dois estatísticos da Fundação Joaquim Nabuco, os quais recomendaram o seguinte: aplicar 800 entrevistas, assim divididas: 300, entre a população da procissão, 250 entre as pessoas que virão para a igreja, no dia 16, e 250 na festa de rua, aplicando-a a todos os proprietários e trabalhadores do parque de diversões, barracas, bares, etc., e as restantes, entre os frequentadores, escolhidos aleatoriamente. Trabalhamos com 20 entrevistadores, estudantes de nível universitário, preparados antes em duas reuniões, e postados em locais estratégicos, dentro da igreja e na praça, e parados, no percurso da procissão, abordando as pessoas através de técnicas aleatórias. Idêntico foi o questionário aplicado na procissão e dentro da basílica. O da praça, atendendo às hipóteses próprias com respeito à festa de rua, teve outras perguntas, referentes àquela festa. Escolhida aleatoriamente a noite do novenário para aplicação das entrevistas na praça, dentre as de maior frequência - fins de semana e últimos dias da novena - foi sorteada a noite de 15 de julho, véspera da festa.

4.1. FALA O POVO DE DENTRO DA IGREJA

Apresentaremos agora os resultados das entrevistas aplicadas dentro da basílica, distribuídas entre o turno da manhã, caracteri

zado pelas missas, comunhões, confissões e a Missa Solene Concelebrada, e o turno da noite, iniciado logo após a concentração da procissão, caracterizado pelas visitas à igreja, recepção de escapulários, busca de bênção de artigos sacros, adquiridos na festa da rua e na portaria do convento, e ainda, por algumas raras confissões.

Inicialmente, aqui vão as perguntas preparadas para obter uma amostra da estratificação social dos frequentadores:

1. *SEXO*
2. *PROFISSÃO OU OCUPAÇÃO PRINCIPAL*
3. *ONDE MORA (bairro da cidade onde reside)*
4. *ESTADO CIVIL*
5. *TEM CASA PRÓPRIA?*
6. *TEM CARRO PRÓPRIO?*
7. *QUANTO GANHA POR MÊS?*
8. *IDADE*

A obtenção do dado sobre o poder aquisitivo dos entrevistados e também da idéia aproximada da classe a que pertencem foi conseguida pela conjugação das respostas à 2a. 3a. 5a. 6a. e 7a. perguntas. Isto vale tanto para estas quanto para as entrevistas da procissão.

Foram aplicadas 245 (duzentas e quarenta e cinco) entrevistas, na basílica. Faltaram 5 (cinco), ou 2% do total, para completar o número previsto.

Entrevistaram-se 99 pessoas do sexo masculino, 40,4% do total, e 146 do sexo feminino (59,6%).

O levantamento das profissões e/ou ocupações principais dos homens entrevistados revelou uma enorme lista, indicadora de surpreendente dispersão profissional. Temos: Empresário (1), Eletricista (1), Juiz de Direito (1), Funcionário dos Correios e Telégrafos (1), Auxiliar Administrativo (1), Industrial (2), Juiz de Trabalho (1), Engenheiros (2), Militar-oficial (1), Militar-soldado

(1), Funcionário Público estadual (3), Advogado (1), Diretor Comercial (1), Contador (2), Metroviário (1), Agente Administrativo (1), Bancário (1), Serviços gerais (3), Embalador (1), Auxiliar de escritório (3), Informante (1), Digitador (1), Carteiro (1), Cozinheiro (2), Servente (1), Cadastrador (1), Paginador (1), Eletricista (1), Industriário (1), Escriturário (1), Vigilante (2), Pintor de automóveis (1), Veterinário (1), Securitário (1), Agricultor (3), Aposentado (1), Sacristão (1), Funcionário Público Municipal (3), Radiotécnico (1), Garçon (1), Serralheiro (1), Carpinteiro (), Perito Criminal (1), e as profissões com maior número de participantes: Motoristas (6), Professores secundários (5), Vendedores autônomos (4), Comerciantes (6), Comerciantes (12) e Estudantes (5). Além destes, 3 não declararam profissão.

Entre as mulheres, excetuando-se as donas-de-casa, com 47 (32,2%), as estudantes, com 24 (16,4%) e as empregadas domésticas, entrando com 11 (7,5%), as restantes apresentam uma interessante dispersão, embora menor que os homens, assim distribuída: Religiosas (2), Professora de 2º grau (2), Funcionária Pública Estadual (5), Comerciante (7), Advogada (2), Costureira (5), Orientadora de Produtos de Beleza (1), Funcionária dos Correios (1), Bancária (3), Engenheira Mecânica (2), Funcionária Pública Federal (1), Assistente Social (2), Comerciante (3), Psicóloga (1), Professora de 1º grau menor (8), Copeira (2), Recepcionista (1), Vendedora (1), Enfermeira (2), Modelista (1), Merendeira (1), Vigilante (1), Secretária (1), Florista (1), Funcionária Pública Municipal (3), Monitora de Automóvel (1), Governanta (1), Cozinheira (1), Aposentada (1), Técnica de Contabilidade (1). Temos aí o total de 146.

A pergunta sobre o estado civil levantou o seguinte resultado: SOLTEIROS = 107; CASADOS = 114; SEPARADOS/DIVORCIADOS = 9; VIÚVOS = 15. Os casados constituem 46,6%, solteiros, 43,6%, separados, 3,7% e viúvos, 6,1%. Sabendo-se que não se considera uma diferença de até 4%, podemos dar como empatados os números de casados e sol-

teiros. Mas, lanço uma dúvida se os que se identificaram como casados realmente todos estão vivendo unidos; isto, considerando o número muito baixo dos que se anunciaram como separados ou divorciados. Diante do número enorme de separações, hoje em dia, aferido por outros meios, acho que se pode desconfiar da veracidade daquela resposta.

Vamos considerar rapidamente, também, o item IDADE, deixando para depois os itens que levantam a situação socio-econômica dos entrevistados.

Tomando primeiro o grupo das MULHERES, mais numeroso, e distribuindo-o por faixas etárias, temos:

- . De 16 a 20 anos = 11 (04,5%)
- . De 21 a 30 anos = 39 (16%)
- . De 31 a 40 anos = 44 (17,9%)
- . De 41 a 60 anos = 42 (17,1%)
- . De 61 a 74 anos = 10 (04,1%)
- . Não declararam idade = 2

A faixa mais numerosa é a de 31 a 40 anos, faixa da maturidade inicial, suplantando a da plena maturidade (41 a 60 anos), que concorre com 17,1% para as duas décadas. Praticamente empata também, com a faixa de jovem-adulto (21 a 30 anos), das moças ingressas no mercado de trabalho, em fase de conclusão de cursos universitários, e de início de vida matrimonial. Faremos outras considerações em seguida à apresentação dos homens:

- . De 16 a 20 anos = 09 (03,7%)
- . De 21 a 30 anos = 19 (07,7%)
- . De 31 a 40 anos = 22 (08,9%)
- . De 41 a 60 anos = 34 (13,9%)
- . De 61 a 81 anos = 11 (04,5%)
- . Idade não declarada = 4 (01,6%)

Neste grupo, apresenta-se maior a faixa da plena maturidade, seguida pela maturidade inicial. Em percentual absoluto, aquela ven-

ce esta, mas, lembramos que se trata, ali, de duas décadas. Neste caso, em termos relativos, apontamos a faixa dos 31 a 40 anos como a mais concorrida. Aqui, como com as mulheres, a primeira juventude apresenta-se bem pouco numerosa, nas mulheres, ligeiramente superior à faixa da velhice, nos homens, inferior. Margens de erro e relatividade do processo à parte, vê-se que a festa na igreja tem a sua curvatura de concorrência nas faixas da juventude adulta, maturidade inicial e plena. Não é uma festa de pessoas idosas, inclusive porque a aglomeração, o desconforto do aperto, falta de lugares para sentar, etc., pode inibir uma maior frequência de idosos na basílica, durante os atos litúrgicos. Por outro lado, a notável ausência dos muito jovens, pode estar a indicar o caráter contido, "sério", penitencial mais que de exaltação coletiva, da festa religiosa dentro da igreja, não muito da preferência desta idade, mais amiga das manifestações religiosas de cunho lúdico, entusiasta. A predominância de frequência de pessoas nas faixas de idade acima descritas demonstra uma projeção otimista em relação ao crescimento numérico progressivo da festa. Comparados os níveis de idade, mais adiante, com as respostas às outras perguntas da entrevista, as de índole qualitativa, veremos outras conclusões que se podem auferir.

Agora, as perguntas que sondaram a posição socioeconômica dos devotos:

CASA PRÓPRIA: SIM = 140 (57,1%); NÃO = 105 (42,9%)

CARRO PRÓPRIO: SIM = 43 (18,0%); NÃO = 202 (82,0%)

SALÁRIO ou NÍVEL DE RENDA MENSAL:

. Não tem salário	70
. Não respondeu	03
. De 1 a 2 salários	85
. De 2 a 4 salários	17
. De 4 a 6 salários	05
. De 6 a 10 salários	<u>05</u>

TOTAL

245

Este último dado - salários - por si sô, naturalmente, não avalia nível de renda e/ou situação de classe. Por exemplo, o item - não tem salário, pode indicar situação de dependência em relação ao marido, ou pais, não somente desemprego. Igualmente, o item - menos de um salário pode referir-se também a estudantes ou esposas, que recebem mesadas, não somente trabalhadores mal remunerados. Por isso, como disse acima, este dado foi computado levando-se em consideração os itens: moradia, profissão, o que ganha por mês, casa e carro próprio. Assim, temos o seguinte levantamento estatístico:

- . *HOMENS E MULHERES POBRES* 183 (74,7%)
- . *HOMENS E MULHERES CLASSE MÉDIA E RICA*.. 62 (25,3%)

Portanto, na festa é predominante a presença de pobres, do povão. Eles que acorrem em grande número, sob o fascínio que nelas desperta a Senhora, a Padroeira, a Ela agradecem, suplicam, pagam promessas e tentam levar dela uma lembrança, através da compra de algum objeto sacro ou do arrancar a todo custo uma flor do andor da procissão ou dos arranjos dos altares, no fim do dia 16. Esta multidão, que não participou da preparação nem da execução da festa, mas que invade igreja e praça pública, no Dia Sagrado, fazendo sua, também, a Comemoração Solene, exigindo o acesso aos locais mais próximos da Santa, para cumprir suas promessas, sentir o contato com o espaço sagrado, vivenciar a esperança que se renova em mais um dia venturoso, passado sob o olhar da Padroeira.

A análise dos locais de onde provieram os entrevistados demonstram não pequena dispersão, também, assim discriminada:

- . Cidade do Recife - foram indicados 36 bairros nitidamente populares e 25 bairros de classe média que, no entanto, possuem "bolsões" de população favelada.
- . Região Metropolitana do Recife - foram assinalados 17 bairros e Distritos dos Municípios de Olinda, Jaboatão, Cabo,

São Lourenço da Mata, Camaragibe e Paulista.

- . Outros Municípios do Estado - encontramos Sirinhaem e Surubim, cada qual com uma pessoa entrevistada.
- . Capital de outro Estado - uma pessoa acusou proveniência de Maceió, capital de Alagoas.

E agora, já podemos adentrar mais no estudo deste fascínio exercido pela Senhora, cujas raízes já estudamos no cap. II, examinando as respostas às perguntas 9 a 14 do questionário.

Pergunta nº 9: *O QUE VOCÊ VEIO BUSCAR AQUI NA FESTA?*

As diversas respostas vão agrupadas em categorias nas duas tabelas que se seguem (nºs 1 e 2). Na primeira, agrupamos as respostas por sexo e poder aquisitivo. Na segunda, por sexo e idade.

Nas duas tabelas, o "motivo religioso" supera de longe (71,4%) as outras categorias, se afirmando como a motivação mais poderosa que vem atraindo o povo para a Basílica, no Dia da Festa. Supera de muito, embora em proporções diversas, tanto nos homens como nas mulheres, tanto nos pobres, como na classe média e rica. Na tabela por idade (nº 2), com exceção da primeira faixa etária, nos homens, onde quase empatam - 5 por 4 - o "motivo religioso" e a "curiosidade", temos distâncias de razoáveis a grandes, em favor da categoria "motivo religioso". Depois desta, segue-se, em número de escolhas, a segunda - "curiosidade", ou mera visita à igreja, à festa, para conhecer, para olhar o movimento.

Por "motivo religioso", agrupamos as seguintes motivações, expressas nas respostas: "Fazer uma oração", "prestar homenagem à Santa e rezar pela paz de todos", "participar" (6 apontaram isto), "agradecer tudo que fez por mim" (várias escolhas), "pedir saúde e melhores condições de vida" (vários), "pagar promessas" por si próprio e por parentes (vários), "ver a Santa e prestigiar o Dia da Padroeira", "pedir mais graças" (vários), "pedir mais harmonia entre as pessoas, mais amor", "participar da festa junto com o povo",

TABELA Nº 01. MOTIVAÇÕES PARA VIR À IGREJA. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

MOTIVAÇÕES	HOMENS			MULHERES			TOTAL	
	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	%
Motivo religioso	47	18	82	28			175	71,4
Curiosidade (visita à igreja)	16	04	18	06			44	18,0
Passeio, diversão	05	01	03	-			09	3,6
Tradição	02	01	02	01			06	2,4
Acompanhar família	01	-	-	-			01	0,4
Não respondeu	03	01	04	02			10	4,2
							TOTAL:	245
								100,0

TABELA Nº 2. MOTIVAÇÕES PARA VIR À IGREJA. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

MOTIVAÇÕES	H O M E N S						M U L H E R E S				
	16 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 61	61...	Id.ind.	16 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...
	Motivo religioso	05	10	16	24	08	02	08	26	34	32
Curiosidade	04	03	04	06	02	01	03	07	06	08	-
Passeio, diversão	-	04	-	02	-	-	-	02	01	-	-
Tradição	01	02	-	-	-	-	-	02	-	-	01
Acomp.família	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-
Não respondeu	-	01	-	01	01	01	-	03	02	01	-

"por devoção à Nossa Senhora" (vários), "vim buscar paz e alegria", "pedir felicidade e paz" (vários), "sou romeiro há 20 ... há 30 anos" (dois, de fora do Recife), "vim à Missa" (vários), "vim pela fê" (vários), "vim buscar mais fê" (dois), "participar dos louvores à N. Senhora", "participar na fê do povo" (dois), "pedir a Cristo pelos pobres, e fazer uma visita a Nossa Senhora", "vim buscar uma semente de fê", "hoje é dia especial pra pagar promessa", "pedir a proteção da Mãe do Carmelo pra mim e minha família", "pedir milagres", "visitar a minha Padroeira, tenho muita fê nela", "vim buscar a bênção de N. Sra. do Carmo", "tenho uma obrigação anual", "vim pedir sossego de vida", "fazer pedidos", "vim dar minha devoção", "maior fraternidade para todos", "rezar pela minha filha que não é certa, e os vizinhos, que gostam de catimbô e macumba", "pedir um emprego para o filho", "compreensão, paz" (vários).

Pergunta nº 10 - *NA SUA OPINIÃO, O QUE NOSSA SENHORA DO CARMO PODE LHE DAR EM ESPECIAL, DIFERENTE DOS OUTROS SANTOS?*

A ênfase da pergunta é posta nas palavras - "em especial, diferente dos outros Santos", com a finalidade de testar a especificidade da devoção, do culto à Nossa Senhora do Carmo. Tenta ver, se, de fato, há algo de especial, de próprio da Senhora, que seus devotos possam buscar, invocando-a, na festa ou nos dias correntes, ou se, ao contrário, não exista nada de diferente entre Ela e os outros Santos, em termos de atendimento a determinados pedidos, de patrocínio a causas definidas, de uma certa "especialidade", com que outros Santos são contemplados pela piedade popular. Bem, as respostas foram classificadas novamente em duas tabelas (nºs 03 e 04), atendo-se ao critério da divisão de sexos, nível social e idade, para se observar possíveis diferenças entre estas variáveis.

TABELA Nº 03. BENS ESPECÍFICOS QUE OS DEVOTOS ESPERAM RECEBER DA SENHORA DO CARMO
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

BENS	HOMENS			MULHERES			TOTAL	%
	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL		
Saúde	10	-	10	14	03	17	27	10
Valores religiosos	24	06	30	53	33	86	116	43
Dinheiro	03	-	03	04	-	04	07	2,6
Emprego	-	-	-	04	-	04	04	1,5
Igual aos outros Santos	09	06	15	13	10	23	38	14
Nada	08	02	10	03	02	05	15	5
Tudo	08	06	14	28	09	37	51	18,7
Quem dá é Deus	01	-	01	-	-	-	01	0,4
Depende da fê	-	03	03	-	-	-	03	1,2
Compromisso com os pobres	02	-	02	-	-	-	02	0,7
Sucesso	-	-	-	-	01	01	01	0,4
Não respondeu	02	-	02	03	03	06	08	3

TABELA Nº 4. BENS ESPECÍFICOS QUE OS DEVOTOS ESPERAM RECEBER DA SENHORA DO CARMO
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

BENS	H O M E N S						M U L H E R E S				
	16 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61...	Id.ind.	16 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...
Saúde	01	-	05	01	02	01	01	04	04	06	02
Valores religiosos	05	09	04	09	02	01	08	12	24	30	12
Dinheiro	-	02	-	01	-	-	-	01	-	02	01
Emprego	-	-	-	-	-	-	-	04	-	-	-
Igual aos outros S.	01	03	05	05	01	-	-	08	08	07	-
Nada	02	04	-	03	01	-	-	-	04	01	-
Tudo	-	-	04	06	03	01	-	06	09	17	05
Quem dá é Deus	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-
Depende da fê	-	-	-	03	-	-	-	-	-	-	-
Compromisso c/pobres	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-
Sucesso	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-
Não respondeu	-	-	01	-	-	01	-	01	03	02	-

As escolhas suplantaram o número de entrevistados – 245: é que diversas pessoas apontaram respostas pertencentes a categorias diferentes, anteriormente elencadas.

Lendo as tabelas, constatamos: a principal escolha recai sobre o item – "valores religiosos", com 43% do total de respostas. Segue-se o item "Tudo", com 18,7%; em seguida, "Igual aos outros Santos" – o que implica no não-reconhecimento de nenhuma diferença entre Nossa Senhora do Carmo e outras invocações de Nossa Senhora e Santos do santoral católico, no sentido do atendimento a pedidos especiais, próprios – com 14% das escolhas.

A este, pode-se juntar o item "Nada" que quer dizer: nada em especial N. Senhora do Carmo pode me dar; a origem desta afirmação, porém, não fica clara, tanto podendo significar a ausência de diferença entre Ela e outros Santos, como a não-crença na prática católica de pedir graças, ajudas, etc., sobretudo, constatado que foi este item na folha de respostas de vários que vieram à igreja "para apreciar a festa", por curiosidade. A convicção de que Nossa Senhora não concede os dons, sō Deus, conforme o ensinamento evangélico que sō de Deus é que provêm todos os bens, os Santos, inclusive a Mãe de Jesus, sendo intercessores junto a Deus – figura em outro item: "Quem dá é Deus". As demais escolhas, de 3% para baixo, não são representativas.

O que classificamos na categoria de Valores religiosos consta o seguinte: Alegria, esperança, fê, paz, tranquilidade (61 escolhas), "atendimento das promessas" (várias), "carisma acolhedor da Mãe" (uma), "compromisso e simpatia que Ela tem com os pobres" (duas), "maior união entre as pessoas" (várias), "proteção materna, pois é Mãe" (duas), "a salvação" (várias), "proteção, por ser Padroeira" (duas), "ela é Mãe, dá exemplo de vida e Fê" (uma), "é Mãe..." (uma), "mais devoção" (várias), "proteção" (várias), "intercessão" (várias), "sempre escuta meu sofrimento" (uma), "Graças" (várias), "Ela é a Padroeira" (várias), "É Mãe, conhece os

filhos" (várias), "É a Mãe de Jesus, pode dar tudo" (três), " É uma Santa" (três), "É a Mãe de Deus, de Cristo" (quatro), "Dã atenção a nós" (uma), "A proteção do Escapulário" (três), "perseverança" (uma).

Com exceção dos valores – "alegria, paz e tranquilidade", que tanto podem ser inspirados em convicções religiosas, como em perspectivas humanísticas, – e, até certo ponto, também, fê e esperança – todos os demais valores escolhidos são especificamente religiosos. E, ressaltando o item – "É uma Santa", que tanto designa as entidades do santoral católico como as dos cultos afrobrasileiros, todos os outros indicam expressões da fê católica, um exclusivo da devoção da Ordem do Carmo: o Escapulário, citado três vezes. Ainda, dentre as respostas ligadas às expressões correntes da fê católica, algumas manifestam um conhecimento mais aprofundado, de ordem bíblico-teológica, e/ou do discurso da Igreja, hoje, como sejam: "carisma acolhedor da Mãe", "compromisso e simpatia que Ela tem para com os pobres", "maior união entre as pessoas", "a salvação", "Ela é Mãe, dá exemplo de vida e fê", "intercessão", "perseverança", "É a Mãe de Deus, de Cristo". O que podemos concluir neste quadro? Em primeiro lugar, estas expressões supraditas traem a presença de um segmento de participantes da festa, possuidores de uma vivência mais esclarecida da Fê Cristã. A proporção delas deveria ser objeto de uma outra amostragem, de um outro trabalho. No entanto, as respostas ligadas a uma religião para atendimento de necessidades imediatas, de ordem "espiritual", como paz, tranquilidade, esperança de dias melhores, superação de situações sofridas; as ligadas a uma concepção popular do Catolicismo, ou a um fato religioso comumente aceito – "Ela é Padroeira", constituem a maioria, nesta amostra. Voltaremos de novo a este assunto, ao confrontarmos estas respostas com as da procissão.

Não deixa de ser comovedor o fato de, numa época de recessão econômica, de desemprego, cujos índices, no Recife, sempre supera

ram os das outras grandes cidades do País, e de fome, os entrevistados tenham demonstrado que uma boa parcela da multidão vieram a celebrar a Padroeira, trazendo-lhe, prioritariamente, preocupações de ordem religiosa, mais que de ordem econômica, ou material, em geral, o clima da festa superando os cuidados e sofrimentos do cotidiano.

O grande número de escolhas da expressão - "tudo", revela um dado significativo, também, ao nosso ver. É a segunda categoria em percentual (18,7%), embora constitua menos da metade da primeira (33%). Várias hipóteses podem justificar esta expressão: Nossa Senhora do Carmo se afigura tão poderosa, tão importante, igualmente, para seus devotos, que tudo possam esperar dela. Por outro lado, tal expressão pode designar perplexidade diante da pergunta, já que ela, rigorosamente falando, não ficou respondida. Neste caso, "tudo" equivaleria a "nada em especial, diferente dos outros Santos, Nossa Senhora do Carmo pode me dar", ou "tudo que os outros concedem, também concede Nossa Senhora do Carmo". De modo que, ou temos a "especialidade" da Mãe, que tudo providencia, a tudo socorre, ou as pessoas não se colocaram o problema: se tinham algo para pedir, ou nas representações religiosas destes devotos, Nossa Senhora do Carmo não tem uma especificidade. Cairíamos, então, nesta última alternativa, na resposta - "igual aos outros Santos", equivalente a: "Não há nada em especial", "não há diferença entre Ela e os outros Santos", que totaliza 14% das escolhas, por sinal, valor numérico muito próximo dos 18,7%. A perplexidade neste ponto se evidencia também pelas escolhas duplas e triplas de valores diferentes. O item seguinte, pela ordem de percentual, com 10%, é o "saúde", situando-se quase todas as escolhas na classe pobre, masculina e feminina e, na tabela nº 04, surpreendentemente comparece mais na faixa etária de 31 a 40 anos, nos homens e 41 a 60, nas mulheres. O item "saúde" merecerá mais atenção adiante, ao compará-lo com outras pesquisas onde ele com-

parece. No item "dinheiro", em duas escolhas femininas, ele está associado explicitamente ao culto afro, ao sincretismo: "Ela é a dona do ouro".

Desta amostragem tirada na igreja, no dia da festa, pode se adiantar o seguinte desta pergunta, inclusive associando-a com a anterior: As pessoas que vêm à Basílica do Carmo no dia da festa, o fazem, em maior número, por motivo religioso católico, vêm pedir graças de ordem sobretudo religiosa. Uma parcela ponderável manifestou-se com conceituação própria do catolicismo fundamentado biblicamente e no discurso hodierno da Igreja. Na opinião da maioria, nos parece, o que a Senhora do Carmo pode dar em especial, são as funções próprias maternas: proteção, intercessão, a convicção expressa de que Ela é Mãe justificando isto. A ligação feita pelos devotos desta proteção materna com o Escapulário do Carmo é muito reduzida, 1,1% sobre o total das escolhas, não fazendo, a grande maioria, caso explícito deste símbolo carmelitano. Outra parcela não pequena nega uma "especialidade" da "Santa" em relação a pedidos determinados, neste caso, o "tudo" valendo como o "nada em especial". Para outros, a excelência da Padroeira, aliada ao seu caráter materno, parece fazê-la "pairar" por assim dizer, acima de determinações específicas de pedidos dirigidos a negócios "deste mundo" - saúde, dinheiro, emprego, moradia e outros, que comparecem com pequeno número de escolhas. Surpreende o número de respostas dos valores religiosos dos homens nas duas primeiras faixas etárias (14), ao suplantarem as outras faixas de maior idade. Valerá à pena uma comparação deste escore com o da pesquisa na procissão.

Pergunta nº 11 - *QUAIS SÃO SUAS DIFICULDADES OU APERREIOS DE VIDA MAIS IMPORTANTES?*

A expressão "aperreio de vida", carregada de sabor regional, significa o mesmo que "dificuldades". Foi colocada na pergunta

apenas para reforçar, clarear o sentido da outra palavra.

Esta pergunta tende a esclarecer, primeiro, se concordam os pedidos endereçados à Senhora do Carmo com as dificuldades experimentadas pelos devotos no seu dia-a-dia. Depois, ajuda a se ter um quadro mais real da vida destas pessoas; além disso, contribui para obter-se uma amostra das principais situações críticas vividas pelo nosso povo, no tempo desta pesquisa.

Classificamos as respostas em duas tabelas, novamente, (nºs 5 e 6), construídas com os mesmos critérios das anteriores.

O número de escolhas, 293, 19% maior que o número de entrevistados (245), demonstra que várias pessoas formularam dois ou três problemas de categorias diversas em sua resposta. O número de abstenções, 11 (4,5%) revela em sua quantidade inexpressiva o bom acolhimento a esta questão, embora desagradável — era comum as pessoas hesitarem antes de responder, e falarem alguns entrevistadores.

Analisando os dados, constatamos inicialmente, numa visão geral: "Dinheiro" — ou falta dele — ocupa o primeiro lugar, com 55 (18,7%) escolhas, seguido de: "Custo de vida" — 45 (13,5%). "Instabilidade familiar" — 35 (11,9%). "Doença" — 34 (11,6%). "Desemprego" — 32 (10,9%) e "Nenhuma" — 30 (10,2%). Vemos os principais problemas ou dificuldades acusados, serem de ordem material com exceção apenas da "Instabilidade familiar", se bem que este item afeta sobretudo as famílias dos homens pobres (5 sobre 2 da classe média), e mulheres pobres, com a alta cifra de 21 escolhas nesta classe, sobre 07 na classe média, o que parece demonstrar o financeiro influenciando no emocional, e a mulher, em sua inferioridade social, em seu caráter de duplamente marginalizada, por ser pobre e mulher, sofrendo mais intensamente as consequências deste quadro familiar, daí terem assinalado este item com mais frequência. Enquanto isso, os problemas de "custo de vida" e a falta de "dinheiro" são mais sentidos pelos homens que pelas mulheres, e nes-

TABELA Nº 5. LISTA DAS DIFICULDADES MAIS IMPORTANTES PARA OS ENTREVISTADOS
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

DIFICULDADES	HOMENS			MULHERES			TOTAL
	CLASSE POBRE	CLASSE MEDIA	TOTAL	CLASSE POBRE	CLASSE MEDIA	TOTAL	
Custo de vida	26	05	31	10	04	14	45
Dinheiro	27	04	31	20	04	24	55
Desemprego	11	01	12	18	02	20	32
Profissional	01	02	03	-	01	01	04
Fome	03	03	06	02	-	02	08
Doença	08	-	08	23	03	26	34
Instabilidade familiar	05	02	07	21	07	28	35
Estudo	02	-	02	06	01	07	09
Emocionais	01	-	01	06	02	08	09
Sexual	01	-	01	-	-	-	01
Filhos ausentes	01	01	02	-	-	-	02
Relacionamento com outros	01	-	01	-	01	01	02
Solidão	01	-	01	04	-	04	05
Violência urbana	-	-	-	01	01	02	02
Não atingir ideais espirituais	01	-	01	02	01	03	04
Nenhum	09	06	15	08	07	15	30
Moradia	-	-	-	05	-	05	05
Não respondeu	03	01	04	06	01	07	11

Total de escolhas: 293

TABELA Nº 06. LISTA DAS DIFICULDADES MAIS IMPORTANTES PARA OS ENTREVISTADOS.
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

DIFICULDADES	H O M E N S						M U L H E R E S					
	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	60...	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61...		
Custo de vida	01	09	05	07	09	03	02	-	09	-		
Dinheiro	02	09	05	08	07	-	10	14	-	-		
Desemprego	-	03	02	04	03	04	06	05	05	-		
Profissional	01	01	01	-	-	01	-	-	-	-		
Fome	-	01	02	03	-	-	01	01	-	-		
Doença	-	04	01	03	-	-	03	10	11	02		
Instabilidade familiar	02	-	02	02	01	01	08	07	12	-		
Estudo	01	01	-	-	-	04	-	-	03	-		
Emocional	-	-	01	-	-	-	03	04	01	-		
Sexual	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-		
Filhos ausentes	-	01	-	01	-	-	-	-	-	-		
Relacionamento c/outros	-	-	-	01	-	-	-	-	01	-		
Solidão	-	-	-	-	01	01	-	-	02	01		
Violência urbana	-	-	-	-	-	-	01	01	-	-		
Não atingir ideais espirít.	-	-	01	-	-	-	-	01	02	-		
Nenhum	02	-	05	08	-	-	06	05	02	02		
Moradia	-	-	-	-	-	01	01	02	01	-		
Não respondeu	-	-	02	02	-	-	02	-	04	01		

tes, muito mais pelos pobres que pelos médios e ricos. As doenças, porém, afetam mais as mulheres pobres, as primeiras igualmente a pedirem "saúde" em maior número, na pergunta 10.

Na tabela nº 06 não se encontra nada de significativo, pela distribuição dos resultados ali verificada. Os escores se concentram, como era de se prever, mais nas faixas centrais, iniciadas pelos 21 anos até os 60.

A nosso ver, a grande pergunta é: por que as pessoas aqui, relacionam principalmente dificuldades materiais, enquanto que, na questão anterior, exteriorizaram sobretudo preces, pedidos de ordem religiosa? O que está por trás disto? Não relacionam a fé com suas vidas cotidianas? Neste caso, vieram à festa para "esquecer" momentaneamente seus problemas, vivenciando uma experiência de exaltação espiritual, interior, sem dizer respeito à vida "lá de fora"? Neste caso, a festa adquiriria para este povo o caráter assinalado por Caillois, Eliade, Wunenburger e outros, sobre a festa primitiva, de interrupção do tempo linear, com seu cotidiano sofrido, amargo, e abertura das portas para o tempo cíclico, da renovação das energias em alegria esfusiante, da exteriorização dos conflitos em agressividade, como quer Duvignaud, do "intermezzo" para disíaco antes da volta ao mundo do "tudo sempre igual", conforme poetou Chico Buarque. Mas, onde buscar este caráter dionisíaco nesta festa contida, ordenada, onde os "excessos" são controlados em sua duração e em suas formas, onde até o pipocar dos foguetes, na chegada do andor com a imagem, em frente à basílica tem que durar pouco, para não atrapalhar o sermão do Sr. Arcebispo, já à espera, no palanque? Não possui, a Festa do Carmo, características inteiras de uma "festa da ordem", onde os ritos são "de reforço", na conceituação de Da Matta (1981 e 1986)? Sendo embora mais uma "festa da modernidade" que festa "primitiva", conforme Wunenburger (1977), este resultado citado acima, das entrevistas, me parece demonstrar que a Festa do Carmo, e podemos dizer, as festas religio-

sas deste tipo, ao mesmo tempo que "recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais", na feliz expressão de Da Matta (-1986), põem a nu as contradições da sociedade. As pessoas e grupos humanos comparecem, esquecem o cotidiano temporariamente, desfazendo-se em louvores, satisfações entusiastas para com o Santo (a) sujeito das comemorações, mas o fantasma das dificuldades e problemas os acossam, incitam, daí o misto de prazer e ansiedade, satisfação e angústia, intuído por Simone de Bouvoir (-1960), e apanhado aqui, em nossos entrevistados. E então, surge a Senhora, toda fulgurante de beleza e riqueza, no seu trono tri-secular, já identificada como "A Mãe", "A Padroeira", símbolo do conforto experienciado no tempo da festa, numa alegria mais interior que manifesta - já que os rituais disciplinam o corpo, posturas e atitudes - e símbolo igualmente, da esperança, que vai nas almas de todos, por um tempo cotidiano de mais paz, tranquilidade, felicidade. Esperança que exorciza, no hoje da festa, os temores, angústias em relação ao amanhã. Mas, com estas últimas considerações, estamos entrando no sentido da questão seguinte:

Pergunta nº 12 - *O QUE REPRESENTA NOSSA SENHORA DO CARMO PARA VOCÊ?*

Além das escolhas, registradas nas tabelas 07 e 08, temos uma pessoa que assinalou a "Proteção do Escapulário", como associada à figura da Virgem do Carmo, e outra que a ligou a um símbolo nitidamente afro: "é uma santa poderosa na 'seita!'"

A leitura da tabela nº 07 demonstra o número maior de escolhas ter caído na categoria "Mãe dos homens", tanto para os homens como para as mulheres, com o escore 56 (22,8%), percentual sobre o número de entrevistados, como vimos fazendo. Segue-se pela ordem: "Muita coisa, tudo", com 47 (19,2%), "Símbolo de fé, paz, felicidade, pureza" e outros, com 43 (17,5%), "Santa milagrosa", com 32

TABELA Nº 07. REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DA SENHORA DO CARMO DO RECIFE.
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

DISCRIMINAÇÃO	HOMENS			MULHERES			TOTAL
	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	
Mãe de Cristo	07	05	12	08	03	11	23
Uma Santa	04	02	06	03	03	06	12
Mãe dos homens	16	05	21	26	09	35	56
Padroeira do Recife	06	07	13	11	02	13	26
Muita coisa, tudo	15	03	18	22	07	29	47
Símbolo da fé, paz, felicidade, pureza, esperança	03	02	05	01	-	01	06
Santa Milagrosa	07	-	07	17	08	25	32
Santa igual às outras	-	03	03	03	-	03	06
Protetora	-	-	05	11	03	14	19
Intercessora	02	-	02	01	-	01	03
Nada	02	-	02	-	-	-	02
Não respondeu	02	-	02	01	-	01	03

TABELA Nº 08. REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DA SENHORA DO CARMO DO RECIFE
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

DISCRIMINAÇÃO	H O M E N S						M U L H E R E S					
	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...	Id. ind.	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...	
	Mãe de Cristo	-	02	03	02	04	-	-	04	02	05	-
Uma Santa	01	01	03	-	01	-	01	01	02	01	01	
Mãe dos Homens	01	04	02	10	03	01	02	04	10	05	04	
Padroeira do Recife	-	02	06	05	-	-	01	02	04	05	01	
Muita coisa, tudo	02	05	02	06	02	01	02	05	07	13	02	
Símbolo de fé, etc,	03	01	06	05	03	-	01	05	05	17	01	
Esperança	01	01	-	02	01	-	-	-	-	01	-	
Santa Milagrosa	-	03	-	04	-	-	02	08	10	04	01	
Santa igual às outras	-	-	01	02	-	-	-	01	01	01	-	
Protetora	-	03	-	-	02	-	-	06	08	-	-	
Intercessora	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	
Nada	-	-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	
Não respondeu	-	-	02	-	-	-	-	02	01	-	-	

(13%), este resultado por causa de uma significativa escolha da categoria pelas mulheres pobres, "Padroeira do Recife", (10,6%) com homens e mulheres empatados, em números absolutos, "Mãe de Cristo", com significativa escolha masculina, perfazendo 9,3%, e "Protetora", (7,7%) com significativa escolha pelas mulheres pobres. O item "Santa igual às outras", nesta pergunta, desce para minguados 2,4%, enquanto na pergunta nº 10, a mesma expressão, dita pelos entrevistados, somou 14%. Vê-se então que esta resposta, na questão 10 não queria dizer pouca valorização da Senhora, mas sim negação de uma "especialidade no atendimento de pedidos". A expressão "Uma Santa", que pode provir de uma mentalidade religiosa formada no catolicismo popular e/ou no sincretismo, apresenta 4,9% de escolhas.

Aqui vão as respostas encaixadas na categoria "Símbolo de fê, paz, felicidade, pureza" e outros. Notamos expressões herdadas do aprendizado das crenças católicas ou cristãs e outras de sentido mais universal. Assim, temos: "Símbolo de paz" (4), "Pureza" (2), "A Virgem Maria" (2), "Alegria, apoio" (1), "Fê" (10), "Meu segundo Jesus" (1), "Bondade" (2), "Depois de Cristo, tudo" (2), "A cidade do Recife" (1), "Verdade bíblica" (1), "Felicidade" (2), "Grande devoção" (2), "O bom que existe em cada um" (1), "Tudo que não tive" (1), "Luz" (1), "Um braço forte" (1), "Tudo de forte" (1), "Veículo de aproximação para Deus" (1), "Exemplo de vida e fê" (1), "Importância indefinida" (1), "Um símbolo" (1), "Guia" (1), "Primeira entre as mulheres" (1). O termo "Esperança", é citado só, e também em frases como esta: "Esperança do pobre num mundo melhor".

Temos aí mais uma vez confirmado o caráter materno, o rosto materno com que Nossa Senhora do Carmo se apresenta aos seus devotos, de preferência aos outros "rostos". De fato, não há exclusividade na identificação da Senhora do Carmo como "A Mãe", mas há uma predominância. Apresenta-se ela em várias "faces", uma porém se destacando e, por assim dizer, vindo subjacente às demais, dando-lhes unidade e coerência.

Vamos agora para a pergunta mais polêmica, onde justamente se chocam as representações mentais dos vários tipos de agentes que protagonizam as diversas "festas": os frades do Carmo e, por extensão, o Governo Arquidiocesano, o povão que cultua as várias expressões da religião popular, o povo dos cultos afrobrasileiros e os remanescentes da aristocracia e burguesia comercial participantes na administração da Festa Religiosa Católica. Trata-se da pergunta nº 13: *POR QUE AS PESSOAS TENTAM LEVAR FLORES OU FOLHAS DO ANDOR E DOS ALTARES, DEPOIS DA PROCISSÃO, PARA CASA?*

As respostas estão codificadas nas tabelas 09 e 10, transcritas nas folhas seguintes.

Alguns entrevistados puseram mais de uma categoria, daí o total de 263 respostas.

Pela ordem de escolhas, temos: "Lembrança", com 53 (21,6%), "Ato de Fé", com 48 (19,6%), "Relíquia", com 47 (19,2%), "Obter graças, milagres", com 31 (12,6%). Depois, para uma certa distância destes, seguem dois itens com mais de 10 escolhas: "Para fazer chá", com 18 (7,3%) escolhas, devido a uma preferência grande por parte de mulheres pobres (12) e na faixa de 41 a 60 anos (11), e: "Tradição", com 12 (4,8%), preferido sobretudo pelos homens, com 9 escolhas.

Noticiada pela Imprensa e observada todos os anos, esta prática começou a intensificar-se, na Festa do Carmo, na década de 60. A partir de então, não eram sô disputadas as flores do andor, mas também as dos altares e ornatos colocados em colunas, na basílica. Mesmo com respeito ao andor, é de 60 para cá que se observa a movimentação sôfrega, barulhenta, violenta por vezes, da multidão, verdadeiro corpo-a-corpo arruaceiro, capaz de perturbar o sermão do Arcebispo, de retardar seu começo, juntamente com o espocar dos fogos, ao chegar a imagem à praça, carregada num carro do corpo de bombeiros. Antes de 1978 - ano em que se deu início ao término da procissão em frente à basílica, com um palanque armado, de onde

TABELA Nº 09. OPINIÕES SOBRE A PRÁTICA DE SE LEVAR FLORES PARA CASA
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

DISCRIMINAÇÃO	HOMENS			MULHERES			TOTAL
	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	
Relíquia	14	05	19	21	07	28	47
Superstição	02	01	03	01	02	03	06
Tradição	05	04	09	02	01	03	12
Ato de Fé	15	07	22	17	09	26	48
Obter sorte	05	01	06	07	01	08	14
Lembrança	18	02	20	22	11	33	53
Ter algo "dele"	02	-	02	-	01	01	03
Obter graças, milagres	07	02	09	17	05	22	31
Mito	04	01	05	01	01	02	07
Fazer chá	01	02	03	12	03	15	18
Para banho	01	-	01	-	-	-	01
Carinho	01	-	01	01	02	03	04
Promessa	02	01	03	05	-	05	08
Espiritismo	-	-	-	01	-	01	01
Não respondeu	04	-	04	-	01	01	05
Obrigação	01	-	01	-	-	-	01
Acha errado	01	01	02	-	02	02	02
Devoção	-	-	-	01	02	02	02

TABELA Nº 10. OPINIÕES SOBRE A PRÁTICA DE SE LEVAR FLORES PARA CASA.
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

DISCRIMINAÇÃO	H O M E N S						M U L H E R E S					
	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61...	Id.ind.	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61...	
Relíquia	01	02	04	08	04	-	-	03	06	06	03	
Superstição	01	-	01	01	-	-	-	-	03	-	-	
Tradição	01	01	03	04	-	-	-	01	-	02	-	
Ato de Fé	02	03	04	09	03	01	01	09	06	07	03	
Obter sorte	01	03	01	01	-	-	01	02	-	03	02	
Lembrança	01	06	07	04	02	-	03	08	07	12	03	
Ter algo "dela"	-	-	01	-	01	-	-	-	01	-	-	
Graças, milagres	-	01	01	05	02	-	-	03	10	05	04	
Mito	01	01	-	02	-	01	-	01	-	01	-	
Fazer chá	-	-	-	03	-	-	-	01	03	11	-	
Para banho	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	
Carinho	-	-	01	-	-	-	-	01	-	02	-	
Promessa	-	02	-	01	-	-	02	03	-	-	-	
Espiritismo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	
Não respondeu	01	01	01	-	01	-	-	01	-	-	-	
Obrigação	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	
Acha errado	-	-	-	01	-	01	01	-	-	01	01	
Devoção	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01	

Dom Helder Câmara falava pra multidão, o que foi continuado pelo atual Arcebispo - a procissão recolhia-se dentro da basílica. Lá dentro, o motim instalava-se, não dando condições a se dar início de imediato a nenhuma celebração. Este quadro vinha sendo visto com preocupação pelos religiosos do Carmo, daí buscou-se solução para extingui-lo pelo menos com respeito ao andor da procissão. No ano de 1979, atendendo sugestão de D. Helder, não se enfeitou com flores a imagem, e se fez a campanha: "Traga uma flor, para a procissão!" A multidão levantaria a flor em suas mãos, no fim da homilia do Arcebispo, e este as benzeria. Resultado: muitos trouxeram, mas a grande maioria, não, o espetáculo não deixou de ser belo, D. Helder mandando que quem não tivesse trazido flores levantasse a mão pra receber a bênção. O carro com a imagem, porém, não ficou sem flores, com ramalhetes de flores votivas - a maioria amarelas - sendo jogadas para a imagem, no começo do cortejo e disputadas avidamente, no fim. No ano de 1985, ao invés de flores, enfeitou-se o carro com uma alegoria, representando o Monte Carmelo. Aconteceu o mesmo: foram jogadas flores dentro dele e buscadas no final da procissão!

Para os estudos dos rituais na Festa do Carmo, aqui nos deparamos com uma simultaneidade de dois deles, independentes entre si, coexistindo no mesmo macro-espço, a Praça, mas tendo como pontos de convergência dois centros diferentes: um, o oficial, determinado na programação da festa, a concentração dos fiéis em torno do palanque, para ouvir a palavra do Arcebispo, que exerce a função também de pregador do encerramento das festividades religiosas e cria, pela sua dupla função de Pastor e de pregador, o centro deste ritual, determinando, ao mesmo tempo, o espaço próprio para ele e a postura conveniente, por parte da multidão dos fiéis, postura de atenção respeitosa, circunspeção e aplausos entusiásticos, quando as interrupções e a eloquência dos conceitos emitidos e do fraseado o permitem e incentivam. O outro, o extra-oficial, intruso,

não-programado, marginal portanto, em relação às intenções dos organizadores da festa: o atirar-se no carro de bombeiros, pulando, tentando subir pelos estribos do mesmo, apesar da resistência dos soldados que vão em cima, o peditório em voz alta para que os bombeiros desatem os adornos de flores e folhagens e os liberem para os pretendentes. Tudo isso numa algazarra difícil de conter, como acontece nestes momentos. O centro deste ritual, é a Santa, a imagem, o carro que lhe serve de trono. Os rituais são independentes, autônomos em si mesmos, porém, se repudiam mutuamente, travando-se uma luta entre os dois, no sentido de um não poder seguir seu curso livremente, sem ser atrapalhado pelo concorrente. A "vitória" cabe sempre ao ritual oficial, que conta também com um número de adeptos muitíssimo maior, se bem que, durante a pregação, o Arcebispo tenha que interromper para recomendar silêncio à turma ruidosa.

Como não pensar, aqui, na conceituação de "estrutura" e "communitas", utilizada por Victor Turner no seu primoroso livro sobre o Ritual (Turner-1974), e assumida pelo Professor Renê Ribeiro em estudo sobre uma situação religiosa vivenciada em Xangô do Recife, na festa dos Santos Cosme e Damião (Ribeiro-1983)? Pretendo entender-me nesta análise, ao referir os resultados desta pergunta na entrevista realizada na procissão. Agora, comentaremos mais as respostas a esta questão.

Bem, elas demonstram em primeiro lugar, uma dispersão em torno de categorias que acolhem o fato positivamente. Efetivamente, as quatro primeiras escolhas refletem posições favoráveis para com o comportamento em questão, vazada em intenções que, em circunstâncias consideradas "normais" são tidas como lícitas pela opinião corrente dos eclesiásticos. Já a intenção de "fazer chá" recebe restrições, como atitude mágica e supersticiosa, do citado grupo, e de muitos leigos.

Outra resposta: "Ter algo dela", inclui outra frase referindo-se às flores como "um pedaço da Santa", um prolongamento dela le-

vado para casa. Outra frase diz: "É como levar felicidade".

Se a maioria dos entrevistados se declararam a favor da prática, muitos não o fazem certamente porque lhes falta coragem para isso, ou as circunstâncias não o permitem, sendo quase impossível para quem está um pouco distante aproximar-se da imagem na Praça ou quando entra na igreja. Ou então, o problema de tempo. Para se obter uma lembrança destas em hora mais tranquila, precisa esperar, ficar postado, recebendo empurrões, na grade de madeira que se para o presbitério da basílica do restante dela, onde fica colocado o andor, a suplicar às moças da Ordem Terceira, guardiãs do mesmo, a graça de um adorno. Este desejo é satisfeito também - o que acontece com mais frequência - comprando-se uma imagem, santinho, medalhas de Nossa Senhora do Carmo, fartamente vendidos na portaria do convento e pelos vendedores ambulantes nas portas e calçada de ingresso ao templo.

Ambas as atitudes, a meu ver, traduzem a vontade de que a festa, o clima que ela produz de esperança, respiro no meio das atividades normais cotidianas, a atmosfera paradisíaca, sejam levadas para dentro do "inferno" de cada dia, apaziguando-o, diminuindo-o, tornando-o menos pesado. É o sagrado, não concebido pelo povão como realidade separada do profano, invadindo a área deste, sem com ele se misturar, mas garantindo uma proximidade, um fácil acesso, nos momentos em que o peso da realidade se torna por demais esmagadora.

Os usos diretamente relacionados com os cultos afros, expressos nas categorias: "Para banho" e "Obrigação" são numericamente insignificantes. Mas, podem estar presentes também nos itens: "Obter sorte", "Fazer chá", "Carinho", "Promessa", "Obter graças, milagres", o que ficará mais claro ao compararmos estas entrevistas com as dos filhos(as) de Oxūn. Por outro lado, a observação tem demonstrado boa parte dos caçadores de flores e folhagens serem filiados aos vários grupos de religiões afrobrasileiras. As flores

jogadas no andor são em sua maioria, amarelas, assim como as depositadas no altar votivo de Nossa Senhora do Carmo, na portaria e na sua imagem da sacristia.

Passemos à última pergunta da entrevista:

Pergunta nº 14 - *NA SUA OPINIÃO, A FESTA RELIGIOSA DE NOSSA SENHORA DO CARMO (Missas, procissão, novenário, visitas à igreja, o povo pagando promessas...) ESTÁ MAIS ANIMADA, COM MAIS GENTE AGORA, OU ANTIGAMENTE?*

O trecho entre parênteses, é explicativo, para ajudar a identificar a pergunta, que ela se refere exclusivamente à Festa Religiosa Católica, não à "de rua". A questão objetiva testar a hipótese de que a Festa Católica de cunho popular, continua em fase de crescimento. As tabelas 11 e 12 exprimem a opinião popular.

Lendo a primeira (Nº 11), temos a preferência para a categoria: "Agora", com 125 escolhas (51%), ganhando com exatidão a maioria absoluta, em relação às demais, "Antigamente" totalizou 72 escolhas (29,4%), seguida da indefinição com respeito ao fenômeno, com 34 escolhas (13,9%) e, por fim, o pequeno percentual de 5,7%, achando a festa a mesma coisa que antigamente. Se os indecisos que falaram "não sei" ou simplesmente, não responderam, alguns por declaradamente serem turistas, outros por virem pela primeira vez à festa - se tivessem posicionado, por uma hipótese, por "Antigamente", não chegaria perto, ainda, da resposta: "Agora".

É importante, para esta questão, mais que para as outras, observar a opinião por faixa etária, exposta na tabela nº 12. Aí temos: Em todas as faixas etárias, masculinas e femininas, predomina a segunda alternativa - "Agora", mesmo, portanto, nas idades mais avançadas. O que contraria a tendência comum de achar a festa passada mais animada, melhor que a atual, de encarar as coisas, fatos, eventos "daquele tempo" superiores aos de hoje. Vamos ver al-

TABELA Nº 11. OPINIÕES SOBRE O CRESCIMENTO OU NÃO DA FESTA CATÓLICA
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

OPINIÕES	HOMENS			MULHERES			TOTAL
	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	
	Antigamente	26	09	35	34	03	
Agora	38	14	52	47	26	73	125
Não sei	05	03	08	20	06	26	34
Mesma coisa	04	-	04	08	02	10	14
Total de escolhas:							245

TABELA Nº 12. OPINIÕES SOBRE O CRESCIMENTO OU NÃO DA FESTA CATÓLICA
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

OPINIÕES	HOMENS						MULHERES															
	Até 20		21 a 30		31 a 60		41 a 60		61...		Id. ind.		Até 20		21 a 30		31 a 40		41 a 60		61 ...	
	Antigamente	04	07	09	10	04	01	03	09	11	13	01	03	09	11	13	01	03	09	11	13	01
Agora	04	11	10	19	06	02	05	19	22	21	06	05	19	22	21	06	05	19	22	21	06	
Não sei	-	01	02	04	-	01	03	06	05	10	02	03	06	05	10	02	03	06	05	10	02	
Mesma coisa	01	-	01	01	01	-	-	03	04	01	-	-	03	04	01	02	-	03	04	01	02	

guns dos motivos, expressos pelos entrevistados, porque agora a festa estaria mais animada: "aumento da população" (11 escolhas), "aumento dos fiéis e devotos" (6), "não choveu no dia da festa" (11), "a posse do novo Arcebispo" (2), "mais participação do povo" (3), "o povo está mais sofrido" (3), "povo vem em busca de fé e esperança" (1), "mais gente" (12), "povo mais feliz" (2), "por causa da fé" (2), "festa mais bonita" (2). Uma entrevistada colocou o motivo porque a festa era mais animada antigamente: "O povo a cada ano, leva menos a sério" (1). Este desabafo soa mais ou menos, como se a "festa da ordem" estivesse arrefecendo, dando mais lugar à espontaneidade, e mesmo a uma certa "anarquia".

Mas, predominam os motivos positivos, se bem que se deva dar o desconto de uma apreciação pronunciada no calor da manifestação religiosa, solicitada dentro do recinto sagrado, tanto da igreja quanto do espaço-tempo da procissão, isto tudo fazendo subir a cotação entusiasta que anima a pronta resposta - "Agora" e suas justificativas. No entanto, as respostas dos mais idosos, homens e mulheres, falam a favor da objetividade do escore positivo.

É nossa intenção, passar à análise das entrevistas aplicadas durante o espaço-tempo da procissão, realizando um trabalho comparativo entre estas e aquelas e, após, enfeixarmos com as conclusões que para o presente capítulo se impõem.

4.2. FALA O POVO DA PROCISSÃO

Trezentas entrevistas se destinavam a ser aplicadas na procissão; 297 foram recolhidas. Vinte entrevistadores se deslocaram para esquinas de ruas, praças, - o maior número ficando na própria Praça do Carmo, onde o ajuntamento era incomparavelmente maior - em todo o percurso da procissão, meia hora antes de ela iniciar-se. O teor das questões é exatamente idêntico ao indagado na igreja. O sistema de escolha dos entrevistados foi exatamente o mesmo, igual

mente, por técnica aleatória.

Eis o resultado das perguntas que objetivam colher uma amostra da estratificação social e procedência dos frequentadores:

Do total de 297, temos 167 mulheres (56,3%) e 130 homens (43,7%).

Comparando-se estes números com os da basílica, notamos aqui uma aproximação maior entre homens e mulheres, que não chega a ser significativa por ser uma diferença de apenas 3 pontos a menos para as mulheres e a mais, para os homens.

O mesmo critério aplicado para aferir o poder aquisitivo e situação de classe dos entrevistados foi o utilizado aqui, apresentando o resultado seguinte:

. MULHERES CLASSE POBRE:	106	(35,7%)
. MULHERES CLASSE MÉDIA:	61	(20,5%)
. HOMENS CLASSE POBRE:	74	(25%)
. HOMENS CLASSE MÉDIA:	56	(18,8%)

Somando-se homens e mulheres de cada classe social, temos:

. HOMENS E MULHERES POBRES:	180	(60,6%)
. HOMENS E MULHERES CLASSE MÉDIA E RICA:	117	(39,4%)

Novamente os pobres são a maioria na procissão; porém, a diferença de comparecimento entre uma e outra classe é menor que na pesquisa da igreja. Para analistas sociais que julgam a procissão como um ritual religioso predominantemente popular, no sentido de que os pertencentes às classes C e D compõem, quase exclusivamente, sua clientela, estes números dão o que pensar. Aliás, lembramos que, neste mesmo ano, 1985, comentava eu com um sacerdote ilustrado, sobre uma incidência maior de pessoas da classe média na Basílica, no dia da festa, ao que ele me respondia ser possível, por causa dos anos difíceis que estávamos vivendo e a situação de aflição, afetando também as camadas médias da sociedade, determinava maior afluência destas aos rituais católicos e outros. Seja como

for, teria valido à pena, pensamos, repetir a estratificação social da festa nos tempos do Plano Cruzado I, para comparar. Por outro lado, estamos diante de mais uma confirmação do que vimos defendendo ao visualizar vários níveis na festa: Nossa Senhora do Carmo é uma "Santa do amor de todos", na expressão do poeta recifense Joaquim Cardozo.

Encontramos nesta pesquisa, novamente, grande dispersão quanto às profissões masculinas e femininas, assim discriminadas: Os homens são: economista (1), motoristas (10), aposentados (não especificamente em que - 8), comerciários (3), vigilantes (2), farmacêuticos (2), funcionários públicos (não especificada a categoria - 15), comerciantes (9), leiturista da COMPESA (1), talhador (1), vendedores ambulantes (4), industriários (5), professor de Ed. Física (1), militares (6), jardineiro (1), estudantes (11), pequenos agricultores (2), padeiro (1), garçon (1), fotógrafo (1), sociólogo (1), gerentes comerciais (2), contínuos (2), mecânicos (2), sapateiro (1), vendedor (1), bancários (3), babalorixã (1), vendedor (1), professor (1), pedreiros (3), serventes (2), portuário (1), contadores (3), sacristão (1), técnicos em administração (2), vereador (1), enfermeiros (2), pracista (1), conferente (1), pedinte (1), cozinheiro (1), radialista (1), recepcionista (1), músico (1), pintor de paredes (1), engenheiros civis (2), empresário (1), agente de polícia (1), fiscal da Prefeitura (1), e não declararam profissão (2). As mulheres são: donas de casa (56,19%), professoras (18,6%), estudantes (15,5%), costureiras (3), aposentada (1), auxiliar de escritório (1), comerciantes (6), pequenas comerciantes (2), funcionárias públicas (6), secretárias (2), empregadas domésticas (4), auxiliar de enfermagem (1), costureiras (6), bancárias (6), manicure (1), chapeleira (1), enfermeiras (5), auxiliar administrativa (1), faxineira (1), atriz (1), assistentes sociais (2), contabilistas (4), digitadoras (2), promotora (1), demonstradora (1), fotógrafa (1), auxiliar de serviços gerais (1), telefonista

(1), engenheira (1), lavadeiras (2), advogada (1), auxiliar de gabinete de Prefeito (1), psicólogas (2), cabeleireiras (2), operadora (1), relações públicas (1), veterinária (1), comerciária (1), industriária (1). Não declararam profissão: 4.

A terceira pergunta - ONDE MORA, sondando a procedência dos devotos, apresenta em suas respostas, a mesma dispersão, até um pouco maior, em relação à pesquisa da igreja. Vejamos:

- . Cidade do Recife: foram indicados 38 bairros nitidamente populares e 15 bairros de classe média e alta que possuem, no entanto, "bolsões" de população favelada.
- . Região Metropolitana do Recife: encontramos assinalados 21 bairros e Distritos dos Municípios de Olinda, Jaboatão, Moreno, Cabo, Paulista, Camaragibe e São Lourenço da Mata.
- . Outros Municípios do Estado: os nossos entrevistadores encontraram gente de Surubim, Caruaru, São Bento do Una, Pesqueira, Limoeiro e Ipubi.
- . Capitais de outros Estados da Federação: foram "descobertas" pessoas de João Pessoa, Natal e Rio de Janeiro.

No triênio 1978-80, quando Prior do Carmo do Recife, se nos apresentaram grupos de João Pessoa e de Aracaju, identificando-se como "romeiros" da festa. Pensamos que esta prática não caiu em desuso, razão porque os entrevistados de capitais vizinhas podem ter vindo com a finalidade de celebrar a festa.

A questão sobre o Estado Civil levantou os seguintes resultados: casados: 147 (49,5%); solteiros: 119 (40%); viúvos: 22. Não declararam estado civil: 7: uma Religiosa, uma separada. Lançamos aqui a mesma dúvida manifestada na pesquisa na igreja, sobre a fidelidade da informação de todos(as) que se identificaram como casados, enquanto só uma mulher declarou-se separada.

Passemos para o item IDADE. Tomaremos primeiro o grupo das mulheres, após, o dos homens. Dão os números seguintes:

MULHERES

- . De 16 a 20 anos = 12 (04%);
- . De 21 a 30 anos = 35 (11,9%);
- . De 31 a 40 anos = 44 (14,8%);
- . De 41 a 60 anos = 60 (20,2%);
- . De 61 a 80 anos = 16 (05,4%).

HOMENS

- . De 16 a 20 anos = 12 (04%);
- . De 21 a 30 anos = 23 (07,8%);
- . De 31 a 40 anos = 28 (09,4%);
- . De 41 a 60 anos = 48 (16,1%);
- . De 61 a 70 anos = 19 (06,4%).

No grupo das mulheres, a faixa de 41 a 60 anos apresenta o maior percentual (20,2%), mas tratando-se de duas décadas, a mais numerosa é de fato, a de 31 a 40 anos, com 14,8%. Há uma quase igualdade de percentual entre esta e a de 21 a 30, com 11,9%.

No grupo masculino, prevalece mesmo a quarta faixa etária, a da plena maturidade (16,1%) e uma distribuição quase igual entre a segunda e a terceira. Comparando-se os dados com a pesquisa na basílica, a curvatura de concorrência permanece quase igual, excetuando-se a diferença acima descrita, no grupo masculino, e um percentual maior, no grupo feminino, por faixa dos 41 a 60 anos. Este dado, dentro dos limites do trabalho e da amostra, não vai dar ocasião agora a fazermos análise sobre as preferências por faixa etária, com relação às procissões em geral. Também, esta simples amostra não é indicadora de uma tendência à diminuição de participantes no ritual máximo da Festa Católica Popular do Carmo.

Vamos para as questões centrais da entrevista:

Pergunta nº 9: *O QUE VOCÊ VEIO BUSCAR AQUI NA FESTA?*

Seguimos o procedimento igual ao adotado na tabulação e clas-

sificação das entrevistas aplicadas na Basílica. Portanto, teremos sempre duas tabelas por pergunta, uma, por sexo e classe social, ou tra, por sexo e idade (tabelas n^os 13 e 14 nas folhas seguintes).

Houve mais de uma escolha, em algumas respostas. Em relação à entrevista na basílica, aqui acrescentou-se o item "Trabalho", apo ndado, nos homens, pelos que se declararam repórteres, fotógrafos, policiais, e, nas mulheres (uma s^o), pela que se declarou "mendi-ga", no item "profissão ou ocupação principal".

Analisando as categorias, notamos, primeiramente, primazia pa-
ra os motivos religiosos, com percentual de 77,4% sobre o total de entrevistados, ou seja, 297, percentual maior que na pesquisa da basílica. Resultado que me surpreendeu, por conta do caráter mais lúdico que a procissão pode apresentar: ao ar livre, descompromisso com rituais rígidos, maior possibilidade de distrações que dentro da igreja, eventualidade de encontro com amigos, parentes, namoros, etc. 74,6% dos homens e 79,6% das mulheres apresentaram esta motivação como principal. Examinando-a também por idade, temos: nos homens, 11 sobre os 12 da faixa etária até 20 anos, 18 sobre 23, 17 sobre 28 e 15 sobre 48, respectivamente, Nas mulheres, 09 sobre 12, 28 sobre 35, 37 sobre 44, 46 sobre 60 e 13 sobre 16, respectivamente. Portanto, este item predomina por percentual bem alto em todas as idades, sobretudo nas primeiras faixas etárias.

Algumas das motivações religiosas apresentadas: "pedir gra-
ças", "pedir ajuda, rezar", "Paz, mais fê", "para agradecer", "pe-
dir proteção", "acompanhar a procissão", "buscar a bênção de N. Se-
nhora", "paz e tranquilidade para o lar", "conforto, esperança",
"vim em busca de esperança", "alcançar uma graça", "paz de espíri-
to, mais amor ao próximo", "agradecer graças recebidas", "participar em busca de paz", "vim pagar uma promessa", "homenagear, reverenciar a Santa", "renovar a fê", "demonstração de religiosidade", "pedir para mim e nossos irmãos", "vim assistir à posse do Bispo", "rezar e agradecer os milagres alcançados", "ajuda na saúde", "lou

TABELA Nº 13. MOTIVAÇÕES PARA VIR À PROCISSÃO.
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

MOTIVAÇÕES	HOMENS			MULHERES			TOTAL
	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	
Motivo religioso	58	39	97	82	51	133	230
Curiosidade	12	12	24	09	06	15	39
Passeio, distração	04	02	06	02	-	02	08
Tradição	02	06	08	21	02	03	11
Acompanhar família	-	01	01	-	-	-	01
Trabalho	03	-	03	01	-	01	04
Não respondeu	-	-	-	02	03	05	05

TABELA Nº 14. MOTIVAÇÕES PARA VIR À PROCISSÃO.

DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

MOTIVAÇÕES	H O M E N S						M U L H E R E S													
	Até 20		21 a 30		31 a 40		41 a 60		61...		Até 20		21 a 30		31 a 40		41 a 60		61...	
	Motivo religioso	11	18	17	35	16	09	28	37	46	13									
Curiosidade	01	02	10	10	01	03	04	04	02	02										
Passeio	-	02	01	02	01	-	01	01	01	-										
Tradição	01	02	01	03	01	-	01	01	01	-										
Acompanhar família	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-										
Trabalho	-	02	-	-	01	-	01	-	-	-										
Não respondeu	-	-	-	-	-	-	02	03	-	-										

var a N. Senhora, como Mãe de Jesus", "devoção que tem com Nossa Senhora; enquanto tiver vida vem descalça e de amarelo", "fazer a visita de Nossa Senhora, aniversário da Mãe da terra e do céu", "venho todos os anos; acredito na força de união do povo através da Santa", "buscar esperança para melhorar minha vida", "acompanhar tudo da religião católica", "benzer um retrato de Cristo a acompanhar a procissão", "porque é devoto assíduo de Nossa Senhora e do Espírito Santo", "paz, amor, Nova República".

Passemos para a pergunta nº 10, lembrando valer para aqui, também, a observação feita na outra pesquisa, sobre a ênfase dada nas palavras "em especial, diferente dos outros Santos": *NA SUA OPINIÃO. O QUE NOSSA SENHORA DO CARMO PODE LHE DAR EM ESPECIAL, DIFERENTE DOS OUTROS SANTOS?*

Três pessoas falaram mais de uma graça ou favor que esperam ter de Nossa Senhora do Carmo (tabela nº 15). Por isso, o total de respostas atinge a casa dos trezentos. Vamos à segunda tabela (nº 16, nas folhas seguintes).

Comparando-se com as respostas do grupo da basílica, temos, aqui, o item - "deixar de fumar e beber", e não temos o "compromisso com os pobres", falados por dois jovens pobres. Mas, todas as outras escolhas estão presentes, como se um mesmo grupo tivesse respondido duas vezes à pesquisa. Coincidentes as respostas, vamos agora à comparação numérica:

"Valores religiosos" supera de muito as demais categorias, com 105 escolhas (35,3%). No entanto, o grupo da basílica apresenta um percentual bem maior (43%). "Tudo" e "Todas as Santas são iguais" ocupam o segundo e terceiro lugares nas preferências, igual à entrevista da igreja. Na procissão, eles somam 20 e 17%, respectivamente, contra 18,7 e 14% da basílica. "Saúde" também vem em quarto lugar, com 13%, e "Nada" aparece com 23 escolhas neste grupo contra 15, no outro, com percentuais de 7,7% e 5%.

Há portanto uma maior distribuição de escores entre estes

TABELA Nº 15. BENS ESPECÍFICOS QUE OS DEVOTOS ESPERAM RECEBER DA SENHORA DO CARMO
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

BENS	HOMENS			MULHERES			TOTAL
	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	
Valores religiosos	29	18	47	46	12	58	105
Saúde	15	05	20	16	03	19	39
Trabalho	02	01	03	-	-	-	03
Todas são iguais	07	13	20	27	04	31	51
Tudo	14	08	22	25	12	38	60
Nada	07	04	11	12	-	12	23
Sõ Deus dá	01	02	03	-	-	-	03
Deixar de beber e fumar	02	-	02	-	-	-	02
Dinheiro	01	-	01	02	-	02	03
Sucesso	01	-	01	01	-	01	02
Depende da fê	-	-	-	-	02	02	02
Não respondeu	01	01	02	03	02	05	07

TABELA Nº 16. BENS ESPECÍFICOS QUE OS DEVOTOS ESPERAM RECEBER DA SENHORA DO CARMO
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

BENS	H O M E N S					M U L H E R E S				
	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61...	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...
Valores religiosos	02	04	08	25	08	06	13	11	24	05
Saúde	-	02	03	10	05	01	04	06	05	03
Trabalho	-	01	02	-	-	-	-	-	-	-
Todas são iguais	01	04	07	07	01	01	11	10	05	04
Tudo	03	03	06	06	04	03	08	13	14	-
Nada	01	03	03	03	01	-	-	01	-	-
Sõ Deus dã	01	-	-	-	02	-	-	-	-	-
Deixar de beber e fumar	-	01	-	01	-	-	-	-	-	-
Dinheiro	-	-	-	01	-	-	-	02	-	-
Sucesso	-	-	01	-	-	01	-	-	-	-
Depende da fê	-	-	-	-	-	01	-	01	-	-
Não respondeu	-	-	01	01	-	01	02	01	01	-

itens mais escolhidos nas duas entrevistas.

Olhando as tabelas por idade, constata-se uma maior concentração do item "Valores religiosos" na faixa de 41 a 60 anos, nos homens, enquanto que nas mulheres está bem distribuído nas três faixas centrais, no grupo da procissão. No grupo da igreja, as mulheres se definiram mais a este respeito, com 74,2%, ficando os homens com 25,8%.

Vejamos os valores religiosos identificados nestas entrevistas: "Paz, sossego, felicidade" (29 escolhas), "a proteção do escapulário" (3), "esperança" (13), "maior proteção" (13), "fê" (18), "salvação, em todos os sentidos" (2), "Ela é a padroeira do Recife" (12), "o povo acredita mais nela" (1), "é Mãe de todos os homens, não são dos pobres" (1), "mais união e compreensão" (3), "dá devoção" (3), "uma fê absoluta, porque quem ama o Cristo tem que amar sua Mãe" (1), "a graça da intercessão" (2), "os poderes do milagre" (1), "muitas graças" (8), "é grande Mãe" (1), "a paz, a felicidade eterna" (1), "é Mãe de Deus" (2), "Ela sempre escuta meu sofrimento" (1), "como Mãe, ela sabe a necessidade de seus filhos" (1), e outros, neste teor.

Se assumimos a hipótese que as categorias "Tudo", "Igual às outras Santas" e "Nada em especial" signifiquem a mesma coisa, isto é, a negação de uma especificidade de Nossa Senhora do Carmo, dizendo melhor, de uma proteção especial para determinados objetos, situações e necessidades espirituais ou temporais, na percepção do povo, as três somadas apresentam um resultado numérico maior que "Valores religiosos", totalizando 44,4%, contra 35,3% desta última. É bom lembrar também a outra hipótese levantada, de que "Tudo" pode querer dizer uma associação com a característica de Mãe, Protetora, Padroeira, com que se configura a devoção à Senhora do Carmo, no Recife e Região Metropolitana. Neste caso, o "tudo" se liga mentalmente à providência materna, que provê todo o necessário, se possível, para os filhos. Ora, aceitando-se tanto uma como ou-

tra hipótese, a conclusão é a mesma, a nosso ver: Nossa Senhora do Carmo/Padroeira do Recife não atende, exclusivamente, a uma determinada precisão, seja ela espiritual, religiosa, emocional, financeira ou relativa à saúde: ao invés disso, — como ainda se verá mais adiante — os devotos vêm a Ela trazendo toda a gama de solicitações. Não é "médica" para curas de doenças específicas, não é "casamenteira", não é "chefe de departamento de achados e perdidos", não é "prevenção contra acidentes", ou demais qualidades atribuídas a tantos Santos e títulos de Nossa Senhora, pela piedade popular. Antes, ela possui todos estes "rostos" — o da "médica", da "solucionadora de problemas sentimentais", da "casamenteira", da "pacificadora das famílias", da "agenciadora de empregos"; e além destes: o de "modelo" de seguimento de Jesus, de "força" para a união do povo, de "veículo" de aproximação para Deus, de "esperança do pobre num mundo melhor", e outros mais. Tem até o "rosto" do Recife, — na opinião de um sociólogo, "apanhado" na pesquisa —, como se fora um símbolo totêmico desta cidade, que acolheu a Senhora do Carmo procedente de Olinda, quando, terminado o período holandês, a outrora "Cidade Maurícia" iniciava sua integração paulatina na civilização luso-brasileira.

Pergunta nº 11: *QUAIS SÃO SUAS DIFICULDADES OU APERREIOS DE VIDA MAIS IMPORTANTES?*

Seguem as tabelas nºs 17 e 18, nas folhas seguintes.

O número de escolhas dos problemas chegou à casa dos 334, 12% a mais que o número de entrevistados, um pouco menos, proporcionalmente, em relação à pesquisa na igreja. Nove pessoas, apenas, ou 3% do universo não responderam. 25 entrevistados (8,4%) disseram não ter nenhum problema, menos que no grupo da basílica, com 10,2% escolhendo este item.

Os mais apontados, pela ordem, são: "Desemprego", com 54 (18%) escolhas, "Dinheiro", com 51 (17%), seguidos de: "Problemas de fa-

TABELA Nº 17. LISTA DE DIFICULDADES MAIS IMPORTANTES, PARA OS ENTREVISTADOS.
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

DIFICULDADES	HOMENS			MULHERES			TOTAL
	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	
Desemprego	19	06	25	19	10	29	54
Dinheiro	09	11	20	24	07	31	51
Problemas familiares	14	03	17	20	11	31	48
Violência urbana	04	04	08	02	-	02	10
Nenhum	04	07	11	06	08	14	25
Custo de vida	10	08	18	11	04	15	33
Estudo	03	01	04	03	02	05	09
Doença	06	04	10	19	07	26	36
Problemas sentimentais	05	02	07	03	05	08	15
Morte na família	03	02	05	02	04	06	11
Solidão	02	01	03	02	02	04	07
Fome	02	-	02	04	-	04	06
Desajustes na sociedade	02	03	05	-	02	02	07
Moradia	01	-	01	03	04	07	08
Problemas religiosos	02	-	02	02	01	03	05
Não respondeu	-	04	04	04	01	05	09

TABELA Nº 18. LISTA DE DIFICULDADES MAIS IMPORTANTES, PARA OS ENTREVISTADOS.
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

DIFICULDADES	H O M E N S						M U L H E R E S					
	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...		
	Desemprego	04	07	05	07	02	02	09	07	08	03	
Dinheiro	-	-	09	09	02	01	06	09	12	03		
Problemas familiares	01	03	02	06	05	03	06	04	15	03		
Violência urbana	01	03	02	02	-	-	-	-	02	-		
Nenhum	-	01	03	03	04	01	01	03	05	04		
Custo de vida	-	03	06	09	-	01	04	04	06	-		
Estudo	03	01	-	-	-	03	01	01	-	-		
Doença	-	02	01	05	02	02	04	07	11	02		
Problemas sentimentais	01	03	01	02	-	02	02	02	02	-		
Morte na família	-	-	01	03	01	-	-	03	03	-		
Solidão	-	-	01	01	01	-	02	01	-	01		
Fome	-	01	-	01	-	-	-	-	03	01		
Desajustes na sociedade	-	-	-	05	-	-	01	01	-	-		
Moradia	-	01	-	-	-	01	01	05	-	-		
Problemas religiosos	-	-	-	01	01	-	-	02	01	-		
Não respondeu	-	01	-	01	02	-	01	02	02	-		

mília", com 48 (16%), "Doença", com 36 (12%), "Custo de vida", com 33 (11%), e "Nenhum", já apontado. Acima de 10 escolhas, temos: "Problemas sentimentais", com 15 e "Morte na família", com 11 escolhas. São os mesmos cinco mais votados pelo grupo da igreja, se bem que a ordem está diferente, "desemprego" aqui em primeiro lugar, já em quinto, "desemprego" penalizando bem mais a classe pobre que a média, a "falta de dinheiro" afetando as duas, "problemas de família" apontado por 18,5% das mulheres e 13% dos homens, aqui também, mais pelos pobres, homens e mulheres, que pela classe média. Os problemas relacionados com a saúde vêm mais declarados pelos pobres, sobretudo pelas mulheres desta situação social. Nesta pesquisa, a tabela por idade apresenta igualmente, grande dispersão, não apresentando variações significativas.

Neste grupo se configura, pois, idêntica situação de relacionar dificuldades materiais. Valem, no caso, as mesmas considerações expostas na análise das entrevistas da basílica.

Pergunta nº 12: *O QUE REPRESENTA NOSSA SENHORA DO CARMO PARA VOCÊ?*

As tabelas nºs 19 e 20 (folhas seguintes) precisam ser completadas com designações atribuídas à Senhora, fruto de uma única escolha. São elas: "Venerável", "Mediadora", "Profetiza do Senhor", "Um patrimônio espiritual profundo", "Espírito de Luz" (designação espírita Kardecista), "Devoção do Escapulário".

A expressão "Tudo" vem em primeiro lugar, com 60 (20,2%) escolhas, enquanto teve 47 (19,2%), quase o mesmo resultado, na pesquisa da igreja. Seguem-se a esta: "Mãe nossa", com 42 (14%) escolhas, "Santa milagrosa, poderosa" e "Símbolo de Fé, Paz, amor, união, e outros", com 40 (13,4%), "Proteção, apoio", com 35 (11,7%), "Padroeira do Recife", com 20 (6,7%), "Mãe de Cristo", com 19 (6,4%) e "Esperança", com 15 (5%) de escolhas.

Notam-se quase as mesmas expressões, dando-se notável coinci-

TABELA Nº 19. REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DA SENHORA DO CARMO DO RECIFE.
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

DISCRIMINAÇÃO	HOMENS			MULHERES			TOTAL
	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	
Tudo	12	12	24	22	14	36	60
Mãe nossa	12	04	16	14	12	26	42
Santa poderosa, milagrosa	14	09	23	13	04	17	40
Símbolo de Fé, Paz, união, amor	08	06	14	21	05	26	40
Proteção, anioio	10	08	18	12	05	17	35
Padroeira do Recife	08	06	14	03	03	06	20
Mãe de Cristo	05	07	12	03	04	07	19
Esperança	05	02	07	03	05	08	15
Santa igual às outras	02	01	03	02	01	03	06
Um mito	-	01	01	01	02	03	04
Madrinha	01	02	03	-	-	-	03
Símbolos afros	-	-	-	02	-	02	02
Nada	01	-	01	-	01	01	02
Não respondeu	03	02	05	02	-	02	07

TABELA Nº 20. REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DA SENHORA DO CARMO DO RECIFE.
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

DISCRIMINAÇÃO	H O M E N S					M U L H E R E S				
	Atê 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...	Atê 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...
	Tudo	02	03	05	11	03	02	06	10	12
Mãe nossa	01	05	01	07	06	04	05	08	05	04
Santa poderosa, milagrosa	-	07	08	03	05	-	06	05	03	03
Símbolo da Fé, Paz, etc.	02	01	06	03	02	01	05	04	16	-
Proteção, apoio	02	04	04	04	04	01	05	04	06	01
Padroeira do Recife	01	01	02	09	01	-	04	-	01	01
Mãe de Cristo	01	01	-	08	02	-	02	01	03	01
Esperança	02	01	01	03	-	01	-	02	02	03
Santa igual às outras	01	-	01	01	-	03	-	-	-	-
Um mito	-	01	-	-	-	-	02	-	-	01
Madrinha	-	-	02	-	01	-	-	-	-	-
Símbolos afros	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-
Nada	01	-	-	-	-	-	-	-	01	-
Não respondeu	-	-	02	01	02	-	-	-	02	-

dência na linguagem com que o povo transmite seus símbolos. A maioria utiliza as fórmulas correntes do uso religioso católico, institucional ou popular, como "Madrinha", uns poucos criam maneiras próprias de dizer: "Patrimônio espiritual profundo", "Criatura que nos protege", "Tudo depois do Cristo", "Criatura apoio", "Imagem de fê, amor, carinho", "A Mulher mais compreensiva" (dita por um homem...), "Figura que participa dos problemas do povo", "Perpetua as promessas de salvação", "Coisa importante", "Esperança em dias melhores", "Santa das Santas", "Coisa boa", "Santa Elegante" (talvez influenciada pelo culto afro), "Merece muito amor", "Sentido da vida, depois de Deus."

Algumas expressões, classificadas na categoria "Mito" são também originais: "Um deus", "2º Deus para mim", demonstrando o processo de deificação dos Santos católicos, por parte de nossa gente.

Notam-se respostas iguais para esta pergunta e a 10a., como o "Tudo", principalmente, - Ela me dá tudo, Ela representa tudo para mim. Deste termo não se pode auferir muita coisa, como já dissemos, pela multiplicidade de significados que pode envolver, desde a resposta superficial, para "se safar", passando pela empolgação da hora influenciando uma resposta preñe de entusiasmo, até a indefinição de quem não se colocou o problema.

Mais uma vez, acontece sô uma referência ao Escapulário do Carmo, sinal próprio e oficializado pela Igreja Católica e Ordem do Carmo, da devoção à sua Padroeira. Todos os anos se prega o Escapulário, pelo menos na novena e, às vezes - quando é um Carmelita que faz a homilia - na festa. Muitos escapulários são adquiridos e benzidos, sobretudo no dia 16. No entanto, continua ele um grande ausente nesta pesquisa.

Pergunta nº 13: *POR QUE AS PESSOAS TENTAM LEVAR FLORES OU FOLHAS DO ANDOR E DOS ALTARES, DEPOIS DA PROCIS*

SÃO, PARA CASA?

Seguem as tabelas, nºs 21 e 22, nas folhas adiante.

No grupo da procissão, as escolhas recaem por ordem de preferência, para: "Lembrança", com 89 (29,9%), "Fê", com 53 (17,8%) , "Relíquia", com 49 (16,4%) e "Obter graças, milagres", com 35 (11,8%). Exatamente, as mesmas preferências da pesquisa na igreja, e a mesma ordem de escolhas! Olhando estes e os outros itens, no geral, houve correspondência nos dois grupos, quanto às categorias apresentadas. Aqui também, portanto, os entrevistados consideram positivo o ato, por mais barulhento, desorganizado, perturbador do ritual oficial - a concentração em frente à basílica, após a procissão - que ele seja. Lembrando o que escrevemos nos comentários à pesquisa do grupo da igreja e complementando nesta secção, poderíamos analisar de início o que querem dizer as quatro categorias : "Lembrança" é recordação, é "souvenir" da festa e da Senhora, da Santa, simboliza os bons momentos passados ao lado dela, aos seus pés, toda a emoção vivida, o conforto experimentado. Já "Relíquia" é muito mais que isto: No ritual católico oficial são consideradas relíquias as partes do corpo do Santo, pedaços de suas roupas, ou mesmo objetos que foram de seu uso pessoal, inteiros ou em fragmentos. Na religião popular, "relíquia" é mais abrangente do que isto, estendendo-se este conceito até às flores, demais ornamentos, restos de velas, que permaneceram algum tempo junto à imagem, no seu altar ou andor. Assim como a relíquia, no catolicismo oficial, é algo do Santo - fragmentos de ossos, cabelos, dentes, etc., vestuários, objetos - no sentido popular, os ornamentos são considerados também algo dele, prolongamento dele, de sua companhia, é "como levar N. Senhora para casa", disse um entrevistado. Por isso que a categoria "Levar algo dela" pode ter idêntico sentido de relíquia. A expressão "Fê", ou "Ato de Fê", como responderam no grupo da igreja, pode significar a fê que se faz na Santa, em sua proteção, em seu amor de Mãe, poderes, é um investimento e garantia sim

TABELA Nº 21. OPINIÕES SOBRE A PRÁTICA DE SE LEVAR FLORES DO ANDOR PARA CASA.
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

OPINIÕES	HOMENS			MULHERES			TOTAL
	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	
Lembrança	22	18	40	36	13	49	89
Obter graças, milagres	10	06	16	14	05	19	35
Fê	11	10	21	20	12	32	53
Relíquia	10	07	17	20	12	32	49
Para dar sorte	02	02	04	03	02	05	09
Para fazer chá	06	04	10	08	01	09	19
Tradição	02	02	04	02	01	03	07
Levar algo "dela"	01	02	03	03	02	05	08
Superstição	03	06	09	05	07	12	21
Comportamento reprovável	02	03	05	01	02	03	08
Devoção	07	-	07	06	03	09	16
Ficam abençoadas	01	01	02	-	01	01	03
Para hanhos	-	-	-	08	-	08	08
Promessas	-	02	02	02	-	02	04
Não respondeu	05	03	08	04	02	06	14

TABELA Nº 22. OPINIÕES SOBRE A PRÁTICA DE SE LEVAR FLORES DO ANDOR PARA CASA.
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

OPINIÕES	H O M E N S					M U L H E R E S				
	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...
	Lembrança	05	05	08	15	07	04	07	13	21
Obter graças, milagres	01	03	03	04	05	01	03	07	04	04
Fê	02	04	06	08	01	02	06	10	13	01
Relíquia	-	01	01	11	03	-	06	08	13	05
Para dar sorte	-	03	01	-	-	-	05	-	-	-
Para fazer chá	-	01	-	08	01	01	-	03	04	01
Tradição	-	-	02	02	-	01	-	01	01	-
Levar algo "dela"	01	-	02	-	-	03	01	-	01	-
Superstição	-	01	02	04	02	-	02	05	04	01
Comport. reprovável	01	01	02	01	-	-	01	01	-	01
Devoção	01	04	02	01	-	-	02	04	02	01
Ficam abençoadas	-	-	01	01	-	-	01	-	-	-
Para banhos	-	-	-	-	-	-	03	-	05	-
Promessas	01	-	01	-	-	-	01	-	01	-
Não respondeu	02	02	03	01	-	01	01	-	04	-

bólicos de que ela estará disponível para atender futuros pedidos. Ligado à fé, a pesquisa registrou uma resposta interessante: "Para voltar para casa com mais força". Resposta ambígua, como aliás a maioria delas, revelando a própria ambiguidade que marca "todo relacionamento com o sagrado", no dizer de Rubem César Fernandes (1982:60-61). De fato, conforme este autor, notam-se nas mesmas atitudes, crenças, cosmovisões, elementos que são os tradicionalmente caracterizados como do domínio da religião, pelos cientistas sociais, como os do domínio da magia. Portanto, a quantificação entre o que é "mágico", numa atitude, numa crença, e o que é "religioso" é uma empresa impossível, sendo estas disputas muito mais evitadas de posicionamentos ideológicos ou proselitistas, que de objetividade científica. Sem a radicalidade de conceitos de Rubem César, admitimo haver tanto de magia quanto de religião, nas relações que o ser humano busca manter com o Absoluto, sob as mais variadas formas.

Embora as categorias positivas em relação ao fato sobrepujem de muito as negativas, é válido olhar o que estas apontam. Tomemos, inicialmente, o item "Comportamento reprovável", com oito escolhas. Sob esta categoria juntamos as opiniões seguintes: "Vaidade", "Eles agem mal", "Falta de educação", "Pura credice", "Extremo canibalismo", "Selvageria", "Falta de formação", e "Não aceito o gesto". Na categoria "Superstição", reunimos as respostas que usavam esta palavra e também "fanatismo", somando 21 escolhas, 7% sobre o total de entrevistados, parcela pequena, mas um tanto significativa, mais presente entre homens e mulheres da classe média (13 escolhas).

A busca de uma interpretação teórica para esta simultaneidade de rituais nos faz fixar a atenção nos conceitos de "estrutura" e "communitas", utilizados por Victor Turner (1974), ao descrever os ritos de reversão de "status." Idêntica conceituação empregou-a Renê Ribeiro (1983), ao analisar um ritual de Ibeji em dois Cen -

tros de Xangôs recifenses. Por "estrutura" temos o rito oficial da festa, no qual a atenção se desloca da Santa, no carro que a conduz, posta ao lado da igreja, da praça e do palanque, para a pessoa do Arcebispo, postado no palanque, colocado na calçada da basílica, próximo à porta principal, no centro, portanto, do novo ritual e das atenções da multidão. A "Santa", primeiríssimo plano e centro, da procissão, cede aqui sua posição para a pessoa do Arcebispo e, por extensão, para os padres que o rodeiam, que lhe dão "Vivas" e à Igreja, e preparam o povo para se organizar em frente ao palanque, a fim de dar início ao sermão. O microfone dos carros de som que acompanham toda a procissão, transmitindo os cânticos gravados e preces, passam dos animadores do cortejo, para o palanque. Tudo converge pois, para este novo centro. No entanto, a minoria numérica, mas barulhenta, teima em continuar fazendo do andor da Santa o seu centro. Sem fazer caso das recomendações, atiram-se para o carro, tentando conseguir dos dois bombeiros, acompanhantes da imagem em cima da viatura, para protegê-la contra fios elétricos, baques e outros imprevistos, as flores, folhas e outros ornamentos, numa algazarra frenética que põe em risco momentaneamente a autoridade do Arcebispo e dos padres. Conforme Turner, eles colocam estas pessoas em situação de "liminaridade", isto é, de perda da sua posição de centro, de mando, numa inversão em que "os mais fortes tornam-se mais fracos; os fracos agem como se fossem fortes". "Os ritos de reversão de "status"... mascaram os fracos com a força e pedem aos fortes que sejam passivos e suportem pacientemente a agressão simbólica ou mesmo real, praticada contra eles pelos estruturalmente inferiores". (Turner, 1974:203,212) Naturalmente, não se dá, neste caso, a agressão direta às autoridades religiosas no palanque, como em vários rituais descritos por Turner e Ribeiro. Somente a figura da Santa é visada, por causa das motivações, expostas pelos entrevistados, em levar um pouco do ornamento do andor para casa. Mas, dá-se uma agressão indireta, a nosso ver, desde que as ordens vindas do palanque são desobedecidas, a pregação

é interrompida às vezes para se recomendar silêncio, e a situação descrita só arrefece quando os guardas, pressionados pelo pãlanque, cessam de jogar as flores para os solicitantes. De modo que a Autoridade Arquidiocesana não sai de modo nenhum "arranhada" neste episódio, que não questiona em absoluto as regras do poder estabelecido na festa, porquanto os protagonistas do mesmo pretendem apenas fazer valer seus direitos sobre o obter lembranças e relíquias da Senhora do Carmo. Se não conseguem naquele momento, investem, após a concentração, nas flores dos altares laterais da basílica — é completamente vedado o acesso ao altar-mor — ou vão implorar ruidosamente os enfeitos restantes do andor às suas guardiãs, como foi dito acima.

Vamos, agora, à última pergunta:

Pergunta nº 14: *NA SUA OPINIÃO; A FESTA RELIGIOSA DE NOSSA SENHORA DO CARMO (Missas, procissão, novenário, visitas à igreja, o povo pagando promessas..) ESTÁ MAIS ANIMADA, COM MAIS GENTE, AGORA OU ANTIGAMENTE?*

O objetivo desta pergunta já foi dado na apresentação da pesquisa na basílica. Seguem as tabelas nºs 23 e 24, na próxima folha.

No total, 174 (58,5%) optaram em responder "Agora", contra 92 (30,9%), que preferiram votar em "Antigamente". 19 (6,4%) acharam estar a "mesma coisa", e o número de indecisos ou desconhecedores da festa nos anos anteriores mostrou-se bem menor que o da pesquisa da igreja, com 12 (4%) escolhas. Comparando-se ainda os dados das duas entrevistas, notamos um maior escore para o "Agora" — a opinião positiva com respeito ao crescimento numérico e qualitativo da festa católica —, um número ligeiramente maior de opiniões negativas, e níveis bem baixos de respostas "Não sei" e "Mesma coisa". Um olhar acurado na tabela nº 23, porém, demons-

TABELA Nº 23. OPINIÕES SOBRE O CRESCIMENTO OU NÃO DA FESTA RELIGIOSA CATÓLICA
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E CLASSE SOCIAL

OPINIÕES	HOMENS			MULHERES			TOTAL
	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	CLASSE POBRE	CLASSE MÉDIA	TOTAL	
	44	24	68	73	33	106	
Antigamente	25	27	52	18	22	40	92
Mesma coisa	04	04	08	06	05	11	19
Não sabe	-	02	02	09	01	10	12
TOTAL							297

TABELA Nº 24. OPINIÕES SOBRE O CRESCIMENTO OU NÃO DA FESTA RELIGIOSA CATÓLICA
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE

OPINIÕES	HOMENS					MULHERES				
	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61...	Até 20	21 a 30	31 a 40	41 a 60	61 ...
	07	14	16	23	08	08	06	23	30	39
05	11	12	19	08	08	03	07	12	12	06
-	01	-	04	03	03	-	02	02	05	01
-	-	-	02	-	-	03	03	-	04	-

tra que o grande escore positivo para o "Agora" deveu-se em grande parte às opiniões femininas (63,4%) enquanto 52,3 dos homens posicionaram-se pelo mesmo item, contra 40% deles que escolheram "Antigamente". Na tabela nº 24, por idade, o grupo masculino revela escores positivos nas quatro primeiras idades, por pequena margem de diferença sobre a segunda resposta, havendo coincidência numérica na última idade. Nas mulheres, é enorme a diferença em favor do item "Agora" nas três idades centrais, aproximando-se a primeira e a última. Portanto, os homens e a classe média/rica tendem mais para dar respostas negativas sobre o crescimento atual da festa, no grupo da procissão, o que não se verificou no grupo da igreja.

Poucas justificativas existem nas entrevistas deste grupo. Algumas delas, dos que votaram em "Agora": "Multidão enorme", "Mais fê", "O povo demonstra progresso na fê", "Sofrimento do povo", "Mais gente".

4.2.1. Discutindo mais os dados

Apresentados os resultados das duas pesquisas e ligeiramente comentados, precisamos ampliar agora a margem de discussão sobre eles e tentar algumas conclusões, embora não definitivas, porque ainda faltam outros dados importantes, a serem expostos nos capítulos seguintes.

A procissão, como a romaria, é uma oração espacial. Impossível não associar "procissão" a "caminho", "ruas", "deslocamento espacial" que se inicia e termina geralmente no mesmo ponto, exceção feita às procissões de "levada", "buscada" ou de transferência de um Santo de um local para outro, recondução de uma imagem perdida ou furtada para seu santuário de origem. Neste caso, a especialidade é vivenciada objetivamente – as ruas e praças invadidas pela massa dos devotos, conduzindo o Santo –, como também sub

jetivamente, no sentido de que, para os fiéis, o espaço profano, onde funcionam a moradia, o comércio, o trabalho, a luta pela vida, assume outra configuração, ganha outra vida e personalidade, na expressão de Dumoulin e Guimarães (1984:12). O espaço é transformado pelo ritual, tornado área de influência do sagrado, invadido por este. O tempo já foi sacralizado: o dia 16 é inteiramente, o "Dia da Padroeira". A acorrida massiva de fiéis à basílica, de todas as partes do Grande Recife e de Estados vizinhos, como vimos, assume características de romaria. Com a procissão, a Senhora do Carmo desce do seu altar, do seu trono, simbolicamente, visto não ser a mesma imagem da Padroeira, do altar-mor, mas a "imagem peregrina", já descrita - e vem para as ruas do entorno da sua igreja, no Centro Comercial e administrativo da Cidade, próxima do seu povo, que se acotovela ao redor do carro de bombeiros, segurando em suas alças, fora do cortejo ordenado da procissão. Digo "fora", porque a parte "ordenada", hierarquizada da mesma - menor em extensão -, composta pela ordem das Irmandades e confrarias do Centro da cidade, Ordens Terceiras do Carmo e de São Francisco, religiosos do Carmo, autoridades do Governo do Estado e do Município, Arquidiocesanas e do Arcebispo, termina no carro com o andor. A partir daí, predomina a "descontração, a informalidade, a alegria da festa", como descreve Alves (1980:25-26) que continua sua descrição do Círio de Nazaré, ao que parece, pondo aquelas características no domínio do profano e fazendo constar do sagrado "a devoção, a ordem consagrada, própria do rito sacral". Ora, vimos que, para Turner (1969), a "communitas", espaço próprio da informalidade, descontração e mesmo, da inversão, no ritual, pertencem ao domínio do sagrado; idêntica posição, com outras conceituações, é defendida por Durkheim (1965:414ss e 445ss) e, seguindo de perto Caillois (1963:123ss), entre outros, como já vimos. A conciliação entre estrutura-communitas, por ser a procissão um ritual marcado pela neutralização (Da Matta 1981:54-55, 64-66, 78)

de posições, hierarquias e qualidades, é assumida por Isidoro Alves como específico do ritual sacro da procissão. Portanto, não é o sagrado que se mistura com o profano, mas o sagrado, na sua complexidade, - já estudada por nós analisando o fenômeno da "paquera" inclui, nos rituais festivos, comemorativos, esta dimensão de inversão.

Na procissão, pois, a Senhora do Carmo, no carro-andor, neutraliza as hierarquias, posições, visto que ocupa o centro do cortejo sagrado, simbolicamente colocada no alto, "associada ao alto" (Da Matta, 1981:78), ponto de convergência, de denominação e de mutação do espaço, a um tempo. À frente do carro, a "estrutura", composta pelas irmandades, confrarias, ordens terceiras, seminaristas, religiosos, clero, autoridades civis e eclesiásticas, com suas posturas e roupas características; ao lado e atrás do carro, a "communitas", a multidão, informe e misturada: católicos praticantes, católicos por tradição, curiosos, adeptos do Xangô e Umbanda, pagando promessas para Oxûn, turistas, alguns participando dos cânticos e orações transmitidos pelos carros de alto-falantes, outros simplesmente conversando, namorando, "olhando o movimento", os que desejam levar uma flor de lembrança ou relíquia, etc., do andor, se postando estrategicamente ao lado do carro, para facilitar a consecução da graça, no corpo-a-corpo da chegada da procissão... E, na passagem da Senhora, de sua imagem, ela vai confirmando e reafirmando sua natureza simbólica, múltipla e variada, tendo a categoria de "Mãe" como princípio unificador das demais, a multidão sendo um reforço para si mesma, "um retrato de si própria" (cf. Da Matta, ibidem), tanto para os que vão no cortejo como os que assistem nas calçadas, a multidão, revendo-se, na e com a Padroeira, Mãe-Protetora-Senhora, a um tempo, catarse coletiva dos sofrimentos, angústias, necessidades do dia-a-dia e exaltação coletiva da fé e esperança que nela possuem e depositam.

Completado o percurso, chega a procissão ao seu término, na

Praça do Carmo. Quando o carro-andor penetra no logradouro, fogos começam a estourar em profusão, soltados espontaneamente por devotos, localizados em diversos pontos. Do palanque, onde já se encontram o Arcebispo, membros do clero que participaram da procissão, os religiosos do Carmo, partem "Vivas" a Nossa Senhora do Carmo, à Igreja, a Jesus Cristo, ao Povo do Recife, e outros, os carros de som passando os microfones para o padre animador - geralmente o Superior do Convento -, e se postando em posições propícias para transmitir a palavra do Arcebispo à multidão. O carro-andor é então orientado pelo Superior, para estacionar a uma distância razoável do palanque, de modo a que o barulho dos devotos atrás das flores incomode o menos possível. Então, dá-se a anulação da neutralização, ocorrida durante o cortejo: a Hierarquia Católica passa novamente a comandar diretamente o processo ritual oficial, o outro rito descrito nas respostas da pergunta 13 encarado como marginal, reprovável. Dá-se, então, na mente dos que buscam as flores, uma posição ambígua entre dois centros: O andor, centro de toda a procissão, e o palanque, centro do ritual de encerramento, posto mais alto que aquele. O grupo interessado nas flores põe as autoridades religiosas em situação de liminaridade, não as agredindo diretamente, mas não fazendo caso de suas admoestações e protestos para que se calem e acomodem para ouvir o sermão. Para este grupo, o centro continua sendo a imagem no andor. Para a grande maioria, porém, D.Hélder, com seu carisma atrai, concentra as atenções: seu estilo particular, de cunho profético, no jargão da Pastoral da Igreja Católica, pedindo a intercessão da Senhora para as dificuldades concretas do Povo da Região, enumeradas uma a uma, vai arrancando aplausos entusiásticos da multidão. No entanto, pode-se questionar se o entusiasmo arregimentante que o pregador merecidamente desperta se transforma de fato em ações concretas. A resposta parece-me negativa, pelo menos a curto prazo, por várias razões: primeira, a multidão está

ali por motivações e objetivos específicos diversos; não existe pois a uniformidade que caracteriza a assembléia de uma entidade de classe, partido político ou categoria profissional; antes, se distinguem até por religiões diferentes, e por práticas católicas também diferentes, como já foi visto; em segundo lugar, não há uma comunicação horizontal entre os participantes, a não ser entre grupinhos de familiares e amigos, juntos, de frente para o p_alanque. A relação fundamental é da massa para o Arcebispo pregador. As palmas, exclamações entusiasmadas, etc., podem, porém, ter um efeito catártico, agora não mais inspirado pela passagem da imagem mas pela palavra eloquente. Além disso, como se constatou por depoimentos na pesquisa, sobretudo das respostas às perguntas 10 e 12, o sermão pode despertar impulsos genéricos para as mudanças na estrutura sócioeconômica da Sociedade Brasileira, produzindo, pouco a pouco, aumento de consciência na necessidade e factibilidade destas mudanças, ao mesmo tempo que aumenta a legitimidade da Autoridade Eclesiástica, por acolher as aspirações de tantos presentes, em relação à melhoria de vida, justiça, paz...

Existem vários estudos sobre romarias e centros de peregrinação, no Brasil, que descobriram a contribuição destas e destes para um maior conformismo social dos romeiros, projetando na figura do Santo e no relacionamento com ele, sob a forma de pedidos, promessas, desejo de intercessão, as dificuldades não-resolvidas, de trabalho, manutenção da família, saúde, casamento, etc. Exemplo deste enfoque é a comunicação de Gross (1971) sobre o santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Ele tenta mostrar justamente como a peregrinação, em todo seu contexto, contribui para a manutenção do sistema sócio-cultural vigente no País e na Região em que ela acontece. Nossa conclusão a este respeito é que, a partir das pesquisas apresentadas e de outras práticas religiosas ainda por apresentar, a Festa do Carmo do Recife contribui para a manutenção da ordem social vigente, reforçando-a, na medida em que enche

de conforto as pessoas a fim de suportarem a dureza do dia-a-dia. No entanto, uma parcela significativa já encara a devoção à Senhora do Carmo como uma "fonte de força para unir o povo". Esta parcela encontra nas pregações do novenário e sermões de D.Hêlder um reforço para conceber sua ligação religiosa com a Padroeira dentro de uma perspectiva de engajamento na sociedade, visando modificá-la.

A procissão neutraliza também os vários níveis da festa. De modo que as diversas "festas" se conciliam, se apagam, por assim dizer, no grande cortejo. Membros da aristocracia, da burguesia comercial se misturam com o povo, não se distinguindo por um lugar especial. Na basílica, durante as missas e na Missa Concelebrada - antes era Pontifical -, além dos celebrantes, as famílias destas classes, sobretudo as promotoras da festa, ocupavam locais reservados, juntamente com as Autoridades civis e militares, antigamente muito mais que agora, como já foi visto. Na procissão, porém, com exceção das Autoridades civis, e eclesiásticas, todos se nivelam, se confundem. Assim também os adeptos dos vários cultos afrobrasileiros, filhos e filhas de Oxūn, caminham ao lado dos demais, distinguindo-se pelo colorido de suas roupas rituais, amarelas. A festa "de rua" ganha novo impulso e animação, porque o volume de vendas de lembranças da Santa aumenta, o parque de diversões funciona a todo vapor, antes da procissão, crianças e adultos "correndo" nos brinquedos, enquanto aguardam a saída do cortejo. De modo que, o evento máximo da festa popular religiosa católica é também fator de integração de todos os níveis da festa, o ponto onde a sociedade desmancha as diferenças momentaneamente, sob a força do ritual, para reafirmá-las em seguida, na volta ao cotidiano.

4.3. FALA O POVO SOBRE A FESTA "DE RUA"

A Festa "de rua" já foi historiada, sua origem, desenvolvimento, crises sucessivas nas últimas décadas, tentativas da Imprensa e dos Poderes Públicos - ao menos em declarações - de soerguê-la das cinzas, culminando com o quadro apresentado no ano de 1985: Um observador atento e conhecedor das festas de outros tempos apostaria sem muito esforço na sua próxima extinção. Tudo isso nos revelou o exame dos relatos jornalísticos, sobretudo do "Diário de Pernambuco". A pesquisa, cuja metodologia já expusemos, apanhou os eventuais frequentadores da festa na noite de 15 de julho de 1985, bem como os donos e funcionários de brinquedos, bares, barracas de comidas e bebidas, com uma perspectiva quase sempre pessimista, em relação à sua situação atual e futura. No entanto, a maioria disse acreditar na melhoria da festa, se os Poderes Públicos, os Padres do Carmo decidirem realizar mudanças - algumas recomendadas nas entrevistas - e se a conjuntura sócioeconômica nacional se modificar em favor das classes populares - principais frequentadoras de tais festas.

Vamos ver em detalhes os dados colhidos pela pesquisa. Aplicaram-se 306 entrevistas semi-estruturadas, com perguntas pré-determinadas, escritas, e a resposta em aberto. O entrevistador escrevia as respostas diante do entrevistado. Foram entrevistadas 56 pessoas a mais do que o número mínimo recomendado pelos estatísticos - 250. Dentro do total, 68 entrevistados são donos e/ou funcionários do parque de diversões, bares, barracas de comidas e bebidas e pequenos comerciantes de imagens de Nossa Senhora do Carmo e outras, santinhos, medalhas, escapulários, e demais artigos religiosos de porte e valor monetário pequenos. Estes, espalhados na calçada da igreja, enquanto o parque e as barracas se comprimiam num estreito espaço assinalado pela Prefeitura e Departamento de Trânsito. Eis as perguntas:

1. A FESTA "DE RUA", NESTES ÚLTIMOS ANOS, ESTÁ: MAIS ANIMADA
MAIS FRACA
2. POR QUE?
3. SE A FESTA "DE RUA" ESTÁ MAIS FRACA, ATUALMENTE, VOCÊ ACHA QUE PODE VOLTAR A SER ANIMADA? SE "SIM", QUE PROVIDÊNCIAS ACHA QUE SE DEVERIA TOMAR PARA QUE ISTO ACONTEÇA?

A terceira pergunta se desdobra em duas partes: Sendo a resposta afirmativa, o entrevistado era convidado a sugerir providências para o ressurgimento da festa. Vamos ver as respostas:

. A primeira pergunta. Esta só admitia duas respostas possíveis, sendo uma pergunta fechada:

. MAIS FRACA	228 (74,5%)
. MAIS ANIMADA	74 (24,2%)

Quatro responderam com outras expressões, como: REGULAR e MENOS ANIMADA, ou simplesmente disseram não saber.

A opinião dos donos e trabalhadores da festa, já descritos acima:

. MAIS FRACA	58 (85,2%)
. MAIS ANIMADA	10 (14,7%)

. A segunda pergunta. Houve grande dispersão de motivos apresentados para a festa estar fraca, como também justificativas para os que afirmaram estar mais animada. Eis os motivos:

. ESTÁ MAIS FRACA, porque: Pouco dinheiro no bolso do povo (50), Chuvas abundantes (38), Carestia (30), Trânsito no meio do parque (29), Pouco espaço para os brinquedos, etc. (10), Falta de interesse da Prefeitura (9), Menos gente este ano (13), Poucos parques, brinquedos, barracas (20), Falta de movimento e animação (11), Faltam atrações (08), Má organização (05), Má localização do parque (03), Insegurança na rua (03), Sujeira no local da festa (04), Muitas barracas de bebidas, atrapalhando o parque (02), Pouca divulgação (03), Interferência e falta de apoio dos Padres à festa

(03), Falta de interesse de todos (02), Hoje é dia de trabalho (01), Desprestígio da festa (01), As reformas urbanas (01), "falta tudo na festa" (02), Antigamente era mais animado (01). Ao todo, estes motivos somam 249. Isto porque vários entrevistados falaram mais de um.

. ESTÁ MAIS ANIMADA, porque: Há mais gente que no ano passado (14), Maior movimento de gente e vendas (10), Mais participação popular (01), Mais animação para esquecer os problemas (01), Há tranquilidade (01), Hoje é véspera (02), Igreja está mais organizada - (01), O parque é bom (01), É tradição (01), Tem novidades (01), Menos chuva este ano (03), Retirada das barracas do comércio normal em frente à igreja (02), Tem banda de música (02).

. NÃO RESPONDERAM A PERGUNTA 24

Quisemos destacar as opiniões dos donos e trabalhadores do parque, barracas, comércio, etc., como uma espécie de "grupo privilegiado" no meio dos frequentadores da festa, por se tratar de pessoas que costumam montar todos os anos seus negócios na Festa do Carmo e nas outras festas religiosas no Grande Recife e, até, em outros Estados vizinhos. Por isso, achamos suas respostas valiosas, a ver se concordavam ou não com as da maioria. E vimos que concordam. Eis as respostas deles à 2a. pergunta:

. Os 58 que disseram - MAIS FRACA: Faltam mais parques e bares (07), Chuva (14), Falta dinheiro (13), Falta interesse do Departamento de Trânsito (05), Custo de vida (07), Falta de apoio da Prefeitura (04), Movimento cada vez pior (06), Falta animação (02), Desemprego (01), Sujeira na praça (02), Tradição não existe mais (01), Hoje é dia de trabalho (2a. feira) (01), Pouco espaço para os brinquedos etc. (02), Faltam atrações (02).

Vários anotaram, igualmente, mais de um motivo.

. Os 10 que disseram - MAIS ANIMADA: Movimento está melhor que no ano passado (06), Chove menos este ano (02), Igreja mais organizada (01), Mais gente (01).

. A terceira pergunta - 1ª parte. 201 entrevistados responderam afirmativamente - "SIM", opinando que a festa "de rua" pode voltar a ser animada. Totalizam 65,7% das respostas. 62 disseram "NÃO", constituindo 20,3% dos entrevistados. 43 não responderam. São 14% do total.

Interessante foi que, dos 68 donos e trabalhadores do parque, barracas, comércio, etc., entrevistados, 64 responderam "SIM", todos oferecendo sugestões. Naturalmente, penso não se tratar apenas de uma crença na possibilidade do ressurgimento da festa, mas, sobretudo, da esperança que isto aconteça, a fim de não perderem - claro! - seus pontos de ganha-pão. E assim, passamos para a parte seguinte:

. A terceira pergunta - 2ª parte. Damos, primeiramente, as respostas do grupo privilegiado da entrevista. Os 64 que falaram "SIM" deram, todos eles, sugestões: "Governo (Prefeitura, EMPETUR, EMTU, URB-Recife) apoiar, promover" (13); "Mais dinheiro para o povo, mais emprego" (8); "Não chover" (8); "O povo vir à festa, com parecer" (4); "Mudar ou retirar o trânsito na área da festa" (É absurdo! - disse um deles - Os pais não trazem as crianças pro parque, por causa do trânsito!) (6); "Aumentar o parque, com mais brinquedos" (2); "Baixar carestia, inflação" (4); "Mais atrações" (3); "Mais iluminação" (2); "Ampliar espaço para a festa" (3); "Mais condições para comerciantes" (3); "Maior limpeza, higiene, da área" (1); "Mudar época da festa/festa no verão" (3); "Maior organização" (3); "Divulgação da festa" (1).

Agora, veremos as respostas do grupo dos 201 que deram sugestões, incluindo as do grupo privilegiado, elencadas acima, para ver o peso das mesmas, no conjunto. Alguns falaram, simplesmente, não ter nenhuma sugestão. Outros, no entanto, deram mais de uma, o que fez com que obtivéssemos 238 respostas; Aqui vão elas:

"Governo (Prefeitura, URB-Recife, EMPETUR, EMTU) colaborar ,

apoiar, patrocinar" (22); "Mudar ou retirar o trânsito na área da festa" (34); "Ampliar o espaço para a festa" (12); "Não chover"(19); "Mais atrações: jogos, festivais, conjuntos musicais, feirinha típica, shows de artistas, frevioca..." (21); "Mais dinheiro para o povo, mais emprego" (25); "Melhor localização da mesma na avenida" (6); "Mais e melhor arrumação das barracas de comidas e bebidas típicas, com toldo, por causa da chuva" (5); "Aumentar o parque / mais brinquedos" (11); "Mudar época da festa/festa no verão" (3); "Controle dos preços na festa" (9); "facilitar as licenças da Prefeitura para os comerciantes e outros" (4); "Tirar ou afastar as barracas velhas dos camelôs" - que ocupam a área durante o dia - (9); "Baixar inflação, carestia" (8); "Melhor organização da festa" (7); "Maior organização entre Prefeitura e Igreja" (2); "Maior iluminação na área da festa" (3); "Padres se interessarem pela festa, divulgarem-na, promovê-la" (4); "Povo se organizar e promover a festa" (1); "Maior policiamento" (6); "Contribuição do povo" (1); "Reclamar aos fiscais da Prefeitura" (1); "O povo vir, aparecer na festa" (2).

4.3.1. Analisando os dados

Na primeira pergunta, salta à vista o estrondoso escore de 74,5% dos que acharam MAIS FRACA, veracidade confirmada pelo grupo privilegiado (85,2%). Não resta margem à dúvidas: o levantamento concorda com as opiniões expostas no "Diário" sobre o declínio da festa "de rua", apesar dos esforços obstinados dos donos de parques de diversões, barraqueiros, etc., de fazê-la permanecer, luta que vinha se acentuando nos últimos anos, talvez culminando em 1985, quando o espaço para os brinquedos, destinado pela Prefeitura, de comum acordo com o DETRAN, fora o mínimo possível, de modo a não desviar rotas ou pontos de parada dos ônibus que circulam na Avenida Dantas Barreto.

Quanto aos motivos deste declínio: os mais "votados" foram : "Pouco dinheiro" (50), "Chuvas abundantes" (38), "Carestia (30) . Naturalmente, são razões poderosas a favor do desânimo de uma festa. Estávamos num ano muito difícil para o bolso do povo e choveu forte algumas noites da novena. As entrevistas da festa religiosa revelaram também a enorme preocupação do povo por estes problemas de desemprego, carestia, pouco dinheiro. Mas, nós visitamos, em 84 e 85, as outras duas grandes festas religiosas e populares do Grande Recife - a de Nossa Senhora dos Prazeres, nos Montes Guararapes, no mês de abril, e a do Morro da Conceição, a 8 de dezembro. Apesar das dificuldades econômicas, vimos que a festa "de rua" não perdeu seu brilho, naqueles dois lugares, superando de muito, em frequência e participação, a do Carmo. E, quanto às chuvas, elas são companheiras quase inseparáveis da Festa do Carmo, dada a estação das chuvas, no litoral do Nordeste, ocorrer de maio a agosto . Lemos, no levantamento histórico da festa, como anos houve em que a procissão não pôde sair, por causa do temporal. Conversamos com bastante gente que subia para a Festa dos Prazeres, sem dinheiro no bolso, para se divertir com o "footing", a assistência aos shows de cantores locais, patrocinados pela Prefeitura do Município, principal promotora da festa "de rua". Agora, entre Prazeres e aqui, no Centro do Recife, há uma grande diferença. Lá o pessoal dos bairros e vilas circunvizinhos aos Montes Guararapes podem deslocar-se para o "Alto", como chamam, sem preocupações de vestir-se bem, tomar condução, etc. Vir para o Centro do Recife implica em ter roupa, calçado e o dinheiro, pelo menos, do ônibus, sem a esperança, sempre alimentada, de encontrar um amigo ou vizinho que divida com ele a cerveja.

A soma dos motivos que dizem respeito à falta de organização e de apoio da festa, por parte dos Poderes Públicos, dos Padres , totalizam 102 escolhas (41% dos motivos apresentados), contra 80 de ordem socioeconômica (32,1%) e 38 atribuídos ao mau tempo (15,2%).

Estes dados, retirados das respostas à segunda pergunta, demonstram serem numericamente ponderáveis as razões do não crescimento da festa externa, ligadas à primeira categoria apontada acima. Caso fossem superiores em número as respostas ligadas à situação econômica ruim do povo, mesmo assim a observação das outras festas supracitadas desmentiriam a plena objetividade delas, fruto talvez de uma constatação apressada, imediatista, emocional, sem atentar para outras causas de ordem mais institucional.

Vimos, na descrição da festa pela Imprensa, a descaracterização do antigo centro comercial do Recife, a demolição dos seus belos sobrados, largos, pátios, antigas ruas. Nesta transformação, em que no Brasil não se soube - ou não se quis - sobrepor as várias etapas históricas em nossas cidades, os vários estilos arquitetônicos, a Festa do Carmo pagou também o seu preço, nas procissões, mas também, e sobretudo, na festa "de rua". De fato, num pátio que circundava uma praça, isolada do passeio com calçada e árvores esparsas, se podia armar o parque e outros folguedos do folclore nordestino, sem prejuízo do trânsito e do comércio. Mas, o velho "Pátio do Carmo" veio sofrendo mudanças: tornou-se "Praça", depois "Avenida", e, na Avenida, se instalaram terminais de ônibus. Além disto, o centro do Recife vem há nove anos, mais ou menos, sofrendo um processo solerte de deterioração, ao que não escapou a Praça em frente à basílica: o calçadão projetado nunca se fez, desenvolveu-se uma "feira" permanente, com barracas improvisadas, anti-higiênicas, vendendo de tudo, desorganizadamente, o comércio informal no centro do Recife retirado das ruas de lojas e sendo remanejado para a frente dos monumentos, como se o turista viesse aqui ver lojas e não os tesouros da arte barroca e neo-clássica da cidade. E com tudo isso, o drama se estabelecia cada vez que julho despontava: onde pôr a festa "de rua"? Retirar os ambulantes de frente da igreja? Eles protestavam. Ocupar uma faixa da Avenida? O DETRAN e a EMTU não permitiam. Resultado: fazia-se com que o parque fosse

reduzido ao m̃nimo e se apinhassem brinquedos, bares e barracas, no estreito calçadão no meio da Avenida, porque, em frente da igreja, os padres tambẽm não permitiam, a fim de não atrapalhar a concentração no tẽrmino da procissão. (1)

A terceira pergunta demonstra a vontade e possibilidade de manutenção da festa externa, na opinião dos entrevistados, sobretudo dos donos de brinquedos, bares, etc. Para eles, a festa de rua no centro da cidade não ẽ inviãvel, se se tiver criatividade e boa vontade para organizã-la, concorrendo para isto, igualmente, a melhoria das condições de vida do povo. Ɛ o que diz, em resumo, o conjunto de sugestões do grupo privilegiado. As propostas do grupo inteiro, em nũmero de 238, incluem: 144 respostas atinentes ao soerguimento da festa por parte dos Poderes Pũblicos, dos Padres, apoiando, organizando melhor o espaço, atualizando as atrações, como se faz em outras festas religiosas no Recife, controle dos preços, maior segurança para os frequentadores, afastamento dos veĩculos da ẽrea; 4 respostas responsabilizando o povo pela promoção da festa; 31 opiniões condicionando a recuperação da festa ẽ melhoria das condições econõmico-financeiras do povo; e 16 pareceres fazendo depender o ẽxito da festa unicamente do bom tempo, alẽm de trẽs propostas para transferir a festa para o verão!

(1) Nossa pesquisa estendeu-se atẽ 1985. A bem da verdade, porẽm, devo esclarecer que, no ano de 1986, a Prefeitura do Recife liberou, por iniciativa prõpria, de comum acordo com DETRAN e EMTU, toda uma faixa da Avenida Dantas Barreto, dotando o local de melhor infra-estrutura, em termos de espaço, iluminação, licenças para comercializar comidas e bebidas, etc. Alẽm disso, o Prefeito empossado em 1986, Dr. Jarbas Vasconcelos, iniciou um trabalho de revitalização do centro do Recife, remanejando o comẽrcio informal da frente dos monumentos. Desta medida, a Basĩlica do Carmo jã foi tambẽm beneficiada. Ɛ uma mostra do quanto pode fazer uma administração realmente mais preocupada com o bem da população e com a organização da cidade, do que em atender a interesses de grupos.

Muitos se queixaram que o povo não vem à festa "de rua", mas não se aventuraram a pensar mais profundamente nos motivos desta ausência, atribuindo-a ao mau tempo, à carestia, à insegurança do cidadão. Interessante que não se queixaram da televisão – novelas e programas humorísticos noturnos – e de outros lazeres muito mais ao gosto da classe média que as festas de largo. O número foi maior de homens que de mulheres entrevistados, pois, a observação e as anotações na entrevista sobre detalhes da vida profissional demonstram ser os homens frequentadores em maior número que as mulheres, por motivos já descritos no Capítulo III. Para os homens, a TV tem menos importância que as mulheres, e para os homens-jovens, menos ainda que para homens-adultos, como opção de lazer, mas, em contrapartida, a grande cidade proporciona hoje um montante de variedades de opções para o sexo masculino consumir suas horas de folga. Estes aspectos do processo de urbanização foram omitidos nas respostas da pergunta 2, mas figuram no elenco das sugestões para a festa se levantar: a promoção de shows de conjuntos e cantores, imitando programas similares da TV, com animadores seguindo expressões postas em moda por Sílvio Santos, Chacrinha e outros. As festas da Conceição e dos Prazeres fizeram isso e com sucesso, fazendo crescer também, de muito, a população jovem feminina, chamariz, por sua vez, para que a rapaziada compareça maciçamente. Deste modo, o frequentador jovem da festa "de rua", no Grande Recife, não se distancia do seu mundo habitual de lazer – discotecas, boites, etc. – onde "curtem" seus sucessos preferidos, já que os mesmos conjuntos e cantores que os interpretam, arremedando os intérpretes originais, estão lá.

A insistência em se atribuir aos Poderes Públicos e autoridades religiosas a responsabilidade pela festa "de rua" nos lembra Roger Bastide (1959:22-28), afirmando e comprovando que "a festa católica não é somente a Igreja quem a promove, mas também os notáveis". Adianta ainda este escritor não haver festa religiosa sem

festeiros, como para a Festa do Carmo, ficou já demonstrado no seu histórico. A reminiscência deste "potlach" antigo clama fundo na memória, mesmo daqueles que pedem uma renovação da festa. É buscado o apoio da comunidade católica do Recife, comparecendo à Praça e não se retirando para casa logo após a novena, nem se permitindo apenas assistir, da calçada da basílica, o recital da banda de música, nas raras noites em que esta se apresenta, ultimamente. Por isso, Autoridades Municipais e Padres do Carmo configuram, para os entrevistados, o grupo privilegiado sobretudo, um pouco daquilo que Bastide chama (1959, l.cit.) "um conjunto estrutural", referindo-se ao folclore em geral e sua possibilidade de permanência no seio da comunidade que o cultua. Assim, a festa "de rua" necessita deste "conjunto", para sobreviver e de novo, prosperar.

4.4 A FESTA E A DEVOÇÃO AFROBRASILEIRA: FALAM BABALORIXÁS, IALORIXÁS E FILHOS(AS) DE OXŪN

Em entrevista ao DP, na Festa do Carmo de 1982, falou Roberto Motta: "Se Nossa Senhora do Carmo é a grande mãe do povo recifense, é a rainha coroada da cidade, nada mais natural que seja sincretizada como Oxūn, a 'dona do ouro', a santa da graça, da fertilidade, do amor, da lenda africana."

Em conversa com D. Maria das Dores, famosa mãe-de-santo recifense, 84 anos, em 1984, perguntamos-lhe: "Há quanto tempo Oxūn é representada por Nossa Senhora do Carmo?" Ao que nos respondeu: "Tenho mais de 50 anos de seita, e Oxūn sempre foi Nossa Senhora do Carmo". Citamos esta conversa com certa ênfase porque, a um tempo da preparação deste trabalho, nos preocupávamos com as origens do sincretismo Oxūn-Nossa Senhora do Carmo, e nos intrigava com o fato de autores bahianos, como Pierre Verger (1967 e 1981) serem Oxūn no Recife sincretizada com Nossa Senhora dos Prazeres, titular da igreja votiva dos Montes Guararapes, mandada construir pelo General Barreto

de Menezes no século XVII, em ação de graças pela expulsão dos holandeses de Pernambuco. Igualmente, o pernambucano Gonçalves Fernandes, em várias obras sobre os Xangôs do Recife e Sincretismo Religioso (cf. 1937), ora sincretiza Oxūn com Nossa Senhora dos Prazeres, ora com Sta. Maria Madalena. Ultimamente, porém, desistimos deste empenho, não só por se constituir um outro tipo de trabalho — levantar a história do sincretismo, mas, sobretudo, em vista de nosso objetivo de priorizar o significado da relação entre o Orixá africano e a Santa Católica, o significado em ser filho(a) de Oxūn, o tipo do culto a uma e a outra. E, quanto ao sincretismo com outras invocações da Virgem Maria e com Sta. Madalena, as entrevistas com Pais-de-Santo dos mais conceituados no Recife, serviram para esclarecer, como se verá adiante.

Antes de descrevermos as entrevistas, exporemos a identidade do Orixá, como é concebido na África e em autores umbandistas.

Quanto às concepções reinantes no Continente Negro, nos basearemos em Pierre Verger, na obra supracitada, conhecedor que é não só dos candomblés baianos, mas dos cultos vivenciados hoje, naquele Continente.

. OXŪN: Segunda mulher de Xangô, tendo vivido antes com Ogum, Oxôssi e Orumilá. Seu pai é Oxalá. Controla a fecundidade. Por isso, as mulheres grávidas e as que querem filhos, dirigem-se a ela. Conforme a lenda, é uma mulher ciosa por participação ativa nas deliberações dos Orixás, e anti-machista. É chamada, também, com o título de "Iyalodê", conferido em geral, nas civilizações yorubas, à pessoa do sexo feminino que ocupa o lugar mais importante dentre todas as mulheres da cidade. (Considere-se a equivalência simbólica: Nossa Senhora do Carmo ocupa o lugar mais importante no Recife dentre todas as Santas, a ponto de ter-se tornado a Padroeira por movimento popular, e foi coroada em praça pública com coroas de ouro e adereços de ouro!)

. Axês (matérias ou objetos que identificam a presença do

Orixá, e transmitem a sua força) de Oxūn: pedras do fundo do rio Oxūn na Nigéria, jóias de cobre e pentes de tartaruga. O amor de Oxūn pelo cobre -- o metal mais precioso conhecido dos povos Yorubás, nos tempos antigos, -- é objeto de saudações para ela. Modernamente, ela passou a reinar sobre o ouro, metal também amarelo, encontrável nos leitos dos rios, e mais valorizado que o cobre.

. Onde habita Oxūn: nos lugares profundos, onde nasce o rio Oxūn e onde ele deságua na lagoa. Nestes locais, ela é adorada sob nomes diferentes, sendo suas características distintas umas das outras, à maneira antropomórfica. Aí encontramos, conforme ainda, Verger: Oxūn Ijumū, rainha de todas as Oxūns; Oxūn Ayanlā, a grande Mãe (a avô), que foi mulher de Ogum; Oxūn Oxogbô, cuja fama é grande por ajudar as mulheres a ter crianças; Oxūn Aparā, a mais jovem de todas, de gênio belicoso; Axūn Abotô, muito feminina e elegante; Oxūn Abalu, a mais velha; Yeyē (Oxūn) Ipandā, guerreira; Yeyē Karē, muito guerreira; e Oxūn Popolokun, cultuada próximo à lagoa.

Apesar de todos estes nomes e características diversas, é sempre a mesma e única Oxūn.

No Brasil, adeptos de Oxūn usam colares de contas de vidro amarelo-ouro, braceletes de latão muito numerosos. Dia da semana que lhe é consagrado: o sábado, em geral. Em alguns lugares, é a terça-feira, sendo o sábado de Iemanjá. Saudação própria, na África: "Orē YeYē Ō": Chamemos a benevolência da Mãe! No Recife, predomina a terça-feira.

. Dança de Oxūn: imita o comportamento de uma mulher vaidosa que vai banhar-se no rio, faz tilintar os braceletes dos braços, agitando-os, enfeita-se com colares de cor amarelo-ouro, sua cor ritual, abana-se graciosamente com leque e contempla-se com satisfação no espelho que tem numa das mãos, chamado "abebê de Oxūn". No Brasil, também se usa jogar vidros de colônia de alfazema nas

peessoas presentes, durante a dança.

Outras loas de Oxūn: "Ela é a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre a água doce, sem a qual a vida na terra seria impossível". "As águas de Oxūn serão sempre abundantes", alusão aos atributos de promotora da fertilidade e da riqueza.

Dentre os textos sobre Oxūn lidos em publicações umbandistas, preferimos este, por nos parecer mais claro e trazer elementos introduzidos pelo sincretismo ocultista, também existente na Umbanda. Trata-se do nº 14 da revista - "Magia, Mistério e Umbanda", da Rio Gráfica S.A. (não traz nem o ano da publicação, nem o nome do autor do artigo, apenas das citações de outros). A matéria vem apresentada num encarte.

O artigo contém duas linhas de mitos legendários: uma é a "lenda da Guiné", que apresenta Oxūn filha de Iemanjá e companheira de tarefa. A outra, sobretudo em áreas do Sul do Brasil, faz de Oxu a deusa-mãe das Oxūns. Estas são filhas de Oxu, sempre frívolas e faceiras.

Para o Prof. Leopoldo Bertiol, professor de História e pesquisador, radicado em Porto Alegre (citação do artigo), "as Oxūns são divindades secundárias, chefes de linha, tem relação com a lua, se compara no panteão greco-romano com a Lua-Diana, que abrange lagos, rios, bosques e florestas, enquanto Vênus sempre representou o mar". Oxu, para ele, é o grande Orixá e Oxūm, filha, derivação. Continuando a citar o mesmo professor, o artigo diz que a letra "M", no esoterismo arcaico, no final de uma palavra, dá-lhe atributos de coletividade. O fonema representa maternidade, fecundação, fluidez, águas em geral. Talvez por aí se explique a atribuição de encargo materno a Oxūn: ela é Mãe, tanto no Candomblé, como na Umbanda. É considerada uma das grandes entidades da Umbanda. Venerada por sua pureza, beleza e simplicidade.

. Ponto riscado de Oxūn: coração transpassado por uma seta.

Há uma tônica de purificação, limpeza e harmonização presi-

dindo os trabalhos solicitados às entidades, incorporadas nas "filhas de Oxūn". Se valem das filhas de Oxūn para operações de "descarrego", de caridade e alívio ao próximo.

No tocante ao dia, há divergências, na Umbanda: ou é o dia de Vênus (sexta-feira), ou o da lua (segunda-feira) ou o sábado.

Cor de Oxūn, na Umbanda: amarelo, azul com rosa, verde com rosa. Como se vê, há muita variedade de ritos e costumes nos diversos centros desta religião.

O ritual de Oxūn nas cachoeiras obedece a finalidades bem determinadas: banho completo para a limpeza psíquica, chamado "baptismo"; busca de revigoramento e ajustes vibratórios. Tem, pois, sentido de purificação e magnetização e de iniciação. O amaciamento - lavagem da cabeça com objetivos espirituais - é feito nas cachoeiras, tanto para os filhos de Oxūn como para os de Xangô e Iansã.

Um ponto de louvação a Oxūn, da Umbanda: "Meu Deus, que luz é aquela/ que se vê lá no alto da pedreira/ É a estrela da Mãe Oxūn/ iluminando toda a cachoeira."

4.4.1. A pesquisa

Nos decidimos por visitar alguns dos terreiros mais famosos do Recife. Contamos com a ajuda do Professor Orientador e da pesquisadora Virgília, da Fundação Joaquim Nabuco, na indicação destes centros. Nosso objetivo era entrevistar 10 filhos(as) de Oxūn, no sistema de entrevista semi-estruturada, ou seja: as perguntas fixas, iguais para todos, e as respostas livres, sem tempo determinado para acabar, podendo estender-se à vontade, registradas em presença dos entrevistados. Além disso, tentaríamos entrevistar também os Pais e Mães-de-santo, no sistema de entrevista livre, gravada. Como tivemos de voltar mais de uma vez em cada centro, até três vezes, para encontrar os entrevistados, a conversa com os Babás e Iãs se prolongou por duas e até, três ocasiões. O

número de entrevistados foi de 11, quantidade conseguida com facilidade, dado o desejo de colaboração que encontrei, dos chefes dos centros e dos filiados.

Um natural receio de que "nos descobrissem" como padre católico e inibisse a conversa não aconteceu. Embora não nos apresentássemos como tal, mas como estudante da Universidade, preparando um trabalho sobre a Festa do Carmo, algumas pessoas nos reconheceram, mas o relacionamento continuou bom, até nos emprestaram livros, nos convidaram para a cerimônia de um "bori" para Oxún. O tempo levado para a preparação das entrevistas e a coleta de dados foi de dois meses, em agosto e setembro de 1986. A proposta inicial era de ir a quatro centros, mas, diante da boa vontade dos filhos(as) de Oxún ("a gente gosta muito de falar da nossa santa!") em aceitarem ser entrevistados, ficamos sō em três. Eis as perguntas selecionadas para todas as entrevistas:

1. QUEM É OXÚN? QUE SABE SOBRE OXÚN?
2. QUE SIGNIFICA SER FILHO(A) DE OXÚN, PARA VOCÊ?
3. OXÚN É "ASSIMILADA" A NOSSA SENHORA DO CARMO: QUE ACHA DISSO?
4. OXÚN E NOSSA SENHORA DO CARMO SÃO DUAS ENTIDADES, OU UMA SÓ?
5. SE SÃO DUAS, QUAIS AS SEMELHANÇAS ENTRE UMA E OUTRA?
6. SE SÃO DUAS, QUAIS SÃO AS DIFERENÇAS ENTRE UMA E OUTRA?
7. COMO SE SENTE, COMO FILHO(A) DE OXÚN?
8. TEM DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DO CARMO? COMO É ESTA DEVOÇÃO?

A primeira pergunta visa saber o nível do conhecimento do entrevistado sobre o seu orixá, para compará-lo depois com o conhecimento dos pais/mães-de-santo e das descrições bibliográficas, expostas acima. A segunda pergunta tenta captar como o entrevistado concebe sua filiação ao orixá, em termos conceituais e existenciais; em seguida, perguntamos o que ele acha do sincretismo Oxún/

N.Senhora do Carmo. Utilizamos a expressão "assimilada" porque a ouvimos de dois pais-de-santo. A quarta pergunta coloca a questão do um e do duplo, no sincretismo, para os entrevistados. Respondendo que são duas entidades, seguem-se as perguntas 5 e 6, sobre as semelhanças e diferenças entre uma e outra. A 7a. investiga os sentimentos e vivências emocionais da pessoa para com seu orixã, e a 8a. queria saber se o entrevistado também cultuava Nossa Senhora do Carmo, em sua igreja, em suas festas, como Nossa Senhora do Carmo, não enquanto figura de Oxūn.

FALAM OS PAIS/MÃES-DE-SANTO⁽²⁾

1. Mário Miranda, 56 anos. Seus pais eram da religião africana. Mãe frequentava o culto, o pai, não. Seu pai-de-santo, com o qual fez a cabeça: Apolinário, célebre babalorixã recifense. Sua mãe-de-santo: Júlia Candoza. Contou ter sido curado de uma urticária por José Romão, do Sítio de Pai Adão - terreiro dos mais famosos da cidade, da linha nagô. Fez bori em Salvador, com Mãe Menininha. Tem muita vontade de voltar lá, fazer novo bori e aprofundar-se mais. Aprendeu muito na casa de Mãe Menininha, disse. É filiado à Nação Moçambique. Trabalha com orixãs e também com pombas-giras.

Para ele, Oxūn não tem nada a ver com N.Sra. do Carmo. Uma é orixã, a outra, santa católica. Sendo ele mesmo filho de Oxūn, confessa haver muitas Oxūns; a dele é Oxūn-Ceci.

(2) Os babãs e Iã entrevistados não se opuseram a que seus nomes fossem divulgados neste trabalho, o que faço num sentido de agradecimento pela colaboração preciosa a nós prestada, se deixando entrevistar e permitindo a seus filhos e filhas-de-santo fazerem o mesmo.

. Comidas de Oxūn: em sua casa ela come frutas, guaraná, bolos, além das tradicionais: feijão fradinho, macassa, cabra amarela, galinhas amarelas, mel e outras.

. A base do sincretismo para Mário: A Padroeira é rica, bonita e se veste de amarelo, o que são qualidades da Oxūn. Afirmou que, desde seu nascimento, já encontrou este sincretismo.

. Sobre o sincretismo Oxūn/Sta. Maria Madalena, ele disse: Maria Madalena é uma Oxūn diferente, namoradeira...

. Sobre Oxūn/N.Sra. dos Prazeres, não soube dizer com certeza.

Confirmou ser o abeliê de Oxūn parecido com o ostensório usado na Festa do Carmo.

2. Dona Betinha: é de linha nagô exclusiva. Tem muita preocupação de pureza. Por isso, não trabalha com outras linhas. Para ela, os orixás são espíritos, comandados pelas forças da Natureza- "ewā". Ora, estas forças são criadas por Deus-Olorum. Logo, conclui, Deus é quem manda nos orixás.

Oxūn é a rainha das águas doces. Comanda a chuva. Da chuva vem a reprodução, o dinheiro, a riqueza. Quem comanda estas águas, comanda a fertilidade, a riqueza.

O sincretismo: começou a existir por causa dos senhores, no Brasil; foi uma acomodação dos negros a eles. Os escravos eram forçados a "assimilar" os orixás aos santos do catolicismo. Neste caso, aqui, Oxūn é assimilada a Nossa Senhora do Carmo, mas Oxūn é Oxūn. N. Sra. do Carmo é equivalente (usou esta palavra) a Oxūn, porque a santa católica: dá ajuda no dinheiro; é santa que se enfeita; além disso, é invocada para doenças da perna e dos órgãos genitais. Na sua experiência de mãe-de-santo, as filhas de Oxūn demonstram em geral muito amor pelas crianças; são das mais entusiasmadas pelas festas dos Ibejes (orixás, gêmeos, infantis). Isto indica, a seu ver, o caráter materno deste orixá.

3. Franklin: A estirpe espiritual deste babalorixã é das mais tradicionais em linha nagô, no Recife: Inês, Adão, Zê Romão, Malaquias, Dudu Baitô. Foi feito por Zê Romão e Malaquias, na casa de Dona Lídia. Trabalha com orixãs e também com jurema e pom-bagiras.

Oxūn: além de deusa do ouro, águas doces, da fertilidade, é também deusa do amor, para Franklin. Para ele, não existe Oxūn velha, é um orixã novo. Comidas de Oxūn: Omolocô (feijão fradinho com azeite e ovos cozidos), galinha "agiê" (amarela) e cabra marrã.

A base do sincretismo, para Franklin: Oxūn é um orixã rico, N.Sra. do Carmo é rica no catolicismo; é orixã-mãe, N.Sra. do Carmo é mãe. Nossa Senhora do Carmo foi sempre Oxūn, na dinastia dele.

Sobre o sincretismo Oxūn/Nossa Senhora dos Prazeres: Nos explicou que N.Sra. dos Prazeres é sincretizada com Oxūn-Pandã, guerreira, que usa espada em vez do abebê.

FALAM AS(OS) FILHAS(OS)-DE -SANTO

Julietta. Fez a cabeça há 10 anos, no centro de Mário Miranda.

1. Quem é Oxūn? Que sabe sobre Oxūn?

"Para mim, Oxūn é 'Oxūn-menina', dona do ouro, águas doces; gosta de brincar, tomar banho, de doce de banana prata, molocô, cabra, galinha amarela... Tudo que temos é dado por Oxūn, tudo que é de bom. Cosme e Damião pertencem a Oxūn; eles são meninos, gostam de brincar, ela também".

2. Que significa ser filha de Oxūn, para você?

"Isto me faz muito feliz; tudo que peço alcanço; saúde,

por exemplo. Ela é tudo pra mim; precisando, boto a cabeça, vou no pé dela, tudo alcanço, depois de alguns dias.

3. Oxūn é "assimilada" a Nossa Senhora do Carmo: que acha disso?

"Ela é padroeira, todo mundo gosta de festejar. A procissão é superlotada; no candomblé, é tanta gente que nem se consegue dançar. Aqui, Oxūn é festejada a 15 de julho. No fim da festa, leva-se a oferenda (flores, frutas, perfumes, sabonetes), para o banho do cipó, em Paulista".

4. Oxūn e Nossa Senhora do Carmo são duas Entidades, ou uma só?

"Na seita são diferentes; aqui se adora Oxūn, na igreja se adora N.Sra. do Carmo. Mas, lá se adora Nossa Senhora do Carmo, como Oxūn".

5. Se são duas, quais as semelhanças entre uma e outra?

Não respondeu a esta pergunta.

6. Se são duas, quais as diferenças entre uma e outra?

"As diferenças, não sei explicar... estou 'empancada', esquecida; o pai-de-santo explica, mas não me lembro".

7. Como se sente, como filha de Oxūn?

"Muito bem em tudo, tenho muito orgulho; ela é muito procurada em todos os lugares; dá prazer; é uma santa que se veste bem, se apresenta bem; na parte da mulher (orixás femininos) é a melhor".

8. Tem devoção a Nossa Senhora do Carmo? Como é essa devoção?

"Devoção no sentido de se dedicar só àquele santo, não tenho não. Adoro muito, gosto; mas devoção, não! Faço pedidos, tenho sempre conseguido".

Inácia, do centro de Mário Miranda. Frequenta há pouco tempo o centro. Não fez a cabeça ainda, no ritual nagô, fez em Pom-bagira da mata, faz 4 anos.

1. Oxūn é "mulher do ouro, das águas doces; é tudo de bom, de doce, alegria, notícias boas".
2. "Significa muita felicidade, muita alegria, segurança, esperança; ela é tudo na vida; alcanço o que peço, saude..."
3. "Na igreja, é N. Sra. do Carmo; no candomblé, é Oxūn. Também é Nossa Senhora Aparecida. É representada tanto por uma como por outra".
4. "Na Umbanda, é Oxūn; na Igreja Católica, é Nossa Senhora do Carmo. É uma sō, representada em 2 religiões. O modo de comemorar é diferente, mas a alegria é a mesma, a festa é a mesma".

Já que a opinião dela é de que são uma sō entidade, pulamos a 5a. e 6a. perguntas.

7. "No dia-a-dia é a mesma coisa; não sinto ainda nada de diferente".
8. "Tenho devoção; confio muito nela, o que peço, alcanço. No meu ser, as duas são a mesma coisa: tudo que peço, alcanço".

Júlio, do centro de Mário Miranda. Antigo na seita, como diz.

1. "Oxūn é amor, gosta de perfume, limpeza, jóias, boas comidas, é um orixá muito bonito".
2. "Desde criança, gosto de dar amor. Quem é de Oxūn gosta de amizade, comunicações, não é mão fechada. Sō não tem

- sorte com amizade, amor. Mas, tem estrela para conseguir casos. Gosto muito de doce, como Oxūn. Também, gosto de roupa feminina. Me sinto muito feliz em ser filho de Oxūn. Também, faço de tudo que é bom, na festa dela".
3. "Desde criança que já encontrei esta fē em Nossa Senhora do Carmo ser assimilada com Oxūn, aqui no Recife. Sua festa sempre foi em julho. Mas o verdadeiro Orixā é o corisco, as pedras (o "assento" do Orixā, nos pegis), não a imagem da santa catōlica. Esta é sō pra constatar. Mas, quem come (as oferendas) são as pedras". (As observações entre parênteses são nossas, para melhor esclarecimento do texto).
 4. "Oxūn é entidade; Nossa Senhora do Carmo não é, é santa. Para Nossa Senhora do Carmo, a devoção é de um jeito; a Oxūn, é de outro jeito. São duas entidades diferentes ; Oxūn rende homenagem a Nossa Senhora do Carmo. Os orixās são inferiores aos santos".
 5. "São parecidas na vaidade, na riqueza, no amarelo, na 'vaidade'."
 6. "As diferenças: Nossa Senhora do Carmo não desce pra baixar, Oxūn baixa. As oferendas são diferentes, as comidas são diferentes: Nossa Senhora do Carmo não come, sō recebe presente. Para Nossa Senhora do Carmo, se reza. Para Oxūn, sō se pede, e se dā oferendas".
 7. "Me sinto muito feliz. É a dona de minha vida."
 8. "Tenho, sim. Acendo vela pra ela nas terças-feiras; peço proteção para mim, minha casa. Peço pra ela garantir meu pão de cada dia, me dē saúde, paz, segurança".

Maria dos Anjos, de Mário Miranda. Tem 32 anos de Umbanda, Oxûn é seu ofixã de frente. Tem 20 anos de cabeça feita.

1. "É uma santa muito forte; tem muito poder. Eu estava desenganada pelos médicos, ela me salvou. Voltei a ter saúde. Quando fiz o santo, com meu pai, Mário, estava nas ânsias da morte. Tenho muita fê, de todo o jeito, aconteça o que me acontecer, tenho fê, até fechar os olhos. Tenho muita saúde, agora, graças a Deus. Os donos de minha casa são: Deus, Yansã, Xangô e Oxûn".
2. "Significa muita coisa: ela protege a gente, na dor, agonia, aperreio. Isso, para quem tem fê! Eu tinha 5 anos, já me manifestava. Vinha pra casa de meu pai, Mário, então ele disse que era filha de Oxûn. Ele acabou de criar meus filhos".
3. "É, porque lâ fora a gente chama Nossa Senhora do Carmo, aqui na seita é Oxûn, da parte africana".
4. "É uma entidade sô. Não há diferença entre uma e outra. Até as roupas: é amarelo, pra uma e pra outra. Pra mim, é uma coisa sô. Vou ã igreja, na festa, porque tenho que implorar a ela na igreja, também."

Perguntas 5 e 6: sem efeito.

7. "Pra mim, todo dia é de Deus. Me sinto bem, nos dias dela, na terça-feira. E todo dia me sinto bem".
8. "Sim, tenho devoção. Confesso, comungo, sou associada de São Vicente de Paulo na matriz de Casa Forte. Minha devoção é: acendo as velas na terça, tomo banho, uso os perfumes, tomo banho de mangericão; macassã também é dela. Vou na igreja do Carmo, também".

Afonso. Centro de Franklin. Iniciou-se na nação Gêge. Lã foi raspado, pintado. No centro de Franklin, é Nagô. Sô lava a cabeça e faz obrigação pro santo. Tem 16 anos de casa, em Franklin.

1. "Oxûn é orixã muito rico, orixã de riqueza, das cachoeiras, águas correntes, rios. É um tipo de Mãe, dá grande força, grande poder. Orixã bondoso, bonito. Nunca pedi nada que fosse negado".
2. "Muita coisa. Sinto-me bem demais. Sinto-me honradíssimo; o que pede, recebe. Curei-me de feridas na cabeça, fazendo bori, e um mês e quinze dias de quarto (camarinha). Os búzios disseram que, ou fazia a cabeça de Oxûn, ou morria, ela me levava".
3. "... acho certo. Sincretismo é devido à necessidade de os escravos poderem continuar a adorar os orixãs. Atrás de cada quadro dos santos católicos estavam escondidos os assentamentos dos orixãs".
4. "Não! Há divisão: Oxûn é orixã africano, Nossa Senhora do Carmo é santa católica. São 2 diferentes. Não existe parentesco a não ser pelo sincretismo, que mistura as duas".
5. "Semelhanças: as cores, o dia 16 de julho; são mães".
6. "Diferenças: nas obrigações pra uma e outra. Por exemplo, os católicos não são obrigados a acender velas, vestir-se de amarelo e branco, tomar banhos e defumadores nas terças, dia de Oxûn".
7. "... Muito bem demais. Não me arrependo. Tenho um prazer imenso em ser filho de Oxûn. Adoro quando cantam pra ela".

8. "Tenho devoção a Nossa Senhora do Carmo. No dia 16 de julho vou cumprir promessa na igreja do Carmo. Gosto das duas, apesar de serem diferentes".

Ivaneide. Tem 9 anos de casa em Franklin. Lavou a cabeça há 9 anos também, Oxūn é orixã de frente. Ogun é o segundo.

1. "Oxūn gosta de vaidade, é dona do ouro. Tem parte de bondade. Traz sempre coisa boa, divindade. A oferenda da Oxūn traz sensações gostosas ao coração".
2. "Gosto de fazer o bem ao próximo. Faço muita bondade, o orixã exige isso. Ser filha de Oxūn significa fazer o bem, apesar de as pessoas machucarem. É um orixã sensível ao problema dos outros. Dá e não recebe. Faço o que tenho vontade de fazer. Preciso de muita ajuda, mas Oxūn é mais para ajudar seus filhos".
3. "Não acho estranho. Faço de uma parte e de outra. Faço votos, cumpro promessas. É a mesma coisa. Tenho também obrigação para com a Santa no dia 16. Sou muito devota de Nossa Senhora do Carmo. Minha mãe, que é católica, me influenciou muito nesta devoção".
4. (Mostrou indecisão, antes de responder) "... É uma sō, um mesmo espírito. Eu acho que é a mesma coisa. Para nós, católicos que somos do candomblê, é a mesma coisa. Do jeito que adora aqui, adora na igreja, faz as mesmas oferendas aqui e na igreja faz o mesmo ritual, na seita e na igreja. O importante é agradar".

(Perguntas 5a. e 6a. sem efeito).

7. "Me acho protegida, graças a Deus. Nada me afeta, me aperta. Me sinto muito segura. O ori é enviado de Deus".

8. "Jã falei que sou devota. Estou firme no dia 16. Quando peço, prometo, tenho de pagar. Com isso, tenho total segurança".

Mariza. Foi feita em outra comunidade, a de Sebastião, que já "subiu". Veio para aqui, Franklin jogou os búzios para ela, deu Oxūn. Vai lavar a cabeça em Franklin, também. Tem dois anos de casa neste centro.

1. "É uma padroeira muito boa, tanto da parte do orixã, como da santa. Ajuda muito os filhos dela. Tudo que peço, alcanço. Me dá saúde. Como filha dela, sou muito apegada a ela. Com fê, alcanço o que faço."
2. "Gosto muito. É um orixã muito bonito. Me sinto feliz, muito bem".
3. "Acho certo (certa insegurança na resposta), porque Nossa Senhora do Carmo é como uma santa da Igreja, é uma padroeira muito boa. Oxūn é semelhante a Nossa Senhora do Carmo. Fazendo o pedido a Oxūn, faz-se o mesmo a Nossa Senhora do Carmo."
4. "Prã mim, é uma sō, porque Nossa Senhora do Carmo é uma santa e Oxūn, a gente adora ela na corrente dos orixãs. Na igreja, a gente afirma para Nossa Senhora do Carmo; e, se a gente faz o pedido a Oxūn, faz na parte do orixã".

(Perguntas 5a. e 6a. sem efeito).

7. "Muito feliz".
8. "Devoção de rezar todos os dias, não, mas, às vezes, rezo, em casa mesmo. O caso é que eu não vou muito à igreja, mas sou católica. Mas, sou mais daqui que católica".

Cecília. Tem oito anos de casa. Lavou a cabeça em Franklin, em 1978.

1. "Oxūn pra mim é Nossa Senhora do Carmo. Assim que fiz a obrigação, confessei, comunguei, vou duas vezes por semana à igreja, à missa, comungo e vou trabalhar. Vivo muito satisfeita com esse orixã. Dã conforto, muito! "
2. "Pra mim, Oxūn é a pureza de Deus, porque o orixã vem de Deus. Eu tive essa estrela ao nascer".
3. "Na seita é uma entidade africana; na igreja, tenho-a como a Virgem Santíssima do Carmelo".
4. "Dentro de mim é uma sō, mas divido-a em duas, porque nos centros é Oxūn mas na Igreja é a Virgem do Carmelo. Mas, é uma sō. As emoções que sinto são as mesmas, com uma e outra."

(Perguntas 5a. e 6a. sem efeito).

7. "Me sinto muito feliz, consigo o que quero. Me sinto muito rica".
8. "Nas terças-feiras acendo vela pra ela em casa, ou na re-partição. Uso os perfumes: seiva de alfazema. Tirei tudo de mim".

Maria dos Prazeres. Centro de Franklin. Perguntada sobre a origem do nome, respondeu ser devido à promessa feita pela mãe, antes de nascer: se fosse filha, chamar-se-ia Maria dos Prazeres. Atualmente, é muito devota de Nossa Senhora dos Prazeres. Não é "Pronta" neste centro. Sō tem o bori, feito há cinco anos. Franklin jogou os búzios, deu Oxūn. É feita na jurema com outra pessoa, que já "subiu". Mas, trabalha em jurema aqui e também em na gô.

1. "Oxūn é um orixá na selva africana. Dona, deusa dos rios, cachoeiras, fontes, é deusa do ouro também. Muito rico no candomblé, gosta muito de jóias, perfumes, flores. Hoje mesmo uma filha minha está se empregando porque é filha de Oxūn com Yemanjá. A Nossa Senhora do Carmo, fiz uma promessa para ser mãe de uma menina (já tinha um filho homem) e tive a menina".
2. "Oxūn é uma santa, como uma imagem de Nossa Senhora do Carmo. Tanto faço pedido na seita africana a Oxūn como a Nossa Senhora do Carmo. Faz três anos que fiz um pedido, não havia meio de ter correspondência. Queria que Oxūn me ajudasse a ver minha irmã doente, no Rio de Janeiro, antes de morrer. Consegui: fui e vi minha irmã, pude dar assistência a ela".
3. (Hesitou antes de responder) "... não sei o significado. A seita tem um segredo que não se sabe. Oxūn dá muita sorte às pessoas é uma grande protetora. E Nossa Senhora do Carmo é também uma grande protetora, todo mundo recorre a ela. Todas as casas adoram Nossa Senhora do Carmo como se ela fosse uma deusa, porque ela traz muita felicidade, muita sorte. Dona Oxūn é a dona do "aberê" (bisturi do médico). Dona Oxūn é a dona das operações. Nossa Senhora do Carmo, também".
4. "São diferentes. Nossa Senhora do Carmo é uma santa e Oxūn é um espírito que atua nos filhos. A gente não recebe Nossa Senhora do Carmo nos corpos da gente. É Nossa Senhora do Carmo que envia Oxūn".
5. "Ambas são ricas, gostam de tudo que é bom".
6. "Nossa Senhora do Carmo não recebe os sacrifícios do can

domblê. Recebe flores, velas, votos. Oxûn recebe sabo-
te, fogos, velas, perfumes, espelhos, jóias, que vão na
cesta, e cantos, dinheiro. Junto com isso vai o omolocô,
que é o essencial. Porisso, é completamente diferente".

7. "Me sinto muito bem. A felicidade em falar dela é tanta,
que deixei em casa um banho de Oxûn preparado para tomar
quando voltar".

8. "Tenho devoção a Nossa Senhora do Carmo. Quando vou à
igreja do Carmo faço os pedidos por mim, pelos outros .
Vou sempre à missa no 16 de julho".

Mayra. Filha de pais católicos, do Interior de Pernambuco .
Pai muito religioso, Estudou em colégio de freiras, na cidade on
de nasceu, fez questão de frizar. Entrou na seita assim: aos vin
te anos de idade foi assistir um toque. Enquanto se tocava para
Oxûn, "recebeu" este orixã. Oxûn disse que ela era sua filha. A
festa era para Oxûn, no dia 20 de julho. Já faz 18 anos que isto
aconteceu. Continuou indo aos toques em companhia do marido, sem
pre "recebendo", mesmo sem pertencer à seita, ainda. Quando Oxûn
incorporava dizia ser umbandista, mas, sô queria aceitar os sa -
crifícios no ritual nagô.

Em dezembro de 1969, ano em que começou a "receber", deu
umaoferenda. Em julho do ano seguinte iniciou-se na seita, fazen
do o obori e o assentamento - oferenda do sacrifício sobre a pe-
dra dos orixãs.

Oxûn é o primeiro ori, Yemanjá o segundo, Nanã o terceiro.

1. "Eu, quando pequena, com sete anos, recebi o escapulário
do Carmo, como todos da família. Vejo Oxûn como uma deu
sa da natureza, dona dos rios, fontes. Ela parece os
raios do sol nascente, tem fluidos maravilhosos de cura,

- tudo de bom. Tem doçura, é muito alegre, adora crianças, dança demais. Existe a Oxūn, existe muita Oxūn. A minha é Oxūn-Eni-Taladê: sonhei com ela, morena, bonita, mas não mostrou o rosto. Come peixe de água doce, come doces..." (À nossa pergunta se eram várias entidades ou uma só, as várias Oxūns, não soube responder).
2. "Oxūn foi tudo de bom que Deus me deu! Foi tudo maravilhoso. Tudo de bonito que vejo na natureza, eu comparo com a beleza de Oxūn. Tenho muito respeito para com a natureza".
 3. "Eu creio no sincretismo como a maneira de os africanos esconderem o culto. Dentro da seita, não se assemelham, Oxūn e Nossa Senhora do Carmo. Se assemelham são nas bondades das santas".
 4. (Demorou, hesitou em responder) "... Elas se assemelham em tudo de bom. Eu vejo em Nossa Senhora do Carmo uma Oxūn, pelo menos a minha: Nossa Senhora do Carmo é bondosa, atende os pedidos de todos. Nas minhas orações, rezo primeiro para Oxūn, depois, as orações católicas. Digo: 'A Senhora precisa me ajudar, a Senhora é minha Mãe!'"
 5. "As semelhanças que acho, são: bondade, doçura, a força espiritual que a gente sente, os fluidos".
 6. "As diferenças pra mim, são: acho que nenhuma! Quando vou à igreja do Carmo, estou rezando pra minha Oxūn. Rezo, pensando no Itã".
 7. (Repetiu a resposta da pergunta nº 2).
 8. "Tenho muita devoção. Desde pequena, uso o escapulário. Os 'aqueles' da seita parecem, pra mim, com o escapulário".

rio. Hoje, não uso mais ele, porque foram mudados pelas voltas da Oxūn. Mas, visito a igreja do Carmo, sempre que vou à cidade. Não vou à festa porque sempre é no mesmo tempo que a festa de Oxūn, e o marido não gosta de multidões".

Lindaura. Com quase 70 anos de idade e 47 de casa, no centro de D.Betinha, como Mayra, ingressou na seita porque se casou com um viúvo, praticante da mesma. Em 1942, começou a ver coisas, ter visagens, no Interior onde morava. Alcançou o tempo em que os cultos e terreiros eram perseguidos pela polícia, daí que às vezes se reuniam em sua casa. Num dia de culto em sua residência, sucedeu que Oxūn incorporou nela. A partir de então, decidiu abraçar o candomblé. Pouco tempo depois, achou uma pedra no poço de sua casa, igual à pedra de assentamento da Oxūn. Dona Betinha é sua madrinha de santo, porque sua mãe já faleceu. Mora na propriedade de D.Betinha.

1. "Oxūn é um orixá de muito poder. É minha mãe, meu anjo guardião. É muito exigente comigo, quando faço obrigação, devo observar tudo bem direito. Fiz a consagração aos 32 anos de idade. Não aprendi a ler, só sei ser engomadeira e lavadeira. Mas, o meu orixá canta, inventa toadas, a letra e a música. Mas, com toda a pobreza - a minha mãe e protetora é D.Betinha - me sinto muito rica, por causa do meu Orixá. Fiquei boa da saúde e pude trabalhar de doméstica e em fábricas".
2. "Acredito muito no poder de Oxūn. Ela significa muita coisa. Confio no orixá piamente. Encontro nela muita proteção. Alcanço muitas coisas dela pra mim e pros outros. Aprendi a ser filha de Oxūn, a confiar".

3. "Acho bem 'pegado', pois, ela é a Padroeira. O povo aprendeu a confiar nela. Vou à igreja no dia' da festa. Quando passo pela basílica, rezo pra Oxūn, Nossa Senhora do Carmo é Padroeira e Protetora. Eu sou do candomblé e da Igreja, entro em uma e outra. Acredito nos santos e nos orixãs. Não sei responder outras coisas, meu conhecimento é pouco".

4. (Demorou a responder, sorriu...) "Eu acho que é uma sō. Nossa Senhora do Carmo é sō para os católicos e Oxūn eu adoro no terreiro e na igreja".

(Perguntas 5a. e 6a. sem efeito).

7. "Me sinto muito bem, bem mesmo. A religião não é para se arranjar marido e ficar rica... Ora, o orixã sō faz as coisas com a permissão de Deus, do Deus nosso pai que está nos céus. O orixã implora tudo a Deus, para os filhos deles".

8. "Não sou assim devota de Nossa Senhora do Carmo. Sō quando passo na Praça do Carmo, levanto uma prece, pedindo a bênção. Quando posso, entro na igreja e rezo".

4.4.2. Analisando as entrevistas

Em primeiro lugar, se afigura importante situar os centros e as pessoas, sujeitos da pesquisa, no seu contexto sócioeconômico e cultural.

Todos os três centros procurados por nós se localizam em zonas pobres da cidade, na Zona Norte do Recife, onde predominam as casas de culto nagô, conforme observação de Roberto Motta. (1975) Dos três pais-de-santo, dois residem no centro mesmo e outro na parte residencial da classe média do bairro, com a família, que

não participa da religião afro, são católicos praticantes. Este chefe me pareceu de uma cultura religiosa muito boa, adquirida na vivência e nos livros, utilizando termos, nas conversas que tivemos, que traem uma certa frequência à literatura; testemunhos de seus filhos-de-santo confirmaram a observação. Os outros dois possuem nível médio de escolarização, sendo um destes enfermeiro profissional. Seus conhecimentos da religião me pareceram mais provenientes da vivência, da aprendizagem oral, mostrando-se seguros nas afirmações que transmitiram.

Dos onze filhos(as)-de-santo entrevistados, uma apenas pareceu-me, na maneira de trajar, de conversar e na postura, como proveniente da classe média. Os demais, pelos mesmos motivos, demonstraram pertencer à classe popular. A grande maioria dos entrevistados é de frequência assídua na casa, não só nas festas mas no dia-a-dia do centro, alguns até vivendo mais nele que em sua própria residência, ajudando o pai-de-santo nas tarefas quotidianas, rituais e caseiras e, em troca, participando da mesa do babalorixã. Quanto à faixa etária, cinco estão na meia-idade, três são jovens e três, idosos. Quanto ao tempo de entrada na religião, é muito complexo de codificar, porque alguns fizeram a cabeça em jurema, ainda não fizeram no xangô - é o caso de três filhas de Franklin -, outros fizeram a cabeça em outra casa e se prepararam para o bori e o assentamento no terreiro que frequentam; outros, ainda, fizeram o bori, mas não o assentamento. De modo, que, baseando-se no critério do ano aproximado em que fizeram a cabeça, temos:

. Menos de 10 anos de cabeça	1
. Entre 10 e 20 anos de cabeça	2
. Entre 20 e 30 anos de cabeça	3
. Mais de 30 anos	2
. Não fizeram a cabeça em nagô	<u>3</u>
TOTAL	11

Apresentaremos agora, sucessivamente, as oito perguntas e suas escolhas pelos entrevistados:

. 1a. pergunta: Como identificaram Oxūn os filhos(as)-de-santo.

Atributos e características:

. dona do ouro	5
. orixā das āguas doces, cachoeiras, fontes, rios.....	5
. orixā que gosta de brincar	2
. orixā que gosta de crianças	2
. orixā que gosta de tomar banho	1
. orixā muito bonito	3
. orixā poderoso	3
. orixā bondoso	3
. orixā da riqueza	2
. orixā-māe	2
. santa forte	2
. santa muito doce	2
. deusa da natureza	1
. anjo guardiāo	1
. padroeira	1
. gosta de flores	1
. Nossa Senhora do Carmo	1
. dona do "aberē" ou bisturi - protetora das cirurgias	1
. gosta de perfume e jōias	2
. gosta de limpeza	1
. gosta de boas comidas	1
. orixā do amor	1
. orixā que canta e cria toadas.....	1
. orixā exigente	1
. orixā alegre	1

. orixã vaidoso	1
. O que Oxūn proporciona aos filhos:	
. muito conforto e ajuda	1
. tudo de bom	4
. o que se pede	3
. saúde	3
. alegria	1
. boas notícias	1
. sensações gostosas no interior	1
. Tipos de Oxūn com que se identificaram alguns filhos(as):	
. Oxūn-menina	
. Oxūn-Emi-Taladē	
. Oxūn-Ceci	
. Comidas preferidas de Oxūn:	
. omolocō	1
. doces	2
. cabra	1
. galinha amarela	1
. peixes de água doce	1

Apresentamos em seguida, as respostas dos babãs e iã, para comparação:

. Atributos e características de Oxūn:	
. orixã dona do ouro	2
. orixã do amor	1
. orixã diferente da santa catōlica	1
. orixã das águas doces	2
. orixã materno	1
. comanda a fertilidade e a riqueza porque <u>co</u> manda a chuva	2

- . gosta dos Ibejes e das crianças 1
- . Comidas preferidas do orixã:
 - . Omolocô 2
 - . cabra amarela, marrã ou não 2
 - . galinhas amarelas 3
 - . frutas 1
 - . guaraná 1
 - . feijão fradinho, macassa 1
 - . bolos 1
- . A 2a. pergunta: O significado de ser filho(a) de Oxûn

As respostas dos filhos(as).

- . Traz felicidade 3
- . tudo que pede, alcança 4
- . dá saúde 2
- . o orixã preenche a vida 5
- . o orixã traz muita alegria 1
- . o orixã traz segurança, esperança 2
- . o orixã traz sorte no amor 2
- . o orixã traz proteção no sofrimento 2
- . o orixã dá uma "estrela" à pessoa 1
- . o orixã dá beleza à vida, à pessoa 1
- . o filho(a) sente prazer na amizade, comunicação 1
- . 3a. pergunta: Sobre o sincretismo - o que pensam os filhos(as) de Oxûn:
 - . na igreja é N.Sra. do Carmo, aqui é Oxûn .. 5
 - . é padroeira, na igreja e no candomblé 2
 - . acham certo o sincretismo 3
 - . esta "assimilação" é muito antiga no Recife 1

- . o verdadeiro orixã são as pedras de assentamento, não a imagem da santa catôlica 1
 - . o sincretismo foi uma necessidade para os escravos continuarem a cultuar seus orixãs. 2
 - . cumprindo-se os dois rituais, é a mesma coisa 1
 - . não sei o significado 1
- . Sobre o sincretismo - o que pensam os babãs e iã:
- . O sincretismo se formou por causa dos senhores, sendo uma acomodação dos negros a eles. Os escravos foram forçados a "assimilar" os orixãs aos santos do catolicismo.
 - . Base do sincretismo: A Padroeira é rica, bonita e se veste de amarelo - qualidades da Oxūn.
 - . Base do sincretismo: estã ainda na equivalência entre Nossa Senhora do Carmo e Oxūn, porque aquela possui as seguintes qualidades de Oxūn: dã ajuda no dinheiro, se enfeita, é invocada para doenças da perna e dos ōrgãos genitais.
 - . Base do sincretismo: Oxūn é orixã rico, orixã-mãe; - Nossa Senhora do Carmo é rica no catolicismo e é Mãe.
- . 4a. pergunta: Oxūn e Nossa Senhora do Carmo - duas entidades, ou uma sō?
- Respondem os filhos(as):
- . uma sō entidade 5
 - . duas entidades 5
 - . uma sō, mas divide-a em duas 1
- Respondem os babãs e iã:
- . são duas diferentes, disseram, enfatizando bem as declarações.

- . 5a. pergunta (para quem respondeu - "são duas entidades):Quais as semelhanças entre Oxūn e Nossa Senhora do Carmo?

Respondem os filhos(as).

. na riqueza	2
. na cor amarela	2
. na vaidade	1
. no dia da Festa (16/07)	1
. no caráter materno	1
. na bondade, doçura	1
. na força espiritual	1

Os pais e mãe-de-santo expuseram as semelhanças acima, ao falar sobre a base do sincretismo.

- . 6a. pergunta: (para quem respondeu - "são duas entidades") - Quais as diferenças entre Oxūn e Nossa Senhora do Carmo?

Respondem os filhos(as):

. não souberam dizer	1
. nas obrigações rituais para uma e outra....	2
. nas oferendas e sacrifícios para uma e outra	2
. não há diferença	1
. orixãs são inferiores aos santos	1
. N.Sra. do Carmo não desce para "baixar", <u>co</u> mo Oxūn	1
. N.Sra. do Carmo não "come"; Oxūn, "come"....	1

Com respeito a este ponto, os pais e mãe-de-santo não falaram; referiram-se mais às semelhanças, após enfatizarem a dualidade Oxūn/Nossa Senhora do Carmo.

. 7a. pergunta: Como se sentem os filhos(as) de Oxūn, enquanto
seus filhos:

. Sente-se muito bem, em tudo	6
. sente-se muito feliz	3
. sente orgulho	1
. sente prazer	2
. não sente ainda nada de diferente (não é feita)	1
. sente proteção e segurança	1
. sente-se muito rica	1
. o orixã alcança tudo de Deus para os filhos	1

. 8a. pergunta: Têm devoção também a Nossa Senhora do Carmo, os
filhos(as) de Oxūn?

. Têm devoção ativa e assídua	7
. têm, mas de vez em quando	2
. tem mais no dia da Festa	1
. tem, mas não exclusiva de Nossa Senhora do Carmo	1

Classificadas as respostas, vamos tentar sua interpretação:

Seguindo o roteiro traçado para as perguntas, temos inicialmente, a que sonda o conhecimento do orixã. Notamos aí um consenso em relação às opiniões dos babãs e iã e os documentos apresentados por Pierre Verger, da África quanto às características de orixã do ouro e das águas doces, menor o consenso quanto aos atributos de orixã da fertilidade e orixã-mãe, com apenas 2 escolhas. Afora esta concordância, as respostas demonstram mais de vinte atributos de Oxūn, inclusive uma identificação pura e simples com a santa católica e com o anjo da guarda, apresentando o quadro uma enorme fluidez doutrinária, com variação grande de conceituações que parecem provir mais da experiência pessoal que

de conhecimentos adquiridos na religião. Valorizam-se as características atribuídas ao orixã que mais condizem com a maneira de ser, as expectativas, as carências do devoto do que propriamente as transmitidas pela tradição; ou, a estas, acrescentam-se outras, oferecendo, este fato, uma configuração de muita variedade de significados. Neste caso, pode-se dizer, com Weber, "são os homens que fazem a religião", se bem que a recíproca também é verdadeira; haja vista o que acontece no protestantismo popular, onde a experiência religiosa interior, bem intensa, tantas vezes, se faz tendo como base teórica conceitos bíblicos anunciados pelos pregadores e assimilados nas escolas dominicais, conceitos bem claros e distintos.

As comidas, que contribuem para identificar a personalidade dos orixãs, não foram esquecidas; há o destaque para as principais (omolocô, feijão fradinho, cabras e galinhas amarelas, mel, doces) e outras variações, algumas industrializadas, como o guaraná.

O que Oxûn proporciona a seus filhos(as), vem junto à caracterização do orixã, seus atributos, o que leva a crer o seguinte: para muitos devotos, a identificação da divindade vem de acordo com o que ela proporciona de bens espirituais e temporais; não está em questão o que o deus ou o santo é em si, mas, o que é para mim, atitude descrita por pastoralistas católicos como "religião de consumo". A nosso ver, era esperado o conteúdo deste item - as benesses de Oxûn para seus filhos. Elas se situam no contexto das soluções para os problemas da aflição, como já vimos na Introdução deste trabalho, buscadas também intensamente entre os adeptos dos cultos afros, conforme pesquisa de Fry e Howe, já citada. Acrescentam-se as experiências interiores de plenitude, bem-estar, definidas em diversas maneiras, conforme as carências específicas dos entrevistados: conforto, alegria, novidades boas, e outros.

A 2a. pergunta, que tenta investigar como o entrevistado concebe sua filiação ao orixá em termos conceituais e existenciais, repete basicamente o que alguns já falaram na primeira pergunta, sem serem inquiridos: são vantagens de ordem existencial e emocional, alertando principalmente para o "preenchimento da vida", ou seja, a sensação de plenitude, de vida realizada, com 5 escolhas. Vem, em seguida, o item "tudo que pede alcança", com 4 preferências, e neste e nos demais, caímos no que já foi dito na pergunta anterior. Nenhuma resposta tivemos de conteúdo conceitual, nem descritivo da experiência, característica que a tornou igual à 7a. pergunta, esta sim, que investigava os sentimentos e vivências emocionais do filiado. Lamentamos este fato, porque dávamos muita importância à sondagem do significado de ser filho de Oxūn. Talvez tenhamos pretendido demais, ao querer ouvir depoimentos baseados na reflexão, assimilação de conceitos e vivências profundas. Não desconhecemos a possibilidade destas, inclusive, nos entrevistados; mas, esperávamos verbalizações mais extensivas das experiências.

Nas respostas dos filhos(as) sobre o sincretismo, domina completamente a opinião de que é positivo, certo, algumas respostas sendo uma justificativa para a instituição, baseada na história pátria (2) e na história dos cultos afro no Recife (1), outras salientando a diferença de entidades entre Oxūn e Nossa Senhora do Carmo, antecipando a pergunta que viria depois. A maioria, porém (5), enuncia simplesmente o fato, sem descer a pormenores. Comparando-se com as opiniões dos babás e iã, ressalta a preocupação de justificar historicamente a prática e colocar a base do sincretismo de maneira objetiva. Muito interessante notar as expressões - "acomodação", "assimilação" e "equivalência", nas apreciações deste tema, as três usadas frequentemente no jargão dos antropólogos e sociólogos que tratam do assunto, as duas primeiras sendo os termos técnicos empregados por Valdemar Valen

te (1976:105), por exemplo, para explicar, no seu ponto de vista, as duas fases no desenvolvimento do sincretismo religioso afrobrasileiro. Naturalmente, isto deixa-nos fortes suspeitas que se observa, também aqui no Recife, o que Roberto Motta tem afirmado em geral para todo o Brasil: O fato de os antropólogos estarem (querendo ou sem querer) fornecendo referencial teórico para os conteúdos doutrinários dos sacerdotes dos cultos afro, perfazendo a função de "teólogos", por assim dizer, destes cultos. O termo "equivalência" tem sido empregado, entre outros, por Yeda Castro. Nas reuniões, sessões de estudo, cada vez mais frequentes, com a participação, lado a lado, de cientistas sociais e líderes religiosos afrobrasileiros, podem estar acontecendo, igualmente, estas trocas: informações, por um lado, e conceituações mais apuradas, por outro.

Ainda para os pais-de-santo entrevistados, além da formação histórica brasileira, entre as bases do sincretismo apontadas, temos uma de ordem superficial: ("A Padroeira é rica, bonita e se veste de amarelo"), enquanto que duas se fundamentam em qualidades e atributos funcionais: ("Dã ajuda no dinheiro, se enfeitada, é invocada para doenças da perna e órgãos genitais... é orixá rico, orixá-mãe).

Não se pode deixar de notar o não-reconhecimento explícito em nenhum momento da entrevista, nem por parte dos filhos(as) feitos em duas linhas, nem dos babãs, que trabalham com jurema e na gô ou moçambique, o seu próprio sincretismo com relação a estes cultos e linhas religiosas.

Respondendo à 4a. pergunta, os filhos(as) de Oxūn se dividiram: cinco defendem ser uma entidade, cinco afirmam a diferença entre ambas e uma resposta admite ser uma e múltipla, ao mesmo tempo. Para os babãs e iã, não há margem a dúvidas, na sua opinião: "São duas diferentes", disseram, pondo ênfase na declaração.

O quadro anteriormente referido se explica pelo que se respondeu na questão do sincretismo. Os cinco que disseram: "Na igreja é N. Sra. do Carmo, aqui é Oxūn", naturalmente apontaram ser uma sō e não duas diferentes entidades. A maioria dos mais antigos na religião e os que se mostraram mais bem informados e instruídos opinaram pela dualidade de seres. Os que demonstraram menos conhecimento e certa insegurança na entrevista, coincidiram em admitir a unicidade. Achamos não se poder concluir, sō com esta amostra, que um fato provoca necessariamente o outro, se necessitaria de mais pesquisa neste ponto, pensamos, mas, não deixa de ser relevante a constatação de que uma vivência religiosa baseada mais nos efeitos benéficos emocionais que na assimilação de princípios doutrinários se preocupe muito pouco com o questionamento crítico: se é a mesma e única santa, por que cultuā-la de duas maneiras diversas? Se já estão comprometidos com a religião afro, dado que fizeram ou estão para fazer a cabeça nos vários centros a que pertencem, que necessidade hã em utilizar-se das expressões e templos católicos para suas preces e obrigações a Oxūn? Por que "vestir" a mesma entidade com duas roupagens, sabendo que as autoridades eclesiásticas católicas não aceitam, via de regra, esta dualidade de cultos? Falávamos atrás da "fluidez" de conceituações doutrinárias, pela qual as pessoas atribuem ao orixã atributos e qualidades mais condizentes com sua maneira de ser, suas expectativas religiosas. Esta fluidez se observa aqui, na prática concreta dos rituais. Aqui novamente "são os homens que fazem a religião". Na lógica vivida, na lógica do cotidiano, onde acontecem os absurdos, angustiando indivíduos e coletividades, que não os podem controlar ou dominar, se tenta enfrentá-los com atitudes, religiosas ou outras, ã primeira vista absurdas também mas que, dentro de um "non sense" no qual se movimentam tantas forças sociais contraditórias, se explicam, e sobretudo, se situam. Causas semelhantes, produzem efeitos semelhantes.

Aqui vale a busca das soluções para a aflição através dos meios religiosos, não importam quais, da mesma maneira como se constata o recurso a meios humanos considerados impróprios, não admitidos socialmente. Conjunturas sócio e psicologicamente contraditórias, portanto, condicionam a procura de soluções contraditórias.

As respostas à 5a. pergunta não têm novidades, já foram declaradas acima, em várias secções. O que falaram sobre as diferenças identifica bem algumas características rituais, do culto a uma e outra: uma "baixa" e "come", outra nem faz isto nem aquilo; ao contrário, nas declarações de uma filha-de-santo está dito que é Nossa Senhora do Carmo que envia Oxūn, o que condiz com uma das respostas: "Orixãs são inferiores aos santos".

A sétima pergunta já foi respondida na segunda, desde que os entrevistados expuseram lá os sentimentos e vivências emocionais e não os de ordem existencial e doutrinária, como se esperava.

À oitava pergunta, 7 responderam que têm devoção ativa e assídua.

O fato mais importante, detectado neste item, é a enorme percentagem (64%) dos filhos(as) de Oxūn respondentes que são devotos atuantes de Nossa Senhora do Carmo, independente da crença se é a mesma ou diferente. Constatação que se constitui num desafio para os defensores da pureza, dentro dos cultos afrobrasileiro e católico, que vêm na mistura um perigo para a autenticidade e/ou sobrevivência de um ou outro. Na linha oposta desta preocupação, a vida se mostra rica e variada, provocadora. Dá-se aqui uma fratura entre o comportamento desejado pelos adeptos da pureza (sejam os teóricos, sejam os líderes religiosos) e a realidade existencial, dinamicamente misturada. O fascínio da Senhora do Carmo se impõe aos filiados do candomblé, filhos(as) de Oxūn, para além e acima da concepção se é a mesma Oxūn, se é diferente.

Resta um ponto a tratar, provindo tanto das entrevistas com os babãs e os filhos(as)-de-santo, como das descrições de Verger sobre o culto a Oxūn na África. Refiro-me às muitas Oxūns, que são uma e mesma Oxūn. Verger cita os vários nomes ou várias Oxūns, concluindo serem eles características diversas. Mário Miranda declara haver muitas Oxūns, sendo a dele, Oxūn-Ceci. Temos aqui no Recife, outras Oxūns, sincretizadas com Santa Maria Madalena (a "Oxūn namoradeira", conforme Mário Miranda) e a Oxūn-Pandã, de acordo com a explicação de Franklin, sincretizada em Nossa Senhora dos Prazeres.

Ressurge, então, o problema abundantemente tratado e comentado do uno e do múltiplo, nos cultos afrobrasileiros. Foge aos objetivos e características deste trabalho uma discussão deste tema, porém se impunha a citação dele ao menos de passagem, por conta de ter ele aparecido. Aliás, não podia deixar de surgir num contexto de troca de informações com fiéis destes cultos. Existem obras no Brasil tratando das implicações e interpretações deste tema, às quais remetemos os leitores.(3) Uma das explicações a nós dada, durante as entrevistas, foi a comparação com as devoções católicas, sobretudo as marianas: Assim como Nossa Senhora é uma sō, mas existem um sem número de invocações, títulos e imagens diferentes da Virgem Maria, assim também acontece com os orixãs: não são entidades diferentes, porém, atributos diversos da mesma Oxūn. Mas, já outras pessoas das "seitas" não conseguem distinguir isto com clareza, e simplesmente justapõem, sem aparente juízo crítico, o uno ao lado do múltiplo. Isto fez Durkheim concluir que os princípios da lógica ocidental, como o prin

(3) Citamos, por exemplo, dentre as que conhecemos, o estudo de Monique Augras, "O Duplo e a Metamorfose".

cípio da identidade e contradição parecem inexistir nas concepções mitológicas politeístas (Durkheim, 1965 : 215). Seria esta a explicação? Seriam eles incapazes de pensar com nossa lógica? Ou não se trata da lógica vivida, cotidiana, que não especula sobre conceitos, sobre abstrações, mas se debruça sobre os fatos vividos, sofridos, da existência, do concreto, buscando estabelecer antes as relações que as generalizações, o particular antes que o geral, o imediato, o contíguo à experiência do dia-a-dia? Neste sentido, a percepção que o fiel tem do Santo, ou do orixá invocado numa necessidade imediata, ora se reveste de um caráter totalizante, abrangendo a representação completa que o devoto possui de seu santo/orixá protetor, ora se busca o socorro naquele atributo ou título do guia espiritual, mais adaptado para enfrentar um determinado problema. Deste modo, podem se opor conceitualmente, abstratamente, a "Oxún-menina" de uns e a "Oxún-pandã" de outros, mas não se oporão na ordem existencial das precisões, da busca do auxílio em situações difíceis, ou mesmo nos momentos de plenitude, extáticos, em que o filho(a)-de-santo goza a experiência da incorporação do e no seu orixá. Neste ponto, estamos com o Lévy-Bruhl dos "Carnets": "A estrutura lógica do espírito é a mesma em todas as sociedades humanas conhecidas"; e Leroy: "O operário, o camponês, o colonizado que não leram Aristóteles não pensam através dos mesmos esquemas dos intelectuais aristotélicos, cartesianos ou hegelianos".

Roger Bastide, advertindo sobre o procedimento correto em se distinguir formas de conhecimento místico ou racional, empírico ou conceitual, havendo a predominância de uma forma sobre a outra em determinados tipos de sociedade, enuncia, após pesquisas realizadas na Bahia e Pernambuco entre os filiados às várias "nações" do candomblé, que "o africano compreende as contradições lógicas" nos seus sistemas religiosos, contradições estas sobrevivendo "dos

acazos da história", na África e aqui, na "situação social do es
cravo". (Bastide, 1959 e 1973:271-284).

CAPÍTULO V

A SENHORA DOS MÚLTIPLOS PEDIDOS

5.1. A ELOQUÊNCIA MUDA DAS PAREDES ESCRITAS

Neste capítulo vamos apresentar, já catalogados, os pedidos escritos a mão, nas paredes e na mesa do altar de Nossa Senhora do Carmo, situado na portaria do convento do Carmo do Recife, na passagem que liga esta com a igreja. Após apresentá-los, tentaremos uma interpretação dos mesmos, inclusive comparando a natureza deles com várias perguntas da pesquisa, estudada no capítulo anterior.

O altar possui uma posição estratégica muito boa para este tipo de prática, porque fica fronteiro à entrada que liga a rua com a portaria do convento, visível, portanto, para quem passa. Quando a basílica está fechada, o altar continua visto da praça, porque não há porta de madeira, como as demais que vedam a igreja, mas, um gradil de ferro. Deste modo, mesmo à noite e em dias feriados, é possível se postar diante do gradil e rezar para a imagem da Santa. E de fato, aconteceu em tempos atrás, a prática de se rezar até em grupos, à noitinha, o terço e outras orações em louvor de Nossa Senhora, como atesta, por exemplo, o inglês Henry Koster, que visitou o Recife na segunda metade do século passado, e publicou suas memórias de viagens pelo Brasil.

Durante o dia, com a portaria aberta, e longe das vistas dos

frades e sacristães, que poderiam censurar ou proibir a atividade de escrever nas paredes ou nas toalhas do altar pedidos e votos, torna-se relativamente fácil tal prática.

Assim foi que achamos importante para nosso trabalho acrescentar mais esta pesquisa, coletando os dados impressos nas paredes, ou seja, a quantidade de pedidos, promessas, votos, agradecimentos, etc., que, de um ano para o outro, são registrados. To dos os anos, por ocasião da preparação da igreja para a Festa do Carmo, este altar é pintado completamente, e estes pedidos, apaga dos. No ano de 1985, solicitei à direção da basílica não pintar o altar para a festa, sô o fazer depois que eu tivesse coletado todo o material escrito, no que fui atendido. Terminada a Festa do Carmo, me lancei à coleta, juntamente com equipe de Irmãs Carmelitas, orientadas por mim. Foi reunida assim, a totalidade dos pedi dos escritos, legíveis, nas paredes do e ao redor do altar. Tam bém juntamos à coleção os escritos sô legíveis em parte, deixan do reticências nas partes ilegíveis. Esta tarefa foi realizada en tre 20 de julho e 15 de agosto do ano já referido. Trata-se de uma coletânea de pedidos escritos entre junho de 1984 — mês da últi ma pintura do altar — até agosto de 85. Esta coleta abrange, por tanto, as duas Festas do Carmo destes anos. Não é sô no tempo da festa que as pessoas escrevem, porêm, o ano inteiro, como vamos ver por algumas datações que vários devotos deixaram registradas.

Uma vez de posse de todo o acervo, nos lançamos à tarefa de contar, e classificar os pedidos, de acordo com o conteúdo dos mesmos. Somamos 632 pedidos, e os classificamos em onze (11) cate gorias a saber: Pedidos de EMPREGO (TRABALHO) = 138; pedidos de ordem SENTIMENTAL (namoro, casamento futuro, ter sorte no amor, etc.) = 110; pedidos referentes à SAÚDE = 75; pedidos referentes à FAMÍLIA (paz e estabilidade no lar, volta ao lar do cônjuge ou filhos, etc.) = 127; pedidos referentes ao sucesso no ESTUDO (pas sar de ano, no vestibular, poder concluir o curso, etc.) = 64;

pedidos para afastar ou vencer o vício da BEBIDA e DROGAS = 16; pedidos referentes a conseguir CASA PRÓPRIA = 06; pedidos referentes à realização de SONHOS abençoar planos futuros, etc. = 24; pedidos referentes ao êxito e segurança na VIAGEM que vai fazer ou está fazendo = 06; pedidos variados, que não se enquadram nos precedentes = 61; e finalmente, um pequeno grupo de pedidos muito longos, que abrangem muitas intenções ao mesmo tempo = 05.

Eis, agora, a lista dos pedidos, já classificados de acordo com as categorias acima elencadas. Tivemos o cuidado de copiá-los e escrevê-los aqui, tal qual foram encontrados nas paredes. Vejamos:

PEDIDOS DE EMPREGO:

. "Minha Mãe, ajude-me em ter minha casa. Mande meu emprego. Amém".

. "Minha N.Sra. do Carmo em nome de ... (ilegível) eu lhe peço que Mário fique no trabalho dele ou consiga outro melhor".

. "Nossa Senhora do Carmo, me ajude a arrumã um emprego. Minha N.Sra., dê mais saúde a minha família".

. "N.Sra.do Carmo, dê o emprego de Humberto e o divórcio".

. "Minha N.Sinhora do Carmo mi proteja que eu arranje um emprego."

. "Eu vos peço para que meu pai melhore de emprego e as coisas melhorem. Amém. Patrícia Sibila. R.N. 02.05.85." (Pedido envolto num traço, formando círculo).

. "N.Sra. do Carmo me conceda uma graça de um emprego para minha filha Maria de Fátima." (Envolto em traços redondos).

. "Minha N.Sra. do Carmo pela tua graça conduzi-me ao caminho do êxito e que consiga por tua benção ser empregada. 16.07.85."

. Nossa Senhora do Carmo ajude a me orientar como também Pedro meu filho a encontrar um jeito para ganhar o pão de cada dia.

Agradece ... (ilegível) 17.01.85."

. "Obrigado a Nossa Senhora do Carmo pelo emprego que eu ar_ rangei. Ass. Heleno J. dos Santos."

. "N.Sra. do Carmo ajuda-me a passar nesse concurso que eu mando celebrar uma missa em ação de graças. J.S.A. p/as almas."

. "Deus me ajude a conseguir um emprego bom e dona de casa pra meu Jel."

. "Me arrume um emprego. José e Eunice (irmãos)."

. "Minha N.Sra. ajude encontrar um emprego." (Um círculo em volta do pedido).

. "Minha N.Sra. mostrai-me um emprego."

. "Minha N.Sra. do Carmo ajude em um emprego para a minha ... (ilegível)."

. "Nossa Senhora do Carmo, faça com que eu passe nesse tes_ te." (Envolto em traço redondo).

. "Minha Nossa Sra. do Carmo, ajude-me para arranjar um em_ prego, dai saúde e paz para mim e p/todos."

. "Minha N.Sra. do Carmo ... (ileg.).. e meu irmão arranjar emprego."

. "Minha N.Sra. do Carmo ajude-me a encontrar um emprego pelo menos o meu pão certo pois estou passando fome, ou uma ... (ileg.) filha de Deus que me dê um amparo, e me ajude, sou pecadora, mas sou filha de Deus e da Sra. pelo dia de hoje, copio e tenho fê em você de ser verdade, de seu ... (ilegível) e filho."

. "Minha N.Sra. fazei com que eu fique naquela fãbrica, e me dê paz e sosego." (Envolto em traço redondo).

. "N.Sra. do Carmo, faça com que Mário arrajar um emprego. Doralice, Ivaneide."

. "N.Sra. do Carmo me ajude neste momento, que eu consiga um emprego mais rãpido possível, com muita fê conseguirei. P.O.S.D."

. "Minha N. Sra., arranja um emprego para meu cunhado. Leni."

. "Uma graça N.Sra. do Carmo, que todas as pessoas que per_

seguem ... (ilegível) no emprego, deixe de perseguir e nunca perca o emprego em seu carro. Bernardo." (Envolto em traço redondo).

. "N.Sra. do Carmo ajude-me a acabar a dificuldade de arranjar outro emprego, e que o Alfredo se aproxime de mim, para o meu bem. Lúcia M.F."

. "Senhora, faz com que eu consiga um emprego."

. "Minha N.Sra. do Carmo, ajude-me a arranjar um emprego e ajude a minha família para que tenhamos coragem de vencer na vida. Agradece. Ana Cristina de Moreno."

. "Minha N.Sra. do Carmo, ajude meu namorado, no trabalho dele, dê força e coragem para ele vencer na vida, tudo que ele deseje. Agradece. Ana Cristina de Moreno".

. "Minha N.Sra. do Carmo, ajude-me no emprego que eu fique trabalhando. Wilma Falcão do Nascimento."

. "Virgem Santíssima do Carmo, proteção para mim e minha família, e para que eu não perca o emprego na VENEZA SOM LTDA. Ajude-me nas vendas para aumentar a produção. Agradece de coração. M. F.S."

. "N.Sra. do Carmo ajude-me a passar nos testes e em todas as matérias. Que tudo de bom aconteça, para mim e p/os meus."

. "Minha Senhora fazei com meu noivo arrume um emprego, como agradecimento te ofertamos um buquê de rosas amarelas."

. "Minha Senhora do Carmo fazei com que minha mãe se sustente no trabalho e que os (ilegíveis) deixem ela em paz."

. " N.Sr. do Carmo quero pedir uma ajuda para com que a Senhora ajude eu arrumar meu emprego e para também meu lar com Antônio, para que a Senhora veja-o feliz!" (Traço em volta).

. "Faça com que eu arranje bom marido e bom emprego. N.S. do Carmo me ajude a conseguir um emprego."

. "Minha mãe dai-me um bom posto a Suely e a Nely."

. "Nossa Senhora do Carmo me ajude eu lhe peço que me ajude arrumar um emprego certo."

- . "Nossa Senhora eu quero arrumar um emprego. Ivanice."
- . Minha Senhora que minha mãe arranje um emprego. Josilene."
- . Minha Nossa Senhora do Carmo faça com que eu arrume um emprego para eu poder um dia ajudar a minha mãe."
- . "... Faça com que minha Virgem Santíssima que eu arrume logo um emprego, que assim que eu arrumar um emprego mando celebrar uma missa para vós em ação de graças. Aquilane. Recife, 8.04.85."
- . "Minha Nossa Senhora do Carmo dai um emprego a minha mãe querida pelo amor de Deus, dai um emprego a Maria José Escorel."
- . "Ajude a Malva conseguir outro emprego."
- . "Nossa Senhora do Carmo me ajude no Kibom ou no Banco Nacional, protegei-me de todos os males."
- . " Peço à Santíssima Virgem do Carmo como prova de amor, uma graça que espero no mês de Agosto o tal emprego de conferista da Dom Vital. Meu nome é Wilson Rodrigues dos Santos."
- . "Nossa Sra. do Carmo quero que a sra. me ajude nos meus problemas e que eu consiga um trabalho."
- . "Minha Virgem do Carmo, dai-me a graça de um contrato. R. F.S.C. 31.07.85."
- . "Minha Nossa Senhora me ajude a conseguir o meu emprego no Estado ajude a todos da minha família."
- . "Minha Nossa Senhora mim proteja no meu emprego, minha nossa Senhora."
- . "Minha Nossa Senhora do Carmo ajude a meu irmão Ivan Lima da Paz para que ele fique no emprego dele de muita saúde..."
- . "Joana Darc agradeço a Senhora do Carmo pelo emprego que me concedeste e peço que me segure por mais tempo nele muito obrigado minha mãe. So 19.03.85."
- . "Na Sra. do Carmo me ajude no meu trabalho faça com que eu continue a fazer mais contratos como antes para que eu possa realizar os meus sonhos de ter o meu lar, etc."
- . "Minha Nossa Sra. do Carmo, hoje no seu dia lhe peço lhe

suplico que me faça o homem (ileg.) e me buscar para trabalhar."

. "Minha N. Sra. do Carmo me guie, me ajude para eu consiga um emprego."

. "Minha N.Sra. do Carmo me ajude a conseguir um emprego para que eu possa ajudar a minha família e que nunca falte o pão do dia a dia (agrace Edvaldo B. França)."

. "Nossa Sra. do Carmo venho aqui como privilegiada por ter tanto a agradecer que a pedir peço a Deus pelo seu intermédio que eu venha a conseguir emprego o mais rápido possível e que seja feita a vossa vontade. (Selma S.C.)."

. "Peço para mim ajudar em meu trabalho."

. "Peço para que eu consiga os meus (ileg.) neste novo emprego e que o mesmo saia logo e que eu consiga o horário."

. "Fazei que tenha solução meus problemas financeiros e não me prejudique na empresa e tenha sucesso em tudo na vida. Esteja me protegendo até a morte. (C.A.M. 13-07.84)."

. "Nossa Senhora do Carmo faça a senhora com que eu consiga um emprego, me faça feliz meus estudos em tudo que quero tudo que peço paz e felicidade minha família e todos que caminham com eles. Em nome do Pai do filho e do Espírito Santo. Amém."

. "N.S.C. faz com que eu consiga trabalho e que passe nos estudos."

. "Minha N.Sra. ajude-me a arrumar um emprego."

. " N.Sra. do Carmo faça com que eu fique neste estágio. Se eu ficar, eu irei para sua procissão de amarelo e descalça. Leide. 18.5.84."

. "N.Sra. do Carmo, faze com que nós sejamos felizes e que Edvaldo arranje um bom emprego."

. "Minha mãe, ajude-me a conseguir um emprego, por favor, não me deixe, pois confio em Ti: Sua filha, 12.7.84.

. "Me ajude a arrumar um emprego. Luciano Feijõ dos Santos, 29.5.85."

. "Minha querida mãe protetora dos desvalidos, socorre a tua filha concedendo-lhe a graça de um emprego certo. Amém. Preciso ter com que criar quatro filhos. Obrigada."

. "N.Sra. ajude a arrumar um emprego."

. "Fizei meu marido arrumar no emprego."

. "Minha N.Sra. do C. peço-vos em nome de Jesus um emprego p/sustentar meus filhos e meu marido."

. "Nossa Senhora ajuda papai a alcançar a promoção do INPS. Guiomar."

. "N.Sra. do C. ajude-me a arrumar um emprego e me proteja de todos os males, fazei que melhore o negócio. 01.8.84. L.B.S."

. "N.Sra. do Carmo proteja o jovem José do Carmo Duarte no seu novo emprego, para que ele seja bastante sucedido nas suas obrigações. 6.8.84."

. "Minha mãe querida, proteja-me de todas as tentações deste mundo corrompido. Ajude-me para que eu passe no concurso da aeronáutica para que eu possa realizar meus sonhos. Proteja aqueles que me julgam-me mal. 20.1.83. Ninha (Venilda)."

. "Fizei meu emprego na Prefeitura (?) e fiz o meu marido todo de bom no meu trabalho, na minha volta para lá."

. "Dai-me esta graça, que meu namorado arrume um emprego para podermos ser felizes."

. "Minha N.Sra. dai-me proteção para que eu seja feliz no meu emprego."

. "N.Sra. ajude-me até o dia 15 a conseguir um emprego, para que eu vá para perto da minha mulher. 02.2.84."

. "Para que meu filho João Batista seja reclassificado na Escola Técnica Federal."

. "N.Sra. do Carmo ajude-me a passar nos concursos..."

. "N.Sra. do Carmo faça com que Francisco arrume logo o emprego para que a gente possa ser felizes. juntos. Proteja-nos de todos os males. Francisco e Vera."

. "Minha mãe fazei que meu filho seja feliz e encontre um bom emprego lá, e nos ajude. Amém."

. "Obrigado por meu emprego, Senhor Jesus, e ajude-me que eu seja promovido p/um cargo melhor. Jair Alexandre."

. "Minha Sra. nunca te pedi, por favor, me ajude a arrumar um emprego, para ajudar ao meu pai."

. "Ajude-me, eu te peço humildemente minha sra. a arranjar um emprego, que me realize e aos outros." (Envolto em traço).

. "Ajude-me eu e meu esposo arranjar um emprego, e nunca deixarei de fazer sua novena." (Envolto em traço).

. "Ajude-nos a conseguir um estágio. Obrigado."

. "A minha mãe rogo, pelo amor de Deus, quero o meu fundo de garantia."

. "Minha Nossa Sra. do Carmo ajudai-me no emprego da SPRING. Ajudai H..."

. "N.S.C. faça com que eu arranje um trabalho."

. "Minha mãe, empregue meu filho."

. "Fazei Mãe santíssima que eu arranje um emprego e um casamento."

. "Ajude-me que eu consiga um emprego e que o Aércio volte para mim."

. "Ajude-me para que eu tire meus documentos, encontre um emprego e ajude minha família."

. "Peço-lhe um trabalho".

. "Minha mãe, me ajude a arrumar um emprego ..."

. "Peço que a Senhora ajude-me para o meu emprego que eu arranje o mais rápido possível."

. "Peço um bom emprego à Senhora."

. "Para que eu encontre emprego."

. "Faça com que eu passe no concurso público de Magistério."

. "Peço paz e tranquilidade, pelo meu emprego..."

. "Peço por Severino Estevam para que ele consiga o emprego."

- . "Peço um emprego para Sêrgio."
- . "Peço um emprego para tia Risa."
- . "Peço a Nossa Senhora um emprego para meu marido."
- . "Ajude meu filho com um emprego, paz e muito amor lã em casa."
- . "Peço que Messias encontre emprego."
- . "Se por sua intercessão eu encontrar um emprego o meu primeiro salário será seu."
- . "Peço emprego para Reinaldo."
- . "Nossa Senhora do Carmo peço um emprego."
- . "Nossa Sra. do Carmo, ajuda-me a voltar para Brasília, arranjar um emprego bom e reconstruir meu lar e minha família."
- . "Peço um emprego e pela minha família."
- . "Eu preciso de sua proteção para arranjar emprego."
- . "Proteja Douglas em suas viagens e que ele tenha bom êxito no trabalho."
- . "Peço a N.Senhora um emprego para Lurdes."
- . "Ajude para que consiga um emprego."
- . "Ajude-me para que passe no concurso."
- . "N.Sra. do Carmo, ajude-me no meu serviço. 13.7.85. Jerônimo José da Silva."
- . "Minha Sra. faça com que eu encontre um emprego."
- . "N.Sra. do Carmo (ilegível) ajudai nos meus negócios, me proteja e abençoei ... Obrigado por tua nobreza."
- . "N.Sra. fazei que eu arranje um serviço. Nalva. 19.4.84."
- . "N.Sra. fazei com que eu consiga um emprego. S. 85" (Envolto em traço redondo).
- . "N.Sra. do Carmo, peço-lhe para que eu consiga este emprego, e que nada me atrapalhe." (Envolto em traço redondo).
- . "Peço-lhe por um emprego melhor. L.R.A.S. 11.3.85."
- . "Virgem Santíssima segure-me no emprego da Veneza Som. Eu não posso perder este emprego. Ajude-me pelo amor de Deus. Nunca

deixarei de louvar-lhe e glorificar-lhe. Magnificat."

. "Virgem Santíssima. Ajude-me na linha certa Olivetti, abri meus caminhos de modo geral. MF.S."

. "N.Sra. do Carmo. Ajude-me em 84 para eu arranjar um bom emprego. A.J."

. "N.Sra. conceda-me uma bela situação financeira a minha irmã Ma. Arcenira. 22.3.84."

. "Proteção ao meu irmão Carlos, dê juízo e que arranje um trabalho. 6.3.84." (Envolto em traço redondo).

. "N.Sra. faça com que eu arranje um emprego e possua a independência de aborrecimentos na família. Malberto P.Gomes."

. "N.sra. ajude-me a arranjar um emprego. "Fátima Gomes. 8.7.85."

. "Minha N.Sra. mostra-me um emprego." (Envolta em traço redondo).

. "Que Edmilson fique no Bandepe e nosso amor aumente cada vez mais. Meny, 16.7.85."

. "Ó minha mãe, ajudai-me a conseguir um emprego e ser feliz, agradece. Josefa." (Envolta traço redondo).

PEDIDOS DE ORDEM SENTIMENTAL: PARA ABENÇOAR E CONSEGUIR CASAMENTO FUTURO, VOLTA OU PERSEVERANÇA DE NAMORADOS, ETC.

. "Minha mãe ajude-me a pessoa que amo a mim declarã em namorado te agradeço vindo todas as terças 7 vezes." (Envolto em moldura em forma de coração).

. "Minha N.S. do Carmo, traga Eudes de volta para mim."

. "N.S. do Carmo hoje, dia 18.10.84, estou aqui diante de tua imagem para pedir em nome do teu amor que me ajude a ter ao meu lado José Frederico. Isto se for para a minha felicidade como também a dele."

. "Estou vindo pela primeira vez e quero alcançar uma graça de me casar com Acácio. Ajuda-me senhora do Carmo. 22.7.85."

. "N.Sra. do Carmo. Peço-lhe que me ajude a conquistar Roberta."

. "N.Sra. do Carmo. Traga Eudes de volta pra mim." (O mesmo de cima? Envolto num círculo a lapis).

. "N.Sra. do Carmo. Ajude a (ilegível) recuperar todo o amor perdido por mim. (palavras ilegíveis dentro do coração)... c/o poder de Vossa graça."

. "19.04.85. Nossa Senhora do Carmo eu te peço humildemente que a senhora me ajude para Alberto Lopes da Silva voltar para mim porque eu amo ele. E ele me ama, mas ele virou a cabeça e então acabou o namoro. Eu estou sofrendo. Pois eu ti peço este favor me escute. Agradece Darilda."

. "Minha N.Sra. do Carmo ajudi-me a vencer na vida e ser feliz com quem eu amo."

. "Minha N.Sra. converti Ger(ileg.) para o amor de Deus e reconheça-me como sua esposa e case-se comigo. F.P.L."

. "Nossa Senhora do Carmo traga Luciano de volta para mim. 01.08.84." (Envolto em traço redondo).

. "Minha Nossa Senhora, ajude que eu telefone para Gustavo e ele diga que quer falar comigo sem falta, que vai ter coisas boas. Simone. 11.04.84."

. "Nossa Senhora do Carmo, ajude para eu me casar com Ailton. G.H.S."

. "Minha N.Sra. ajude encontrar alguém que me faça feliz. Ivanice."

. "Minha N.Sra. me ajude a compreender o rapaz que amo, e nos proteja p/que sejamos felizes. Rose e Roberto."

. "Minha Sra. ajude-me a encontrar um alguém que me faça feliz."

. "Minha sra. ajude-me porque eu estou aperrriada com (ileg.) Jūnior. A.B.F." (Envolta traço redondo).

. "N.sra. ajude-me a conseguir o rapaz que eu gosto, deixar

do vício que estar. Pago-lhe com uma vela."

. "Minha N.Sra., faça com que a pessoa que eu gosto fique co migo. Valéria."

. "N.Sra. ajude-me que Severino volte para mim."

. "Peço-lhe que tudo dê certo entre mim e P.E.B.S. e que nos amemos e cada vez mais."

. "N.Sra. faça com que Nenên gostar de mim porque gosto muito dela."

. "N.Sra. eu quero que a sra. arrume um namorado muito bom e estudioso para mim e que seja mais velho que eu. Ivanice."

. "N.Sra. nos ajude a conhecê-lo, eu amo Charlie de verdade e minhas amigas também amam ele. Telma" (Envolta traço redondo).

. "Sra. me ajude, faça com que Sílvia nunca me deixe e que fiquemos sempre juntos, que ele arranjar um lugar para mim morar, fala pra Deus que eu amo-o muito. Rosa Isabel. 16.07.84" (Envolta traço).

. "N.Sra. do Carmo faça com que O e F se encontrem o mais rã pido possível."

. "N.Sra. em nome de Jesus ajude-me a encontrar um marido que me ajude, proteja meus filhos, me abençoe: Maria."

. "N.Sra. fazei com que Ribamar voltar para mim e me amar muito."

. "N.Sra. fazei com que eu namorar com Alexandre, e que minha família consinta, dê-me forças para dizer para ela (Ileg. envolta traço red.).

. "Minha mãe, pela primeira vez na vida estou gostando de al guém, me ajuda a ser forte. Obrigada por que nunca senti sô, estou sempre renovando amigos, e ganhando todo dia. De uma grande amizade nasceu um grande amor. 05.08.84." (Envolto em coração).

. "N.Sra. do Carmo mais uma vez te peço pra eu e Ednaldo da pracinha, sejamos muito feliz. Tã. Obrigada."

. "N.Sra. quero que a senhora faça Gustavo Luiz mudar de pen

samento."

. "N.Sra. do Carmo ajude que eu noive com Jairo." (Envolta em traço redondo).

. "Fazei com que (ileg.) volte a ser o homem que era antes. Agradeço muito." (Envolta traço redondo).

. "N.Sra. faça com que eu ser alguém na vida e que me case como pretendo para depois ninguém falar de mim e que se eu tiver de me casar com ele, eu seja feliz e que ele seja bom, sincero e honesto que eu passe sempre nas provas, saúde p/toda minha família eu e ele." (Envolta traço).

. "Desejo que todos meus amigos parentes e namorada recebam sua bênção santíssima e reserve a pessoa de quem eu devo amar. Eu te amo." (Traço redondo).

. "Cabral e Edjane unidos até a morte."

. "N.Sra. do Carmo faça com que o S.J.S. fique o amigo." (Ileg.).

. "Ajudai-me a ter Ari sô para mim. Helena."

. "N.S. do Carmo proteja sempre minha união e de Luciano que a gente se ame sempre e nos casaremos. 05.11.85."

. "N.Sra. do Carmo dar-me força p/conseguir Rejamo(?)22.05.84".

. N.Sra. eu quero tudo bom para mim e ele quero que a senhora tire tudo da cabeça dele tudo rim(sic) no coração dele. Eu quero que ele acredite que amo. tudo na vida e ajude eu a carlos Nossa Senhora do Carmo. C.A. L.F."

. "Minha N.Sra. fazei que eu arranjar um rapaz onesto e sincero que eu seja feliz um dia."

. "Ivanice. Eu quero arrumar um rapaz sincero e direito eu quero que volte seja um rapaz direito."

. "Agradeço a N.Sra. do Carmo Reginaldinho e Odete. Recife, 22.11.84."

. "Quero que N.Sra. do Carmo abra os meus caminhos principalmente a eu conseguir o homem que tanto amo que sô me faz sofrer tanto com as suas graças ajude-me a consegui-lo para mim. minha

nossa Senhora."

. "N. Sra. do Carmo acabe o namoro de Frederico e Fátima. 8.08.84."

. "N.Sra. do Carmo eu lhe peço que tudo que o que até hoje eu sonhei com Ramos se torne realidade. Neide."

. "Nossa Senhora do Carmo (ileg.) A minha Emanuela (ileg.) ficar."

. "Faça Alexandre acabar o namoro."

. "Nossa Sra. do Carmo faze com que nunca morra o meu amor por Tomãs. Por todos os meus pedidos atendidos pelo que fique sempre comigo. Agradeço a Senhora tenho muita fé que isso venha a acontecer. Proteja todos nós. (Marta e Tomãs)."

. "Traga-me o Vital de volta (Ednaldo B. França)."

. "Fazei minha N.Sra. do Carmo que eu me case com o Gilson."

. "Nossa Sra. do Carmo fazei com que Jorge fique bom para mim. (P.S. 13.07.85)."

. "Faça com que eu me case com Roberto (ileg.) seja bem feliz."

. "Para aqueles que não entendem de amor, a terra não é redonda, nem quadrada, é chata! (Gracinha 02.06.85)."

. "N.Sra. do Carmo fazei com que nunca morra o amor que une eu a Mário e Mário a mim. Amém."

. "Fazei o meu desejo com que eu mim case com José (ileg.) e seja feliz até que a morte nos separe."

. "Trazei Vlademir de volta para mim e que ele me ame tanto quanto eu a ele e que ninguém tenha poder de nos separar. (Rosilda)".

. "N.Sra. do Carmo iluminai a minha e a mente do Júlio para seguirmos o mesmo caminho e abençoai este amor. (Rosana Naulia)."

. "Abençoa Milson e Jaciene."

. "Proteja Jairo e Denice."

. "José e Jaciana caminham (ileg.) Proteja. (25.05.85)."

- . "Minha N.S.C. ajude-me para que Gilvan venha me ver e fa
le namoro a mim (R.S.S.)."
- . "Deus Pai ajuda-me a ter Helena o mais rápido possível ao
meu lado."
- . "Ajudai-me a conquistar o coração de Alexandre."
- . "Minha Virgem fazei com que Isidoro seja meu."
- . "Ajude a José e Jaciana que seja feliz também ele me deu a
aliança e fala que quer casar, me ajuda por favor. Amém."
- . "Nossa Senhora peço que Marcos fique gostando de mim e se
saia bem nas provas." (Rozineide).
- . "N.S.C. fazei com que nossa união permaneça sempre forte e
o nosso amor também aumente todo dia. (Ileg. e Lira)."
- . "N.Sra. do Carmo quero me casar com Sérgio e passar nas
provas."
- . "Fazei com que Amadeu volte para mim."
- . "Nossa Senhora fazei com que Gilberto nunca me deixe."
- . "Nossa Sra: do Carmo José Mater o Camioneiro tenha o pensa
mento para casar se for para a minha felicidade."
- . "Minha mãe faça com que Isaac da 7a Região Militar mim per
doe pelo que fiz para ele."
- . "Minha Mãe ajude a Soraia Daminana que ela tenha paz no
trabalho e tire o Jardival do pensamento."
- . "Peço que Selmo case com Maria."
- . "Ajude-me para que Ivaldo volte para mim."
- . "Peço saúde, sucesso e casamento com Gugu."
- . "Peço pela minha felicidade com o Marconi e por nosso casa
mento".
- . "Peço a Senhora que abençoe o meu namoro e nos dê Paz ale
gria, saúde."
- . "Nossa Senhora me ajude que (ileg.) case comigo."
- . "Peço que Paulo termine tudo com Vanesse."
- . "N.S.C. que Luiz fique comigo para sempre."

- . "Quero que Pedro volte para mim."
- . "Faça com que Ricardo mude o pensamento ao meu respeito e me ame também."
- . "Nossa Senhora, que eu consiga Carlinhos para mim."
- . "Minha N.Sra. do Carmo, fazei que Evaldo volte para mim."
- . "Ajude que eu consiga Gilvam para mim."
- . "Minha N.Sra. do Carmo, fazei que neste ano eu me sinta feliz com uma boa companhia. Obrigado. 11.5.84."
- . "N.Sra. do Carmo, mostrai o caminho do rapaz para que eu possa ser feliz com ele. Obrigada. C.M.B. 1.3.84."
- . "Desejo viver para a vida eterna com meu amor. e desejo ter paz de espírito e muita saúde. Leonor e Flávio."
- . "N.Sra. do C. fazei com que as tristezas do coração de Eilce Felipe, e que os santos faça com que ela possa encontrar Flávio José da Silva."
- . "Que Robson se acalme e veja que agiu errado ao meu respeito e que volte. Betânia."
- . "Minha N.Sra. quero que a senhora afaste daquela mulher, para que (ileg.) meu neto não namore mais com ela."
- . "N.Sra. eu te peço que ajude no casamento de Cida, para que ela seja feliz."
- . "N.Sra. do C. ajude ao Rosimberg voltar para mim, como antes me amava. Ajude-me depressa. Ana."
- . "Para que nós dois se reconcilie e possamos ficar juntos para sempre. Joel e Neide."
- . "Oh! Mãe Santíssima, mãe de todos ajuda-me para que a Lígia me esqueça e dê a minha liberdade. Amém. S.F.S."
- . "S. do C. olhai para esta pobre pecadora que te pede a fazer com que Marcos me ame e eu me case com ele nesta igreja e seja feliz. Lembre-se de mim."
- . "N.Sra. do C. fazei a união de S.I.S. com P.I.C.L. com a bênção do nosso Deus. Proteja-nos para que ninguém nos atrapalhe."

Afaste-nos todo o mal, todos os invejosos, todas injustiças para que consigamos viver com a sua força e glória."

. "Minha N.Sra. do C. faça com que eu consiga um cara que me faça feliz... 28.1.85."

. "N. Sra. do C. tire toda raiva que está dentro do coração deste rapaz e que ele venha até mim."

. "N. Sra. do Carmo, querida mãe proteja a Jorge e a mim."

. "Me ajude minha Mãe Santíssima do Carmo, faça com que eu case com Eriene em nome de Deus."

. "N. Sra. do C. fazei com que o Clênio preste atenção a mim e dai-me coragem para que possa falar com ele. Me ajude. Amém!"

. "Ajude-me para que tudo dê certo entre mim e o Alexandre, para que ele não se meta em nenhuma confusão, porque ele é um rapaz muito bom."

. "... pelo amor que tenho a Mário te peço que seja eterno e que caminhemos juntos no amor e na fé. E que haja fidelidade entre ambos. Eliane V.N."

. "Peço N.S. que eu seja feliz com Mário e que nada nos separe."

PEDIDOS REFERENTES À SAÚDE EM GERAL

. "Minha N.Sra. do Carmo me ajude com a minha vista. Angélica 16.07.85."

. "Eu lhe peço mais fé, saúde organização em minha vida..."

. "Pela saúde de Jacira Macellim (29.09.85)."

. "Nossa Senhora do Carmo que o Júnior não se opere."

. "Soraia fique boa. Proteja."

. "Ajude a ficar bom para sempre. Obrigada."

. "Nossa Senhora do Carmo conceda-me todas as graças que vos pedi e em particular a cura do pequeno Fabricio, fazei esta criança sorrir de felicidade. Obrigada Mãe bendita. (Vera Urbana, 04.07.85)!"

- . "Fazei com que minha mãe se saia bem na operação."
- . "N.S.C. que Bruno seja bem sucedido na operação."
- . "Nossa Sra. do Carmo dai a cura do meu filho."
- . "Ajude nosso Presidente Tancredo Neves a sair desta fase difícil. (Mauro)."
- . "N.S. do Carmo dai saúde a minha (ileg.)."
- . "N.S.C. ajudai a minha filha Edilza, faze com que ela fique boa daquela perna dela e todos os problemas que ela tem."
- . "Minha N.S.C. Dê saúde a minha mãe no corpo e na cabeça. Amém."
- . "Peço por minha saúde (Edineide)."
- . "Dã-nos paz, saúde e coragem."
- . "Minha Virgem Santíssima dai a saúde de Belo que ele possa voltar ao quartel muito breve."
- . "N.S.C. que o meu esposo recupere a saúde que dentro de oito dias ele esteja (ileg.)."
- . "Minha madrinha estou lhe escrevendo (ileg.) Peço-lhe paz, saúde, felicidade. (Maria do Carmo Silva)."
- . "Peço-lhe pela minha saúde..."
- . "Dê a Manuel paz, saúde e felicidade."
- . "Peço-vos pela saúde de minha sobrinha Flávia Regina."
- . "Fazei que meu filho Ewerton melhore da doença."
- . "Tirai as dores desta perna."
- . "Pela saúde de meus filhos."
- . "Me ajude na saúde..."
- . "Peço a Santíssima Virgem pela saúde de meus pés e de minha cabeça."
- . "Ajude para que eu tenha saúde."
- . "Que eu consiga engravidar mesmo com as trompas cortadas. Derrame sobre mim o teu milagre."
- . "Tende piedade de mim e fazei com que minha cirurgia dê certo e eu recupere a minha saúde."

- . "Ó minha N.Sra. do Carmo, dai-nos saúde a todos"...
- . "Vou conseguir tudo que quero, me dê saúde (ileg.) Luciano Feijõ."
- . "N.Sra. do Carmo cure minha boca com a graça de Deus."
- . "Desejo ter paz de espírito e muita saúde. Leonor e Flávio."
- . "Minha N.Sra. do Carmo me livre dessas dores que sinto no meu corpo e dai-me um corpo com força e segurança para que eu possa ter paciência com meus filhos."
- . "Faça meu filho nascer com saúde perfeita."
- . "Minha Mãe do Carmo dê saúde ao meu marido. A.M.S."
- . "N.Sra. do Carmo faça com que Jorge Escorel, que Leonardo fi que forte das pernas."
- . "Minha N.Sra. ajude o João a ficar bom daquela perna, que ele dê uma perna de cera em sua igreja."
- . "N. Sra. do Carmo, que meu pai fique bom. Aparecida 25.7.85."
- . "M.N.Sra. do Carmo curai minha neta. Ela está sofrendo muito. W.F.S. proteja-me em nome de Deus."
- . "Dai-nos saúde, paz e amor p/meus familiares."
- . "Minha Virgem proteja a cirurgia do olho de Conceição Cristina (ileg.) Oliveira, faça este milagre por ela. Cristina (mãe) 12.6.84."
- . "Minha Senhora peço-te pela saúde de Sêrgio que não precisa operar e ele volte ao trabalho e Zetinha fique boa que venho pagar sua querida promessa."
- . "Minha N.S.do Carmo dai a cura de meu filho."
- . "Que Nossa Senhora do Carmo me dê saúde. Selênia Catarina."
- . "N.Sra. do Carmo dê a minha saúde que eu tanto preciso tirai estas dores de meu corpo da coluna e o romantismo (sic) espero alcançar esta graça. Carmem E. da Ca. Ramos." (Em volta, traço redondo).
- . "Minha N.S. do Carmo misericórdia p/dor."
- . "Minha mãe dai-me um bom parto a Suely e a Nely, proteção

para meu filho que fique bom da tosse, eu João Gomes. Deus ajude-me."

. "N. S. do Carmo dai-me a saúde a meu filho a ele tirar a perna dele, e aumentai a minha fé e a graça."

. "Nossa Senhora abra os caminhos para minha operação aqui. Assim seja."

. "Que ocorra tudo bem nas operações de minha tia Zilda. Que a mãe do Silvio fique boa e que eu e ele sejamos sempre unidos e felizes. Andaluza. 29.09.85."

. "Cure João Batista de Araujo faça ele ficar logo bom da perna, me ajude minha Nossa Senhora."

. "Dai-me a saúde das mãos do irmão. Tirai esta dor de cabeça minha mãe."

. "Nossa Senhora, dai-me saúde e paz. Neuza 1984."

. "Nossa Senhora do Carmo dai saúde aos meus pais e irmãos."

. "Dê a saúde de meus pais e a todos meus familiares."

. "Minha Nossa Senhora ajude-me, dai-me saúde e paz pelo amor de Deus."

. "Dai saúde aos meus pais e irmãos. Obrigado."

. "Saúde, paz e felicidade para minha família Recife, 20.07.84"

. "N.Sra. ajude-me para que fique boa logo. Rosana."

. "Minha santa mãe dai a saúde de socorro."

. "N.Sra. faça com que dona Maria melhore."

. "N.Sra. do Carmo pelo amor de Deus curai os meus olhos, me livra de todo orgulho e inveja. Fabiana." (Envolta em chaves).

. "Minha N.Sra. obrigado por minha irmã Zezé ter ficado curada. Agora curai minha pobre mãe do coração de Maria."

. "Ó meu Deus, tem piedade de mim ajudai que eu fique bom da minha perna. Agradece Jair A.A." (Em volta traço redondo).

. "N.Sra. conceda-me a graça, para que eu fique boa de minha perna da pressão alta. Amém."

. "N.Sra. dê a saúde de minha irmã Dione."

. "N.Sra. do Carmo dê a saúde de Alexandre Ramos, ele tem um cançaso, quando está gripado, ajude ele ficar curado, com a vossa ajuda. Amém."

. "N.Sra. do Carmo, por favor ajude-me sempre a seguir o meu caminho com saúde p/que eu possa sempre ajudar os meus. Muito obrigado por tudo que tenho até agora."

. "Protegei-me Sra. do Carmo, dai saúde a mim e minha esposa Bernadete."

. "Ô minha Mãe do Carmo, primeiramente te peço saúde de meus familiares."

. "N.Sra. do Carmo, ajuda-me na minha saúde e a todos de minha família."

. "N.Sra. fazei com eu ficar boa da catarata dos meus olhos."

. "N.Sra., saúde p/toda minha família, eu e ele."

PEDIDOS REFERENTES À FAMÍLIA: PAZ, ESTABILIDADE FAMILIAR DOS PEDINTES, DO SEU LAR, VOLTA AO LAR DOS CÔNJUGES OU FILHOS, ETC.

. "Minha N.Sra. do Carmo ajuda a minha mãe a superar todas as barreiras difíceis do Fernando, a uma campeã na descida da vida."

. "Na. Sra. do Carmo proteja Berinho aonde ele estiver com amor, no ônibus e me ajude também e a minha filha Elizabeth e Antônio e André- Genoveva. 16.07.85."

. "Peço-lhe ajude meu marido por favor."

. "Rause Cleide pede paz e segurança nesses anos que se aproxima para si e para os seus. 1.12.85."

. "Minha Na. Sra. ajude a meu filho Robson e Cintia a Nerize que ela precisa muito de ter amor no lar."

. "Na. Sra. do Carmo me ajuda para ser um bom menino da força a ela, ajuda a minha mãe meus irmãos, minha família todinha."

. "Me ajuda para que eu possa realizar os meus sonhos de ter

o meu lar com meu marido e meus filhos."

. "Eu lhe peço em minha família mais união."

. "Nossa Sra. do Carmo peço paz, prosperidade e amor para minha família."

. "Paz para mim e meu filho."

. "Proteja Altamir por onde ele andar. Agradeço."

. "Nossa Sra. do Carmo proteja o ... (ilegível) e todos da minha família. (Cláudio Dias da Costa)."

. "Nossa Sra. peço por minha menina e proteção ã minha família."

. "Nossa Sra. ajudai nossos filhos. (Pe. EASS)."

. "Nos dê paz a minha mãe e ã minha futura sogra."

. "Minha Nossa Sra. do Carmo fazei com que minha esposa me ame com ternura, tenha mais compreensão."

. "Nossa Sra. do Carmo ajude pela felicidade de esposa e Roberto."

. "Minha nossa Sra. do Carmo dai-me a paz que tanto procuro em meu lar, por favor ajude a ... (ilegível). Aumente a cabeça sempre erguida nos momentos da dor e da (ileg.) me dar força para que eu possa prosseguir a caminhada pois não há maior sofrimento do que ausência do amor abençoa e protege a mim e a Z."

. "Virgem do Carmo (ileg.) e graça para a minha família."

. "Virgem do Carmo paz para meus filhos."

. "Minha Virgem do Carmo faz a união entre eu e meu marido."

. "Minha N.S.C. fazei-me tirar do meu caminho (família) olho (ileg.) desunião, falsidade. Amém."

. "Peço também que Edvaldo seja um bom homem para mim."

. "Dai paz aos meus familiares."

. "Nossa Senhora do Carmo olhai sobre o teu manto sagrado a minha família, meu Pai minha mãe se entendam e se gostem, amém. Ajude a José a Jaciana que seja feliz."

. "Nossa Senhora do Carmo proteja a família de Neves e Joaquim."

. "Minha Nossa Senhora do Carmo fazei com que o meu marido fi que bom para mim e deixe de beber e melhor que ele me ame e me dê muito dinheiro e eu tenha o filho e quero alcançar esta graça: Amém."

. "Eu Inês peço a N.S.C. que Reginaldo volte para casa."

. "N. Sra. do Carmo livrai-me do maligno. ajude minha filha Jacilene a ser compreensiva e estudiosa ajude José e livre ele do mal que ele tenha uma boa pescaria."

. "N.Sra. ajuda a amar o meu marido e ser dona do meu corpo."

. "N.Sra. do Carmo para que Antonio volte para mim pois temos uma filhinha para criar e etc. A menina precisa não sô do carinho e do amor da mãe, como também do pai. O amo e o quero. Ajude-me."

. "N.S.C. traga de volta meu marido para mim e meus filhos, dā-me coragem no meu estudo e trabalho."

. "Que meu marido volte para mim e meu filho."

. "Que meu pai seja feliz."

. "Proteja toda a minha família e todas as famílias."

. "Ajude, para que Rubens filho dê a ela o que ela presisar pa ra o seu filhinho."

. "Peço que a senhora com os seus poderes acabe aquele casa - mento de Manuel para sempre."

. "Proteja a mim a minha mãe e a toda minha família."

. "Nossa Senhora unifique para sempre Rogério, Sylvania e Bruno com o teu poder e a graça de Deus."

. "Peço que ajude a minha família. (Cristiane)."

. "Por minha mãe e meu pai pela paz lã em casa."

. "Peço vossa proteção e quero voltar para casa."

. "Peço tudo que hã de melhor na vida por meus tios, meus pais, meus amigos."

. "Rogo-lhe que eu seja digna de alcançar o sossego, paz e alegria no meu lar."

. "Peço a nossa Sra. do Carmo que derrame sobre o nosso lar paz e força para todos aqueles que fazem parte da minha família."

- . "Proteja meu filho de todo mal e de todo perigo."
- . "Proteja Adriana e família."
- . "Peço saúde e paz para mim Tarcizio e Thiago o meu filhinho para toda a vida."
- . "Abençoe os meus filhos e dê a eles felicidade, paz e saúde."
- . "Minha Santa perdoe pelo meu atrevimento por nunca ter visitado aqui, por acreditar ou por fê, e sim por obrigação pelo meu trabalho de escola. Prometo nunca esquecer; e proteja a vida e minha mulher."
- . "Para o meu marido voltar para mim. Eu vos agradeço. N.Sra."
- . "Nossa Virgem do Carmo proteja meu filho Reginaldo na (ileg.) M.A.S. 10.5.85."
- . "N.Sra. eu te peço que ilumine todos os lares do mundo .e."
- . "Que 85 e os outros anos papai melhore para n^{os} todos, os seus filhos e Bel volte para casa em paz. 1.12.84."
- . "Ajude minha mãe, para que ela possa ter paciência comigo."
- . "Fazei com que meu marido seja menos ignorante. Obrigada, Mãe querida."
- . "Minha mãe do Carmo. Eu te agradeço pelo meu marido e meus filhos. Dai-nos a graça de uma Santa morte Zilia. 5.6.84."
- . "Fazei com que eu e Maria não brigue tanto."
- . "N.Sra. do Carmo proteja a mim e a minha família dos males. M^{árcia} Cristina da Silva 7.1.85."
- . "Para meu marido voltar."
- . "Minha Nossa Senhora da Conceição, traz o Manoel de volta para mim e o meu filho, para que possamos viver felizes."
- . "A Ti imploro, me guie, me leve para o caminho do bem, a todos de minha família. 18.11.83."
- . "N. Sra. ajude-me a fazer minha casa e proteja eu, meu marido e filhos. F^{átima}."
- . "Ajudai-me e a minha mãe, que ela tenha mais paciência comido

go e ajudai-me nos meus estudos."

. "Minha N. Sra. por favor ajude-me a reencontrar meu marido que estar perdido e não que encher gar a verdade, que é o amor que sinto por ele. Fazei minha Santa que ele volte para mim."

. "Minha N.Sra. de Fátima dê muitos anos a minha mãe e a meu pai e a todos de minha família."

. "N.Sra. do C. proteja a minha família, a mim, a Mário G. de Oliveira. Nos dê saúde, paz, amor."

. "Que a paz e o amor seja cultivada em todos os lares."

. "Para que meus netos: Adriane, Ether, Aldeniy, Tony, cresçam com saúde."

. "N. Sra. guarde meus filhos: Vânia, Fernando, Ivana, Antônio, Lourdes,

. "N. Sra. que Sandra seja feliz. João Marcell R. de C."

. "Minha N.Sra. ajude por tudo que é de mais sagrado a mim, meus filhos, meu marido a conseguir subir na vida material e espiritual e que não deixe ninguém nos separar, nem destruir. Pede tua filha."

. "Minha N.Sra. ajude a encontrar a felicidade com que deseja, perdoe os pecados dela e faça por mim e livre eu, meus filhos e meu marido das maldades alheias, pede: J.V.S. e D.R.A."

. "Minha N.S. do C. estive aqui e peço as suas bênçãos para mim e toda minha família."

. "N.Sra. do Carmo faça com que a paz e a ternura reine na minha família Leonardo."

. "Minha N.S. faça com que eu possa criar os meus filhos e que possa dar muito mais amor para ele muito agradeço Lúcia."

. "Que a paz permaneça em meu lar. Rua Altaze nº 40."

. "Ajude-me N.Sr. do Carmo tercílio (ileg.) de Brito esquecer aquela mulher Anunciada faz com que ele venha p/minha definitivamente. Obrigada Ana Lúcia. 22.4.85."

. "Ajude no que for preciso, adoro todos familiares e quero bem

a todos."

. "N.S. do Carmo eu quero que a senhora abra as mãos do meu pai para minha mãe e abra os corações dos médicos para ela se apresentar. Assina Ednalva."

. "Minha Nossa Senhora do Carmo livrai-me de todo mau eu meus filhos e minha família."

. "Minha N.Sra. fazei que meu pai deixe aquela mulher e passe a viver com minha mãe dê paciência a ele a minha Nossa Senhora."

. "Eu 11.07.84. Nossa Senhora me ajude para que eu possa realizar os meus sonhos juntos com os meus filhos. Vera."

. "Eu peço a Virgem do Carmo dê paz amor e compreensão na casa de minha irmã mude o pensamento de M.P.G."

. "Nossa Senhora do Carmo paz e amor em minha casa."

. "Minha mãe me ajude pelo amor de Deus, nos cubra com o divino manto sagrado a mim, minha filha e meu irmão e irmã pelo amor de Deus nos ajude a cobrir (sic) na vida material e espiritual, te peço pela chaga mais dolorosa aqui Jesus sofreu na cruz."

. "Nossa Senhora do Carmo eu vos entrego os meus três filhos fazei deles segundo a vossa vontade."

. "Nossa Senhora me ajude para que eu possa realizar os meus sonhos junto com os meus filhos. Vera."

. "Me ajude N.S. do Carmo traga meu marido de volta. G.A.C. D.G.A."

. "Nossa Senhora do Carmo faça com que eu alcance de voltar com meu marido."

. "Proteja eu e minha família. Ass. Maria Bernadete de Oliveira Melo."

. "Senhora, agradeço por tudo que me deste e pesso pelos meus irmãos, que eles se convertão, e que eu esteja em.. (ileg.) e pacto."(Sic).

. "Nossa Senhora do Carmo proteja meus filhos e que Janaína esteja no céu com a Senhora. 12.07.84. Marcos - Sandra - Gabriela."

- . "Minha N.Sra. do Carmo, dã paz no meu lar."
- . "Nossa Sra. do Carmo, peço por minha família, e meu (ileg.) F.B."
- . "Minha N.Sra. do Carmo ... que se Fla (ileg.) volte pra casa. Agradeço. 16.07.84."
- . "Nossa Sra. do Carmo (ileg.) no agradecimento para alcançar uma graça em favor da minha filha Hilda e pedrinho que (ileg.) ajude a resolver nossos problemas. Agradece C.B.A."
- . "Nossa Sra. ajude a minha irmã, pra que ela seja feliz, com seu marido. Amém 09.07.84." (Envolto traço redondo).
- . "N.Sra. imploro-lhe juntamente com minha família." (Ileg. nome).
- . "N.Sra. do Carmo, faça com que eu e meu esposo sejamos felizes e tenhamos muita compreensão. Saúde e paz a minha família. Nadir. 18.9.84."
- . "N.Sra. do Carmo me dê a graça, que minha filha, Maria de Fátima, vã buscar tudo quanto for dela na casa de Enrique, o mais breve possível. 07.08.85."
- . "N.Sra. do Carmo, faça com que meu irmão veja a paz. Obrigada."
- . "N.Sra. do Carmo proteja a família Rigotti, dando saúde e felicidade. Ben-Hor Rigotti, 20.07.85."
- . "Virgem Santíssima do Carmo, proteção para mim e minha família."
- . "N.Sra. do Carmo, proteja todos meus familiares, que tudo de bom aconteça com meus amigos, colegas."
- . "N.Sra. do Carmo proteja Alexandre e família." (Envolta em traço redondo).
- . "N.Sra. do Carmo, abençoi minha vida e de todos os meus familiares. Marilza."
- . "N.Sra. do Carmo, proteja meu irmão Claudonir, livre ele dos inimigos, que nada de mal aconteça a ele."

- . "Nossa Sra. ajude-me, e a todos lã de casa."
- . "N.Sra. eu te peço por meu tio, Amaro."
- . "N.Sra. do Carmo, ajude a minha mãe a superar todas as barreiras, tornando-se uma campeã na olimpíada da vida."
- . "N.Sra. ajude minha maravilhosa família. Ana Lúcia. 29.08.84."
- . "N. Sra. do Carmo, proteja minha família para que possamos suportar as horas difíceis que estamos passando. E a famílias de todos."
- . "Minha mãe proteja a minha família. V.M.C.R." (Envolto em traço redondo).
- . "N.Sra. proteja Walmir Lopes e família." (Envolta coração).
- . "N.Sra. que tudo corra certo no meu casamento e em toda minha vida, que eu nunca deixe de amã-lo, e ele de me amar, para que possamos enfrentar tudo, juntos e unidos eternamente. Diz para Deus que eu o amo. 29.05.84."
- . "Nossa Sra. proteja minha família e principalmente meus filhos. Andrêia, 29.07.84."
- . "N.Sra. em nome de Jesus ajude-me a encontrar um marido que me ajude. proteja meus filhos, me abençoi. Maria."
- . "Proteção para minha mãe e meu pai, que vivam em paz. 03.06.84"
- . "Peço a N.Sra. proteção p/mim e a Edilson e que todos os impeçilhos sejam superados. 02.03.84."
- . "Faça com que Valdera minha filha vim me visitar da África do Sul."
- . "Faça com que minha filha Ma. José vim com Pascoal, me visitar."
- . "Minha Sra. eu quero que meu pai deixe aquela mulher e fique com minha mãe. Ivanice."
- . "Ajuda a minha maravilhosa família. Ana Lúcia. 29.08.84."
- . "Minha Sra. do Carmo me defenda de todos os males que me desejaram, para que eu e minha família possamos viver em paz. Cristina. 19.04.85." (Envolto em traço redondo).

. "Proteja meus filhos, meus pais a eles muitos anos de vida, para que eles possam me ver feliz."

. "Minha mãe, quero que me ajude a conseguir minhas preces e quero proteção. Preciso fazer alguma coisa por minha mãe. M.L.S." (Envoltô em traço redondo).

PEDIDOS REFERENTES AO ESTUDO: PASSAR DE ANO, NO VESTIBULAR, ETC.

. "Minha N.Sra. do Carmo mim ajuda no Colégio..."

. "Minha N.Sra. do Carmo me ajude a passar de ano nos estudos e que ilumine sempre o meu caminho por onde eu andar."

. "Nossa Sra. do Carmo ajude a passar na escola e que seja muito feliz na minha vida. (Katia 07.08.85).

. "Mim ajude Nossa Senhora do Carmo no estudo faça com que eu passe este ano para o ginázio (Otávio Rodrigues-)."

. "Nossa Sra. do Carmo me faça feliz nos estudos..."

. "N.S.C. faz que eu passe nos estudos."

. "Minha Virgem da Conceição fazei com que eu passe nas provas e olhai-me no meu caminho."

. "...que Marcos se saia bem nas provas. (Rozineide)."

. "Nossa Senhora do Carmo, quero passa nas provas."

. "Dai-me tua bênção, fazei com que eu passe de ano.e. aumentai em mim o desejo de seguir a Cristo. Amém!"

. "Ajude Alexandre a pasar nos cursos que ele está fazendo."

. "Minha mãe ajude-me nas provas."

. "Fazei que eu e minha irmã arrange vagas no colégio."

. "Pelos estudos das meninas."

. "Peco pelo estudo de meu filho para que ele tire boas notas nesta avaliação."

. "Minha Virgem peço que eu passe de ano nos estudos, que eu compreenda melhor matemática."

- . "Ajuda-me a passar no vestibular."
- . "Nossa Senhora ajude-me a passa de ano..."
- . "Ajude para que eu passe de ano."
- . "Minha Nossa Senhora fazei com que eu passe nas provas da Unidade de 84. Ajude-me, Suzy."
- . "Ajudai-me a passar nas provas. H.L.A."
- . "Ajude a eu e aos meus irmãos e amigos, a passar de ano e no vestibular."
- . "Que eu passe nos estudos 26.12.84. Ana."
- . "N.Sra. do Carmo, ajude-me nos meus estudos. Myrthis."
- . "N.Sra. ajude-me para que eu passe de ano. Edileusa."
- . "Que Jorge, eu e todos os amigos passem no vestibular."
- . "Ajudai-me nos meus estudos."
- . "N.Sra. ajuda-me a passar de ano no colégio junto com todos os meus amigos."
- . "Mina N.Sra. do C. ajude-me a ser muito inteligente e faça com que eu passe nas provas e no fim do ano eu possa passar para a 7a. série."
- . "N.Sra. do Carmo. Te peço uma graça para que a Senhora me ajude a passar no fim do ano e que um dia eu seja alguém para dar muito gosto aos meus pais."
- . "Nossa Senhora ajude: eu, Eliane, Adriano, Suzana, Flávia, Roseane, Paula, Ângela, passar no vestibular. Obrigada."
- . "N.Sr. do Carmo me ajude a passar no colégio. Ricardo da Camara Lima 17.07.85. N.Sr. me ajude."
- . "Peço com toda minha fê para passar no fim do ano e concluir a 8a. série, N. Senhora do Carmo. Gisele G.S.M." (Em volta traço redondo).
- . "Minha N.Sra. do Carmo ajude para decorar que eu mesmo passe..."
- . "Nossa S. do Carmo faça com que eu fique neste estágio, se eu ficar eu irei p/sua procissão de amarelo e descalça. 18.05.84."

Leyde."

. "N. Senhora eu espero que a Senhora me ajude a passar no vestibular e também Eliane Ana Roseane 3 Monicas. Obrigada. Paula."

. "N.S. nos proteja, fazei que este ano de 85 seja nosso passando no vestibular Eliane Susana Roseane Ana Iraima Flavia Carneiro e Angela."

. "Peço com que eu entre para a Escola Técnica, seja pelo prote (ileg.) seja pelo termo comum. Joelma."

. "Nossa Senhora do Carmo eu lhe peço para que eu não fique em recuperação. Delcineide em 11.04.84."

. "N.Sr. do Carmo ajude eu passar."

. "Ajude minha irmã passar no vestibular por favor. 1.12.84."

. "Nossa Senhora do Carmo mim ajudai passar esse ano nas provas eu lhe pesso por favor faça que eu não fique em matéria alguma. Assina Celma Lourenço de Moura. 06.02.85."

. "N.S. do Carmo faça que eu passe nas provas."

. "Nossa Senhora do Carmo eu vos pesso que eu passe de ano no colégio e que eu comece a tirar notas boas e altas neste ano e no outro ano."

. "Senhora, me ajude a passar este ano."

. "Nossa Senhora, me ajude para passar no fim do ano. Djaira."

. "Minha Senhora do Carmo, faça que eu passe de ano, e quando eu estiver com o resultado (ileg.) Colégio 2001."

. "N.Sra. do Carmo mim ajude nos estudo, eu e minhas duas irmãs. A única pessoa é a senhora que pode mim ajudar. Agradece Cristiane."

. "Nossa Senhora do Carmo me ajude a passar de ano. Obrigada. Amém. Patrícia. S.R.N. 03.12.84."

. "Nossa Sra. do Carmo fazei com que eu passe em Medicina, em 85, antecipadamente vos agradeço. Silviane C.J. de Lima. 16.07.84."

. "Minha N.Sra. ajude para que eu passe nas provas."

. "N.Sra. do Carmo protela Hêlber, Roberto, Vários nomes. nos

proteja nos estudos, nos dê sorte. 27.06.84."

. "Minha Sra. ajude que eu passe nas provas."

. "Minha sra. ajude-me passar de ano, da sétima para a oitava, e todos os anos. Levi."

. "Minha N.Sra. ajude-me a passar nas provas."

. "N.Sra. do Carmo ajude-me a passar nos testes e em todas as matérias. Que tudo de bom aconteça, para mim e p/os meus."

. " N.Sra. ajude-me nos meus estudos."

. "N.Sra. do Carmo, quero que ajude-me a passar, com o vosso poder."

. "N. Sra. do Carmo, ajude-me que eu passe nas provas de 84,..."

. "N.Sra. ajude-me a passar na Escola Técnica. Ricardo."

. "N.Sra. ajude-me neste vestibular, que eu seja digno de sua graça." Adriano César Alves."

. "Minha madrinha N.Sra. do Carmo, peço que nos proteja e ajude nas provas."

. "Minha Sra. eu quero passar nas provas. Ivanice."

. "Que eu passe sempre nas provas."

PEDIDOS PARA AFASTAR O VÍCIO DA BEBIDA E DAS DROGAS

. "... e ajude a meu marido que ele não beba mais. 19.06.85."

. "Minha Na.Sra. do Carmo ajude a meu irmão Ivan Lima ... para que ele deixe de beber. 19.06.85."

. "... que meu marido deixe de beber."

. "Minha mãe que nêgo deixe de beber."

. "Peço que meu filho José Antônio deixe de beber."

. "N.Sra. do C. ajudai meu filho a deixar de beber."

. "Fazei com que meu pai deixe de beber. Obrigado. Amém minha Mãe querida."

. "N.S. fazei com que o meu pai deiche de beber..."

. "Nossa Sra. do Carmo tire o vício da bebida do meu ... (ile

gível)."

. "Nossa Senhora. Proteja J.A. dos viciados."

. "Minha N.Sra. do Carmo faça com que meu pai deixe de beber..."

. "N.Sra. do Carmo, minha mãe pede que a senhora ajude o meu pai a largar o vício da bebida. Agradece. (ilegível) e família."

. "N. Sra., o rapaz que eu gosto, deixar do vício que estar. Pago-lhe com uma vela."

. "Minha Sra., fazei com que meu pai deixe de beber."

. "Ajudai N. sra. que minha mãe deixe de beber."

. "N. Sra. ajude ao meu pai deixe de beber. M.C.F."

PEDIDOS PARA CONSEGUIR OU COMPRAR CASA

. "Nossa Senhora do Carmo fazei que minha mãe arrume uma casa."

- "N.S. faça com que obtenha minha casa, N.S. do Carmo que eu irei para sua procissão."

. "Minha N.Sra. faça com que eu compre minha casa, ajude-me mãe." (Envolta em traço redondo).

. "N. Sra. do Carmo, ajude-me que ... papai compre uma casa para a gente sair da Alemanha."

. "N. Sra. do Carmo, ajude que eu tenha a minha casa prá dá conforto a meu filho. Claceci Leme. 07.08.84."

. "Minha mãe, ajude-me em ter minha casa..."

PEDIDOS VISANDO REALIZAR SONHOS: ABENÇOAR PLANOS FUTUROS, OLHAR PELA FELICIDADE FUTURA DO PEDINTE...

. "Que N.Sra. do Carmo me ajude a realizar os meus sonhos."

. "N. Sra. do Carmo me ajude e me mostre um caminho para eu ser feliz."

. "Minha N.Sra. do Carmo pela tua graça conduzi-me ao caminho do êxito."

. "Nossa Senhora do Carmo, me ajude em tudo e que a Senhora realize os meus sonhos."

. "Minha N. Sra. do Carmo ajudai-me a vencer na vida."

. "N. Sra. do Carmo guiai-me a minha sorte."

. "N. Sr. do Carmo me ajude a realizar meus sonhos. Ass. Leonarda. 16.07.85."

. "Peço força para (ilegível) e que meus caminhos sempre abertos para melhor..."

. "Minha Nossa Senhora do Carmo fazei-me que eu alcance os meus objetivos. Amém."

. "Nossa Senhora do Carmo fazei com que o grupo ... alcance seus objetivos, deixando de lado a grandeza falsidade e que consigam amar."

. "Confio em Deus com todas as minhas forças - Por isso peço a Deus que ilumine todo o meu caminho. Minha nossa Senhora do Carmo me ajude."

. "Nossa Senhora obrigada pela vida que tenho, por tudo, não me falta nada. Peço apenas que me dê força para lutar por meus objetivos e vencer todas as dificuldades."

. "Tenho fé e esperança no que faço, peço a Senhora que tudo dê certo."

. "Peço que me mostre o caminho da felicidade."

. "Que eu alcance os meus objetivos."

. "Deus me ajude a realizar meus sonhos. 3.7.84. Márcia Cristina Vieira."

. "Minha N.Sra. ajude-me a realizar meus sonhos."

. "Vou conseguir tudo que quero este ano. 29.05.84."

. "O homem ideal é aquele que, após ter feito seus trabalhos, olha em volta para ajudar os outros. É assim que eu peço para mim ajudar a passar todas as coisas do mundo, e para eu ser bem feliz

com a pessoa que amo. Obrigada. Ana Cristina."

. "Eu vou conseguir tudo que quero, esse vai ser o ano melhor da minha vida com muita fé na Senhora. Luciano Feijõ."

. "Minha Virgem do Carmo pelo amor de Deus ajude-me, abra os meus caminhos de felicidade, me proteja, facilite os meus problemas pelo amor de Deus. Janice."

. "N. Sra. do Carmo ajude-me e proteja-me para minha felicidade. Maria Tavares."

. "N. S. do C. faça com que eu consiga tudo que pedi dentro da sua Igreja."

PEDIDOS PARA FAZER BOA VIAGEM

. "N. Sra. do Carmo, prometa ver minha imagem (ilegível) e minha (ilegível)."

. "Minha N. Sra. do Carmo estive aqui em 2.8.84 de passagem. Peço a sua proteção para fazer boa viagem."

. "N.Sra. do Carmo fazei que eu seja feliz na minha viagem. Ana."

. "Ajuda-me para que eu vá morar em Brasília."

. "Nossa Sra. do carmo ajuda-me a voltar para Brasília..."

. "Que eu viaje em paz."

PEDIDOS INDIVIDUALIZADOS QUE NÃO FORAM SUSCETÍVEIS DE SE ENQUADRAR EM CATEGORIAS

. "Minha N. Sra. concedei uma bênção e ajudai todo aquele que eu pense."

. "Nada é pequeno onde o amor é grande. (Gracinha 28.02.85)."

. "Senhora antes que o galo cante duas vezes permita que eu o ame e o confirme três vezes! Gracinha. 24.05.85."

. "Não procure Deus com medo porque ele sempre está inaltdito

(sic) de coragem Gracinha 24.05.85."

. "Nossa Sra. do Carmo ajude-me que eu vença todos os obstácu-
los de minha vida. 19.01.85."

. "Nossa Senhora do Carmo ajude o espírito de Painho para que
ele encontre o caminho dele, e de paz e felicidade junto de Deus —
José Pinheiro de Souza Sobrinho. 16.06.85."

. "Nossa Sra. do Carmo pesso-lhe me ajude a comprar minha bi-
cicleta."

. "Que Nossa Senhora do Carmo conserve nossa amizade até o
fim. Eliane Ladjane Fátima. 24.02.84."

. "N. Sra. do Carmo o que tenho para agradecer. Sua filha Ro-
sa."

. "Desejo vida longa aos meus inimigos para que eles assistam
a minha vitória de fê. Gracinha 28.02.85." (Traço redondo em volta).

. "Nossa Senhora do Carmo ajude Lourival a sair daquela peni-
tenciária, ajuda pelo amor de Deus. Obrigada por uma graça alcança-
da. (Edvone B. França)."

. "Proteja a mim e meus amigos, Lurde, (ileg.) Argemiro, Fã-
tima, Maria, Geraldo, Aparecida."

. "Ajudai-me Senhora que eu ache meu anel, dissei-me aonde ele
está, obrigada. 25.02.84."

. "N. S. do Carmo proteja o Cláudio que ele se encontre a paz
de espírito tão desejado. 29.06.84."

. "Oh! Minha Virgem do Carmo proteja Dalva de todas tenta-
ções."

. "Minha Nossa Senhora do Carmo me ajude a conseguir o que es-
tou precisando hoje ajuda-me Senhora."

. "Que eu bote a minha cabeça no lugar, me ajude a pensar di-
reito. 01.12.84."

. "Eu Cristina pelo que a N.Sr. do Carmo ilumine sempre o meu
caminho e mim livre sempre de todos os maus e ajude a mim e a todos
meus amigos. Amém."

- . "Da esperança para quem sofre e paz para quem te procura."
- . "Nossa Senhora do Carmo proteja as almas de Genésio Rile-
ne Francisco de Assis, Verelene Chagas."
- . "Nossa Senhora do Carmo fazei com que eu seja feliz."
- . "Nossa Sra. do Carmo me ajude a me decidir."
- . "Senhora fazei com que eu não ore somente nas horas de pe-
dir. (Gracinha 02.06.85)."
- . "Queria que a senhora desse um jeito para a minha mãe com -
prar uma televisão. (Ana)."
- . "Peço que meu cabelo fique comprido e bonito."
- . "Peço-vos Santíssima Virgem força e coragem para lutar."
- . "Livre Cristina Carvalho de todo mal e perigo."
- . "Nossa Senhora ajude-me a vender o chuchu amanhã."
- . "N. Sra. obrigado pela graça alcançada. W.L.M. 27.2.84."
- . "N. Sra. do Carmo o meu nome para ela me protege dos males
e dos inimigos. Itamar Martins da Silva."
- . "Que me acompanhe pelos caminhos que andar. 1.12.84."
- . "N.Sra. do C. ajudai-me nas minhas necessidades espirituais
e temporais. 4.8.84."
- . "Descanse a alma de meu pai, que ele descance em paz 01.7.84."
- . "Peço um milagre para eu poder pagar minhas dívidas."
- . "Ajude-me em minha vida."
- . "Livra-me de todos os males."
- . "Peço pela justiça no mundo inteiro."
- . "Ajudai-me a prosseguir na minha caminhada rumo a vida reli-
giosa, com paz, fraternidade e amor, que eu saiba acolher e ser
acolhida pelo meu próximo. Fátima."
- . "Minha mãe querida vos peço com todo o carinho atendei as
minhas preces pelo amor do vosso filho. Jesus Cristo. Quero ser de
Jesus, ensina-me a confiar em vós. Mãe vos amo."
- . "Livra dos inimigos da direita e da esquerda, não sō a mim,
mas a todos de boa fê, Amém. N.S.C. 28.12.84."

- . "Minha N.S.C fazei com que a senhora complete meu coração (A.M.B.E.)."
- . "Tire pessoas indesejáveis do meu caminho."
- . "Rosa de Lima Gomes: 18.07.85. Obrigada pela vida."
- . "Senhora lembre-se dos meus (ileg.) que sofrem. Senhora teu povo passa fome."
- . "Dê me o que eu estou querendo N.Sra. do Carmo acertar na loto."
- . "Ajude Conceição a resolver os 3 problemas dela."
- . "Faça tudo mas não deixe de fazer o que gosta!" (Envolto em traço em forma de coração).
- . "Nossa Senhora do Carmo facilite meu caminho rumo ao equilíbrio. 22.07.85."
- . "Minha N.Sra. ajuda-me a entrar no caminho certo de Cristo e a praticar e também AMAR. Patrícia S.R.N. Obrigada!" (Desenho de um pequeno coração).
- . "A Minha Nossa Senhora do Carmo. Ajudai-me pelo amor de Deus. Marssele K.K. Obrigado! Segunda Feira." (Escrito em letras gregas).
- . "Ajudai-me em meus problemas. 16.07.85. N.S. de Queiroz."
- . "N.Sra. do Carmo, faça com que (ileg.) pague os duzentos mil que ele me deve, que farei 7 jejuns em ação de graça:" (Ileg.).
- . "N.Sra. agradeço-te por tudo. Ma- Rosângela 28.02.85."
- . "N. Sra., me ajude com aquele homem, o nome dele é J.C.M. e o meu é T.A.M. eu peço sua ajuda, proteja minha casa, amance o coração dele, ajude que ele saia daquela casa, sem ódio de lá. Por favor. Se eu conseguir, trago um copo de rosas amarelas, eu prometo veneralmente. Eu quero que ele entre lá em casa. 25.07.85."
- . "N.Sra., obrigada pela santa fê que eu tenho em vós, protejei-me na hora que eu mais preciso. (ileg.) e família."
- . "N. Sra. do Carmo, ajude-me a ter fê, pois neste momento sou uma cristã sem fê, peço a tua ajuda em todos os instantes. Vera. 24.05.85."

. "N. Sra. ajuda-me a arranjar uma bicicleta. Jelso F. de Oliveira."

. "N. Sra. agradeço pela graça recebida aqui no Recife."

. "N.Sra. proteja Severino e Joseval, que tudo dê certo entre eles. Obrigado, ajude-me 15.07.85."

. "N. Sra. ajude que papai venda os terrenos de (ileg.) que a família de tia Amélia saia do meu na santa paz. Ajude. Neide. 16.2.85."

. "Obrigada por meus amigos, que Deus os proteja.M.SL.S." (En - volta em traço).

OS PEDIDOS QUE INCLUEM VÁRIAS INTENÇÕES

. "Minha S. Sra. do Carmo me ajude a alcançar os meus ideias e meus sonhos mais impossíveis, em ajude a passar de ano e conquistar e mudar a pessoa que eu amo, peço-lhe que nos guie, que ele pare de beber, que consiga um emprego, que meus pais o aceitem, e me dê coragem para ter forças para lutar sempre e me esforçar pelas coisas que quero e amo. Abençoa minha família e nos dê a felicidade que eu me decida pelo que for de certo e a alcançar o amor de minha vida (Luciano) te peço Deisy (07.06.85)."

. "N. Sra. do Carmo, me ajude a ter meu lar, com meu filho. Aqui estou para recordar o belo sonho que tive com esta igreja sei que me chamaste e aqui estou implorando a tua proteção. Mostra-me o caminho certo, facilita os meus negócios com os meus terrenos, ajuda-me a medi-los, pois sō assim conseguirei uma venda melhor. Confio na vossa graça. Eva. 03.08.85."

. "Minha Sra. ajude-me para eu passar no meio do ano e no fim e em todos anos da minha vida. Que este meu namorado seja bom e sincero para mim, e que eu nunca tenha decepções. Que minha família sempre permaneça unida, se um dia eu acabar como eles querem, sem problemas desagradáveis, e se nos casar, que sejamos como somos agora, feliz um com o outro, que ele trabalhe, para sustentar

mos, que nada neste mundo nos separe."

. "N. Sra. do Carmo, proteja minha família para que possamos suportar as horas difíceis que estamos passando. E a família de todos. Ajude-me e a todos os meus colegas a passarem de ano, e futuramente no vestibular. Dê-me força para poder realizar aquilo que eu mais quero no momento. Seja sincera se for p/minha felicidade. Sofia Warlla. 29.08.84."

. "Minha N.Sra. do Carmo dá a paz na minha casa minha mãe que ocorra tudo normal pelo (ileg.) dai paz a minha casa, dai-me a saúde das mãos do irmão. Mim ajude a conseguir um emprego tirai esta dor de cabeça, minha mãe protegei-me minha casa paz e paciência dá a meus irmãos se eu alcançar este emprego eu siga posição desça olhai para mim livrai-me de tudo que é ruim abri meus caminhos um no casamento, paz e dinheiro.

5.2. ANALISANDO OS PEDIDOS

Classificamo-los em onze categorias. Mas, rigorosamente falando, temos só nove classes de pedidos, visto que a última, a dos pedidos longos, contém os anteriores, sem acrescentar nenhum novo; os seriados na décima categoria praticamente não formam uma classe determinada, por serem individualizados solicitarem coisas bem diversas umas das outras, e figurarem ali justamente por faltar quantidade suficiente para formarem outras classificações. Ou então, trata-se de preces cujo conteúdo ficou obscuro para nós, não sabendo de fato a que se referiam, como p. ex. o terceiro da lista, que eu realmente não seise diz respeito a um amante "terreno" ou a Deus, pela paráfrase com o texto bíblico. Bem, temos aí, pedidos de ordem religiosa, de teores diversos, pedidos (2) de paz eterna para falecidos, para proteger e confirmar na amizade grupos de amigos, para livrar de todo mal e perigo, para comprar objetos diversos, encontrar coisas perdidas, conseguir pagar dívidas, e agra

decimentos por favores alcançados.

Comparando os números de pedidos das nove primeiras categorias, temos: 138 pedidos referentes a EMPREGO; 110, de ordem sentimental; 75, para a SAÚDE, em geral; 127, referentes à FAMÍLIA; 64, ao ESTUDO; 16, para evitar de BEBER E DROGAR-SE; 06, para conseguir e poder adquirir MORADIA; 24 para realizar SONHOS, OBJETIVOS na vida; e 06 para fazer BOA VIAGEM. Pela ordem numérica, o quadro é o seguinte: Emprego, família, sentimentais e amorosos, saúde, estudo, sonhos/objetivos, vencer o vício da bebida e drogas e, empatados, conseguir moradia e fazer boa viagem.

É bom ter em vista que aqui se tratam de manifestações espontâneas da alma popular, não cobradas por uma pesquisa ou entrevista, onde as pessoas se expõem, protegidas pelo anonimato, sobressaindo o relacionamento interpessoal com a Senhora do Carmo, sem mediação de terceiros. Uma prova disto é o caráter comovente, pungente às vezes, de certas preces, onde a angústia, a aflição extravazam em escritos ardentes, mais uma vez patenteando a aflição humana como uma das motivações mais poderosas — embora não única, defendemos — para a atitude religiosa, juntamente com o medo, a angústia diante das forças que o indivíduo não consegue controlar, nem social nem individualmente, na interpretação de Engels (cf. BASTIDE, 1971:1 vol., 10-11). A falência do sistema político-econômico, gerando a recessão dos anos 81-85, patenteia-se nos dois pedidos mais escolhidos, o de emprego e de estabilidade familiar, aquele conseqüência direta da situação, esta, em parte subordinada às condições socioeconômicas vigentes, desmantelando emocionalmente a família, os meios de comunicação gerando sem cessar necessidades artificiais — o comércio e indústria, também duramente atingidos, queriam vender a todo custo — que o parco orçamento familiar tornava proibidas, já que, até a própria cesta básica alimentar estava comprometida em sua inteireza. E daí, tal quadro influi igualmente na vida sentimental de namorados e noivos, a insegurança quan

to ao futuro adiando projetos casamenteiros, tornando difícil o relacionamento dos pares.

Que dizer então da saúde, dependente em grande parte da alimentação correta e suficiente, e de uma certa paz de espírito, para conservar-se satisfatória?

No entanto, este motivo poderoso não exclui outros; a saúde não é fruto apenas da sub-nutrição ou de cuidados médicos deficientes, nem os problemas sentimentais têm sua única ou total origem no econômico; e, embora a família tenha sido induzida pela sociedade de consumo a por o "ter-para-gastar" como prioritário nos seus objetivos e preocupações, outros motivos são apontados no item FAMÍLIA, indicadores da presença de outras forças, não sã as econômicas, ameaçando sua estabilidade.

A continuação do exame das preces, nos mostra não sã a angústia dominante nelas presente, mas também a esperança, a fê que o pedido aconteça: "Tenho muita fê que isto vã acontecer", ou — "...vou conseguir tudo que quero, este vai ser o ano melhor da minha vida, com muita fê na Senhora", ou ainda: "Tenho fê e esperança no que faço, peço ã Senhora que dê certo", casos em que a Santa entra no universo de representações mentais como a entidade que dá suporte ã auto-confiança do pedinte; ainda mais, confirma esta confiança. Nossa Senhora é posta como intermediãria, fiadora, a fim de conceder os meios da participação nos bens e benefícios da sociedade de consumo, de que a burguesia desfruta e aos pobres, ao exêrcito de reserva do capitalismo, sã negados. De modo que, os pedidos de emprego, dinheiro, etc., configuram o reconhecimento da situação de aflição, ligada ã consciência subjetiva de impotência do indivíduo em resolvê-la por seus prõprios meios. A "presença da aflição", que jã desenvolvemos na Introdução entra aqui de cheio, motivando a prática das paredes escritas, paredes mudas, porê m eloqüentes, profê ticas denunciadoras da injustiça, da opressão econômica, machista, familiar e outras, e, ainda, demonstrati

vas da angústia real produzida pelas forças sociais adversas, diante das quais o ser humano concreto não consegue se posicionar e nem enfrenta-las, pois para isso não possui suficiente consciência de si, e, conseqüentemente, poder de organização. Solidária para lutar. Por isso, o jovem Marx colocava a angústia religiosa como a expressão dessa angústia real de que falamos, e o protesto contra ela. (Marx-Engels, 1972:45-47) Então, este ser não-conscientizado, não-organizado, às voltas com suas aflições e terrores, busca na religião as forças confortadoras que os exorcisam, e produzem paz, alegria e esperança no futuro, "que vai conseguir o desejado." Dã-se então o caso, observam Fry e Howe em seu estudo já citado (Brandão, 1983:73) do predomínio da esperança para a solução da aflição, em determinados rituais ou atitudes religiosas individuais. Enquanto uns podem e aguardam o milagre, outros fiéis já estão agradecendo o que receberam.

As paredes mudas-eloqüentes desmentem Engels quando diz que os cristãos sã esperam as recompensas no outro mundo. (Marx-Engels, 1972:374-375) Elas demonstram a confiança depositada pelo povo em seus santos no sentido de conseguir os benefícios necessários para este mundo. São ajudas buscadas para a atividade real das pessoas nesta vida. São indicativas também do caráter em grande parte utilitário da experiência religiosa, em vários patamares procurada como veículo para se ingressar numa existência mais confortável, como vimos.

Aprofundamos um pouco mais aqui, o que já foi visto nas análises das entrevistas, sobretudo das perguntas 10, 11 e 12, que passamos a comparar com o conteúdo dos pedidos.

Na pergunta 10 - "O que Nossa Senhora pode lhe dar em especial, diferente dos outros Santos" nota-se, nos dois grupos de entrevistados - o da igreja e o da procissão - que exatamente os pedidos mais numerosos aqui: emprego, moradia, saúde, estabilidade familiar, e outros, de ordem material, naquela pesquisa, compa

recem com pequeno número de escolhas. Ao contrário, sobressaem, de muito, os de ordem religiosa. Não há correspondência, pois, entre as graças esperadas pelos devotos entrevistados na festa e as solicitadas no silêncio da prece do dia-a-dia, escritas espontaneamente no altar. A coincidência existe entre estes pedidos e a listagem dos problemas pessoais da pergunta 11, tanto no grupo da igreja quanto no da procissão. A mesma estranheza que manifestamos com respeito a este fenômeno lá, fazemo-la nossa, aqui, diante da divergência semelhante. Pensamos encontrar para isto resposta satisfatória no caráter do tempo da festa, já desenvolvido anteriormente: na subversão do tempo cotidiano, que a festa implica, as preocupações e aspirações deste são momentaneamente esquecidas, ou postas de lado, porque o imperativo, agora, é exaltar-se, alegrar-se, na homenagem entusiasta da Padroeira, é o padrão de atitudes esperado socialmente, numa "festa da ordem", onde as posturas são disciplinadas os sentimentos internos induzidos a se homogeneizar, os problemas íntimos compelidos a ceder o primeiro plano ao comportamento coletivo, que por seu lado, reforça e é reforçado pelas emoções correspondentes. Porém, numa visita à Padroeira, num dia da semana qualquer, sobretudo quando o peso da angústia se torna mais insuportável, e se busca o refúgio de sua igreja silenciosa e quase deserta, então, longe da multidão festiva, dos entrevistadores, se está de frente para seu sofrimento; ele aflora espontaneamente, nas preces e lágrimas inaudíveis, que podem até, discretamente, ser intensificadas por um registro nas paredes. Além disso, esta prática pode, no pensamento de muitos devotos, tornar mais eficaz a oração feita, obrigando a Santa do altar a "olhá-la", e assim lembrar-se de atender.

E agora, uma olhada mais detida no item SAÚDE, para ver o que foi pedido à Senhora: das 75 preces escritas, 42 referem-se à saúde em geral, sem especificar doença; 6 pedem sucesso na operação, sem dizer que tipo de cirurgia; 5 pedem pela cura dos olhos

(catarratas e outras doenças não definidas); 9 pedem cura da perna; 3, da cabeça; 2 referem-se a dores no corpo; e temos 1 pedido, cada, para: doença de Tancredo Neves, boca, coluna, ter bom parto, pressão alta, cansaço no peito, agradecimento por cura alcançada, e para engravidar com trompas cortadas!

Diante deste quadro tão variado, em que predomina quase completamente (56%) a classe de pedidos generalizados, não específicos, não se pode dizer que haja uma "especialidade" conferida pelo povo à Senhora do Carmo, nas questões da saúde. Houve uma certa insistência em solicitar ajuda nos problemas da "perna". Mãe-de-Santo famosa no Recife, Dona Betinha (cf. cap. IV), confirmou que N. Sra. do Carmo era muito invocada no Xangô e Umbanda para problemas deste membro, por qual motivo, ela disse não saber. Essa explicação, nas paredes do altar, mostra que há uma certa crença neste poder; mas, não achamos tão generalizada, pela pouca procura e pequeno número de ex-votos representando pernas, deixado na basílica. Tratar-se-á, no caso, de crença nova em formação, ou prática antiga, que vem caindo em desuso? Não compete a este trabalho entrar nesta questão, o principal que nos ocupa é constatar esta não-especificação predominante para algum mal corpóreo determinado, reforçando assim nossa hipótese dos muitos "rostos" da Senhora do Carmo, sua face voltada para os mais diversificados problemas e situações da vida, seus devotos enxergando-lhe os rostos de "médica", "solucionadora de problemas sentimentais e amorosos", de "casamenteira", de "pacificadora das famílias", da "agenciadora de empregos", de "anjo protetor" nas viagens, "corretora" na compra de moradias a baixo preço, de "tônico estimulante" das inteligências de estudantes apreensivos com as provas e vestibulares, e outros mais, além dos já citados no cap. IV. Todos estes ofícios, mantendo-se subordinados ao grande arquétipo da Mãe-Rainha, Padroeira, Patrona poderosa e amável, compassiva e atenta para com os filhos vassallos que vêm cumprir o tributo anual de homenagem,

pagamento de promessas, consistindo estas no acompanhamento da procissão. Bem poucos se registram os ex-votos em cera ou madeira e as fotos dos agraciados, mais reduzidas ainda as penitências corporais espetaculares, encontradas em outras festas e romarias.

Resumindo: as preces escritas revelam, em seu conteúdo, correspondência com as necessidades, preocupações e problemas mais importantes, declarados pelos entrevistados na pesquisa da igreja e da procissão, ao passo que não concordam com o que os dois grupos afirmaram esperar receber da Senhora do Carmo, na sua festa. Não estão, igualmente, entre os objetivos principais que motivaram a vinda à basílica e à procissão, no Dia da Padroeira. A explicação mais viável desta divergência, achamos nós, situa-se nos tempos diferentes em que ocorrem a celebração da festa e a visita quotidiana à basílica para pedir as graças registradas no altar votivo. No tempo cíclico daquela, tudo parece renascer, refazem-se as esperanças, a exaltação coletiva põe para segundo plano as mazelas do dia-a-dia, fazendo aflorar predominantemente os sentimentos, emoções de alegria, entusiasmo. No tempo desta, o cotidiano linear impele o fiel para a igreja, em outro contexto psico-social, sem dissociá-lo dos seus sofrimentos, antes, até, em certos casos, tornando-os muito presentes à consciência do devoto, quando a pressão deles torna-se mais insuportável, resultando naqueles conteúdos já expostos, colhidos nas paredes e toalhas do altar.

SÍNTESE, CONCLUSÕES

Não chegam a uma dezena os trabalhos sociológicos e antropológicos publicados sobre festas católicas urbanas, no Brasil, ao contrário do número já significativo e em ascensão, de monografias pesquisando nossas "festas de santo" rurais. Por isso, de poucos referenciais pude dispor, neste campo, como modelos ou fontes de inspiração e comparação. E, com respeito à festa e devoção da Senhora do Carmo do Recife, absolutamente nenhuma obra científica. Mas, a bibliografia sobre o fenômeno da festa e dos rituais religiosos em geral, farta e variada, nos serviu com certo desafogo, na descoberta dos fundamentos teóricos a embasar os materiais pesquisados. Neste ponto, não só a produção estrangeira foi de muito valor, mas também a nacional, impondo-nos, esta, o esforço de transposição, de releitura, dos escritos tratando do ritual em geral e das celebrações religiosas rurais de padroeiros, bem como dos que tratam de manifestações festivas urbanas dos cultos afrobrasileiros, para o contexto urbano de uma festa católica, mas de uma rica complexidade de conteúdos e símbolos, acontecendo no centro da cidade.

O exame da Festa do Carmo sob o ângulo das "várias festas" que se escondem sob a festa, foi fruto de uma intuição, resultante de uma observação participante de vinte e oito anos, quatorze deles, ininterruptos. Daí foi um passo para a insinuação de que a fes

ta se desdobrava em cinco dimensões, mais bem delineadas umas, distinguindo-se claramente das demais, menos bem outras, mais difíceis de se discernir no conjunto, como a "festa" das classes hegemônicas e a popular católica, estas e a do "clero". Tudo parecia à primeira vista um conjunto harmônico, dentro da conciliação que o ritual católico festivo propicia, no dizer de Roberto Da Matta, já citado, mas que, sendo uma "festa da ordem", como chama o mesmo autor, não desfaz, ao contrário, mantém as diferenças de classes e posições hierárquicas, afirmando-as no decurso mesmo do ritual.

Além disso, este quadro observado dava a entender que seguiam caminho próprio as várias dimensões da festa, para além da relativa homogeneidade, entre elas, proveniente, da contemporaneidade, da espacialidade, da convergência do objetivo geral — celebrar a Padroeira.

No entanto, as abordagens diacrônicas e sincrônicas revelaram, a nosso ver, uma também relativa autonomia, paralelismo e, em certos casos, dessimetria entre elas. Podemos apontar fatos já descritos, de certa hostilidade entre os promotores da "festa" das classes dominantes, em opiniões expressas nos órgãos da grande imprensa, contra as "mariposas", mulheres da classe popular que invadiam a igreja bem antes do início das cerimônias, ocupando os lugares, de direito — conforme estes senhores — reservado para as damas da sociedade; também contra a meninada desocupada que se divertia no coreto armado no Pátio, durante o dia. Mostramos o repúdio da hierarquia e grupos católicos contra os cultos afros a Oxûn, anunciados bem tardiamente nos jornais principais do Recife. A comemoração do malandro "Mincharia", partilhando com seus iguais toda "fêria" arrecadada no jogo do "bicho", bem diversa da comemoração das autoridades religiosas e civis, distribuindo a esmola de um bodo, comida para um só dia, a milhares de crianças carentes, os dois fatos narrados na mesma edição do "Diário". Por fim, que ria lembrar a querela entre tradição e devoção, ameaçando acabar a festa "de rua". Estes e dezenas de acontecimentos elencados no tra

balho demonstram um certo nível de tensão ocorrendo dentre as diversas dimensões da festa, além da dessemetria encontrada entre elas.

O fascínio exercido pela Senhora do Carmo nesta cidade que a fez sua Patrona, sem repudiar o tri-secular Patrono, Sto. Antonio, mas, relegando sua festa a um padrão secundário, em termos de comemorações externas, nos aguçou a curiosidade, aumentada à medida em que líamos os depoimentos nos jornais e, em seguida, nas entrevistas e paredes do altar: Por que? Qual o motivo ou motivos desta preferência, o que ela oculta de valores psico-sociais e religiosos?

Para responder às várias indagações e intuições, acima descritas, fomos investigar os fatos.

Tratando-se, este trabalho, de uma primeira monografia sobre a Festa do Carmo do Recife, sentimos a necessidade de levantar o seu histórico. Documentos em arquivos sendo muito insuficientes, optamos por colher os dados publicados na imprensa da cidade. Os motivos já descritos nos fizeram ficar mais com o "Diário de Pernambuco" como fonte secundária mais importante de coleta, reconhecidas e ressalvadas as dificuldades interentes a tal meio de investigação, pelas maneiras incompletas e às vezes, truncadas com que as notícias são colhidas e transmitidas. Este receio foi em parte suavizado por conta das pesquisas realizadas em outros campos.

Assim, pudemos aferir o que ficou de elementos tradicionais, lusobrasileiros, na Festa do Carmo, numa tentativa de conservar os valores estéticos do passado, também devido à aceitação deles pelos leigos mais próximos aos coordenadores da festa, pelo respeito à tradição de uma certa continuidade mantida pela música, paramentos, disposições dos lugares a ser ocupados pelas confrarias da basílica e Ordem Terceira durante o novenário e dia da festa, e a manutenção do sistema de "noiteiros", entre outros. Desapareceram os elementos que não se sustentavam diante das exigências de reno-

vação litúrgica da Igreja Pós-Conciliar, de maior participação das camadas médias e populares, com protagonistas da festa religiosa católica, do processo de modernização e secularização da Sociedade Brasileira, em outro século. Outros — por exemplo, o modo de se obter as contribuições necessárias para a festa — se modificaram, para torná-los mais condizentes com os costumes contemporâneos e satisfazer os desejos de "demonstração" e atualização da festa. Tais processos têm sido coordenados e aprovados pelos principais responsáveis da Comemoração Solene — os religiosos do Carmo. Deste modo, se mantiveram as relações de poder fundamentais entre o grupo hegemônico e os auxiliares "leigos" da festa.

As diversas "festas" dentro da festa foram demonstradas, a nosso ver, pela imprensa. Configuram elas diferenças de papéis sócio-religiosos, hierarquia de funções, posições e privilégios. Percebemos o decréscimo de umas, a ascensão de outras: decréscimo da "festa" das classes dirigentes e da "resta de rua", notadamente. Reduzidas em suas proporções, ambas nos ueñam por vezes a impressão, contemplando-as nos relatos jornalísticos de até uns trinta anos atrás, de se oporem, se contradizem, como se esta fosse o reverso de medalha daquela, como se a "marginalia" reagisse à posição de quase só espectador a que as camadas populares eram reduzidas. Fal-taram-nos dados para concluir que o mesmo fosse, de fato, ficando como assente apenas, a impressão. Mas, o interessante é que, mudanças sociais entrecruzando-se, atingindo a hegemonia destas classes e, do outro lado, a paisagem geográfica e sócio-cultural da cidade, condicionam o descenso destas dimensões da festa.

Vimos também como as mudanças sócio-religiosas criam condições de incremento do setor devocional da festa, tanto católico-popular quanto afrobrasileiro, ao mesmo tempo que inibem, nas classes dirigentes, a continuação da tradição de promover, de dar sustentação à infraestrutura da Comemoração Solene e celebrar a Padroeira no nível do esplendor de antes, mantendo sua posição e fun-

ções no ritual. Deste modo, nas constatações que vimos no capítulo III, o lúdico também cede, enquanto o devocional popular continua em crescimento.

A evolução histórica da Festa do Carmo, vista através da Imprensa, na nossa concepção, não daria sozinha uma visão global dos fatos sociais nela agrupados, visto que "as idéias dominantes numa época sempre foram as da classe dominante", como disse Marx (1972: 91). Ora, a Imprensa, sobretudo a chamada "grande Imprensa" é o veículo principal das idéias desta classe, o povoão normalmente pouco aparece, a não ser mais nas páginas policiais, como se sabe. Então, para não ficarmos apenas com os interesses religiosos e outros das classes dominantes e "clero", com respeito à Festa e à Senhora do Carmo, mas, para ouvirmos igualmente a massa anônima, seus objetivos, interesses, expectativas, ao cultuar a Padroeira, o que achamos essencial para nosso trabalho, partimos para outros métodos de coleta de dados, através dos quais fosse possível chegar até ela, como já foi descrito nos capítulos IV e V.

Nossos entrevistados confirmaram diversos dados já colhidos no "Diário de Pernambuco".

Quanto à festa "de rua", constataram, quase todos, sua decadência; no entanto, acreditam na viabilidade do ressurgimento, apesar de reconhecerem as dificuldades a ela inerentes, no centro da cidade, e nele esperam e apostam; uns por não perderem mais uma oportunidade de ganha-pão, durante o ciclo das festas no Estado, outros, por acharem importante que se mantenha a festa "completa".

Com respeito à festa religiosa católica, as pesquisas nos grupos da igreja e da procissão demonstraram que as camadas médias e populares aceitaram, acolheram e fizeram seus, também, os elogios grandiloquentes da imprensa à Senhora do Carmo e sua festa. Os adjetivos "pomposo", "brilhante" e demais, os apelativos de "Mãe", "Rainha", "Santa do Recife", "Padroeira", encontram-se fartamente nas respostas, acrescidos de outras expressões: algumas menos orto

doxas, dentro dos padrões de crença católicos, como — "Meu segundo Jesus", ou "Santa das santas", mas, também, diversas que marcam uma maneira diferente de se posicionar quanto aos valores religiosos cristãos, como: "Figura que participa dos problemas do povo", e: "Esperança do pobre num mundo melhor."

Apesar da ambiguidade de certas respostas que podem significar vários conceitos, como "Tudo, "Igual às outras Santas", "Nada em especial", a predominância de respostas ligadas a valores religiosos, tanto no grupo da basílica como no da procissão, indicam acentuada predominância de motivações mais devocionais que lúdicas, configurando-se a Festa do Carmo ser mais da devoção que da tradição, revestindo-se também, neste particular, de um acentuado cunho eucarístico — procura enorme de confissões e comunhão, sobretudo na parte da manhã, mas, igualmente, à noite, após a procissão — e de cunho de romaria, como a pesquisa apanhou: pessoas vindas do Interior e de Estados vizinhos, para celebrar a Senhora do Carmo. Entre um e outro grupo de entrevistas dão-se quase as mesmas expressões, com notável coincidência na linguagem com que o povo transmite seus símbolos religiosos.

Além disso, ambos os grupos entrevistados estão de acordo quanto à não-especialidade, à não-especificidade da Senhora no atendimento a situações de carência. Quer se trate das motivações de ordem espiritual, mais frequentes nas entrevistas, como já foi demonstrado, que se trate dos pedidos para remediar situações de carência bem materiais, bem deste mundo, como a maioria esmagadora dos expressos nas paredes do altar votivo (cf. cap. V), todos eles são de ordem múltipla e variegada, traduzindo a fé do povo nos diversos recursos de que a Senhora dispõe para atender seus devotos.

Porisso, olham-na de diferentes maneiras, enxergam nela diversos "rostos", de acordo com a necessidade específica de cada um, acham-na possuidora dos mais diversificados poderes, capaz, porisso, de atender às mais divergentes privações. E toda esta confian-

ça; porque aprenderam ser ela "Mãe", Mãe poderosa, "Rainha", Rainha coroada em praça pública do Recife, mas que não pendeu, com tal honraria, o rosto materno: este permanece tal como antes, sincretizado até com o orixá — mãe dos cultos afrobrasileiros, que transmite, igualmente, para seus filhos e filhas, doçura, ternura, coisas boas. Assim, achamos, o arquétipo de "Mãe-Rainha" engloba e dá unidade, coerência, a todos os "rostos" da "Senhora dos múltiplos pedidos" e explica a equivalência mítica com a Oxūn afrobrasileira: ao caráter de Mãe, corresponde a característica de orixá-mãe; ao caráter de Rainha, corresponde a característica de "dona do ouro". De modo que a "Santa do amor de todos" de Joaquim Cardozo não é uma entidade unívoca nas representações coletivas dos devotos e festeiros, mas carrega uma pluriformidade de símbolos.

Com estes termos, estamos voltando a Wolf e seu estudo sobre a Virgem de Guadalupe, na sua descoberta da "equivocidade e multivocidade" de símbolos atribuídos à Patrona do México, Santa Nacional, da devoção sobretudo dos índios e mestiços daquele País, que vêm nela, para além e acima das várias representações, o símbolo dos anseios de liberdade e valorização da sua raça.

Nossa Senhora do Carmo do Recife constitui-se igualmente, num conjunto de símbolos cuja equivocidade aparenta incoerência de significados, numa primeira análise, mas, adentrando-se nestes, e nas suas interligações, ressurge um arquétipo que dá unidade e coerência, tal qual acontece com a Virgem de Guadalupe, conforme Wolf. (1968)

A equivocidade dos símbolos da Senhora do Carmo se estende à equivocidade da festa. A própria festa é "equivoca", como vimos à saciedade, por suas várias dimensões, pelas "festas" que nela se escondem. A festa católica se repartiu em diferentes celebrações, promovidas por diversos grupos, a um só tempo: a festa do Frontispício, as festas das "devoções" de Nossa Senhora do Carmo:...

Retomamos as considerações de Caillois, Eliade, Roberto Motta

sobre a festa arcaica, em termos de "intermezzo", entre um tempo linear e outro, de "colocação entre parênteses" do quotidiano. Estas encontram ressonância nas motivações para vir à festa, apresentadas pelos entrevistados. Também apontamos a diferença de sentimentos entre os respondentes às entrevistas e os pedidos escritos no altar votivo: aqueles transpiram alegria, exaltação, estes, dor e sofrimento. Atribuimos esta diferença exatamente a que os primeiros foram entrevistados no "tempo" da festa, estes, abriram seu íntimo no dia-a-dia, e, mesmo se o fizeram no dia 16 de julho, foi fora do impacto das celebrações. Podemos portanto constatar a presença deste elemento arcaico inclusive numa festa contemporânea, dita "festa da ordem".

Já o componente descrito como excesso, por estes autores, Caillois sobretudo —, transformando-se até em agressividade, vimos-lo de maneira moderada no ritual paralelo de se arrancar as flores e demais ornamentos do andor e altares, qualificado por alguns entrevistados de — selvageria e outras expressões parecidas.

O elemento de destruição, de ruptura, descoberto e ressaltado por Duvignaud, encontramos-lo irrompendo com força aqui e ali, na festa "de rua", com a presença e atuação dos grupos de capoeiras, malandros, soldados, que acorriam ao Pátio até há cinco décadas atrás, tornando-o proibido para as "boas famílias", como sucedia com outras festas populares, por conta das arruaças, brigas, tiros, quebra-quebras, os frades fechando a igreja, às vezes, antes da hora marcada. Outras forças sociais condicionam estes comportamentos, não a rejeição da sociedade utilitária, consumista, já que a maioria dos protagonistas destas ações estavam situados à margem desta sociedade. (cf. Introd.)

Wunenburger traz contribuições sobre a festa em seu contexto contemporâneo. Sem comprovarmos sua hipótese de que as festas desapareceram, dando lugar à onipresença do espírito festivo, na socie

dade atual (1977: 09ss), este autor lança luzes para compreender a decadência das "festas" da classe dirigente e "de rua". As "reestruturações operadas no contexto social atual", um dos elementos por ele apresentados como responsáveis pelo desaparecimento aludido, constituem um motivo ponderável a explicar o processo de decenso daquelas. Por outro lado, a "abertura para um tempo de novas expectativas", característica da festa contemporânea, para Wenenburger, (1977:142ss), se constata nas motivações dos entrevistados para com a Festa e a Senhora do Carmo (cf. perguntas 09 e 12), sobretudo no conjunto de respostas que retratam um renascer de esperanças, de força no povo, também no entusiasmo sempre despertado pela pregação de D. Helder na concentração, e outros elementos já discutidos atrás. Mesmo nos pedidos do altar votivo, embora seja a aflição o objeto principal deles, há os que expressamente afirmam a esperança.

Da Matta forneceu-nos elementos teóricos preciosos nos seus estudos sobre os rituais e festas nacionais, sobretudo quando tratamos da procissão e concentração (1981 e 1986. Cf. cap. IV) Auxiliou na interpretação do por que da festa ordenada, contida, submissa às classes hegemônicas, até a investida — também contida — das camadas médias e populares, a partir da década de 1960, no sentido de participarem mais ativamente da sua organização, incentivadas, inclusive, pelo novo discurso da Igreja Católica.

De grande valia foram, igualmente, as ferramentas teóricas fornecidas por Turner, Marx, Engels, Weber e Fry. O primeiro ajudando na interpretação do fenômeno dos dois rituais paralelos e simultâneos, na concentração, um oficial, outro, reprovado (cap. IV), com seus conceitos de estrutura e communitas. A utilização destes conceitos por Renê Ribeiro num estudo sobre um ritual afrobrasileiro contribuiu para proporcionar um modelo de interpretação de um ritual realizado no Brasil, com base naqueles materiais teóricos. Os demais tiveram muita importância nas análises sobre o problema da

aflição, detectado principalmente na coleta dos pedidos do altar votivo (cap. V) e nas respostas à pergunta 11 das entrevistas (cap. IV), mas, também, sobretudo Weber, na interpretação do comportamento das "festas" da classe dirigente e do "clero", da manutenção do papel hegemônico deste, apesar das mudanças socioreligiosas ocorridas ao longo dos tempos, na Festa do Carmo. Transpostas para o contexto de que nos ocupamos, vimos as diversas "festas" corresponderem a "diversas demandas religiosas", sejam elas mais enquadradas nas demandas de legitimação, sejam nas demandas de compensação. (Bourdieu, 1982:87. Cf. Introd.)

Antropólogos brasileiros como Brandão e Alba Zalur observaram a combinação harmônica do sagrado e profano nas "festas de santos rurais" (Cf. Introd.). Na Festa do Carmo estes elementos apresentam harmonia, havendo, além disso, o caso de invasões do sagrado no espaço do profano, já descritas no capítulo III, constituindo uma certa supremacia do primeiro sobre o segundo, aquele "ditando as regras". Trata-se de uma relação ora sequenciada, ora paralela. Inclusive, o ritual católico da novena proporcionou espaço e tempo para o anti-ritual da "paquera", o "puro e o impuro caminhando paralelos", na feliz expressão de Durkheim (1965:455-461), cujos referenciais teóricos sobre o sagrado e o profano foram de enorme valor para a interpretação destas realidades pesquisadas (Cf. cap. III e Introd.).

Perguntamos agora, quais os fatores que influenciaram na formação do arquétipo de Mãe-Rainha na Senhora do Carmo do Recife, e que contribuíram para o fascínio exercido pela Padroeira, não declarada por uma autoridade, eclesiástica ou civil, mas feita pela própria cidade?

Em primeiro lugar, diríamos que não se trata de um só motivo poderoso, mas de uma conjugação de vários deles, não se dando todos ao mesmo tempo; uns, coexistindo, outros, acontecendo em etapas sucessivas.

Iniciariamos pelas razões apresentadas no capítulo II: a influência e liderança exercidas por religiosos do Carmo do Recife que se destacaram na atuação especificamente religiosa e também, cultural e política. Aqueles primeiros já estão fortemente presentes na origem mesma do convento, cuja construção foi, assim, concluída para sediar a Reforma Turonense. A figura carismática do Frei João de S. José dirige então o grupo dos Reformados, voluntários e não, que se submetem à forte disciplina claustral renovada por Turaine, granjeando com isto não pouca simpatia dos contemporâneos, conforme depoimento escrito na época, já por nós apresentado (cf. cap. II). Tal espírito e estilo de vida permanece inalterado durante o século XVIII. Caindo este nos anos Oitocentos, surgem, no entanto, destaques nos campos das letras, da cultura científica e da participação política e social nos principais acontecimentos de Pernambuco.

Ao apagar das luzes do século XIX, quase extinto o grupo brasileiro, chegam os religiosos estrangeiros, espanhóis sobretudo, e estes, embora formados no espírito da romanização da Igreja, dão naturalmente seu contributo ao processo de "reeuropeização" do Catolicismo brasileiro, na expressão de Gilberto Freyre mas, ao mesmo tempo, sabem respeitar e se amoldar aos aspectos tradicionais do culto e da Festa da Senhora, na cidade, realizando o equilíbrio entre estes elementos e as exigências da romanização, nem sempre muito apoiados por funcionários da Cúria Diocesana no início do século XX, como foi visto no capítulo III. E, a tal ponto grangearam também a simpatia e adesão dos católicos da cidade que, nem havia trinta anos decorridos, a liderança destes frades mostra-se muito bem aceita na campanha pela concessão do título de Padroeira a Nossa Senhora do Carmo e, dez anos depois, na de sua coroação canônica.

Do visto, concluimos que: ao longo dos três séculos de existência do convento e da devoção à Senhora do Carmo, a presença mar

cante de religiosos destacados nos campos acima descritos, os faz assumir posições importantes de liderança no Recife, chamando com isto, atenção para a igreja, sua Padroeira e sua festa, e estas, por sua vez, vão depender muito, em termos de esplendor e participação do povo e das classes hegemônicas, desta liderança. Acrescenta-se a isto a estima pública natural tributada ao "justo sofredor", no caso da recusa que os frades suportam, nos inícios, para fundar o convento, no caso do Frei Caneca, "mártir da Pátria", e outros.

Aludimos igualmente à posição privilegiada da igreja e convento no centro do Recife, e às suas dimensões, motivações de ordem geográfica e material facilitadoras da influência da igreja e da devoção carmelitanas na cidade. Acrescentamos também a força de eventos grandiosos que vieram cercar o culto à Virgem do Carmo: a concessão do Padroado, a coroação canônica em praça pública, cerimônia inédita na cidade e em número reduzido acontecida no Brasil, esplendor da Liturgia da Igreja Prê-Vaticano II, atraindo prelados e autoridades eclesiásticas como nunca antes havia acontecido no Recife, só superada, a quantidade destes, pelo Congresso Eucarístico Nacional aqui realizado em 1939, do qual, aliás, Nossa Senhora do Carmo foi declarada Patrona; o Congresso Nacional do Escapulário, em 1951, com a peregrinação que o preparou, saída do Recife e aqui promovida; os altos elogios da Imprensa à Senhora e sua festa, tão bem assimilados pela população católica e afrobrasileira, como as pesquisas confirmaram (cf. cap. IV); a inserção da festa em alguns grandes eventos sociopolíticos e aspirações da cidade, como a campanha abolicionista, as repercussões, aqui, da 2a. Guerra Mundial, e outros.

Tais ocorrências de ordem psico-social e religiosa, sucedendo-se umas às outras, foram sedimentando na memória coletiva da população esta aura de alta estima e devoção para com a Senhora-símbolo, reforçando-as, justificando-as, dando-lhes sustentação, conferindo-lhes, enfim, legitimidade. Isto vem dar, a nosso ver, um pou

co de luz para compreender a razão pela qual os motivos "carmelitanos" da Comemoração Solene (cf. cap. I) estão muito reduzidamente presentes nas entrevistas dos dois grupos e completamente ausentes nas paredes do altar votivo.

A medida que a devoção ganhava contornos de símbolo significativo das aspirações religiosas e psico-sociais — já identificadas — e até dos valores da cidadania, (libertários e outros), quase diríamos, um símbolo totêmico da cidade, bem como remédio para os principais tipos de aflição do povo, esta devoção extrapolou os significados que a Ordem empresta ao culto de Maria, o relacionamento da Família Carmelitana com a Mãe de Cristo, simbolizados pelo Escapulário do Carmo. Este tem sido largamente difundido no Recife. Artigos foram escritos na Imprensa local, exaltando as excelências do seu uso. A procura do bentinho continua intensa na festa, buscado como a lembrança privilegiada da Senhora, sem muita ligação com as exigências específicas da devoção, na maioria dos casos.

Dã-se, pois, o fato da diversidade de intenções e interesses em celebrar a Padroeira, já constatado em diversos estudos sobre "festas de santo", diversidade que separa os objetivos específicos dos religiosos do Carmo, do grupo de leigos mais ligados à Ordem e do clero em geral, dos objetivos das camadas médias e populares católicas, das classes hegemônicas, dos adeptos dos cultos afrobrasileiros e dos promotores (governo e comerciantes) e exclusivamente frequentadores da festa "de rua", embora todos estes segmentos venham a convergir na finalidade geral: Celebrar a Padroeira.

Ora, se encontramos objetivos específicos diversos, isto se dá porque existem representações simbólicas distintas, originadas de distintas carências e necessidades, forjando distintos interesses

e intenções (1). De modo que a "Santa do Amor de Todos", a "Santa do Recife", a "Rainha coroada da cidade" não é uma entidade unívoca na percepção subjetiva dos devotos e festeiros, como não o é a Virgem de Guadalupe, segundo Wolf, mas carrega uma pluriformidade de "rostos", já elencados ao longo das análises feitas neste trabalho. É uma multiplicidade de "rostos", correspondentes à multiplicidade de visões e interesses de classe, à multiplicidade das necessidades e carências — econômicas, psicológicas, sócio culturais e de ordem transcendental e religiosa; enfim, à multiplicidade das representações coletivas daí provenientes.

Desta multivocidade e equivocidade, emerge Nossa Senhora do Carmo do Recife — a Brilhante Senhora dos Muitos Rostos.

(1) São aqueles mesmos que já explicitamos atrás, revelados pelas pesquisas, paredes e Imprensa: os do "clero", os da classe dominante, os das classes dominadas, subjacentes às maneiras específicas de estes segmentos professarem a religião.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALVES, Isidoro - 1980. "O Carnaval Devoto - Um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém", Petrópolis, Ed. VOZES.
- AZEVEDO, Neroaldo Pontes de - 1984. "Modernismo e Regionalismo - Os anos 20 em Pernambuco", João Pessoa, A UNIÃO Editora.
- BASTIDE, Roger - 1971. "As Religiões Africanas no Brasil", 2 vol., São Paulo, PIONEIRA.
- _____ - 1959. "Sociologia do Folclore Brasileiro", São Paulo, Anhambi Editora.
- _____ - 1973. "Estudos Afro-brasileiros", São Paulo, PERSPECTIVA.
- BEAUVOIR, Simone de - 1960. "La force de L'âge", Paris, Editions Gallimard.
- BELLO, Ruy - 1978. "Subsídios para a História da Educação em Pernambuco", Recife, Ed. da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco.
- BOAGA, Emanuele, O. Carm. - 1985. "Contexto histórico, sócio-religioso y eclesial de la Regla", in Un Proyecto de vida - La Re-

gla del Carmelo hoy, Madrid, Ediciones Paulinas, 24-41.

BOURDIEU, Pierre - 1982. "A Economia das Trocas Simbólicas", São Paulo, PERSPECTIVA.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues - 1978. "O Divino, o Santo e a Senhora", Rio de Janeiro, Ed. da FUNARTE.

_____ - 1980. "Os Deuses do Povo - Um estudo sobre a religião popular", São Paulo, BRASILIENSE.

_____ - 1983. "A festa do Espírito Santo na Casa de São José", in Religião e Sociedade, nº 8, Rio de Janeiro, 61-78.

CAILLOIS, Roger - 1963. "L'Homme et Le Sscrē", Paris, Editions Idées/Gallimard.

COSTA, F.A. Pereira da - 1952. "Anais Pernambucanos", vol.IV, Recife, Arquivo Público Estadual.

_____ - 1958. Idem, vol. VII, Recife, Arquivo Público Estadual.

_____ - 1962. Idem, vol. VIII, Recife. Arquivo Público Estadual.

_____ - 1965, Idem, vol. IX, Recife, Arquivo Público Estadual,

_____ - 1976. "A Ordem Carmelita em Pernambuco", Recife, Arquivo Público Estadual.

DA MATTA, Roberto - 1981. "Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro", Rio de Janeiro, ZAHAR.

_____ - 1986. "O que faz o Brasil, Brasil?" Rio de Janeiro, ROCCO.

- DUMOULIN, Jeane, e GUIMARÃES, Ana Estela - 1984. "Juazeiro, o Centro do Mundo", in A Vida em Cristo e na Igreja, Rio de Janeiro, Tipografia Brasileira.
- DURKHEIM, Emile - 1965. "The Elementary Forms of the Religious Life", New York, FREE PRESS PAPERBACK.
- DUVIGNAUD, Jean - 1977. "Le Don du Rien - Essai d'Anthropologie de la Fête", Paris, Ed. Stock/Monde Ouvert.
- _____ - 1983. "Festas e Civilizações", Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- ELIADE, Mircea - 1981. "O Mito do Eterno Retorno", Lisboa, Edições 70.
- ESCALANTE, Eduardo A. - 1981. "A Festa de Santa Cruz da Aldeia de Carapicuíba no Estado de São Paulo", Rio e São Paulo, FUNARTE/Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.
- FERNANDES, Gonsalves - 1937. "Xandôs do Nordeste", Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- FERNANDES, Rubem César - 1982. "Os Cavaleiros do Bom Jesus - Uma introdução às Religiões Populares", São Paulo, Brasiliense.
- FORCADELL, Augustinus M. - 1951. "Commemoratio Solemnis Beatae Mariae Virginis de Monte Carmelo" - História et Liturgia", Roma, Tipografia Pio X.
- GROSS, Daniel R. - 1971. "Ritual and Conformity: A Religious Pilgrimage to Northeastern Brazil" in Ethnology, Vol. X, nº 2, New York. 129-47.
- GUIMARARÃES, Alba Zaluar - 1983. "Os Santos e suas festas", in Religião e Sociedade, nº 8, Rio de Janeiro. 53-60.

- HEERS, Jaques - 1983. "Fêtes de fous et Carnivals", Paris, Editions Idées/Gallimard.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor - 1984. "Festa no pedaço - Cultura Popular e lazer na cidade", São Paulo, Brasiliense.
- MARIA, Frei Affonso - 1939. "O Escapulário do Carmo e a Medalha", Recife, Redação da Revista Maria.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich - 1976 - "Sobre a Religião", Lisboa, Edições 70.
- MELLO, José Antônio Gonsalves de - 1981. "Um Mascate e o Recife", Recife, Edição da Prefeitura do Recife.
- MELLO, Oscar - 1938. "Recife Sangrento", Recife (sem especificação de editora).
- MOTTA, Roberto Mauro Cortez - 1975. "Bandeira de Alairã: a festa de Xangô-São João e os problemas de sincretismo afro-brasileiro", in Ciência & Trópico, Vol. 3, nº 2, Recife, FUNDAJ, 191-203.
- _____ - 1975. "O Natal nos cultos africanos do Recife", in Revista do Arquivo Público, Vol. 29, nº 31, Recife, Arquivo Público Estadual, 21-25.
- _____ - 1978. "Homens, Santos e Sociedade: As crenças básicas no Xangô de Pernambuco", in Revista Pernambucana de Desenvolvimento, vol.5, nº 1, Recife, CONDEPE, 143-58.
- PRATT, Frei André Maria - 1939. "Convento e Basílica do Carmo do Recife", Recife, Tipografia do Diário da Manhã.
- RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel - 1982. "A Festa do Povo - Pedagogia de Resistência", Petrópolis, VOZES.

RIBEIRO, Renê - 1982. "Antropologia da Religião e outros estudos", Recife, FUNDAJ.

_____ - 1983. "Cultos afrobrasileiros no Recife: 'Liminaridade' e 'Communitas'," (Conferência na II Semana Afro-Brasileira.) Porto Alegre: mimeografado.

SAGGI, L.O. Carm. - 1981. "História general", in Ordem del Carmen - Historia, Espiritualidad, Documentos, Ediciones CESCA, Zaragoza, Grafistudio.

SETTE, Mário - 1981. "Maxambombas e Maracatus", Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife.

_____ - 1981. "Terra Pernambucana", Recife, FCCR.

_____ - 1982. "Arruar", Recife, FCCR.

TURNER, Victor W. - 1974. "O Processo Ritual - estrutura e anti-estrutura", Petrópolis, VOZES.

VALENTE, Waldemar - 1976. "Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro", São Paulo, Cia. Editora Nacional.

VERGER, Pierre - 1981. "Orixás", Salvador e São Paulo, Corrupio.

WOLF, Eric. - 1968. "The Virgin of Guadalupe: A Mexican National Symbol", in Morton Fried, ed., Reandings in Anthropology, New York: Croewll. 700-7.

WUNENBURGER, Jean-Jaques - 1977. "La Fête, le Jeu et le Sacré", Paris, Jean-Pierre Dalarge/Editions Universitaires.

JORNAIS E REVISTAS:

- . Diário de Pernambuco
- . O Carapuceiro (não mais editado)
- . A Tribuna (não mais editado)
- . Flos Carmeli (não mais editada)

301

M 488 m

Bc / Piu

Biblioteca Central

Nossa Senhora do Carmo do Recife : a brilhante senhora
Ac. 310051 - R. 8647181 Ex. 1

Doação - 2

R\$ 50,00 - 28/01/2011

PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - UFPE